

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VIVIAN IGNES ALBERTONI DA SILVA

Guilhermino Cesar e o Caderno de Sábado
do jornal Correio do Povo:
em busca do ouvido certo

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da UFRGS como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Doutor em Literatura Brasileira

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Carmo Alves
de Campos

Porto Alegre, novembro de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VIVIAN IGNES ALBERTONI DA SILVA

Guilhermino Cesar e o Caderno de Sábado
do jornal Correio do Povo:
em busca do ouvido certo

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da UFRGS como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Doutor em Literatura Brasileira

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Carmo Alves
de Campos

Porto Alegre, novembro de 2010

DEDICATÓRIAS

In memoriam de Guilhermino Cesar, cuja obra permitiu dez anos de trabalho, dedicação e aprendizado extremamente recompensadores.

À professora Maria do Carmo Campos, pela paciência e pela orientação brilhante.

Ao Guilherme, pela estabilidade, segurança e afeto que trouxeram à minha vida.

AGRADECIMENTOS

Foram decisivos para a realização deste trabalho, por seu apoio pessoal, sugestões e comentários relevantes:

- a Banca de Qualificação, composta pela professora Márcia Ivana de Lima e Silva e pelo professor Antônio Sanseverino;
- as professoras Nayr Tesser e Jane Tutikian, sempre presentes na amizade;
- as colegas e amigas Cláudia Maciel, Raquel Simões, Ghisiane Vargas;
- o colega e amigo Wilson Ponciano Jr;
- o Canísio, nossa luz no PPG-Letras;
- meu pai e minha mãe, que sempre mostram seu orgulho, não importa as circunstâncias;
- todos os meus familiares – os consanguíneos e aqueles que são presentes do destino. Podem estar próximos ou em terras distantes, mas sempre se fazem presentes.

RESUMO

O presente trabalho realiza a leitura de textos publicados por Guilhermino Cesar no periódico semanal Caderno de Sábado do jornal porto-alegrense Correio do Povo. Guilhermino Cesar (Eugenópolis, 1908 / Porto Alegre, 1993) chegou a Porto Alegre em 1943 para exercer cargo político e, inserindo-se na vida intelectual da cidade, tornou-se figura extremamente respeitada no Brasil e em Portugal como professor universitário, tradutor, poeta, crítico literário e historiador. Sua colaboração para o suplemento cultural é constituída de alguns textos esparsos entre 1967 e 1970, e de publicações semanais entre maio de 1971 e janeiro de 1981. Dentre os mais de quinhentos originalmente publicados, e que estão no horizonte da tese, este estudo seleciona artigos representativos, reunidos em três eixos temáticos que se destacam no conjunto, a saber: os métodos de pesquisa e a divulgação da História do Rio Grande do Sul; a abordagem da Literatura Brasileira e estrangeira em página de jornal; e um olhar atento para algumas questões e problemáticas contemporâneas à publicação. Entre os temas explorados nesse eixo, sob diferentes tons e estilos de escrita, estão a adesão incondicional à tecnologia, os rumos do processo educacional brasileiro e o processo de massificação em andamento nas décadas de 1960 e 1970. O trabalho pretende estudar, nas entrelinhas do conjunto da obra de Guilhermino Cesar, as formas assumidas, nos textos de jornal, por um projeto de divulgação cultural diversificada e de ampliação do horizonte dos leitores, também presentes em outras facetas dessa obra. O trabalho inclui uma relação da totalidade dos artigos, organizados cronologicamente, resumidos e comentados, oferecendo ao leitor atual a possibilidade de conhecer a totalidade dos assuntos e tendências apresentados por Guilhermino Cesar em uma década de publicação jornalística.

Palavras-chave: *Guilhermino Cesar – História – Literatura – Caderno de Sábado do Correio do Povo – Educação – crítica cultural*

ABSTRACT

This work makes a reading of texts published by Guilhermino Cesar at the weekly cultural supplement called *Caderno de Sábado*, inserted in *Correio do Povo* (a newspaper from Porto Alegre, the capital city of Rio Grande do Sul, the southeast Brazilian estate). Guilhermino Cesar (Eugenópolis, 1908 – Porto Alegre, 1993) arrived at Porto Alegre in 1943, in order to act in political treats, but got involved in the cultural activities of the city, and became a very known and intellectually respected figure, in Brazil and in Portugal, working as professor, translator, poet, historian and literary critic. His articles written to the supplement are constituted by two groups: texts with random dates (1967-1970), and texts published weekly (from may, 1971 and january, 1981). The analysis presented here selects some of the more than five hundred originally published, in order to stress the three axis that can be detected in the *corpus*, as the following: methods of research and divulgation of the History of Rio Grande do Sul; the treatment given to Literature in a newspaper page; and deep considerations around subjects contemporary to the publications. Among the themes explores in this last axis, under different writing styles, are the popular acceptance, with no reserves, to technology, the government decisions related to the Brazilian educational system and the massification process on course during the 60's and 70's. This work intends to study, as implied in the entirety of Guilhermino Cesar's writings, the project of cultural spread and enlargement of intellectual horizons that seem to be the main objective of the articles written by Guilhermino Cesar to the newspaper, and also present in other aspects of his work. This study presents, too, the totality of the articles, chronologically organized, described and commented, offering to present readers the possibility of knowing the subjects and tendencies presented by Guilhermino Cesar during a decade of collaborations to a very important newspaper.

Keywords: *Guilhermino Cesar – History – Literature – Caderno de Sábado from Correio do Povo – Education – cultural criticism*

SUMÁRIO

1-TRAJETÓRIAS CONSTRUÍDAS EM UMA DÉCADA DE TRABALHO	1
2-UMA HISTÓRIA DE BOMBACHAS	17
2.1-O interesse retratado em publicações	22
2.2- Múltiplos caminhos da Gauchônia	28
2.3-Como compor uma bela pilcha	35
2.4- <i>Notícia do Rio Grande: Literatura</i>	40
2.5-Acompanhando a lida	42
3-A LITERATURA EM PRAÇA PÚBLICA	59
3.1-Os assuntos preferidos nas publicações anteriores	61
3.2-Antecipando grandes nomes	65
3.3-Aos caros vizinhos	70
3.4-O Panteon pessoal	82
3.4.1-Nas terras de cá	86
3.4.1.1-Guimarães Rosa	86
3.4.1.2-Machado de Assis	92
3.4.1.3-Carlos Drummond de Andrade	97
3.4.1.4-Mário de Andrade	105
3.4.2-Além-mar	106
3.4.2.1- <i>França, ‘garçon’, ideal da gente</i>	107
3.4.2.2-Portugal: nos livros, na memória e no coração	112
4-UMA HISTÓRIA DO PRESENTE	118
4.1-Onde a História encontra a crônica: “do estylo solemne e grave”	126
4.2-Onde a crônica enfrenta a ignorância: <i>C’est la guerre!</i>	135
4.3-Onde a ficção ilumina a crônica: Elesbão inventado	154
1971: A estreia	155
1972: O ano de ouro	160
1973: O conhecedor	178
1974: O ativista	183
1975 a 1977: Seus trabalhos e seus dias	184
5-UM PERFIL SINGULAR EM ATIVIDADE	192
6-REFERÊNCIAS	197
6.1- De Guilhermino Cesar	197
6.1.1-Colaborações nos <i>Cadernos de Sábado</i> do Jornal Correio do Povo	197
6.1.2-Colaboração em outros periódicos	207
6.1.2.1- Província de São Pedro	207
6.1.2.2-Revista O GLOBO (Seção Guilhermino Cesar)	207

6.1.3- Obra Poética _____	208
6.1.4- Outros textos (em ordem cronológica) _____	209
6.2-Sobre Guilhermino Cesar _____	211
6.3- Referências gerais _____	214

ANEXOS _____	217
--------------	-----

I-A TRAMA POSTA EM EVIDÊNCIA _____	217
------------------------------------	-----

I.1-Antes de 1971 _____	218
-------------------------	-----

I.2-1971 a 1977 _____	219
-----------------------	-----

1971: O ano de estreia _____	219
------------------------------	-----

1972: Elesbão, educação e outros dilemas _____	225
--	-----

1973: Construindo sequências de estudos _____	231
---	-----

1974: Em torno do Rio Grande _____	237
------------------------------------	-----

1975: De pessoas e variedades _____	242
-------------------------------------	-----

1976: O ano dos estudos em série _____	247
--	-----

1977: Encerrando uma fase combativa _____	252
---	-----

I.3-1978 a 1981 _____	259
-----------------------	-----

1978: Diálogo com o leitor e retorno às publicações “externas” _____	259
---	-----

1979: Teatro de variedades _____	266
----------------------------------	-----

1980: O último ano completo _____	272
-----------------------------------	-----

1981: Uma despedida breve _____	277
---------------------------------	-----

II-TRECHOS SELECIONADOS DA OBRA DE GUILHERMINO CESAR _____	279
---	-----

II.1-Sistema do Imeperfeito & Outros Poemas (1977) _____	279
--	-----

II.2-João Guimarães Rosa em Família (1969) _____	290
--	-----

II.3-Benedetto Croce (1966) _____	291
-----------------------------------	-----

II.4-O Barroco e a crítica literária no Brasil (1963-Brasil / 1965-Portugal) _____	292
---	-----

II.5-Euclides da Cunha (1966) _____	293
-------------------------------------	-----

II.6-O direito do leitor (1972) _____	294
---------------------------------------	-----

III-VISUAL DE ALGUNS ARTIGOS _____	295
------------------------------------	-----

1-Trajétórias construídas em uma década de trabalho

O presente trabalho é resultado de um processo de pesquisa iniciado em 1999, a partir do convite da Prof^a Dr^a Maria do Carmo Campos, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que a autora deste trabalho compusesse um grupo de trabalho cujo objetivo era estudar a obra de Guilhermino Cesar (Cataguases/MG, 1908 – Porto Alegre/RS, 1993), resgatando sua produção esparsa e reavivando sua figura intelectual no cenário acadêmico e cultural de língua portuguesa. No ano de 2009, portanto, a autora da presente tese completou dez anos de envolvimento com a obra do professor Guilhermino; e o fez no decorrer da construção de um estudo que trata de sua colaboração semanal para o Caderno de Sábado do jornal *Correio do Povo*, que durou de 15 de março de 1971 a 10 de janeiro de 1981 – ou seja, novamente, perto de dez anos. Essa história é feita de coincidências, episódios enriquecedores e aprendizado.

O Projeto *Acervo Guilhermino Cesar*, como foi chamado quando de sua fundação em 1998, contou com subsídio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS durante um ano (o de 1999), e realizou levantamentos bibliográficos e a organização de parte do acervo pessoal do autor, adquirido pela UFRGS e deixado aos cuidados dos responsáveis pelo projeto, utilizando como espaço físico para suas atividades a Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS.

Esse primeiro momento do projeto foi extremamente valioso para os pesquisadores envolvidos¹, pois permitiu que se observasse a amplitude das leituras de Guilhermino Cesar: um exemplar de *As Impurezas do Branco* com dedicatória pessoal de Carlos Drummond de Andrade, muitos livros de Azorin, Machado de Assis, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Padre Vieira, Fernando Pessoa, Luís de Camões e outros testemunhos da leitura dos clássicos. Além disso, um sem-número de exemplares de livros de autores gaúchos estreantes, remetidos à análise do respeitado intelectual. A ativa relação de Guilhermino Cesar com o mundo da Literatura tornava-se muito evidente, aos olhos de pesquisadores como a autora deste trabalho – que na época

¹ Além da autora deste trabalho, na época cursando o terceiro semestre da graduação, participou do projeto o aluno de graduação Éverton Costa.

começava a ter contato com tal obra, e era jovem demais para ter conhecimento da vultuosa contribuição do professor à vida intelectual e cultural do Rio Grande do Sul².

A essa altura começou-se a traçar o perfil intelectual de Guilhermino Cesar: vindo ao Rio Grande do Sul em 1943 para exercer o cargo de Interventor Federal junto ao governo de Ernesto Dornelles, o mineiro de Cataguases – participante do Grupo Verde, uma das vozes modernistas que se juntara ao grupo da Semana de Arte Moderna, na década de 1920 – logo encontrou em terras gaúchas um espaço muito adequado para a expansão de sua atividade intelectual.

As décadas seguintes mostram os resultados de sua adaptação às terras gaúchas e a seus canais de produção e divulgação de cultura: esteve envolvido como docente e organizador nos programas dos cursos de Economia, Letras e Arte Dramática da UFRGS; publicou livros resultantes de pesquisas até então inéditas, a respeito da Literatura, da Economia e da História gaúchas; traduziu peças de teatro, poemas e obras de historiógrafos; lançou três livros com sua própria poesia; colaborou em revistas e jornais de grande alcance junto ao público; apresentou palestras, fez conferências e teve ensaios seus publicados em Porto Alegre e outras cidades do interior do Rio Grande do Sul, além de Belo Horizonte, São Paulo, Coimbra, Paris³.

Ao fim do primeiro ano de pesquisa (1999), grande parte do acervo na BSCSH já estava catalogado e organizado, e os bolsistas já haviam participado de diversos eventos, apresentando ensaios a respeito da obra poética de Guilhermino Cesar. Ainda em julho de 1999, foi fundado o Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino Cesar, no Instituto de Letras da UFRGS. A partir de então, o grupo de pesquisa podia contar com um espaço permanente para as reuniões com a Orientadora, responsável pela pesquisa e pelo Núcleo, professora Maria do Carmo Campos. Obviamente, o Núcleo abriu suas portas a toda a área de Literatura Brasileira, e logo houve oportunidade de convivência entre estudantes de graduação (bolsistas ou não), mestrandos, doutorandos e professores, interessados em diferentes temas e autores da Literatura Brasileira.

O Projeto passou a ser subsidiado pela FAPERGS a partir de 2000, e foram mais dois anos de trabalho: a catalogação da biblioteca ficou em segundo plano, e os bolsistas

² Guilhermino Cesar foi patrono da Feira do Livro de Porto Alegre em 1990, três anos antes de seu falecimento. A autora deste trabalho estava lá pelas mãos dos pais, contando 10 anos (mais uma vez, uma década!), e lembra-se de ter visto o homenageado daquele ano, um senhor bastante idoso e com a cegueira em adiantado, que se apoiava com dignidade e gratidão em uma bengala, enquanto sua fala de agradecimento era lida pela amiga e colega Myrna Bier Appel. Ingressando na Universidade com 17 anos, esta pesquisadora teve o prazer e a honra de conviver com a professora Myrna, na UFRGS, e de estudar a obra de Guilhermino Cesar.

³ A bibliografia deste trabalho procura dar conta de boa parte dessas publicações.

pesquisadores intensificaram as pesquisas em torno da vida intelectual e da obra de Guilhermino Cesar. Foi esse o período em que o grupo de pesquisa mais se dedicou a esse traço encantador da obra em questão: na busca por um levantamento bibliográfico completo de suas publicações, tivemos de lidar com a vastidão de locais de pesquisa (Cataguazes, Belo Horizonte, Porto Alegre, Coimbra, Paris, São Paulo, Rio de Janeiro), as colaborações em periódicos, publicações em separatas, anais de eventos, os anais do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, livros de poemas, livros de História, traduções, um romance, muitos comentários críticos e historiográficos. A obra de Guilhermino Cesar era múltipla, estava espalhada pelo mundo e nem sempre acessível aos pesquisadores bem intencionados.⁴

O interesse em resgatar a obra do professor já chamava a atenção em diversos meios de divulgação acadêmicos, e nesse período começou-se a receber depoimentos e oferecimentos de entrevistas relacionados à sua figura e às suas contribuições. A partir de uma viagem de estudos e pesquisa realizada pela professora Maria do Carmo Campos a Cataguazes, em 2003, intelectuais e artistas daquela cidade passaram a contatar o grupo de pesquisa: foi assim que se tornaram colaboradores figuras como Lina Tamega Peixoto, Ronaldo Werneck e Joaquim Branco⁵. Duas Universidades mineiras selecionaram trabalhos desta pesquisadora, sobre Guilhermino Cesar, para serem apresentados em seus eventos, em 2001⁶. Ex-alunos de Coimbra, onde o professor ocupou, a convite, a Cátedra de Literatura Brasileira na década de 1960, foram contatados e mostraram imenso interesse em colaborar com todo tipo de informação. Enfim, recebemos ajuda de todos os lados, e o grupo tomou conhecimento de dados que auxiliaram imensamente na busca, organização e interpretação dos escritos de Guilhermino⁷.

⁴ Este período do projeto contou com a autora deste trabalho, ainda com o graduando Everton Costa e com a graduanda Nadja Peixoto. Juntamente com a professora Maria do Carmo, realizamos diversas pesquisas de campo em busca de obras de Guilhermino Cesar.

⁵ A partir de então, os contatos se intensificaram, com intercâmbio de livros, revistas e dados para pesquisa, chegando ao convite a Ronaldo Werneck para participar como palestrante do evento “Encontro com Guilhermino Cesar”, realizado no Instituto de Letras da UFRGS em dezembro de 2003, e que assinalava os 10 anos do falecimento do escritor e professor.

⁶ Trata-se da PUC-MG e da UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto.

⁷ Vale registrar que por essa época o filho de Guilhermino Cesar, o também poeta Guilhermino Augusto, passou a colaborar com o grupo de pesquisa, disponibilizando material impresso, livros e fotos que haviam pertencido ao seu pai.

Em 2004, iniciou o Projeto subsidiado pelo CNPq: *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte na Literatura Brasileira*⁸. Em paralelo à produção de ensaios a partir de estudos a respeito da obra poética e da crítica literária, foi intensificada a busca pela montagem da bibliografia mais completa possível, e fizemos visitas aos dois outros lugares em que o acervo fora depositado: o Instituto Estadual do Livro e a Biblioteca Pública do Estado. Catalogando o material encontrado, o grupo de pesquisas pode traçar um perfil ainda mais amplo dos interesses de Guilhermino Cesar, pois nesses lugares é que encontramos em profusão os seus exemplares sobre a Economia e a História do Rio Grande do Sul, que serviram de base para muitos de seus estudos⁹.

A essa altura, já haviam sido produzidos também ensaios e trabalhos de conclusão de graduação a respeito da obra de Guilhermino Cesar. A autora deste trabalho já havia apresentado sua monografia de fim de curso, em 2002, estudando *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*. Em 2005 foi apresentada a dissertação de Mestrado, tratando do mesmo livro, e procurando colocar em destaque a relação entre a poesia de Guilhermino Cesar e a percepção que o intelectual e historiador de perfil humanista possuía sobre a segunda metade do século XX, com tantas mudanças relacionadas à visão tecnicista e de adoração à máquina e a tudo o que parecesse “dinâmico” e “moderno”, em detrimento do tradicional, da reflexão pausada e das capacidades humanas.

Em meados de 2002, quando as pesquisas estavam em plena fase de expansão, o grupo de pesquisadores voltou a trabalhar na Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades, mais precisamente na seção de periódicos: foi realizada a catalogação e algumas resenhas dos textos publicados por Guilhermino Cesar no Caderno de Sábado do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Em especial para esta pesquisadora, foi uma grata surpresa ler, em prosa, o pensamento de Guilhermino Cesar a respeito de uma série de assuntos que já haviam sido detectados no decurso da leitura de *Sistema do Imperfeito*. O contato com esses artigos iluminou a leitura realizada durante o Mestrado, e a ideia de trabalhar essas publicações em prosa num possível projeto de Doutorado começou a lançar raízes, como o complemento natural dos estudos da dissertação.

⁸ A equipe passou a ser formada pela autora desse trabalho e pela graduanda Flaiane Rodrigues. Quando da saída de Flaiane, entraram no grupo Gerusa Marques e Camila Zuchetto.

⁹ Durante o trabalho retomaremos a importância que os estudos de Guilhermino Cesar sobre pontos ainda obscuros da História gaúcha foram marcantes para a construção de um campo adequado de pesquisas nesta área.

A escolha do já mencionado livro de poemas para o mestrado possibilitou a oportunidade de trabalharmos sobre uma obra que combinava algumas das características mais marcantes dos escritos de Guilhermino Cesar: o estilo elegante mesmo nos momentos de maior sarcasmo e desilusão; o texto fluido e musical, incluindo erudição e coloquialismos, referências geográficas diversas e termos científicos; a capacidade de combinar um lirismo bastante pessoal com a percepção do historiador, resultando numa visão de mundo que prima tanto pelo sentimento quanto pela argumentação. Este equilíbrio possibilitou a defesa dos ideais humanistas sem que *Sistema do Imperfeito* se tornasse um panfleto desprovido do encanto e do alcance que o discurso poético pode ter.

Na busca por um tema de estudos para a tese, e desejando permanecer na obra de Guilhermino Cesar – uma vez que nossa experiência de leitura havia sido de deleite pela linguagem e pelo aprendizado multidisciplinar, em *Sistema do Imperfeito* – nos voltamos para a parte de sua produção que havia nos cativado, tempos atrás: os artigos publicados no *Correio do Povo*. Logo nos decidimos por esse caminho, com o apoio da Orientadora.

A publicação no Caderno de Sábado compreende uma década de textos semanais, contabilizando mais de 500 artigos. As diferenças entre o objeto de pesquisa diante de nossos olhos agora e aquele do mestrado era evidente: durante o mestrado, partíamos em busca das referências lançadas por um livro com 184 páginas; já neste trabalho, para realizar uma leitura que contentasse a nossa tendência de compreender o conjunto, precisaríamos esboçar um panorama que desse conta de mais de 500 páginas de jornal, espalhadas por um decênio de mudanças históricas e pessoais.

Os artigos já haviam despertado o interesse da professora Tânia Franco Carvalhal, que publicara, em 1995, *Notícia do Rio Grande: Literatura*. Trata-se de uma antologia composta por artigos que dizem respeito à Literatura gaúcha publicados por Guilhermino Cesar no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, entre 1971 e 1980. Trabalhávamos antes dando ênfase à poesia e aos livros e ensaios acadêmicos, até então, instâncias em que não havia sido possível detectar as dimensões da presença gaúcha em sua obra. Esse livro – um recorte inédito e uma seleção competente – evidenciou a importância do Rio Grande do Sul para os escritos de jornal do autor, iluminando alguns pontos que viriam a ser decisivos para a construção deste trabalho.

A Apresentação que a professora Tânia constroi para seu livro aponta a movimentação cultural das terras gaúchas na primeira metade do século XX,

mencionando a própria organização da primeira Feira do Livro, em 1954, como pistas¹⁰. Assim ela descreve a importância do suplemento cultural:

Folhear o ‘Caderno de Sábado’, desde seu primeiro número, em 30 de setembro de 1967, é comprovar o que disse Guilhermino Cesar dos jornais e revistas rio-grandenses: contêm eles documentação valiosa sobre a vida literária, política e econômica do Estado. Antes de tudo, suas páginas refletem o perfil intelectual da Província por um longo período, de seu início a seu término em 1980¹¹. Ao fazê-lo, registram uma fase de intensa movimentação cultural que se traduz pela própria presença do suplemento cuja criação indica existência de um público capaz de justificar iniciativa semelhante.

(p. 10)

O texto segue ressaltando algumas das características que fizeram do Caderno uma publicação de grande importância. Ainda que os assuntos tratados compreendessem aspectos históricos, econômicos, literários, enfim, tudo o que dissesse respeito à memória e à cultura de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, o espaço estava aberto a todo tipo de contribuição (como atesta a variedade de temas dos artigos que estudamos neste trabalho), o que garantiu a universalidade de seu conteúdo. A publicação era enriquecida pela presença de colaboradores qualificados – alguns gaúchos, outros que haviam adotado o estado gaúcho, e outros ainda que enviavam seus textos para serem publicados aqui¹². O Caderno de Sábado do *Correio do Povo* é o registro de um esforço monumental, idealizado por Carlos Reverbel e colocado em prática por Paulo F. Gastal e Oswaldo Goidanich, no sentido de utilizar o jornal como espaço de debate e divulgação cultural, procurando dar continuidade e uma plataforma física para os debates culturais e os processos de pesquisa e teorização intensos que faziam parte da tradição de estudos gaúcha.¹³

Ainda é fundamental referir aqui outro livro que auxiliou enormemente nossos estudos: trata-se de *Caderno de Sábado: Páginas Escolhidas* – Guilhermino Cesar,

¹⁰ Guilhermino Cesar teve papel destacado na Feira do Livro desde seu começo, aventando a ideia e atuando na organização do evento. Em três ocasiões recebeu destaque público: na primeira, de 1954, fez o discurso de encerramento; em 1972, ano em que o patrono foi Camões, foi seu o discurso de homenagem; em 1990, foi patrono.

¹¹ O suplemento teve seu nome mudado para Letras & Livros em 08 de agosto de 1981.

¹² Além de Guilhermino Cesar, Mário Quintana e Clarice Lispector tiveram espaço fixo nos Cadernos. Também se pode mencionar colaborações esparsas de Cyro Martins, Sérgio da Costa Franco, Antonio Hohlfeldt, Moacyr Scliar, Zilá Bernd, Antonio Candido.

¹³ O estado do Rio Grande do Sul é frequentemente apontado como uma experiência cultural à parte do resto do Brasil, por circunstâncias geográficas e históricas. Dessa forma, grupos de intelectuais formavam-se em Porto Alegre, debatendo ideias e idealizando publicações, de certa forma à margem do eixo Rio de Janeiro/São Paulo/Minas Gerais, muito mais influente no cenário nacional. Em momento apropriado daremos exemplos de alguns desses grupos.

organizado pela nossa orientadora, professora Maria do Carmo Campos, e publicado em 2008, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento do professor¹⁴. O livro realiza o hercúleo esforço de selecionar, dentre os mais de 500 artigos, aqueles que representariam melhor o conjunto. O resultado é uma antologia marcante, dividida em blocos temáticos amplos, que dão conta das principais tendências presentes nos textos de jornal sem pretender criar uma divisão estanque dos artigos. Os próprios títulos dos blocos temáticos foram retirados de títulos de artigos ou expressões utilizadas pelo próprio Guilhermino Cesar, no jornal, o que evidencia, além de respeito pelo material que estava em suas mãos, uma profunda compreensão, por parte da professora Maria do Carmo, do espírito que anima a obra de Guilhermino Cesar.

Tendo participado do processo de seleção e digitação dos artigos, esta pesquisadora teve a oportunidade de observar tanto o desenvolvimento dos critérios de seleção quanto o detalhamento da construção dos artigos. O processo realizado com esmero (pela Orientadora, por uma pequena equipe de bolsistas e por esta interessada) foi uma oportunidade excelente de acompanhar um trabalho que se assemelhava muito ao que deveria ser feito para a tese. Isso significa que fazer parte da equipe que auxiliou na preparação do livro deu-nos a dimensão do trabalho a ser realizado – e abriu diversas possibilidades de organização do material, até então insuspeitadas.

A extensão do *corpus* de pesquisa impôs uma forma de trabalho em que a leitura prazerosa devia ser seguida de cuidadosas resenhas e anotações. Os escritos para o jornal apresentavam grande gama de temáticas e formas, e logo o caminho iluminado pelas leituras e análises mostrava não um território a ser *demarcado*, mas *mapeado*. Isso significa que o objetivo deste trabalho não é propor uma divisão dos artigos publicados por Guilhermino Cesar no Caderno de Sábado, mas observá-los como unidades relativamente autônomas, mas que obedecem ao desejo do escritor de utilizar o espaço impresso que lhe era concedido para expressar seus interesses e ideias – o que lhes presta marcas pessoais e as torna intimamente relacionadas. Detectar quais eram esses interesses e quais as formas consideradas pelo escritor como adequadas para dialogar com o seu leitor – o público específico de um suplemento cultural qualificado, publicado em Porto Alegre, no decorrer das décadas de 1960 e 70 – tornou-se o objetivo maior desta pesquisa.

¹⁴ Para mais detalhes sobre a publicação, ver as referências deste trabalho.

O estudo de *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas* mostrou a esta leitora que a obra do professor Guilhermino Cesar trabalha com a ideia de um leitor crítico e exigente – alguém com sensibilidade para notar as mudanças velozes que se operam no mundo à sua volta, mas também para dar-se conta das possíveis perdas culturais e éticas relacionadas a essas mudanças. Já em nossa Dissertação de Mestrado, havíamos apontado essa confiança no leitor como um dos eixos que movimenta a poesia de *Sistema do Imperfeito*: sua riqueza de referências culturais e geográficas, levando muitas vezes o leitor à pesquisa, a fim de compreender as relações novas propostas pelo eu-lírico; os jogos de palavras colocados à disposição para que se decifrem suas regras; a linguagem coloquial entremeada com termos científicos; a crítica cultural e o afeto inegável pela triste condição humana no mundo contemporâneo, de tecnologia, velocidade e informação, por um lado, histeria coletiva, artificialidade e solidão, por outro. As análises que fazemos neste trabalho procuram honrar o tipo de leitor que foi possível desenvolver em nós mesmos no decorrer da análise daquela obra.¹⁵

A relação entre o elemento e seu grupo aparece com frequência no livro de poemas, e também orienta esta pesquisa agora, nos artigos de jornal. Diversos poemas do livro trabalhavam a importância que um elemento, ainda que muito distinto dos demais (e talvez por isso mesmo), poderia ter num conjunto.

Veja-se o seguinte poema, retirado de *Sistema do Imperfeito*:

Seiscentos urubus e uma asa branca

*Seiscentos urubus, ora essa, um espetáculo
real. Os reis amam a tragédia.
Seiscentos urubus e uma asa branca,
corrijo a tempo. Asa branca é contraste
num tamanho cortejo de negrume ideal. Os reis
gostam de brincar nas alturas;
o difícil, naturalmente, não é para nós outros,
peões, salário-mínimo, lixo, estrume dos edifícios.
Seiscentos urubus, uma carga de horrores
a exigir um panfleto.
Mas aparece uma asa, apenas uma
asa branca, e o negrume acabou-se.*

(p. 161)

¹⁵ Dedicamos um dos anexos deste trabalho à reprodução brevemente comentada de textos selecionados em *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, pois consideramos ser de interesse do leitor que possa observar (digamos, *in loco*) alguns elementos a que aludimos com frequência ao analisarmos os artigos de jornal, e que surgem da experiência de leitura do livro de 1977.

Parece-nos que a própria expressão da diferença torna-se uma das tônicas do livro, da mesma forma que deveria ser uma tônica na vida em sociedade a manutenção das características pessoais, mesmo que num mundo massificado. Assim, ainda que sejam mais de 500 textos, ainda que a obrigação contratual com o meio de comunicação levasse à produção obrigatória de um texto por semana, cada um dos artigos possui características próprias, conteúdos e elementos importantes e que merecem a atenção do leitor. Os interesses e preocupações de Guilhermino Cesar estão colocados na malha textual, mas não se pode deixar de considerar a percepção de um intelectual maduro, diante de um *locus* cuja tradição de debate qualificado exigiria estratégias diferenciadas, a fim de mobilizar as atenções.

Por essa razão, começou-se a trabalhar com a hipótese de que um intelectual que atingira a maturidade e o reconhecimento aos níveis em que Guilhermino Cesar alcançara (no Rio Grande do Sul, no Brasil e na Europa) não se comprometeria a escrever para o jornal considerado mais tradicional e importante do estado em que residia, sem possuir algum projeto.¹⁶ Durante o presente trabalho, procuramos apreciar a fluidez e o coloquialismo do texto de Guilhermino Cesar, sem esquecer da bagagem cultural imensa que seu autor, um intelectual erudito, que trazia consigo os ideais humanistas e enciclopédicas dos séculos XVIII e XIX, possuía; ficamos atentos às indicações e referências, algumas mais, outras menos sutis, espalhadas pelos artigos; detectamos aqui e ali os rasgos de lirismo, de crítica social, de posição política, de revolta humanista, de ironia e de expectativa – que denunciavam uma imperecível confiança na capacidade do leitor/interlocutor¹⁷.

A forma final deste trabalho procura destacar os pontos que consideramos essenciais para compreender a contribuição de Guilhermino Cesar ao leitor do *Correio do Povo* em geral e do Caderno de Sábado em particular (que frequentavam aquelas páginas sabendo tratar-se de um veículo de divulgação artístico-cultural de grande importância). E, é claro, sua contribuição ao povo gaúcho, disponibilizando seu tempo não para *ocupar* espaço naquela imprensa em plena mudança estilística, mas para *qualificar* o espaço que lhe fosse concedido.

¹⁶ Os dois primeiros capítulos deste trabalho possuem seções que demonstram a diminuição evidente do número de publicações acadêmicas de Guilhermino Cesar durante o período em que escreveu para os Cadernos de Sábado. Isso deixa evidente o desejo de utilizar o jornal para algum projeto maior.

¹⁷ Reservamo-nos o direito de utilizar essa estratégia de colocar termos unidos por barras, sempre que considerarmos adequado oferecer as duas opções ao leitor. Aprendemos com Guilhermino Cesar, que faz uso soberbo dessa forma no citado livro de poemas.

É preciso destacar, mais uma vez, que não pretendemos realizar algum tipo de classificação que dê conta da totalidade dos mais de 500 textos que formam nosso *corpus*. O que pretendemos é selecionar os artigos que demonstram a utilização do espaço em suplemento cultural de um jornal de grande alcance como cenário de debate para fatos de interesse histórico, social e cultural. Dessa forma, acreditamos que Guilhermino Cesar estaria utilizando aquele espaço para propor uma espécie de reformulação desse próprio espaço, ameaçado, na época, pelas mudanças concernentes à função e à forma da imprensa. Cada artigo, ao proporcionar ao leitor abordagens competentes e abalizadas, contribuiria para compor um nível mais qualificado de imprensa, e alimentar um nível mais alto de leitor.

Um dos procedimentos mais utilizados por Guilhermino, nos artigos para o jornal, é o da *atualização* das temáticas: não importa se o assunto principal é História do Rio Grande do Sul, Literatura Brasileira ou o Vestibular Unificado – a forma através da qual a discussão é conduzida dá acesso ao leitor não especializado, ao mesmo tempo em que o desafia na busca pelo bom senso e, acima de tudo, *torna o assunto de interesse imediato, o que é uma necessidade do meio de comunicação contemporâneo*. Ao atualizar as discussões propostas e levar ao leitor a mediação oferecida por Guilhermino Cesar, esse leitor relativamente randômico se torna um *leitor de Guilhermino Cesar*, uma categoria capaz de, por exemplo, participar de debates relevantes à vida do cidadão porto-alegrense da segunda metade do século XX.

Assim, seja em forma de retomada de elementos da História Gaúcha, em resenhas literárias fundamentadas, em críticas culturais que envolvem tanto a Ditadura militar e as reformas na Educação quanto o comportamento dos jovens, o que se observa é uma linha comum – o interesse em colocar diante dos olhos do leitor, de forma refinada mas contundente, os assuntos que deveriam estar na ordem do dia para qualquer cidadão capaz de reflexão e bom senso. É essa convicção, de que o veículo de comunicação, quando bem utilizado, possui um papel de extrema importância na (in)formação do cidadão, que parece motivar a escrita dos artigos de Guilhermino Cesar no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*.

De forma a realizar a análise a que nos propomos, dividimos os capítulos de análise do trabalho da seguinte forma:

Capítulo 2: Uma História de Bombachas. Tratará do resgate da História enquanto *ciência* nas páginas do jornal, e em especial do tratamento de destaque dado por Guilhermino Cesar aos então incipientes estudos sobre a História gaúcha.

Esse capítulo parte do fato de que, apesar de Guilhermino Cesar ter alcançado grande reconhecimento por suas poesias e, em especial, por sua atividade como professor, crítico e ensaísta ligado à Literatura, é preciso reforçar seu trabalho desbravador no que diz respeito à História do Rio Grande do Sul. Sua produção dá conta da recolha, da divulgação e da análise de uma série de documentos e obras que tornaram possível a ampla compreensão (e divulgação, na escola e na mídia) da História Gaúcha. Começaremos o trabalho, então, analisando os textos que tratam não apenas dessa História, mas do próprio fazer histórico e dos debates promovidos por Guilhermino Cesar quanto à relevância de trazer a análise do historiador para o público, através da mídia impressa mais acessível – os jornais.

Os textos selecionados para a análise proposta nesse capítulo são:

>De 1974: *Problemas da Gauchesca*, de 19 de janeiro; *A Poesia e a Continência*, de 16 de fevereiro; *Inimigos de Martin Fierro*, de 02 de março; *O Campo Avançado da Colônia de Sacramento*, de 20 de abril¹⁸.

>De 1975: *Em louvor de “Italianos e Gaúchos”*, de 05 de julho¹⁹; *Fontes da Dialectologia Gaúcha*, de 09 de agosto²⁰.

>De 1976: *As Posturas e o Negro*, de 10 de abril de 1976²¹; *O Contrabando e o Estatuto Colonial*, de 04 de dezembro²².

>De 1977: *O Contrabando e os Farrapos*, 08 de janeiro; *O Latifúndio e o Patriciado Gaúcho*, de 17 de setembro²³; *Os Primeiros Dias do “Presídio”*, de 12 de novembro²⁴.

>De 1978: *O vago em debate*, de 1º de abril; *Caçada Nacional à ‘Divina Pastora’*, de 30 de dezembro de 1978.

>De 1979: *Por Fora e por Dentro dos Autos*, de 21 de abril²⁵.

>De 1980: *Nota para o Estudo do Trabalho*, de 24 de maio²⁶.

¹⁸ Versão completa do texto em *Guilhermino Cesar*: Páginas Escolhidas: p. 270-272.

¹⁹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 277-280.

²⁰ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 285-288.

²¹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 250-253.

²² Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 258-261.

²³ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 266-269.

²⁴ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 273-276.

²⁵ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 238-241.

²⁶ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 281-284.

Capítulo 3: A Literatura em praça pública. Trata do debate literário às vistas do grande público, observando a forma como o professor Guilhermino modula sua fala, a fim de que não perca o conteúdo nem o encanto específico da Literatura.

Esse capítulo retoma a presença da Literatura nos jornais, não de forma simplificada ou didática, mas ao nível do debate acadêmico, muitas vezes retomando a tradição efetivada pelos românticos quando do advento da imprensa no Brasil e dos debates para a instituição de uma identidade nacional. Destacaremos os escritores mais comentados, as recomendações de escritores então jovens, as análises que mesclam a profundidade da abordagem a um tom de conversa entre amigos que se deleitam com boas leituras.

Os textos selecionados para a análise proposta nesse capítulo são:

>De 1971: *Conversa de Lobisomem*, de 19 de junho²⁷; *Romance-Dilema, ou o Que Seja*, de 26 de junho; *Janelas de Coimbra*, de 04 de setembro²⁸; *Machado de Assis e a Consciência Moral*, de 09 de outubro²⁹.

>De 1972: *O simples e o complexo*, de 12 de fevereiro³⁰; *A Criação do Mundo*, de 20 de maio; *Tudo são Metáforas*, de 03 de junho³¹; *O Poeta – Um Homem*, de 10 de junho; *O Patriarca e a Edição do Morgado de Mateus*, de 15 de julho; *Elesbão e a ‘Droga’*, de 23 de setembro; *Com Licença do Itabirano*, de 28 de outubro³².

>De 1973: *A Ferro e Fogo*, de 19 de maio; *Poesia sem Data*, 26 de maio³³; *A Guerra no Bom Fim e um Pós-Escrito*, de 02 de junho; *Ficção latino-americana*, de 23 de junho³⁴; *Um Homem Só*, de 10 de novembro; *Do Asséptico*, de 22 de dezembro.

>De 1974: *Rio Abaixo*, de 10 de agosto; *Bloy*, de 07 de dezembro.

>De 1975: *Que Dificuldade Enorme!*, de 1º de março³⁵; *Rosa e a Enumeração*, de 21 de junho³⁶; *Os Deuses de Raquel*, de 08 de novembro.

²⁷ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 201-204.

²⁸ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 17-19.

²⁹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 137-140.

³⁰ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 20-23.

³¹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 359-361.

³² Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 365-368.

³³ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 163-165.

³⁴ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 197-200.

³⁵ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 388-390.

³⁶ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 174-177.

>De 1976: *Descalabros do Ensino*, de 07 de fevereiro; *Camões e a Realidade Vivida*, de 26 de junho, 03 de julho, 10 de julho e 07 de agosto; *O Poeta e o Poema*, de 31 de julho; *Moog aos Setenta*, de 30 de outubro.

>De 1977: *Literatura Viva em Portugal*, de 23 de abril; *O Estrangeiro Mau*, de 14 de maio; *Ao Calor da Ideia*, de 18 de junho; *Voltando à 'Ideia Nova'*, de 25 de junho; *Da Ideia à Palavra*, de 02 de julho.

>De 1978: *De Camões a Mário Quintana*, de 10 de junho³⁷; *Como o Sol pela Vidraça*, de 17 de junho; *França, 'Garçon', Ideal da Gente*, de 25 de novembro³⁸; *Para não Esquecer*, de 02 de dezembro³⁹.

>De 1979: *Silva de Sílvio*, de 12 de maio; *Nacionalismo e Regionalismo*, 07 de julho; *Sinto a Falta, em Camões*, de 09 de junho.

>De 1980: *Viramundo*, de 05 de janeiro⁴⁰; *O Mundo Emocionante...*, 08 de março; *Fabuloso, Verdadeiro*, de 07 de junho; *A Antologia de Cada Um*, de 28 de junho; *Três Viagens*, de 08 de novembro; *Semana Cheia*, de 20 de dezembro.

Capítulo 4: Uma História do presente. Volta-se para a crítica cultural, para o debate de fatos históricos contemporâneos à escrita daquelas páginas e, em especial, para a figura de Elesbão – amigo ficcional de Guilhermino Cesar, que figura em alguns dos textos mais deliciosos entre os publicados em sua página, no Caderno de Sábado.

Esse capítulo é centrado nas formas de construção daquilo a que denominamos *História do presente*. Trata-se de uma retomada do espírito da crônica sob pelo menos dois aspectos: de seus textos fundadores até a Idade Média, no sentido do registro e do debate dos fatos atuais, testemunhados por quem escreve (período anterior à História como Ciência), e no sentido de texto de jornal, em espaço normalmente fixo, tom leve e liberdade formal e temática, bastante popular na imprensa brasileira no século XIX e a partir da década de 1950. Acreditamos que os artigos apresentam diferentes formas de abordar os fatos da ordem do dia, passando pelo ensaio, pelo lirismo, pela ficcionalização.

Os textos selecionados para a análise proposta nesse capítulo são:

>De 1971: *A Esquizofrenia Cultural*, de 06 de novembro⁴¹; *A Ignorância Triunfante*, de 11 de dezembro⁴²; *Diálogo da Cultura*, de 18 dezembro;

³⁷ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 213-216.

³⁸ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 56-58.

³⁹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 155-158.

⁴⁰ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 59-62.

>De 1972: *O Colecionador Satisfeito*, de 29 de janeiro; *Delícias da Cidade*, de 25 de março de 1972⁴³; *Uma Flor*, de 08 de abril⁴⁴; *De Elesbão ao Prefeito Thompson Flores*, de 06 de maio⁴⁵; *Floresta de Maus Exemplos*, de 13 de maio; *Estacionar, Verbo Intransitivo*, de 24 de junho⁴⁶; *Com Perdão da Má Palavra*, de 1º de julho⁴⁷; *Elesbão e a 'Droga'*, de 23 de setembro.

>De 1973: *Que Semana!*, de 03 de março⁴⁸; *Elesbão na Universidade*, de 31 de março⁴⁹; *Guerra à Erudição*, de 12 de maio⁵⁰; *Pedagogia 'à gogo'*, de 14 de julho; *Depois das Trevas*, de 28 de abril⁵¹;

>De 1974: *Nossos Velhos Conhecidos*, de 25 de maio⁵²; *Carta ao Cheiro*, de 22 de junho⁵³; *Contracultura e Vida*, de 03 de agosto⁵⁴.

>De 1975: *Ler e Transpirar*, de 08 de fevereiro⁵⁵; *O Vitorioso*, de 15 de fevereiro⁵⁶; *Flanando*, de 08 de março⁵⁷; *A máquina*, de 18 de outubro⁵⁸.

>De 1977: *Reparando Injustiças*, de 30 de abril⁵⁹; *Ensaio contra Babel*, de 28 de maio⁶⁰.

>De 1978: *Elogio do folhetim e da telenovela*, de 15 de julho⁶¹; *Objeto de Luxo*, de 23 de agosto; *Ainda o Livro*, de 30 de agosto; *O MARGS de Casa Nova*, de 28 de outubro.

>De 1979: *Compreender o Irã*, de 26 de maio⁶².

>De 1980: *Os Desertos da Campanha*, de 11 de outubro.

⁴¹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 291-294.

⁴² Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 351-355.

⁴³ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 76-79.

⁴⁴ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 327-330.

⁴⁵ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 95-98.

⁴⁶ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 111-114.

⁴⁷ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 315-318.

⁴⁸ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 83-86.

⁴⁹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 323-326.

⁵⁰ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 307-310.

⁵¹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 227-229.

⁵² Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 376-378.

⁵³ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 108-110.

⁵⁴ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 295-298.

⁵⁵ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 319-322.

⁵⁶ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 331-334.

⁵⁷ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 91-94.

⁵⁸ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 335-338.

⁵⁹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 31-33.

⁶⁰ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 299-302.

⁶¹ Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 119-122.

⁶² Versão completa do texto em Páginas Escolhidas: p. 223-226.

Na conclusão, pretendemos refletir a respeito das formas de utilização do espaço disponibilizado por um meio de comunicação, e das estratégias empregadas por Guilhermino Cesar para conduzir, diante de um público talvez bem mais amplo do que o da Academia, os debates que considerava relevantes. Consideramos que, apesar das diferenças de público, não houve *facilitação*, da parte de Guilhermino Cesar: assim como ocorrera em *Sistema do Imperfeito*, seu texto de jornal não foi feito para *contentar* o leitor, mas para *desafiá-lo*.

É importante destacar que os anexos deste trabalho devem ser auxiliares do leitor. O primeiro anexo, chamado *A trama posta em evidência*, é uma relação cronológica dos artigos estudados, acompanhados de breve resumo e de comentários que os relacionam entre si e com outras produções de Guilhermino Cesar. Seu objetivo oferecer ao leitor a possibilidade de ver emergirem, no decorrer das publicações, algumas das relações subjacentes que pudemos detectar e colocar em destaque. Dessa forma, foi possível vislumbrar o aspecto geral do projeto a que o professor se dedicou.

No segundo anexo estão colocados trechos ilustrativos da produção de Guilhermino Cesar: poemas selecionados de *Sistema do Imperfeito*, trechos de ensaios sobre História, outros de análise literária. Além disso, disponibilizamos ainda, em terceiro anexo, algumas imagens dos artigos de jornal. Esses dois elementos permitem que o leitor possa confortavelmente ter acesso não apenas a momentos memoráveis da produção do professor, mas também à aparência original dos artigos.

Também cabe esclarecer que procuramos minimizar a presença de citações de outros autores que não Guilhermino Cesar, no decorrer do trabalho, uma vez que já são necessárias numerosas citações de trechos dos artigos a serem comentados. Obviamente, não deixamos de referenciar alguns dos trabalhos que nos auxiliaram na construção de nossa análise, tais como a edição especial do Caderno de Sábado de 20 de maio de 1978, realizado especialmente para comemorar os setenta anos do professor, e que compreende uma série de colaborações de amigos e admiradores seus⁶³. Aparecem nesta tese citações dos autores que colaboraram com textos para *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte* (2010), livro organizado pela professora Maria do Carmo Campos, e que reúne depoimentos de pessoas que tiveram contato com o professor, e análises de sua obra. Consideramos que esse livro registra o conjunto de pessoas,

⁶³ Como Antonio Candido e Carlos Drummond de Andrade.

lugares e circunstâncias que dá à figura de Guilhermino Cesar ao menos um vislumbre da considerável dimensão alcançadas por sua vida e obra.

Machado de Assis, na virada do século XIX para o XX, fez de páginas de jornal o cenário perfeito para histórias pitorescas e comentários despreziosos que se revelavam, aos olhos atentos, duras críticas de ordem cultural. Acreditamos que os escritos de Guilhermino Cesar, quanto mais sejam variados, divertidos e marcados pelo momento histórico, mais nos dizem sobre a necessidade de qualificar a comunicação midiática, utilizando-a para debates relevantes e dando espaço para opiniões realmente abalizadas. Dessa forma, coloca-se em destaque o necessário perfil humanista que pode colaborar para a formação de uma sociedade aberta ao debate, capaz de construir uma consciência crítica e, em especial, capaz de resistir ao progressivo apelo tecnológico/mecanicista que ameaçava massificá-la e animalizá-la.

2- A HISTÓRIA DE BOMBACHAS

A terra criou o gado, o gado fixou o homem, o homem defendeu a terra e o gado. Tudo girava em torno da pecuária. Teria sido o gaúcho a humanização de uma pastoral antiga, à maneira de Teócrito e Virgílio, não estivesse a poucos passos dele, infiltrado no campo indiviso, o rival de fala espanhola, igualmente desejoso de espraiair-se pela Campanha.

(O Latinfúndio e o Patriciado Gaúcho,
17/09/1977)

De ‘a cavalo’ ou de jipe, virá: o ‘vago’ é o ‘vago’, e o resto é a história cultural da Gauchônia, uma embrulhada de trezentos labirintos...

(O Vago em Debate,
1º de abril de 1978)

Desde sua chegada ao estado do Rio Grande do Sul, é notável o envolvimento de Guilhermino Cesar com a História gaúcha – uma área de conhecimento considerada nebulosa e pouco estudada, até a primeira metade do século XX⁶⁴. Se observarmos sua produção bibliográfica, da chegada a Porto Alegre, em 1943, até o começo de sua colaboração no Caderno de Sábado, em 1971, encontraremos, entre as mais de três dezenas de livros e ensaios, o testemunho de que sua atenção se dividia igualmente entre a História gaúcha e a Literatura Brasileira.

Esse interesse rendeu uma série de publicações que viriam a se tornar base para pesquisas futuras; elas ajudaram a construir um cânone acadêmico que resistiu até o começo da década de 1990 e deram o substrato necessário para a consolidação dos estudos históricos na UFRGS. Deve-se considerar que, durante esses vinte e oito anos (da chegada, em 1943, à contribuição fixa para o Correio, em 1971), as tarefas de Guilhermino Cesar no estado deixaram de ser de natureza política (chegou como interventor do Governo federal junto ao Governador Ernesto Dornelles) e passaram a ser de natureza cultural, concretizando-se a partir de sua atividade como docente nos cursos de Economia, Administração, Filosofia e Artes Cênicas da UFRGS, e de seu empenho na criação de um Instituto de Letras para a mesma Universidade, independente da Faculdade de Filosofia – o que foi obtido no ano de 1970, passando Guilhermino Cesar a ser uma das figuras de maior autoridade e destaque dentro do novo curso.

⁶⁴ Aqui nos referimos a questões longamente debatidas pelos interessados no tema e especialistas, como a dificuldade em localizar e qualificar a contribuição do negro para a formação cultural do Rio Grande do Sul – tratada na famosa tese de Fernando Henrique Cardoso, na década de 1960. Também é pertinente ressaltar que os documentos oficiais que tratam da História gaúcha sempre foram raros e esparsos, graças à diversidade de fronteiras e mandos que caracterizou essa História.

Portanto, o período que estamos observando (1943-1970) é aquele em que se pode considerar que Guilhermino Cesar atingiu o auge de sua produção intelectual e de sua influência no cenário acadêmico gaúcho. Além dos muitos ensaios e livros já mencionados, ele movimentou o cenário intelectual gaúcho de forma inédita – com suas palestras, aulas, livros de poesia, colaborações em prefácios, traduções, organização de eventos, e outras atividades que se encaixariam no que hoje chamamos de *extensão* – a ação de um membro da comunidade acadêmica fora dos muros da Universidade.

A partir de 1971, o professor continua atuante, dando aulas e orientando teses no Instituto de Letras da UFRGS, publicando ensaios e mantendo os canais entre Brasil e Portugal – em especial com a Universidade de Coimbra – abertos. No entanto, nota-se um decréscimo no número de publicações de livros e ensaios: são apenas cinco registros entre 1971 e 1982, ou seja, exatamente no período em que colabora semanalmente para o Caderno de Sábado.

Alguém poderia dizer que uma das razões para a mudança de foco foi a idade avançada do professor, que completou sessenta e três anos em maio de 1971. Ele poderia estar cansado de tanta atividade, afinal, fizera pesquisas vultosas e dera incentivo a muitas atividades inéditas no estado. Um cidadão sexagenário teria todo o direito de restringir suas atividades, ainda mais depois das portas abertas por ele, dentro da Academia e fora dela.

No entanto, é preciso notar que a produção de textos semanais que ocupassem uma página inteira em um jornal de formato *standard*⁶⁵ não era tarefa simples. Se formos contabilizar, sua produção média por ano cresce vertiginosamente – não decai. Portanto, podemos considerar que não se trata da escolha por uma produção *menor*, mas por uma produção *bastante diferente da acadêmica*. O espaço no jornal – e se trata, na época, do jornal de maior circulação do estado – parece ter se tornado um eixo muito importante da produção de Guilhermino Cesar. Podemos mesmo considerar que ele pode ter *privilegiado* as publicações no suplemento cultural, acima da possibilidade de publicar em veículos acadêmicos, o que caracterizaria mais do que uma mudança de foco: caracterizaria um passo a mais na direção do público não-acadêmico.

O tamanho desse passo é um dos nossos objetos de interesse, neste trabalho.

⁶⁵ Utilizamos aqui o termo mais freqüente em tipografia, que opõe os termos *standard* (ou padrão) para os jornais com páginas de tamanho aproximado de 55 cm, e *tabloide*, para os jornais 33 cm. O jornal em tamanho *standard* é representativo de uma época em que havia bastante espaço para escrever, enquanto o tabloide nasce, na virada para o século XX, como a alternativa mais barata, com figuras menores e textos “enxutos”.

Realizamos um levantamento dos mais de quinhentos textos escritos por Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado, e percebemos o imenso número de textos que são dedicados à História gaúcha e à Literatura em geral, ou seja, a mesma situação que já fora constatada ao observarmos suas publicações acadêmicas. Guilhermino Cesar era reconhecido, não apenas no Rio Grande do Sul, mas em meio à intelectualidade brasileira e portuguesa, como exemplo de pesquisador, professor e poeta, com trabalhos de rara capacidade crítica, sobre Literatura e Historiografia; naquele estado, ainda se somava o fato de que algumas de suas publicações da década de 1960 haviam colocado ordem e método em materiais até então julgados desaparecidos ou apócrifos, e disponibilizado esses materiais para consulta dos pesquisadores da História gaúcha⁶⁶. Assim, pode-se considerar que Guilhermino Cesar possuía não só reconhecimento local, mas também que a sociedade poderia estar pronta para ouvi-lo.

É neste ponto que consideramos estar o elemento mais importante da relação de Guilhermino Cesar com o jornal: percebendo tratar-se de meio de comunicação bastante popular (não devemos esquecer que o jornal, o rádio e a televisão dividem as atenções do público gaúcho com bastante equilíbrio, desde a década de 1960), o professor pode ter se voltado para o jornal como uma forma de tornar disponível para o cidadão em geral aquilo que estava se tornando privilégio das Universidades: *conhecimento fundamentado e confiável para dar conta dos debates contemporâneos*.

Guilhermino Cesar apresenta traços de um intelectual à século XVIII e XIX – é enciclopédico e erudito, sendo, portanto, interdisciplinar, e capaz de utilizar seus vastos conhecimentos para a análise de objetos de pesquisa e construção de mais conhecimento. Sua poesia das décadas de 1960 e 1970 se abre para livres correlações verbais, jogos geográficos, referências culturais díspares que produzem novas relações ao comporem a trama poética; seus artigos e livros que tratam de História produzem novas relações ao receberem uma iluminação de caráter interdisciplinar – a análise dos elementos à disposição é feita a partir de conceitos provindos de campos como a Literatura, a Economia, a Historiografia e a Administração. Assim, cada elemento é focalizado e observado sob diversos ângulos, possibilitando a revelação de traços que já ali estavam, mas que só puderam ser corretamente avaliados e valorizados devido ao olhar qualificado que se voltou para eles. Dessa forma, Guilhermino Cesar desenvolve um método próprio de pesquisa histórica, que leva em consideração seu conhecimento enciclopédico aplicado

⁶⁶ Essas publicações são analisadas na seção 2.1.

à busca e interpretação de fontes como descrições, cartas e regimentos. Essa capacidade de criação e inovação faz dele um escritor absolutamente atento à sua própria época, seus limites e possibilidades⁶⁷.

Obviamente, levar o debate qualificado ao leitor de jornal é acreditar na capacidade desse leitor. Esse resgate do talento humano para a leitura, a interpretação e a análise crítica deve ser avaliado levando em consideração as datas envolvidas nos artigos publicados. Trata-se da década de 1960, momento em que o Jornalismo está abandonando os formatos tradicionais preservados desde o Romantismo, com textos amplos e de análise aprofundada, em nome da simplificação do conteúdo e da objetivação da linguagem. O tempo é escasso para o cidadão comum, não mais *leitor*, mas *consumidor* de jornais, e o veículo de comunicação precisa se adaptar a esses novos tempos de velocidade e descarte⁶⁸.

O resultado dessa mudança no perfil do jornalista é muito perceptível nos jornais da época, e o dilema ganha contornos precisos no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*: colaboradores qualificados são chamados, e Guilhermino Cesar recebe uma página inteira apenas para si, podendo utilizá-la para tornar acessíveis (a quem possa se interessar, e não mais apenas ao público acadêmico) as pesquisas realizadas por ele (em meio acadêmico). A linguagem de que se utiliza para fazê-lo encontra um ponto de conforto entre o que seria o ensaio erudito e o texto adequado para o público amplo e cada vez mais imprevisível do jornal moderno. A opção de escrever mantendo um estilo elegante, argumentação consistente e tratando de temas “científicos” é de Guilhermino Cesar, e é característica importantíssima de sua produção para jornal.

Guilhermino Cesar já trabalhara como jornalista, em Minas Gerais. Fizera entrevistas com políticos importantes e, sendo advogado por profissão, escrevia em jornais com seu estilo pessoal (o que era comum numa época em que não existiam Faculdades de Jornalismo, e o critério para ter espaço num jornal era a qualidade da contribuição). Assim que veio para o Rio Grande do Sul, colaborou com a Revista

⁶⁷ O contato com outros nomes da pesquisa histórica gaúcha foi de grande auxílio para Guilhermino Cesar, uma vez que se percebe que nomes como o de Moyses Vellinho apareciam com certa frequência, quando comentava suas próprias pesquisas e as de outros. Certamente pessoas dedicadas àquele campo de pesquisa serviram de fonte para o mineiro, quando de sua chegada ao estado gaúcho, e seus conhecimentos devem ter dado estofamento para que ele pudesse construir seus próprios métodos com mais segurança.

⁶⁸ Obviamente, a escrita adotada nos jornais é reflexo de circunstâncias históricas, mas é preciso lembrar que o processo é dialético: à medida em que o jornal se posiciona como veículo *de massa* (ou seja, meio de comunicação com imenso espectro de público) e as Faculdades de Jornalismo começam a ensinar que a escrita adequada a tal meio tem que ser objetiva e superficial, o próprio jornal está legitimando a linguagem simplificada corrente.

Província de São Pedro, escrevendo resenhas literárias. Num ambiente em que ainda se mantinha a tradição de que a crítica literária devia ser feita com base nas *impressões*, torna-se evidente a importância que o comentarista abalizado possuía, para a construção da opinião pública. Recebia voz no espaço impresso aquele que melhor expressasse essas *impressões*.

Guilhermino Cesar, intelectual mineiro, engajado no debate via imprensa desde 1927 (ano de estreia da *Revista Verde* de Cataguases), participou da imprensa “romântica”, de texto rebuscado e opiniões contundentes e pessoais, e começou a escrever para o Caderno de Sábado justamente na década em que as primeiras faculdades de Jornalismo aparecem no Rio Grande do Sul e começam a ensinar que os valores do jornal contemporâneo devem ser a *objetividade* e a *simplicidade*. Nesse contexto, o que percebemos é Guilhermino Cesar utilizando seu espaço no jornal para realizar *resgates*, no que diz respeito às temáticas abordadas, e *resistência*, no que diz respeito ao estilo de escrita⁶⁹.

Neste capítulo estudamos o resgate da História enquanto ciência possuidora de métodos adequados para permitir a observação de documentos, testemunhos e outros elementos sem interesse não só para o público em geral, mas também para os pesquisadores locais. Era preciso resgatar a História gaúcha, deixada de lado pela convicção de que não havia material disponível. Muitos artigos do Caderno de Sábado mostram que, com boa leitura do material que já se conhece, e com a ampliação do campo de pesquisa para objetos tipicamente não associados estritamente à pesquisa histórica, é possível mais do que rascunhar uma História do Rio Grande do Sul – era possível desfazer a ideia reinante na época, de que se tratava de algo obscuro e intangível.

A naturalidade com que Guilhermino Cesar se refere às coisas do Rio Grande do Sul como “nossas” é um dos primeiros passos para a construção de um diálogo de empatia com o leitor de sua página semanal. Perde-se a ideia de que se trata de um *estranho* em terras gaúchas pois, ainda que alguns dos artigos sejam memorialistas, exibam suas saudades de Minas Gerais e as lembranças da Zona da Mata mineira, o que permanece é o sentimento de que um intelectual com vastos conhecimentos do mundo e

⁶⁹ Não há dificuldade nenhuma em associar a estilística de Guilhermino Cesar nos Caderno de Sábado com o conceito de *resistência* em Alfredo Bosi, uma vez que se trata da escrita qualificada e elegante em um meio que começa a privilegiar outros tipos de redação.

dos livros abraçou afetuosamente a vida em Porto Alegre e deixou-se levar pelo fascínio de um campo de pesquisa ainda pouco explorado: a História do Rio Grande do Sul.

Guilhermino Cesar ministrou aulas e cursos nas Faculdades de Direito, Economia e História da UFRGS, além de escrever diversos livros de grande influência sobre os professores e estudantes da área de Ciências Sociais. Parece ter sido no estado gaúcho que o mineiro encontrou o campo perfeito para colocar em prática a *pesquisa de fontes*, pois a História Gaúcha, cheia de lacunas resultantes da relação tardia e conturbada com a Coroa Portuguesa, oferecia vastidões de campos não explorados, de personagens fascinantes e desconhecidos, de documentos esquecidos por não terem recebido a merecida atenção, de episódios obscuros à espera de análise. A situação absolutamente única do território que oscilou entre Brasil e Portugal, mergulhado na cultura platina, e anexado tardiamente ao território brasileiro, possibilitou que Guilhermino Cesar utilizasse toda a sua sagacidade interdisciplinar para realizar investigações.

2.1-O Interesse retratado em Publicações

Guilhermino Cesar não esqueceu nada nem ninguém: chega mesmo a antecipar um livro sobre a presença do colono no panorama sul-rio-grandense intelectual, indicando inclusive o título da obra: Agonia do peão, original que ainda hoje desconhecemos, mas... até quando?

Antonio Hohlfeldt

As publicações resultantes dessa dedicação ao universo ainda muito pouco explorado da História gaúcha retratam um interesse que parece começar no campo literário e segue se expandindo até abarcar a Economia, a sociedade e os costumes do período colonial no território que seria o futuro estado do Rio Grande do Sul⁷⁰.

As disputas entre as Coroas portuguesa e espanhola já teriam sido suficientes para criar os traços nebulosos que compõem a História desse território. A instabilidade da fronteira, os frequentes choques de interesses com argentinos e uruguaios, as diferenças na orientação econômica entre as nações ibéricas foram alguns dos traços que compuseram a cultura e a vivência do pampa, e tornaram as fontes de estudo dispersas e

⁷⁰ Há notícias de que o professor teria planejado obras que dessem conta da História gaúcha até o século XX; infelizmente, não houve oportunidade para que esses projetos fossem desenvolvidos.

às vezes contraditórias. Além disso, houve consideráveis levas de imigrantes, em diferentes períodos históricos e por motivações diversas.

Esses traços pareceram apropriados para que Guilhermino Cesar se utilizasse daquelas que seriam as ferramentas responsáveis por seu trabalho diferenciado como historiador: a busca incansável por fontes, a capacidade de leitura e análise e o conhecimento interdisciplinar. Foi essa a fórmula que fez de Guilhermino não apenas um historiador diferenciado, mas *o historiador adequado* para lidar com a documentação existente sobre o extremo sul do Brasil. É essa capacidade de integrar diferentes conhecimentos e com eles construir novas interpretações que possibilitou a publicação de algumas das mais consistentes obras históricas e historiográficas já produzidas no Brasil.

Em 1956, quando Guilhermino Cesar publica *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, tem-se a primeira publicação de vulto do professor, que chegara a Porto Alegre como político, em 1943. Logo após sua chegada à capital dos gaúchos, em 1944, Guilhermino Cesar publicara *Transformações sociais e econômicas do presente*, pela Imprensa Oficial. Só voltaria a publicar em 1955, já pela Editora da UFRGS, e um texto de análise literária: trata-se do ensaio *O criador do romance no Rio Grande do Sul, José Antonio do Caldre e Fião: A Divina Pastora e O corsário, qualidades de sua prosa*. In: *Fundamentos da cultura sul-riograndense*. Ou seja, em pouco mais de dez anos, suas pesquisas alcançaram grande lastro, mapeando uma produção literária até então não organizada, e passaram de um momento inicial de interesse político-social para uma pesquisa organizada em torno da Literatura gaúcha.

O livro de 1956 dá conta de autores e obras bem conhecidos do grande público, e também realiza verdadeiros resgates, localizando, por exemplo, a faceta gaúcha do Romantismo brasileiro, revelando as primeiras escritoras mulheres do estado, entre outras preciosidades. Essa publicação tem imensa relevância para a constituição de um *corpus* de obras representativas da Literatura gaúcha em um momento histórico tão pouco estudado quanto o período colonial⁷¹.

O leitor familiarizado com os artigos do Caderno de Sábado podia ler com frequência textos em que essas pesquisas literárias prévias eram retomadas, explicadas e colocadas ao alcance do grande público, em toda a sua repercussão cultural. Muitas vezes, havia solicitações de que os leitores auxiliassem na busca de algum exemplar

⁷¹ Sem esquecer que “período colonial” é uma expressão que já manifesta a escolha do pesquisador por enfrentar o período mais tribulado da História do extremo sul do Brasil.

desaparecido – como foi o caso de Caldre e Fião, que teria sido um romântico “de vanguarda”, com pelo menos dois romances publicados. A possibilidade de observar a forma adotada pelo movimento romântico em terras do Sul abriria os horizontes interpretativos, tanto no que se refere à Literatura Brasileira, que ganhava uma nova face nos escritos meridionais, quanto à sociedade gaúcha – *de quem se estava descobrindo uma das formas de expressão*.

Ou seja, os estudos historiográficos parecem ter aberto caminho para que Guilhermino Cesar passasse aos estudos históricos propriamente ditos. Quando, em vários escritos do Caderno de Sábado, Guilhermino trata da obra de Caldre e Fião, divulga sua busca pelo romance *A divina pastora*, e comenta as circunstâncias que levaram à existência daquela e de outras obras, ele está vislumbrando a possibilidade de cruzar informações e ampliar a visão que se tem do Rio Grande do Sul, até o século XIX⁷².

Tanto o interesse histórico ganha espaço, que a próxima publicação de Guilhermino Cesar já está nesse campo: trata-se do ensaio *Raízes históricas do Rio Grande do Sul*, publicado em *Rio Grande do Sul, terra e povo*, livro de 1964. O ensaio faz parte de um livro cujo objetivo é dar conta de diversos aspectos da cultura gaúcha. Aquele que cabe a Guilhermino Cesar é a História.

Não se pode esquecer nunca que Guilhermino Cesar é natural de Cataguazes, Minas Gerais. Ele seria convidado, em 1970, para participar do livro da mesma série sobre seu estado natal, chamado *Minas Gerais: Terra e Povo*. Sua colaboração, naquele caso, se chamará *A Vida Literária*. Ou seja: em 1964, ele mostrou estar perfeitamente habilitado a escrever um artigo a respeito da História gaúcha; sobre seu estado natal, seis anos depois, ele opta pela Literatura⁷³.

No *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, realizado em Coimbra (1965), Guilhermino Cesar apresenta o ensaio *O barroco e a crítica literária no Brasil*. O professor explica em detalhes a importância de observar a forma como o Barroco teria se desenvolvido em regiões como a platina, em especial em um lugar, privilegiado pelas circunstâncias, para que se desse o encontro conflituoso entre culturas diferentes: as Missões jesuíticas. O texto retoma a organização das Missões, o papel dos padres e dos índios na construção de uma sociedade à parte em território platino, em

⁷² Um único exemplar do romance só seria encontrado em Montevideu, muitos anos após a iniciativa do professor.

⁷³ Guilhermino Cesar foi membro do Instituto Histórico-Geográfico do Rio Grande do Sul, tendo exercido cargos de Direção e Edição na Revista do Instituto.

plena Contra-Reforma, e as formas de expressão resultantes desse período. Ou seja, o texto trabalha a existência de um período barroco brasileiro ainda não estudado, mas de características bastante específicas e iluminadoras do contexto social da época, em terras que seriam posteriormente o Rio Grande do Sul.

O que se percebe, em trabalhos como esse, é que Guilhermino Cesar estava desenvolvendo uma forma bastante pessoal e adequada de lidar com a peculiar formação histórica do Rio Grande do Sul: documentos relacionados à organização sócio-econômica, obras literárias e crônicas sanavam a ausência de uma escrita histórica propriamente dita. Ou seja, na necessidade de construir praticamente do zero, Guilhermino Cesar optou por diversos caminhos que poderiam, em outras condições, ter sido considerados acessórios, e transformou-os no centro de suas pesquisas e análises. A produção literária é um dos elementos que compõem o grande quadro da constituição cultural do território gaúcho – utilizando-se o conceito de cultura *latu sensu*, ou seja, o conjunto de todas as características específicas de um sistema em determinada época.

As dificuldades relacionadas às fontes levam à criação de um método de trabalho, digamos, *interdisciplinar*; esse método vem a calhar para o professor, que dessa forma pode reorganizar o material disponível, desenhar panoramas e fazer considerações que, nas palavras de seus comentaristas, são *riquíssimas, extraordinárias e inovadoras*⁷⁴.

Uma das consequências desse trabalho histórico desbravador e consistente é a publicação da palestra ‘Antecedentes da fundação do Rio Grande do Sul’, em separata da *Revista Portuguesa de História* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1970. Essa edição atesta não apenas o reconhecimento do Guilhermino Cesar historiador em terras de além-mar, mas também o desejo do autor de retomar a conexão entre Portugal e Rio Grande do Sul, perdida muitas vezes no emaranhado de traços ibéricos que se pode observar na cultura gaúcha.

Pode-se dizer que uma das mais brilhantes percepções de Guilhermino Cesar, enquanto estudioso da História rio-grandense, foi a de buscar fontes *portuguesas* para essa História. Assim, as viagens sempre prestigiadas do Professor a Portugal⁷⁵ rendiam documentos raros, muitos deles já lidos e conhecidos mas não apropriadamente analisados por outros pesquisadores.

⁷⁴ Fazemos menção aqui especificamente aos artigos de Antonio Hohlfeldt e Sérgio da Costa Franco, publicados em *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte* (2010).

⁷⁵ O título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra foi recebido em 1967, mas os convites para palestras e publicações se prolongaram por pelo menos mais duas décadas.

Resultante da cuidadosa busca por fontes, é publicado em 1969 um dos mais preciosos livros a respeito da História gaúcha, no que diz respeito aos procedimentos de pesquisa: *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul (1605- 1801)*: estudos das fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos. Trata-se de textos fundamentais para a compreensão da formação do povo gaúcho, escritos por viajantes, jesuítas e desbravadores de todo tipo que pelo Rio Grande passaram (políticos, guerreiros, intelectuais). Cada um deles merece uma pequena apresentação do próprio Guilhermino Cesar, seguida pela íntegra dos textos, o que faz dessa publicação uma das iniciativas mais importantes, dentro do campo da pesquisa histórica gaúcha, de que se tem notícia até hoje.

O que esse livro evidencia é o desejo de *disponibilizar* o conteúdo desses documentos raros – e de difícil acesso para muitos pesquisadores e interessados – tornando-os objeto de consulta a quem desejasse. É um traço bastante característico de Guilhermino Cesar (e de presença marcante nos artigos no Caderno de Sábado) o desejo de atrair mais pesquisadores para a leitura das fontes. Muitos artigos mencionam o valor de uma fonte lida com atenção e analisada com cuidado, e muitos deles disponibilizam gravuras, longas citações e até mesmo cópias de documentos, aproveitando o espaço da página para realmente divulgar o material.

Pode-se encontrar nessa valorização da leitura embasada e interpretativa mais um dos elementos que Guilhermino Cesar manejava com maestria, em diferentes campos: a mesma leitura atenta e dedicada aos detalhes e inferências, presente na análise literária, é a que ganhará destaque nos estudos de fontes primárias. Essa valorização da capacidade de leitura se reflete também no tratamento dado ao leitor de jornal, que tem acesso a documentos raros e preciosos cujo conteúdo está cheio de revelações dispostas para serem interpretadas pelo leitor competente.

No mesmo ano da já mencionada separata em Coimbra, e um ano após a publicação de *Primeiros cronistas*, vem à luz outra publicação que alcançaria imenso prestígio: *História do Rio Grande do Sul: período colonial*. Esse livro foi considerado referência absoluta e leitura obrigatória para qualquer estudante de História gaúcha, nos cursos de Graduação do estado, até meados da década de 1990. Trata-se do primeiro trabalho de vulto dedicado àquele período da História gaúcha, e o primeiro extenso trabalho de pesquisa do próprio Guilhermino Cesar dedicado exclusivamente à História.

Talvez o aspecto mais notável do livro acima citado seja a amplitude de suas abordagens: de acordo com o próprio método de Guilhermino Cesar, o livro dá conta de

diversos ângulos formadores da cultura gaúcha. O capítulo inicial, por exemplo, trata das características geo-físicas do território⁷⁶, descrevendo-as e já relacionando-as com as consequências dessas formações específicas sobre o desenrolar da História da região. Há capítulos dedicados às migrações, à economia, à importância da pecuária, entre outros temas, e em todos eles é possível notar a qualidade com que as informações interdisciplinares vão contribuindo para desenhar o panorama da sociedade e da cultura gaúchas.

No ano de 1978, aparece o livro que representa o ápice da dedicação de Guilhermino Cesar a um tema bem pouco observado na História colonial gaúcha: trata-se de *O contrabando no sul do Brasil*. A obra sela a tese de que o contrabando desempenhou um papel de imensa relevância na formação da sociedade, da economia e da cultura gaúchas, e de que não era possível compreender determinados fenômenos peculiares dessa formação sem dar a devida atenção ao comércio ilegal fronteiriço.

Há muitos textos, no Caderno de Sábado, que lidam com essa questão do contrabando. O tema é abordado fugindo da dicotomia *legal-illegal*, e optando pela reconstrução do cenário da época – Portugal, Espanha e suas diferentes convicções econômicas tendo de conviver lado a lado, numa fronteira virtual e constantemente ignorada pelos moradores da região e comerciantes dos grandes centros da época.

A visão de História construída por Guilhermino Cesar resulta, acima de tudo, inovadora. Ao buscar elementos de vários campos do conhecimento para se aproximar de uma História lacunar e até então pouco investigada, ele elege a pecuária como elemento decisivo para o jogo de poder no Rio Grande do Sul, e as fontes primárias (cartas, regimentos, crônicas, poemas) como matéria-prima de suas pesquisas. É essa ousadia e é esse empenho em realizar pesquisas competentes e que possam acrescentar conhecimento aos gaúchos, sobre sua própria terra, que deram forma às suas publicações até 1970; serão eles, também, que irão permear as produções de cunho histórico publicadas por Guilhermino Cesar no Caderno de Sábado.

⁷⁶ Método que lembra aquele utilizado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, o que atesta mais uma vez a busca por um rigor científico na realização das pesquisas e na organização dos resultados para fins de publicação e disponibilização de materiais para outros pesquisadores.

2.2- Múltiplos Caminhos da Gauchônia

Um levantamento das principais temáticas presentes nos escritos de Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado revela a força que a História do Rio Grande do Sul representava, no conjunto dessa produção⁷⁷. A cada ano, além dos artigos que abordavam a presença de negros e índios em momentos cruciais da colonização do extremo sul do Brasil, as rotinas da vida no pampa, as imigrações (em especial a italiana) e as características da economia fronteiriça, ainda havia séries de estudos, que chegavam a durar meses inteiros, debatendo em profundidade o recorte de pesquisa escolhido.

O Caderno de Sábado teve em suas páginas, talvez pela primeira vez com divulgação tão ampla, expressões que no século XXI viriam a ser populares entre os gaúchos (como a “Colônia de Sacramento”); seus leitores foram familiarizados com os aspectos que envolveram as imigrações europeias, antes de a televisão realizar especiais de resgate da saga dos imigrantes nas terras mais meridionais do Brasil.

Por outro lado, alguns temas lá abordados não tiveram a repercussão que mereciam. É o caso, por exemplo, da divulgação e do estudo das leis vigentes no estado durante o período da escravidão, realizados por Guilhermino Cesar. Também se pode dizer o mesmo de seus estudos sobre a vida nas missões, e a respeito da importância do contrabando para a constituição econômica da região platina no período colonial. Ainda hoje, esses temas não podem ser considerados de amplo conhecimento. De certa forma, isso confirma as constantes afirmações de Guilhermino Cesar a respeito da falta de pesquisas históricas de vulto no estado, e da falta de divulgação daquelas raras e qualificadas que apareciam. Visivelmente, o professor utiliza o jornal para lutar pelo retorno de uma situação de debate e interesse que fora característica da vida cultural do Rio Grande nas últimas décadas, mas que estava desaparecendo juntamente com o debate aprofundado na imprensa.

As estratégias utilizadas por Guilhermino Cesar para despertar o interesse do público nos assuntos relacionados à História e formação do Rio Grande do Sul são diversos, e dão conta dos diferentes públicos que o jornal poderia atingir. Assim, tem-se a publicação de documentos (em fotocópia, valorizando o aspecto visual dos mesmos, ou em citação), o estímulo à pesquisa (tanto mostrando aos jovens pesquisadores que era possível acessar material relevante, quanto divulgando as pesquisas que considerava

⁷⁷ Um levantamento aproximado, levando em conta artigos que tratam de aspectos culturais, históricos e literários do Rio Grande do Sul, contabiliza 172 textos.

qualificadas), a linguagem divertida (com expressões coloquiais) e a narrativa dinâmica (que constroi panoramas e desperta o gosto do gaúcho por seu passado aventureiro). Um levantamento aproximado, levando em conta artigos que tratam de aspectos do passado cultural, da História e da Literatura do Rio Grande do Sul, contabiliza 172 textos.

Antes de mais nada, é preciso ressaltar a presença de traços de afetividade bastante fortes, nessas produções dedicadas à História gaúcha, e que contribuem para a construção não só de laços afetivos com o leitor, mas também da confiança necessária entre um colunista de jornal e o seu público.

O *fascínio* pelas peculiaridades da História gaúcha é um desses traços. Ela conduz, frequentemente, à utilização de uma linguagem carregada de lirismo, para tratar das coisas do estado:

O gado alçado ou o gado chimarrão; o contrabando em seus mais desvairados aspectos; o comércio de couros e de carnes; a prata do Peru e seus tortuosos roteiros; a “trata” de negros; a experiência missionária; as alianças e as guerras (com guaranis, minuano e charruas); os choques de cultura com santafecinos, correntinos e buenairenses; o conhecimento do clima, do solo, das espécies vegetais, da fauna; a assimilação de técnicas de trabalho inerentes ao pastoreio aventureiro, em ambas as margens do Prata – de tudo isso foi beneficiário o português/brasileiro.

Na guarda-avançada da Colônia, cheirando pólvora, caçando gado, contrabandeando prata, passando fome algumas vezes, soldados e civis da comunidade luso-brasileira aprenderam a lidar com os platinos. Ficaram a par de suas necessidades, de sua psicologia, de suas qualidades e defeitos. E quanto aos índios, cristianizados ou infieis, que melhor escola tiveram esses pioneiros do que o contato com o guarani, o minuano, o charrua, ao longo de uma competição começada junto às muralhas da fortaleza e logo ampliada à enorme extensão do pampa?

(O Campo Avançado da Colônia de Sacramento,
20/04/1974)

A capacidade de síntese que transparece aqui, na qual elementos aparentemente díspares acomodam-se harmoniosamente para compor o quadro do pampa gaúcho, é forma reconhecível na poesia madura de Guilhermino Cesar, que possui um de seus pontos fortes na enumeração⁷⁸.

⁷⁸ Consideramos a “poesia madura” de Guilhermino Cesar o livro *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, de 1977. Este trabalho contém, em anexo, poemas selecionados e comentados que dão conta das afirmações que fazemos no decorrer da tese. A própria enumeração merece comentário especial no anexo, por ser um procedimento bastante frequente e significativo em Guilhermino Cesar.

A beleza da linguagem ainda é associada, em muitos casos, à referência às coisas do estado como suas – fazendo o leitor esquecer (se é que ele o sabe, ou se importa em saber) que seu interlocutor não é gaúcho de nascimento:

Essa população de adventícios, de aventureiros voluntários ou compulsórios, foi a véspera do Rio Grande do Sul. De tal sorte que os primeiros habitantes da futura vila de São Pedro do Sul, a nossa Rio Grande de hoje, absorveram e recriaram a efervescência social colonense, no mesmo clima de incerteza e provações.

(O Campo Avançado da Colônia de Sacramento,
20/04/1974)

Entretanto, quando nossos historiadores aludem ao Presídio de São Pedro, não querem senão dizer – a fortaleza, ou forte, do Rio Grande de São Pedro, à sombra do qual nasceu o povoado do mesmo nome, dando assim nascimento à futura Capitania, hoje Estado.

(Os Primeiros Dias do “Presídio”,
12/11/1977)

A formação do patriciado gaúcho, de onde saíram altos dignatários do Império, ativou-se enormemente durante o primeiro Reinado. As agitações platinas, por motivos óbvios, puseram em relevo os proprietários rurais, que tanto deram, aliás, de seus bens, de sua tranqüilidade, de seu espírito de resistência à assimilação castelhana, em favor da consolidação de nossas fronteiras. A terra criou o gado, o gado fixou o homem, o homem defendeu a terra e o gado. Tudo girava em torno da pecuária. Teria sido o gaúcho a humanização de uma pastoral antiga, à maneira de Teócrito e Virgílio, não estivesse a poucos passos dele, infiltrado no campo indiviso, o rival de fala espanhola, igualmente desejoso de espriaiar-se pela Campanha.

(O Latifúndio e o Patriciado Gaúcho,
17/09/1977)

Outra forma de brindar o leitor é levar a análise histórica com uma linguagem colorida com exemplos, que informa e diverte. Assim, a descrição histórica ganha um sabor de dia-a-dia que favorece a simpatia de quem lê:

Fumos de nobreza também obnubilaram a ação prática de muitos colonos de origem lusa. É tradição que ainda os menos afidalgados se furtavam a servir de operários ou agricultores. Isto é, não gostavam de trabalhar com as mãos, porque isso era serviço de negro ou de escravo índio. Em consequência, aviltou-se na sociedade colonial o “ofício mecânico”, tanto quanto qualquer outra atividade correlata. No interior, a senhora de engenho não punha a mão nas panelas ou nos tachos de doce; nos burgos nascentes, as sinhás deixavam a alguma escrava, aos agregados que não tinham onde cair mortos, os serviços corriqueiros do lar. Mulher de sociedade fazia renda de bilro, dirigia a lida doméstica, mas não se baixava para apanhar na horta um pé de alface.

(Nota para o Estudo do Trabalho,
24/05/1980)

A linguagem leve permite que, em determinados momentos, a erudição entre em cena, pois o leitor já se acostumou com o tom da conversa, e não precisa ficar “assustado” diante de quaisquer argumentos que possam ser construídos com mais exigência – pois sempre estão muito bem realçados e inquestionáveis a curiosidade científica e a disposição para a pesquisa:

Apesar de tudo quanto já se escreveu (e não é pouco) sobre a função pioneira exercida pela Colônia do Sacramento, ainda há muito que dizer a respeito.

(...)

*Tenho esperança de que os jovens estudiosos das ciências do homem (e são tantos, hoje em dia, nas numerosas escolas superiores espalhadas por aí além) se voltem com redobrado interesse para o mesmo tema, já superiormente tratado por Bauzá, Rego Monteiro, Azarola Gil, Aurélio Porto e Moisés Vellinho. Este último, em **Capitania d’El Rei**, escreveu a respeito páginas definitivas. Mas as investigações precisam continuar. Há outros assuntos que se oferecem à curiosidade de todos nós nesse inesgotável “campo avançado” da Colônia de Sacramento.*

(O Campo Avançado da Colônia de Sacramento,
20/04/1974)

O artigo citado acima ainda é adequado para que se mostre o processo do “pensar histórico”, ou seja, a forma como o pesquisador utiliza a imaginação para associar os elementos que possui a fim de completar o quadro:

O “colonense” (como dizem os autores do Prata) foi menos um tipo social que o portador de um estado de espírito aventureiro. A sorte adversa da fortaleza fundada por D. Manuel Lobo, tantas vezes tomada, destruída e reconstruída, não permitiu que ali se formasse uma sociedade estável. Mas essa constante mobilidade, por outro lado, resguardou-a da esclerose, da repetição, da decadência. Cada manhã, no incerto de sua vida de bastião atrevido, lhe anunciava realmente um novo dia.

Algo de estável, porém, se fez ali, entre o estrondo de um pelouro e os rigores do cerco, a investida furiosa dos arcos guaranis e as perfídias do mar: avivou-se o espírito de resistência, a energia – o impulso de vida sem o qual não existiria, em nenhuma parte do mundo, o pioneiro. Fosse este o simples recruta ou o oficial glorioso, o campeador, o horticultor, o estancieiro, o tropeiro, a vivandeira, os casais da Madeira e dos Açores, em cada um e em todos a Colônia deixou um vinco.

A pesquisa histórica, neste caso, se utiliza de diferentes recursos para dar conta do panorama que pretende montar: no parágrafo acima, dados como a escravidão, os ataques indígenas e a proximidade do litoral servem para demonstrar a necessidade de um gaúcho forte, em qualquer atividade que escolhesse.

A argumentação elaborada pode conduzir ainda a um dos temas favoritos de Guilhermino Cesar – a crítica cultural:

O que importa agora verificar é isto: o Oeste do Rio Grande do Sul, ou antes, o seu Noroeste, com as Missões Orientais, já não respondia, em 1737, quando se funda o primeiro povoado português da costa, à tônica dos novos tempos. E por isso desapareceram para sempre. Mesmo sem Pombal, mesmo sem Aranda, a bela, a comovedora utopia das Missões tinha contados os seus dias. O plano ético era a sua força, pois o coletivismo ali ensaiado tem por si um espírito de fraternidade que contrasta por completo com o capitalismo selvagem. No jogo dos extremos, foi este, porém, o vitorioso; e agora, já que o outro sistema não parece pertencer ao nosso mundo de feras, o que nos cumpre é tentar humanizá-lo – ao capitalismo, o mais que for possível. A partir da Máquina, evidentemente, a rainha das trevas que nos cercam.

O tema da máquina como transformadora social e normalmente figura maligna – pois representa toda a desumanização decorrente dos processos tecnológicos que se naturalizaram na vida do cidadão comum, e que são abraçados por ele sem reflexão – aparecerá no centro de vários artigos. Nos de História, sua presença é pontual, e serve para colocar em contraste as vivências de diferentes épocas, utilizando o passado e o presente como focos de luz que se lançam um sobre o outro.

No entanto, Guilhermino Cesar jamais se esquece de que seu leitor pode ser leigo. Por isso, ele começa diversos textos em formatos que permitam, por exemplo, que se saiba, de antemão, quais as perguntas que interessam:

Ilhados na Campanha, de onde receberam os Farrapos os meios materiais que permitiram à República Rio-Grandense lutar durante tantos anos contra os soldados do Império? Mais ainda: entre os diversos centros de abastecimento, localizados no exterior, que comerciaram com os rebeldes, houve algum mais importante do que Montevideu? Em que ponto da Argentina se concentraram os simpatizantes mais ativos ali recrutados pela causa republicana? Alguma nação sul-americana, fora da órbita platina, enviou recursos em auxílio dos adversários da Monarquia?

*(O Contrabando e os Farrapos,
08 de janeiro de 1977)*

A página em que esse trecho está possui fotocópias de dois manuscritos – um deles é uma carta; o outro, a ampliação da assinatura de Bento Gonçalves. A primeira imagem mostra como documentos aparentemente triviais podem adquirir, quando lidos com cuidado, imenso valor, para o analista. A segunda imagem é uma espécie de celebração de um personagem muito importante no Olimpo da História gaúcha. A

utilização do jornal para divulgação da imagem é uma das amostras de que Guilhermino Cesar compreendia muito bem o funcionamento daquele meio de comunicação – ou seja, não se tratava de um intelectual tentando impor sua forma de ver as coisas, mas de um intelectual organizando seu material de pesquisa e seus resultados de forma interessante.

Há muitas formas de chamar a atenção do leitor – com as perguntas que motivarão o texto a ser lido, com as imagens apropriadas, ou mesmo com a proposta direta de dúvida e esclarecimento:

Antes de completadas as obras do porto e da barra do Rio Grande, no último período do governo de Borges de Medeiros, boa parte da produção gaúcha escoava diretamente, pela fronteira, para a Argentina e o Uruguai. Com tamanha intensidade, que um observador dos anos 1920 pode afirmar: “O Uruguai e a Argentina dominam economicamente o Estado do Rio Grande do Sul, toda a parte oeste do Paraná e todo o sul do Mato Grosso”. Não se tratava, portanto, de uma situação peculiar ao Estado gaúcho. A mesma conjuntura abarcava outras vastas porções do território brasileiro. Quais as suas causas?

Eram muitas, e foram minuciosamente expostas no livro há pouco citado. Aí se lê, por exemplo(...)

E segue o artigo, expondo os argumentos do livro de J. Resende Silva, *A Repressão do Contrabando*, publicado no Rio de Janeiro em 1923 e debatendo-os, desafiando o leitor a acompanhar as informações dadas e os complementos oferecidos pelo colunista⁷⁹. O parágrafo inicial, nesse caso, serviu de isca para lançar no leitor as curiosidades que movem quem escreve. A abertura do segundo parágrafo sugere que as respostas existem, e serão desenvolvidas a seguir – o espírito curioso já está preso à armadilha.

Anteriormente, vimos a crítica cultural orientada para a figura simbólica da “Máquina”. Ela pode ser feita de forma bem mais direta. É o caso do seguinte parágrafo, que abre um texto cujo propósito principal parece ser divulgar a descoberta de uma tradução feita por Alphonsus de Guimaraens e publicada num almanaque gaúcho; no entanto, uma proeza de estilo conduz a reflexão, momentaneamente, para outro caminho:

Revista literária é bicho mole: morre à toa. Mal acaba de nascer, começa a sentir aquela falta de ar... Se a censura ajuda, morre

⁷⁹ A referência completa é dada por Guilhermino Cesar em nota colocada ao final do artigo, como era de seu feitio. Retiramos os números que, quando inseridos nos artigos, indicavam as referências, a fim de despoluir os trechos citados.

depressa, porque o verme de que falo é um papirófago medonho. Mesmo no Segundo Reinado, enquanto D. Pedro II cofiava as barbas filosóficas, tal gênero de publicações durava pouco. Quase todas, salvo a bojuda ‘Revista do Instituto Histórico e Geográfico’, morriam do mal dos nove números. Mas, uma vez que se gozava de absoluta liberdade de opinião, no Brasil, nenhum ‘revisteiro’ podia atribuir essa morte prematura à intervenção indébita de censores policiais.

(O vago em debate,
1º de abril de 1978)

A imagem do “bicho mole”, caseira e encantadoramente figurativa, leva subitamente à censura. Não à censura estatal vigente (lembrando que o ano é 1978, e mal se começavam a ver sinais de abertura política no Brasil), mas a outros tempos, em que o *verme* da censura não grassava. Assim, por negação – num procedimento bastante machadiano, diga-se de passagem – o artigo aponta para uma forte presentificação do debate.

Falta mostrar o que acontece quando o leitor não é leigo. Afinal, com todo o estímulo e material que Guilhermino Cesar oferece nas páginas de sábado, é bem possível que pesquisadores de História propriamente ditos o leiam. A eles, alguns recados hábeis:

Certos historiadores, sobretudo os novos, andam febrilmente atrás de material inédito. Entretanto, se lessem com mais atenção o que até hoje se imprimiu, aí achariam muita coisa carente de boa interpretação. Rever um documento, analisá-lo sob todos os ângulos, é trabalho penoso; fácil é ir ao arquivo descobrir qualquer coisa, brandir uma folha na cara do próximo, e gritar: Achei!

O trecho fica ainda mais precioso quando se repara que o artigo não trata apenas de releituras de documentos já divulgados, mas também menciona descobertas do próprio Guilhermino – ou seja, nada contra que se descubra material novo, desde que o valor não esteja na descoberta em si, e sim na análise que se vá fazer a partir do material trazido à luz.

Trata-se de caso semelhante em seu prefácio para a obra do professor baiano Thales de Azevedo. Convidado a escrever sobre a pesquisa, Guilhermino Cesar publica seu comentário na íntegra, no Caderno de Sábado. O trecho a seguir demonstra o perfil intelectual que Guilhermino Cesar mais apreciava:

Mas, se o cientista social soube aqui interpretar o seu rico material, não lhe faltou também generosidade de espírito para apontar aos investigadores muitos outros assuntos que não pôde ou não quis tratar na presente obra. Atitude louvável, pois revela um trabalhador intelectual

consciente, para quem um tema de tal magnitude jamais se deixa surpreender por inteiro.

(Em louvor de “Italianos e Gaúchos”,
05/07/1975)

O que se percebe, então, é que o interesse de Guilhermino Cesar pela História gaúcha está não apenas no empenho intelectual de desbravar um território pouco explorado, e também não apenas em seu encanto pelas peculiaridades da História de seu estado de adoção, mas de um amálgama desses elementos. Da mesma forma, os textos históricos que o autor apresenta no jornal não são nem listagens eruditas nem amontoados de lugares-comuns, mas a combinação do processo de pesquisa com a descrição organizada e atraente das descobertas, compartilhando com o leitor, num tom sábio e amigável, informações a respeito de suas próprias origens.

2.3-Como compor uma bela pilcha

Ainda que em quantidade notavelmente menor, os textos que tratam de aspectos históricos não relacionados ao Rio Grande do Sul ajudam a construir a imagem do trabalho histórico apreciado por Guilhermino Cesar. A impressão que se tem é que, tratando-se de assuntos que não diziam respeito direto à *gauchônia*, o autor se sentia livre para exercitar o *debate do método histórico*.

Há um artigo chamado *Por Fora e por Dentro dos Autos*, de 21 de abril de 1979, no qual a visão de um historiador respeitado sobre um evento crucial para o Brasil (Capistrano de Abreu sobre a Inconfidência Mineira, neste caso) é revista a partir de uma dissertação de mestrado recentemente defendida⁸⁰. Alguns trechos do texto vão construindo esse conceito de trabalho histórico bem conduzido, o que serve para destacar os aspectos do estudo histórico que interessam ao próprio Guilhermino:

*Capistrano de Abreu, tão versado em assuntos do período colonial, desprezou deliberadamente, por birra ou qualquer outro motivo, a Inconfidência Mineira. Não viu nela o menor interesse. Onde a minha conclusão de que ele não leu os **Autos da Devassa**, nem sequer o trabalho pioneiro de Joaquim Norberto de Sousa Silva, editado em 1873. Se o tivesse feito, talvez sentisse alguma atração pelo tema. Ninguém passa impunemente ao lado do alferes Joaquim José, do Ouvidor Tomás Antônio, do poeta Cláudio Manuel, sem perceber que nesses homens há substância*

⁸⁰ Transcrevemos a referência como ela é fornecida pelo próprio professor na página do jornal: *Carlos Guilherme Mota, Atitudes de Inovação no Brasil (1789-1801)*. Lisboa, Livros Horizonte, sem data, 134 p. (Os Nossos Problemas Para a História de Portugal e Brasil, 2). A Coleção Horizonte é dirigida por Joel Serrão.

demasiado humana, digna portanto, senão de simpatia, pelo menos de respeito.

A crítica ao trabalho de Capistrano não é feita sem justificativa: além de demonstrar conhecimento de publicações específicas a respeito do tema tratado, Guilhermino coloca a importância da faceta humana dos acontecimentos para um estudo competente da História.

*O mestre dos **Capítulos de História Colonial** sobrevoou Vila Rica, suas minas exaustas, os dramas cotidianos do ouro, do diamante, da opressão estrangeira, os berros do arbítrio e o choro dos condenados? Ou não o fez, por considerar tudo aquilo um cenário de papelão? Enquanto deu à história da administração, aos caminhos do povoamento, às boiadas, ao surto bandeirante, uma atenção miudamente louvaminheira, esqueceu na sombra a fermentação ideológica e a intenção revolucionária, graças às quais se criou no centro do Brasil, no século XVIII, uma consciência aguda de pátria, precursora do Sete de Setembro. Mas convenhamos: o Mestre era homem excêntrico; deixou muitos ditos de espírito na memória dos coevos, e bem pode ser que o seu desdém, no concernente à Conjuração Mineira, fosse uma forma de “provocação”. O juízo que expendeu acerca do Rio Grande do Sul, por outro lado, não foi nada compreensivo; viu a marca do Sul exclusivamente na sua face “noruega”: fechou os olhos à luz que dela se irradiou como consequência de um atrito de culturas extremamente competitivas, fato que explica, sem dúvida, como se reconhece hoje, o traço de vida batalhadora que acabou por distinguir a comunidade sulina no processo da civilização brasileira.*

O trecho anterior reconstrói sabiamente toda a emoção envolvida no movimento mineiro, seguindo-a da expressão “cenário de papelão” – ou seja, criando um anti-clímax, mostrando como uma visão indiferente aos detalhes mais humanos de um conjunto de acontecimentos pode provocar a incompreensão da importância dos eventos.

Na sequência, o exemplo gaúcho ilustra o argumento: trata-se do mesmo historiador que não soubera avaliar corretamente as consequências, para o Rio Grande do Sul, de sua posição geográfica e das características de sua vizinhança. Guilhermino Cesar aponta justamente os traços que ele próprio jamais deixaria de levar em consideração, no momento em que trabalhou sobre a História gaúcha.

Foi-se o tempo em que só se dava importância ao social através dos fatos, olvidados os diversos aspectos da mentalidade coletiva, naquilo que esta tem de orgânico, ou melhor, de estrutural. Nem a cultura autóctone é hoje visionada por esse ângulo redutor, que amesquinha o pensamento social, mais relevante do que pode parecer aos fanáticos da História episódico-narrativa.

O trabalho com a trama das ações e reações humanas interessa muito ao historiador – ao contrário do que uma análise apressada poderia supor, uma vez que a formação oitocentista de Guilhermino Cesar indicaria a opção pelo romantismo da “História episódico-narrativa”, ou seja, a preferência pela anedota e pelo relato que se apegam às figuras altamente simbólicas de líderes e heróis (procedimento que dominava o fazer histórico até meados do século XX e que hoje se chama *narrativa histórica tradicional*). Interessado em buscar as relações entre o sujeito e seu meio, utilizando-se tanto de sua erudição – nunca gratuita, sempre transdisciplinar – quanto de um espírito de pesquisa incansável, Guilhermino Cesar observa com dureza a falta de sensibilidade, em Capistrano, aos conflitos diários entre aqueles que movimentam a História de uma sociedade subitamente enriquecida, enquanto procuravam equilibrar seu desejo de transformação com a acomodação de um *status quo* de relativo conforto material. O processo histórico está sugerido como algo orgânico, a ser analisado e descrito com cuidado, e não definível por uma sequência de fatos – como se estes fossem desprovidos de contexto, ou simplesmente não valesse a pena compreendê-lo.

A referência à nova forma de encarar as culturas autóctones mostra ares de Lévi-Strauss, e mais uma vez sinaliza a visão moderna de Guilhermino Cesar quanto ao andar da ciência: a sua herança erudita o leva a condenar as teorias novas, quando são superficiais e apressadas; no caso da verdadeira revolução conceitual lançada por Lévi-Strauss, não é disso que se trata. Guilhermino Cesar tinha clareza a respeito daquilo que deve balisar as pesquisas históricas, e é essa convicção que o leva a criticar a celebração incontestada de Capistrano – novos tempos exigem algumas reformulações. As necessárias.

Antes de prosseguir na análise do conceito de “História episódico-narrativa”, é importante ressaltar que não há vestígio de mesquinhez, nesta reavaliação proposta por Guilhermino. Existe, sim, a necessidade de posicionar corretamente um trabalho histórico, que tem seus méritos e suas dívidas ao período em que foi realizado. Isso fica claro a seguir:

*Tem razão, por isso, Hélio Viana ao dizer que em Capistrano a atividade intelectual dominante, o padrão de mérito do historiador, foi ter escrito uma obra “precursora de nossa geopolítica”. José Honório Rodrigues, por outro lado, na **Teoria da História do Brasil**, exalta-o de tal forma que o considera “o maior historiador brasileiro, não pela contribuição material, mas pela agudeza e capacidade crítica”. Entretanto,*

reconhece também que ele foi, “como outros historiadores de sua época, bastante influenciado pelo determinismo geográfico, pela teoria evolucionista e pelo positivismo de Comte”.

*O certo, porém, é que nenhum de nossos grandes historiadores se permitiu a “originalidade” que teve Capistrano, ao proscrever os Inconfidentes de seus **Capítulos de História Colonial**.*

A crítica está mantida, mas Capistrano não é tratado como incapaz, indevidamente lembrado e/ou mal intencionado. Trata-se de circunstâncias que naturalmente influenciam os trabalhos científicos, por mais sérios que sejam.

Ora, a pesquisa moderna vai por esse caminho. Seu objetivo é demonstrar a importância dos Inconfidentes como fatores de inquietação social, como propagandistas de um liberalismo, em grande parte influído pelos norte-americanos, cuja oposição à tutela inglesa era vista com inveja e apontada como exemplo de exequibilidade prática por Tiradentes, José Joaquim da Maia e outros “espoletas” de Vila Rica. O que importa, aliás, na Inconfidência, é justamente isto: a atitude que nela se expressa enquanto movimento de idéias totalmente contrárias ao “sistema colonial”.

Ou seja: é preciso *ler as atitudes*, e não listar os fatos. O método sugerido por Guilhermino, que leva em conta “fatores de inquietação” e “movimento de ideias”, indica que a História se aparta cada vez mais da visão Cientificista, que a isola e lhe tira a sensibilidade, assim como do Romantismo, que a cega com o brilho dos heróis. A pesquisa histórica moderna precisa estar aberta à especulação, à abstração, à análise transdisciplinar e deve contar, necessariamente, com um *olhar diferenciado*. Mais uma vez, o perfil de Guilhermino Cesar aparece com adequação incontestável.

*Num ensaio recente, ou melhor, na dissertação de Mestrado que apresentou à Universidade de São Paulo, e agora publicada em Portugal, Carlos Guilherme Mota enfrenta analiticamente este aspecto fundamental – as atitudes de inovação que distinguiram as quatro **devassas** famosas de fins do período colonial.*

Este é o trecho em que o elemento motivador do artigo é colocado: uma dissertação de talento, recém defendida e – bem ao gosto de Guilhermino – divulgada no Brasil e em Portugal.

A seguir, a transcrição de um longo parágrafo da dissertação que está sendo comentada. Isso mostra mais uma vez a generosidade de quem escreve: Guilhermino Cesar critica um historiador renomado sem desmerecer sua obra, e abre espaço para um historiador jovem, de trabalho recente e qualificado.

Digamos, pois, com as palavras do próprio autor, que a sua “análise qualitativa” resultou eficaz. Pinçando aqui uma frase, acolá uma reflexão, uma evasiva, um subentendido (leitura de crivo fino, se os crivos soubessem ler), Mota consegue dar às idéias em curso, nas Minas, uma vida que de outra forma, se a procurasse nos “eventos”, elas jamais chegariam a ter. Assim, buscou especialmente compreender o “comportamento mental” não dissociado da “história social”, e isso lhe propiciou formular conclusões interessantíssimas, as quais, doravante, terão que ser levadas em linha de conta, para confundir os capistranos do futuro, se ainda surgir algum.

A feliz expressão “análise qualitativa”, utilizada na pesquisa comentada, é destacada por Guilhermino para mais uma vez ilustrar sua aprovação ao trabalho realizado. Pode-se destacar que a oposição entre “qualitativo” e “quantitativo” está presente na prosa e na poesia de Guilhermino nas décadas de 1960 e 1970. O segundo termo, em especial, indica as tendências mecanicistas da segunda metade do século XX, e a presença dos números frios (de forma mais ou menos explícita) assombraria diversos momentos de suas reflexões desse período.

O parágrafo final do texto reforça a importância do ensaio, recomendando fortemente sua leitura nos meios acadêmicos, e mesmo opondo sua presença à louvação de Capistrano:

*Vamos parar por aqui. A leitura desse trabalho, **Atitudes de Inovação no Brasil**, que traz um excelente prefácio de Vitorino Magalhães Godinho, admirado historiador de hoje em Portugal, precisa ser lido com urgência pelo nosso público universitário, quer por suas conclusões metodológicas, quer por suas conclusões históricas. No escasso limite de 134 páginas, não se podia dizer mais, e melhor, sobre um tema que a inteligência de Capistrano se recusou a enfrentar objetivamente.*

Dessa forma, num texto que se dedica à necessidade de renovação do fazer histórico no Brasil, centrado em uma análise moderna e competente, a História gaúcha é apenas mencionada como ainda não bem compreendida por grandes historiadores do passado. A dedicação do artigo a uma releitura talentosa e atualizada da Inconfidência Mineira indica que o mesmo deve ser feito com outros momentos da História nacional – e isso reforça a citação do Rio Grande do Sul, durante o artigo. Mais uma vez, está colocada a necessidade de revisitar os elementos que podem permitir uma observação refinada do passado, em terras meridionais.

2.4- *Notícia do Rio Grande: Literatura*

No próximo capítulo desta tese, abordamos em detalhe os aspectos que envolvem os artigos do Caderno de Sábado nos quais Guilhermino Cesar trata de Literatura. No entanto, pode-se considerar que o Rio Grande do Sul possui uma presença muito forte, nos artigos de cunho literário – tanto que motivou a publicação do livro da professora Tânia Carvalhal (a que aludimos na Introdução deste trabalho e no título deste item. Por essa razão, optamos por incluir neste capítulo sobre História um breve comentário sobre os textos que dizem respeito à Literatura gaúcha até o Romantismo.

Esse recorte temporal justifica-se porque, apesar de a Independência brasileira se dar em 1822, as disputas em torno do território gaúcho, por influência da conturbada relação de fronteira com países de língua espanhola ou por iniciativa de grupos político-econômicos internos, só se acalmará a partir do final da Revolução Farroupilha, que se dá em 1845. Por isso, toda Literatura produzida até então, em território gaúcho, responde a essas características peculiares de busca por identidade num contexto que difere bastante daquele vivenciado em outras unidades da federação. Dessa forma, a Literatura pré-1845 interessa muito a Guilhermino Cesar, pois trata do período histórico menos pesquisado e, portanto, mais desafiador do Rio Grande do Sul.

A interação entre a Literatura gaúcha e a dos países vizinhos é tratada em dois artigos de 1974. O primeiro é *Problemas da Gauchesca*, de 19 de janeiro, que lança o debate necessário sobre as relações entre as produções literárias de gaúchos, argentinos e uruguaios. A questão ganha em força quando se observa a construção do argumento de Guilhermino Cesar: uma vez que as relações entre os três territórios se deram a partir de fronteiras nem sempre claras (daí a importância das vaquejadas, da criação de bois sem cercas, do contrabando e de outras formas de associação comercial sem regramento), seria natural que surgisse uma manifestação cultural comum aos três. A existência de um termo único para o homem da região, *gaucho*, depõe a favor da tese.

O segundo artigo é pouco posterior: em 16 de fevereiro é publicado *A Poesia e a Continência*, que retoma o debate a partir de uma análise mais detalhada. Nesse caso, Guilhermino Cesar trata de diversos autores ligados ao que ele chama de *gauchesca*, e se propõe a observar as semelhanças e diferenças entre trabalhos provindos de países diferentes. O professor coloca em evidência a formação específica da cultura gaúcha, suas especificidades, e se pergunta se as manifestações da *gauchesca* observáveis nos autores analisados representam uma manifestação tardia da cultura da região.

Ainda em 1974 (que é, por sinal, um dos anos que apresenta mais artigos tratando da História e da Literatura gaúcha), ainda se tem, a 02 de março, *Inimigos de Martin Fierro*. O artigo mostra como a crítica argentina se posicionou de forma desfavorável diante de *Martin Fierro* e outros textos da *gauchesca* argentina. Mais uma vez, Guilhermino Cesar não dá importância a pontos tradicionais de interesse, e continua a buscar a compreensão dos fenômenos culturais gaúchos na sua circunvizinhança. Pode-se considerar essa atitude bastante ousada, uma vez que se fala tranquilamente em *Literatura gaúcha* e suas diferenças quanto à Literatura Brasileira, mas raríssimos estudos ousam relacionar essa literatura diversa com outras manifestações geográfica e culturalmente mais próximas⁸¹.

No ano de 1978, apareceram pelo menos cinco artigos que tratam da figura do cavalo, mostrando sua presença na poesia de diversos lugares, e em especial sua contribuição para a construção da figura do gaúcho. Guilhermino Cesar aproveita esses artigos para tratar da relação do gaúcho com o campo aberto, sua mobilidade e outras características que definem a figura, literária e historicamente.

Não podemos encerrar esse breve relato sem mencionar talvez a mais curiosa das pesquisas de Guilhermino Cesar, na Literatura gaúcha: trata-se de seu interesse por aquele que teria sido o representante do Romantismo no Rio Grande do Sul, Caldre e Fião. O professor refere suas obras em diversos artigos, e lança, em 30 de dezembro de 1978, o artigo *Caçada Nacional à 'Divina Pastora'*, na qual pede aos leitores informações a respeito do romance de Caldre Fião que é muito mencionado, em jornais, diários e cartas do século XIX, mas do qual não se havia encontrado jamais nenhum exemplar. O artigo relata os esforços do próprio guilhermino, e acrescenta que o MEC também se empenhou na busca, colocando anúncios em transmissões de rádio, mas que não houve sucesso. A forma como Guilhermino encaminha seu pedido é bastante interessante, pois deixa ver exatamente o espírito que toma conta de suas pesquisas sobre o Rio Grande – o interesse, o tratamento afetivo e a relação pessoal com os temas. Estes são os parágrafos que encerram o texto:

Diante disso, convém desistir? Não e não. De repente, não mais que de repente, conforme escreveu Vinicius, pode dar-se o milagre bibliográfico que tanto desejamos. De onde menos se espera, ali do Passo do Vigário, de um baú de Anta Gorda, de uma lapa de Jaguarão, – num dia que ninguém

⁸¹ Essa deve ser uma das razões pelas quais o próprio Guilhermino Cesar celebrou o aparecimento de *Ficção Latino-Americana*, de Flávio Loureiro Chaves, em artigo homônimo ao livro, em 1973.

*sabe dizer qual seja, A Divina Pastora, achada pelo Negrinho do Pastoreio, virá cair em nossas mãos.
O essencial, já fiz – acendi o meu coto de vela.*

2.5-Acompanhando a lida

Para fins de estudo da progressão argumentativa nos artigos sobre a História gaúcha, selecionamos alguns dos textos de jornal que associam o gosto de Guilhermino Cesar pela análise de fontes primárias, pela exposição talentosa de elementos pitorescos e relevantes e pela valorização da pesquisa na área de Ciências Humanas. Realizaremos a análise dos artigos em toda a sua extensão, citando os trechos e comentando-os na sequência em que são transcritos, a fim de ilustrar a forma como estão construídos tanto o apelo emocional quanto a profundidade intelectual neles impressos.

Começamos por *O Contrabando e o Estatuto Colonial*, publicado a 04 de dezembro de 1976, cuja abertura nos brinda com uma incursão à terra das metáforas literárias:

Historiadores de grande autoridade, mesmo entre os mais afeiçoados à Espanha, reconhecem que a política ultramarina portuguesa teve mais objetividade que a espanhola. Enquanto Lisboa via os fatos realisticamente, Madri parecia afastar-se deles, avessa à lição da evidência. Aqui, o senso prático de Sancho Pança; ali, a caudalosa fantasia de Don Quixote.

O primoroso parágrafo de abertura estabelece sua coesão a partir de três níveis de semântica poderosamente crescente: num primeiro momento, Portugal e Espanha, as nações; a seguir, Lisboa e Madrid, as diretrizes administrativas; por fim, Sancho Pança e Dom Quixote, metáfora literária que ajudará a iluminar a questão do contrabando, sempre cara a Guilhermino Cesar.

Como procuramos mostrar na seção anterior deste trabalho, o professor se utilizava de diferentes áreas de conhecimento para construir sua visão da História gaúcha; portanto, jamais é de se estranhar que a metáfora apareça como foco de luz sobre as relações complexas os representantes, em solo sul-americano, das Coroas ibéricas.

A guerra econômica, na área do Prata, durante os últimos anos do século XVIII e primeiros decênios do século XIX, ilustra o que afirmamos acima. Todavia, ao irromper o movimento emancipacionista, com a “geração de maio”, o antigo Vice-Reinado como que despertou, com os seus líderes crioulos, para encarar a frio o aspecto econômico. Veja-se a

crítica de Alberdi, nas Bases, o livro mais lúcido até então escrito (1852) sobre as estruturas arcaicas do mundo platino e a necessidade de uma reforma integral de sua vida econômica e política.

A referência a uma publicação do século XIX atesta mais uma vez a busca de Guilhermino Cesar por fontes que trouxessem dados valiosos e confiáveis a respeito da pouco estudada História gaúcha/platina. Aliás, pode-se considerar de talentosa visão o fato de que seus estudos não esbarram nas características fronteiriças instáveis da região meridional do Brasil e suas vizinhanças – pelo contrário, pode-se dizer que esse caráter de fronteiras nebulosas e mutáveis despertava seu interesse, pois proporcionava a oportunidade de realizar comparações como a que dá origem a esse artigo.

Mencionando suas fontes e explicando os fatos e a análise que faz deles, Guilhermino Cesar auxilia o leitor no caminho complexo que constitui o estudo dos diferentes tratamentos dados, pelas duas coroas ibéricas, às regiões colonizadas.

Mas, conforme vimos no artigo anterior, a lucidez com que os problemas econômicos foram então examinados, pelos fundadores da República Argentina, não impediu que Buenos Aires exercesse sobre a Banda Oriental uma ditadura alfandegária tão danosa, guardadas as distâncias, como o velho monopólio da Casa de Contratación de Sevilha. Por isto mesmo, um observador da categoria intelectual de Sarmiento não poupou críticas ao espírito monopolista com que a sua Argirópolis procedeu então, vedando às províncias qualquer tipo de comércio com as nações estrangeiras. O liberalismo econômico praticado pela burguesia buenairense estabeleceu ali, na Capital, um centro mercantil absorvente. De tal forma, explica Sarmiento, que “Buenos Aires, ela somente, na vasta extensão Argentina, está em contato com as nações européias; ela somente explora as vantagens do comércio estrangeiro; ela somente tem poder e rendas” (1).

Dessa vez, acontece a citação e sua devida referência – garantindo o acesso à leitura da mesma fonte, por quaisquer interessados⁸². Em diversos artigos, Guilhermino Cesar reitera a necessidade de jovens historiadores se interessarem pela História gaúcha, e se utiliza da mídia impressa para apontar materiais adequados. No parágrafo anterior, faz a ressalva de que, apesar da atitude “monopolista” da Coroa espanhola, os administradores locais de Buenos Aires mantinham sensatamente o contato comercial com outras nações.

⁸² Neste trabalho, normalmente retiramos os números que indicam referências, uma vez que não consideramos necessário mencionar todas elas. No entanto, em alguns artigos elas permanecem, pois sua quantidade e posição no texto são relevantes para a análise. Dessa forma, todo número entre parênteses aponta para uma referência que Guilhermino Cesar disponibilizava ao fim do artigo.

Ora, tudo quanto haviam postulado, em vão, os colonos espanhóis, no intuito de romper a centralização monopolista da Casa de Contratación – seu mais expressivo e odiado signo – agora se renovava, com maiores razões, diante da alfândega buenairense. E entre as províncias que sentiam os efeitos da opressão, a Banda Oriental do Uruguai era a mais diretamente prejudicada. Não só porque sua posição geográfica lhe facilitava intercâmbio fácil, por via marítima, com o mundo, senão também porque o seu interior, ligando-se à Campanha rio-grandense, formava com esta uma vasta zona de exploração pecuária intensiva, marcada, em ambos os lados da fronteira, pelo mesmo estilo econômico. Lá, como aqui, a extração do couro e a produção do charque eram as balizas principais do interesse mercantil.

Para o leitor não especializado em História sul-americana é bastante útil a observação de que o Uruguai era apenas uma província, naqueles tempos, e que se via em situação bastante complicada ao possuir tantas possibilidades de contato econômico e ordens estritas de não utilizá-los.

A menção à “extração de charque” e à “produção de couro”, aproximando as diferentes regiões do Prata e o Rio Grande do Sul reforça a relação evidente entre as economias que se desenvolviam ali, e evidencia o que há de inadequado, utópico (e, portanto, *quixotesco*) nas tentativas de barrar esse contato.

Buenos Aires, Montevideu, Rio Grande de São Pedro, Porto Alegre – estes quatro centros (ali por volta de 1810) estavam ligados, entre si, ainda que no caso desta última um pouco mais remotamente, pelo mesmo atrativo da pecuária. De modo que interessa perguntar como é que teriam reagido, os comerciantes porto-alegrenses, em face da organização platina. Poderiam os nossos comerciantes de carne, cabelo, chifre e sebo de boi, tanto quanto os estancieiros e charqueadores, comerciar tributos, com os vizinhos do Prata?

Mais uma vez, uma sintética e competente citação de pontos geográficos que coloca diante do leitor o mapa da região, partindo dos centros produtores: o eixo Buenos Aires-Montevideu-Rio Grande, mais Porto Alegre, deixam clara a vantagem que haveria em articular o comércio entre as regiões, não importando realmente as diferentes colonizações.

A utilização de listagens geográficas é recurso empregado com grande eficácia por Guilhermino Cesar, tanto em poemas quanto nesses artigos de jornal. Em alguns ensaios o interesse pela enumeração também transparece. No parágrafo anterior, além

dos nomes de cidades, temos a menção sintética da importância do boi em uma listagem: “os nossos comerciantes de carne, cabelo, chifre e sebo de boi”⁸³.

Quem responda por nós a essa pergunta incômoda é um profundo conhecedor da matéria, Manuel Antônio de Magalhães, residente à Rua da Praia no ano de 1810. Com efeito, àquela época, malgrado a presença no Brasil da Corte Portuguesa, que mais rapidamente poderia dar remédio a nossos males econômicos, o regime de trocas não havia sofrido maior transformação, no sentido de modernizar-se, canalizando frutos para a alfândega e normalizando as transações. O contrabando continuava de pé, com uma vitalidade superior à dos ajustes até ali firmados por ambas as coroas ibéricas, em torno de suas colônias sul-americanas. Argumenta Manuel Antônio de Magalhães, no seu famoso Almanaque da Vila de Porto Alegre (2), com o fato de que o Príncipe Regente, consumada a invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas, já não estava, por fato de guerra, obrigado a respeitar antigos tratados, como o de paz, de 1668, o provisional, de 1681, o de Utrech (1716), o de Madrid, de 1750, ou o de Santo Ildefonso (1777). Nestas condições, dizia ele, o futuro D. João VI achava-se “desligado e livre para obrar conforme os seus próprios interesses e de seus vassallos”. Logo, conclui, “parece que já não pode existir contrabando algum nesta fronteira, senão aqueles que possam prejudicar os interesses de Sua Alteza Real e dos povos; a estes, geralmente falando, faz-lhes muita conta a entrada dos gados de fora, porque esses botam de dezesseis até vinte arrobas, e os daqui de oito até dez, e o mesmo acontece com os machos e mulas, de forma que quem quer alguma parelha boa, a manda vir de fora; é verdade que aqui já vai havendo estâncias com belíssimas crias (3).”

As preciosas citações, novamente com referências devidamente sinalizadas e disponibilizadas, demonstram a forma como a Família Real Portuguesa vem a colaborar, ainda que indiretamente, para uma certa liberalidade nas fronteiras gaúchas.

Se a espada de Napoleão romperia o equilíbrio europeu, pondo por terra os tratados e os acordos entre governos, cuidasse agora, cada qual, de si... Tal filosofia realista, enunciada em Porto Alegre por um modesto comerciante, não destoava da que devia aninhar-se, àquela época, debaixo da coroa dos reis. A diferença é que estes fingiam acreditar nos acordos políticos, enquanto seus súditos, em Maldonado, Jaguarão, Rio Pardo, Montevideú, Quarai, Rio Negro, não obrigados à hipocrisia, e precisando viver, se imaginavam – com melhores razões – autorizados a “comerciar” livremente.

A referência ao “modesto comerciante” não desqualifica seu depoimento; pelo contrário, pois a mente de historiador, em Guilhermino Cesar, via com simpatia o movimento cronístico da testemunha ocular que se via envolvida pelos fatos e podia, melhor do que ninguém, omitir opinião abalizada.

⁸³ Para poemas e ensaios com essa característica, ver Anexo de Poemas de Guilhermino Cesar: Enumeração.

Além disso, pode-se apontar a elegância da escrita do parágrafo anterior, desde a construção que abre o trecho – misturando a grandeza da metáfora da espada napoleônica e do equilíbrio europeu ao singelo “cada qual de si”, num movimento que passa da força de impacto histórico da figura do comandante francês e desemboca na situação fronteira adequadamente nebulosa representada pela expressão coloquial seguida de reticências.

Foi com esse estado de espírito generalizado que se abriu no Prata, como vimos, e também no Brasil, o ciclo da independência para os povos de origem ibérica. Na Campanha e na fronteira Oeste, regiões onde era maior o atrito econômico e político com os vizinhos, o terreno estava preparado para receber jubilosamente, com a complacência postulada por Manuel de Magalhães, as correrias do comércio clandestino. Os fronteiros de 1801 – Borges do Canto e Manuel dos Santos Pedroso – haviam conquistado os Sete Povos, incorporando-se ao Brasil, à sombra do contrabando de gado. Daí a conclusão: o realismo do autor do Almanaque mergulhava raízes nesse episódio da história viva, recente, que tanto havia mitigado, por sinal, as frustrações da Casa de Bragança em face dos agravos que havia recebido da corte de Madri e do Imperador Napoleão.

Corresse o contrabando à vontade. Na guerra, como na guerra.

Subitamente, o quadro se amplia, e já percebemos os movimentos de Independência se desenhando ao fundo do cenário. O clima de guerra é insinuado no parágrafo maior, e depois explicitado na frase isolada.

O ponto capital – pensariam os estadistas portugueses – é que do contrabando se devia tirar o maior proveito, a bem da fazenda pública. Foi o que procurou fazer o Governador Paulo Gama. Os gêneros exportados daqui, fossem os produzidos em casa, fossem os para cá trazidos, de contrabando, da Banda Oriental e das Missões argentinas, pagariam direitos nas outras capitânicas, conforme o lugar do destino. Contra isso rebelou-se o referido governador, por achar, com razão, que o Rio Grande se prejudicaria em benefício de regiões mais prósperas. Por conseguinte, lançou impostos e pôs em funcionamento a Junta da Fazenda criada pela Carta Régia de 1802 (4).

Comentando a atuação de Paulo Gama, escreve Alfredo Varela: “Notou-se desde logo a influência benéfica do novo órgão do aparelho político-administrativo. Sobre restringir o arbítrio dos mandatários supremos de el-rei, como facilitar os processos em matéria contenciosa, introduziu outra regularidade nas arrecadações, como na fiscalização das mesmas. Em breve estavam equilibradas as despesas, com a pública receita, quando antes do advento de Paulo Gama, muito inferior era esta aos recursos necessários para aquelas (5)”.

Observa-se, nos parágrafos anteriores, a interessante postura do governador, que percebera a importância de oferecer soluções factíveis para a questão do contrabando. A tributação sobre os bens concretizou-se em brilhante saída para a sonegação.

A economia liberal, com tais medidas, sentava pé no território de São Pedro. O contrabando de gado, não obstante, prosperava como nunca. As charqueadas de Pelotas atraíam infindáveis rebanhos. Navios negreiros de várias bandeiras, em permanente atividade, despejavam escravos e charque em todos os portos do Brasil, onde podiam ser achados, e carregavam negros para os platinos; de lá traziam o charque e vendiam-no às capitânicas do Norte, e às ilhas do Caribe, prejudicando o similar gaúcho.

(...)

Mas o assunto não pára aí; levar-nos-á um pouco mais longe, se o leitor paciente quiser acompanhar-me.

O texto termina com citações em espanhol (que retiramos do trecho acima), realçando a ascensão de Buenos Aires, testemunhada pelos documentos que indicam a necessidade cada vez maior de mão-de-obra escrava. O convite para continuar a debater o assunto está colocado explicitamente ao final, deixando antever uma pesquisa bastante aprofundada, e prestes a ser alegremente compartilhada com o leitor.⁸⁴ Implicitamente, pode-se percebê-lo ao acompanhar o grande número de referências distribuídas pelo texto – e que colocam as fontes das informações à disposição do leitor.

É importante mencionar que o artigo que analisamos demonstra domínio das condições históricas que cercam o movimento comentado, sem abrir mão nem da complexidade das relações históricas nem da elegância do estilo. As relações de causa e consequência são estabelecidas com segurança e clareza, sem se perder na imensa quantidade de fatos interligados. Isso exige, por parte de quem escreve, capacidade de disponibilizar suas qualificadas pesquisas em um formato adequado para o leitor não especializado – e consideramos que Guilhermino Cesar possui essa capacidade, aliada ainda ao dom da escrita atraente, que torna interessante mesmo o assunto mais complexo.

Consideramos que o espírito de *desafiar* o leitor está presente em artigos como este, assim como estaria presente na poesia de *Sistema do Imperfeito*, com os meneios de estilo que vão da enumeração erudita ao coloquialismo, da crítica à superficialidade à afetividade e ao ludismo. O analista/historiador mescla os níveis de linguagem e, em nossa opinião, atinge resultados excelentes, tendo em vista o meio em que o artigo está inserido e o público médio a quem se dirige.

⁸⁴ Não podemos deixar de referir que, ao fim desse artigo, há uma nota em que Guilhermino Cesar se queixa da falta de qualidade da revisão de seus artigos. Essa é uma das vezes em que o professor se vê irritado com o descuido com que as coisas podem vir a ser tratadas, no âmbito do que hoje chamamos *mídia*. Transcrevemos a nota no capítulo 5. O texto tem data de 04 de dezembro de 1976.

As citações em espanhol e as referências disponíveis apontam para a importância que Guilhermino Cesar reservava à pesquisa de fontes. A presença negra no Rio Grande do Sul e as formas pelas quais os escravos haviam sido tratados no estado não estavam na lista de interesses dos historiadores, e Guilhermino Cesar construiu uma série de textos em que procura dar conta desses elementos, a partir principalmente da utilização de fontes primárias como documentos e decretos legais. O texto a seguir é um dos que melhor demonstram esse interesse e a forma através do qual se expressa no jornal.

Trata-se de *As Posturas e o Negro*, publicado a 10 de abril de 1976 – ano marcado, aliás, por séries de textos dedicados ao mesmo assunto, como já se percebe pela referência feita na primeira frase do texto:

Em artigos anteriores, vimos que o negro, sob o regime escravista, viveu de canto chorado no Rio Grande do Sul. Nem o batuque, uma de suas diversões preferidas (originalmente, na África, cerimônia de cunho mágico), podia ser dançado em alguns municípios da Fronteira. Em São Borja, por exemplo, quem quisesse dar a sua umbigada tinha de procurar parceiro e/ou parceira no outro lado do Rio Uruguai. As posturas são-borjenses admitiam várias diversões, com licença prévia da autoridade, menos essa.

O texto começa retomando “artigos anteriores”, esclarecendo a algum desavisado sobre a natureza rígida das leis gaúchas quanto à dança e às festas de origem africana, já debatidas pelo autor.⁸⁵ Além disso, convém notar que a explicação entre parênteses, que mostra a importância religiosa da dança, não deixa dúvidas sobre o tratamento respeitoso que Guilhermino adotava, quanto aos costumes pesquisados. Não fosse o esclarecimento, as expressões utilizadas a seguir (como *dar a sua umbigada*) poderiam soar bastante pejorativas.

*Mas a vigilância exercida sobre o negro, em outras províncias do Império, seria a esse respeito consideravelmente menor. Nos engenhos do Nordeste, constituídos em verdadeiros feudos, “sem a ingerência de fora”, como diz Nabuco em **Minha Formação**, desenvolveu-se por isso mesmo, com extraordinária força, a cultura africana, de que o batuque foi apenas uma das manifestações. Paralelamente ao exercício coreográfico, universalizou-se também, naquelas províncias do açúcar, o gosto da música langorosa, bem timbrada, quente na sua lascívia, como a que o negro, na América do Norte, criou à beira do Mississipi, nas fazendas de algodão. No Vale do Paraíba, chamado por Pandiá Calógeras de “nosso Eufrates negro”, nos extensos domínios da família Breves, e da mesma forma em algumas grandes fazendas paulistas quase que exclusivamente*

⁸⁵ A expressão *canto chorado* apareceria como título de livro de poemas de Guilhermino Cesar lançado em 1990, o que mostra o gosto do escritor por tal expressão.

dedicadas ao plantio do café, o folclore musical e a coreografia de base popular ganharam uma grande vivacidade, graças à contribuição africana. E dos terreiros subiram à casa-grande, saíram da senzala para os salões da classe dominante. Um trânsito normal, explicado sobretudo pelo tipo de permissividade inerente aos grandes grupos fechados sobre si mesmos., pululantes de energia, aquecidos pelo sol tropical e alimentados pelas vitaminas de um sem número de frutas agrestes.

O parágrafo anterior é destinado à forma feudal de organização sócio-econômica que se estabeleceu no Nordeste escravista, comparando-o – dentro de certos limites – com as formas de escravidão ocorridas nos Estados Unidos. Dá-se destaque, no entanto, às características feudais específicas que permitiram o florescimento de uma comunidade com regras internas próprias. Isso facilitou a miscigenação, a manutenção de costumes africanos em terras brasileiras, e ajuda a explicar as intensas diferenças entre aquela região e a sul, por exemplo, no que diz respeito à presença da tradição cultural negra.

O fechamento do parágrafo, que alia as ideias de permissividade e o clima tropical, pode parecer um tanto determinista ao estilo do século XIX; parece-nos, entretanto, uma forma refinada de ressaltar as diferenças entre o Nordeste e o Sul do Brasil, aproximando essa análise de alguns momentos de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire.

Também é importante lembrar um ensaio do próprio Guilhermino, intitulado “O barroco e a crítica literária no Brasil”, no qual a análise da produção barroca desloca o foco de Minas Gerais e Bahia para o Rio Grande do Sul, em especial no que diz respeito ao amálgama jesuíta/índio ocorrido nas Missões, com suas características específicas. A análise conduzida por Guilhermino Cesar naquele ensaio também se utiliza de elementos sócio-antropológicos a fim de dar conta dos resultados artísticos.

No Sul, na moldura severa da Campanha – onde o gaúcho criou a sua Esparta chimarrona – brancos e negros, espalhados pelo campo aberto, não puderam, na maioria dos casos, conhecer os folguedos da vida sedentária, nem se constituíram em grupos muito numerosos. Numa estância do período áureo do pastoreio, uns poucos peões e um capataz enérgico eram mais do que suficientes para dar conta do trabalho. A mulher do povo, nesse tipo de sociedade, era antes a “índia” que a negra. Depois, com os casais açorianos, a agricultura nunca foi um negócio brilhante, a reclamar forte contribuição do braço escravo; limitava-se a garantir o abastecimento interno. Com as colônias alemãs e italianas, do mesmo modo, não se deu ao negro a oportunidade de crescer em grupo, ao ritmo das senzalas nordestinas. Só nos portos e charqueadas mais

próximos do litoral, o trabalho servil teve do ponto de vista grupal uma expressão numérica mais significativa.

O parágrafo lido agora confirma que a análise realizada por Guilhermino Cesar não é de tipo apenas relacionada a elementos naturais, ou apenas sócio-econômicos: ficam bastante explicitadas as circunstâncias geográficas naturais que formataram o comportamento dos gaúchos, suas atividades econômicas, suas formas de organização e o papel do negro nesse tipo de sociedade. Fica claro que não existem muitas semelhanças entre as circunstâncias daqui e de lá (campanha gaúcha e nordeste monocultor, respectivamente), e que para compreender os fenômenos, o olhar tem de ser abrangente.

O parágrafo também constroi, numa capacidade sintética muito evidente em Guilhermino Cesar, um panorama das *presenças* detectáveis na construção da sociedade gaúcha: a expressão *Esparta chimarrona*, de grande felicidade, dá conta do pampa; e é seguida de referências às migrações de diversos tipos.

Não espanta, por conseguinte, que seja tão escassa a presença do negro nas manifestações do folclore gaúcho. Faltando-lhe coesão cultural, por via da contigüidade e da fixidez no espaço físico, segundo uma concepção sedentária de vida que exclui a aventura das longas tropeadas e das guerras intermináveis, o negro escravizado no Rio Grande do Sul não parece atuando grupalmente senão em raríssimas ocasiões. Foi preciso vir a Revolução Farroupilha para que isso acontecesse. De fato, os lanceiros negros, comandados por David Canabarro, configuraram a expressão coletiva de um sentimento de liberdade que o idealismo republicano, exacerbado nos campos de Seival, iria alimentar generosamente com a melhor seiva do federalismo oitocentista. Mas é preciso atentar nisto: sem o auxílio da média burguesia ou dos chefes de clã da Campanha, jamais se teria verificado coisa semelhante, pois o estatuto da escravidão era demasiado fechado para o permitir.

Esclarece-se, apropriadamente, que ao negro escravo em terras gaúchas não foi concedida oportunidade de organizar-se, em condições ordinárias. Estas ficam obviamente revogadas, quando se fala na Revolução Farroupilha.

Entretanto, conforme vimos também em artigo anterior, houve por aqui, no século XIX, vários quilombos. É certo. Mas foram demasiado efêmeros. Não subsistiram justamente por lhes ter faltado o calor moral, para não dizer a convivência de outros grupos sociais. Como ocorreu, em diferentes regiões brasileiras, com certas comunidades culturalmente marginalizadas. Aí, no interior mais remoto, mamelucos e outros mestiços de vária pinta, membros de uma sociedade despolicada, se não foram coniventes com os escravos fugidos, deixaram contudo que eles vivessem a

sua própria aventura. O certo é que a formação de uma Tróia negra, como a de Palmares, no século XVII, seria impossível na Campanha gaúcha.

Mais um esclarecimento de Historiador bem informado e que parece ouvir as possíveis colocações de um leitor também bem informado. O aparecimento dos Quilombos é uma das situações mais impressionantes da História brasileira – a forma como as comunidades de negros fugidos organizavam-se em busca de um recomeço, enfrentando a ilegalidade e a violência de seus “proprietários”. Caso alguém, lendo as observações de Guilhermino Cesar sobre a desagregação dos negros no estado, tenha se perguntado se não apareceram quilombos – uma forma reconhecida de agregamento dos negros no Brasil – a resposta já está dada e justificada.

*Ante o notável desenvolvimento dos municípios sul-rio-grandenses, em meados do século XIX, as posturas camarárias espelham com fidelidade o **status** do negro. Vejamos, para exemplificar, as do município de Cruz Alta aprovadas pelo governo provincial, como era de preceito, pela Lei n° 550, de 20 de maio de 1863. Elas proíbem ao escravo exercer a atividade além de caixeiro ou administrador de casa de negócio. Semelhante dispositivo, além de iníquo, por impedir a ascensão social de quem tivesse condições para isso, representava limitação injusta ao direito de propriedade.*

*Mas, em capítulo especial, intitulado – **Polícia sobre escravos** – a Câmara cruz-altense disciplina também as relações econômicas e sociais do negro com o seu meio. No art. 191, estatui: “Depois do toque de recolher, não poderá passear escravo algum nas ruas das povoações e estradas contíguas salvo tendo licença expressa de seu senhor, ou em companhia de pessoa decente”. Para os infratores, a pena era esta: dois dias de prisão.*

Mais uma vez, faz-se História a partir da leitura atenta de documentos facilmente “encontráveis” e, portanto, disponíveis para qualquer cidadão ou estudioso atento.

Quanto a diversões, já vimos: era vedado o batuque noturno de escravos, que só podiam dançar em dias festivos, exclusivamente durante o dia, com licença da autoridade. E jogar cartas, um escravo podia fazê-lo? Também não. Aquele que fosse encontrado de baralho na mão seria preso em flagrante e encarcerado pelo espaço de quatro dias.

Era-lhe vedado, da mesma forma, “viver sobre si” ou ter casa alugada por sua conta, sob pena de oito dias de prisão, que na reincidência seria elevada a trinta.

Em matéria de comprar e vender, só os quitandeiros tinham certa liberdade de ação. É o que diz o art. 200 das citadas posturas: “O escravo que vender, tentar vender, empenhar ou depositar quaisquer dos objetos mencionados nos artigos 149 e 150, sem licença do senhor, ou da pessoa em cujo poder estiver, será preso em flagrante e apreendido o objeto que queira vender ou empenhar e depositado até que se verifique a quem

pertence, a sendo furtado sofrerá a pena de oito dias de prisão, não se lhe fazendo efetivas outras penas. Nesta disposição não são compreendidos os quitandeiros conhecidos.”

A preocupação de Guilhermino Cesar em fazer a citação e demonstrar o reconhecimento legal de “quitandeiros conhecidos” entre os negros ajuda a demonstrar as primeiras fissuras na rigidez do regime imposto aos escravos. Torna-se evidente que sua presença na sociedade, como sujeito independente, já é admitida – ainda que, nessa mesma comunidade, seja-lhe vedada a expressão cultural.

Uma das preocupações, como é natural, da Câmara era a fuga de escravos. Pelo art. 198, a pessoa que seduzisse escravo para fugir ou o açoitasse, “além de satisfazer o prejuízo causado ao respectivo senhor, pagaria a multa de 30\$000 rs. e sofreria oito dias de prisão, que em caso de reincidência ficava elevada a trinta dias”.

Mais um destaque importante, que nos diz bastante sobre essa sociedade: a punição não incide apenas sobre o escravo, mas também sobre aquele que de alguma forma o machucasse e/ou persuadissem a fazer algo contra seu senhor.

O resto era com os capitães-do-mato. Repetindo o texto de outras posturas, determina a de Cruz Alta: “O delegado de polícia poderá criar o número de capitães-do-mato que for necessário para se ocuparem em prender escravos fugidos, nomeando-os quando lhe convenha, dando-lhes instruções para se regerem. Os capitães-do-mato apreendendo os escravos os recolherão à cadeia e cobrarão por seu trabalho a quantia de 10\$000 rs. por dia, não excedendo nunca de 20\$000 rs., além das despesas feitas com qualquer escolta que os acompanhe para fim de capturar ou conduzir escravos.”

O parágrafo anterior dá conta das regras em torno daqueles que perseguiram os escravos fugidos. Note-se que há interesse em legislar sobre todos os aspectos da presença do negro em sociedade. Nesse ponto, torna-se bastante clara a busca de Guilhermino Cesar por tratar dessa questão: o rio Grande do Sul preocupou-se em observar legalmente todas as circunstâncias possíveis da vida de um escravo no estado, prevendo as atitudes oficiais a serem tomadas.

Mas, se a administração municipal foi sempre severa, como estamos vendo, para com o negro, não agiu assim a Igreja Católica. Nessa floresta de leis proibitivas, abre-se uma clareira à compreensão e à tolerância. Com efeito, as franquias dadas a certas irmandades religiosas, compostas de pretos, contribuíram bastante para humanizar a sociedade escravocrata, criando uma convivência fraterna entre todos os membros da

*mesma confissão religiosa. Veja-se o **Compromisso da Irmandade de N. Senhora do Rosário e São Benedito, da Vila de São José de Taquari**, aprovado pela Lei provincial n° 545, de 7 de maio de 1863. Aí se prescreve que “para Irmão Rei sempre se elegerá um Irmão preto, bom católico” e “para Irmã Rainha uma Irmã preta de bons costumes”.
Ainda bem.*

Esse trecho final deixa de lado as leis – na opinião de Guilhermino Cesar, severas e restritivas demais – e prefere mostrar a postura da Igreja. O autor parece satisfeito com a suposta igualdade oferecida aos negros, e enxerga as ações da Igreja muito mais efetivas, no sentido da tolerância, do que as descritas pelas leis. Deve-se considerar, em especial, o fato de que as leis que realmente não deixam confusos os direitos e deveres, quando se trata do negro, tampouco deixam espaço para qualquer via alternativa, no que se refere à sua presença. A análise exposta evidencia a importância da instituição religiosa naquele contexto histórico específico – e deixa evidente, para os pesquisadores atentos, que a Igreja pode ser uma fonte inestimável de documentos, na busca pela compreensão do período.

O interesse de Guilhermino Cesar pela História gaúcha se deu por diversas circunstâncias: as especificidades da mesma, moldada pelas relações controversas entre as coroas espanhola e portuguesa; a profusão de fontes ainda não analisadas convenientemente pelos historiadores; as circunstâncias incomuns da formação do Rio Grande do Sul, com as acomodações necessárias a uma sociedade movida pela pecuária e estruturada pela presença de índios, negros e brancos de diferentes etnias e com interesses diversos.

Para encerrar a análise de artigos, vamos observar a construção daquele que trata justamente de uma forma “alternativa” de fazer História – estudando outras formas de expressão de um povo.

O artigo se chama *Fontes da Dialectologia Gaúcha*, e foi publicado originalmente a 09 de agosto de 1975.

A dialetologia sul-rio-grandense começou... quando? Tenho medo de arriscar uma data. Segundo verifiquei pela leitura do manuscrito de Ferreira de Sousa, arquivado em Évora (1), muito antes do Tratado de Santo Ildefonso (1777) já se fazia a recolha de termos e expressões peculiares ao nosso falar regional. O cirurgião-mor do 1° Regimento do Rio de Janeiro, estanciando nas cercanias da barra do Rio Grande pelo espaço de quatro anos, teve a sensação despertada pelo pitoresco com que se exprimiam os naturais da terra. Por isso mesmo, apesar de muito ocupado com os seus doentes, aplicou-se a tomar nota de palavras e

expressões mais típicas. Daí resultou um elenco relativamente modesto, quase que restrito a coisas da vida campeira.

A abertura do texto já mostra que se trata de um artigo bastante *faceiro*: Guilhermino Cesar diverte-se com os acasos e as iniciativas isoladas que acabaram constituindo muitos dos elementos mais importantes para a composição da História gaúcha. A nota a que se refere o (1) é a seguinte:

(1)Francisco Ferreira de Souza, Descrição à (sic) Viagem do Rio Grande. Códice CXVI/ 1-2, 31 fls., copiado por mim na Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora. Portugal.

Ou seja, trata-se de artigo resultante de pesquisa realizada pelo próprio Guilhermino, o que ressalta seu interesse pessoal pelo assunto tratado – no caso, as diversas e, por vezes surpreendentes, formas através das quais as informações podem se apresentar ao investigador.

Veio depois, em 1786-1787, o Diário Resumido do Dr. José de Saldanha, engenheiro lisboeta, de formação coimbrã, contratado para trabalhar na demarcação de limites conseqüente do Tratado de Santo Ildefonso. Ao longo de suas observações topográficas, ocorreu muitas vezes ao ilustre engenheiro defrontar-se com palavras de uso cotidiano que lhe eram inteiramente estranhas. Registrou-as. E embora as defina de modo mais perfeito do que o cirurgião-mor, sua colheita é contudo muito escassa. Mas teve o mérito de abrir caminho, antecipando-se de muito a outros observadores, aquém e além da raia meridional.

O relato sobre os precursores continua, evidenciando o valor das anotações feitas com presença de espírito – uma vez que não se trata de estudiosos especializados, mas de homens dedicados e diversas atividades e dotados de curiosidade e método.

*Aos portugueses devia soar como coisa bárbara o linguajar gaúcho. Idêntica impressão de estranheza deve ter tido outro natural da península ibérica, essa curiosa figura de letrado que foi José Marcelino da Rocha Cabral, que se fixou na vila de Rio Grande, em 1831, fugindo à opressão absolutista. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, trouxe consigo um excelente pecúlio cultural. Espírito indagador, afeito ao estudo das ciências do homem, interessou-se pelo que viu e pelo que não viu. Quem quiser conhecê-lo melhor pode recorrer a vários autores: ao dicionário bibliográfico de Inocêncio, a J. Galante de Sousa (O Teatro no Brasil) e ao nosso Abeillard Barreto. Este, na **Bibliografia Sul-Rio-Grandense**, estudou-o em sumarento verbete. Por aí ficamos sabendo que, mal havia chegado, Rocha Cabral fundou a “Sociedade Promotora da Indústria da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul” e editou **O Propagador da Indústria Rio-Grandense**, jornal que durou de janeiro de 1832 a março de 1834. O presidente Fernandes Braga, reconhecendo-lhe os méritos, designou-o para uma tarefa especial – a de “Encarregado da Estatística da Província”. No exercício dessa missão pioneira (pois até então o governo provincial não havia pensado em oficializar a Estatística), Rocha Cabral traçou planos excelentes, que não chegaram, porém, a*

executar-se, em parte devido à inquietação política precursora da Revolta dos Farrapos. De outro lado, reinava por aqui uma xenofobia descabelada; e os portugueses eram o alvo predileto dos liberais. Rocha Cabral, coitado, era uma vítima do absolutismo monárquico; naquela hora, porém, não se faziam distinções dessa ordem. Bastava ser português, e pronto; todos lhe viravam as costas.

Como já se anunciava no começo do artigo, segue a pesquisa de fontes bem documentada e comentada com qualidade, sem nunca deixar de lado a cor das metáforas e expressões: nenhum termo sisudo seria tão descritivo quanto “coisa bárbara”, “pelo que viu e pelo que não viu”, “sumarento verbete”, e a ótima “xenofobia descabelada”.

Desta sorte, a luta que enfrentou não foi pequena. Portugueses ricos ampararam-no, como é o caso de Antônio José Gonçalves Chaves, o autor das Memórias Econômico-Políticas, mas a sua ação de jornalista (ou antes, de publicista interessado em assuntos econômicos) não poderia ir muito longe por aqui, não só pelo acanhado do ambiente, como pelas incompreensões políticas que o esbraseavam.

Como sempre, a análise não é condescendente: o preconceito, a mesquinhez e a visão curta, ainda que justificáveis pelas circunstâncias, aparecem como empecilho para o sucesso das iniciativas de uma figura histórica que, de outra forma, poderia ter colaborado muito para a organização do território.

*O certo é que, sobrevivendo a Revolução de Vinte de Setembro, Rocha Cabral foi forçado a deixar a província; no séquito de Fernandes Braga, o presidente deposto, foi para o Rio de Janeiro. Na Corte, sua atividade marcou época. Fundador e primeiro presidente do Gabinete Português de Leitura, manteve ali um excelente jornal, **O Despertador**, “diário comercial, político, científico e literário”, de cuja redação fez parte Francisco de Sales Torres Homem. Mas, entrando em concorrência com o Jornal do Comércio, a nova gazeta acabou perdendo a partida e foi fechada em 1841. José Marcelino mudou-se, desgostoso, para o interior de Minas, onde exerceu a advocacia. Faleceu moço, em 1850, aos 44 anos de idade.*

*Esse homem de energia interessou-se vivamente pelo seu trabalho no Rio Grande, como faz prova o **Relatório Motivado sobre a Estatística da Província de São Pedro**, que apresentou ao presidente e do qual há duas edições, uma rio-grandina, outra carioca... (1836). Valendo-me do resumo dado por Abeillard Barreto, vejo que Rocha Cabral incluiu entre os itens de seu inquérito o estudo da linguagem regional. Esse fato me teria passado despercebido se eu não viesse a conhecer depois um curioso documento relacionado com o assunto e hoje pertencente ao Arquivo Varela.*

Termina nesse ponto a deliciosa digressão que nos permitiu saber da vida de Rocha Cabral, personagem sem fama, mas de iniciativas deveras interessantes, e que viveu em um período bastante complexo do século XIX, para o Rio Grande do Sul e o Brasil. Após os esclarecimentos biográficos, explica-se que o tema do artigo, a Dialetolegia em território

gaúcho, emerge das atividades de Rocha Cabral e é colocada à luz, graças a pesquisas de Guilhermino:

Necessitando de informações seguras a esse respeito, José Marcelino apelou para o seu patrício Gonçalves Chaves, radicado em Pelotas, e este, sem tempo para maiores investigações, pediu a ajuda de um amigo, o mineiro Domingos José de Almeida. Conforme se vê no trecho inicial da seguinte carta:

“Ilmo Sr. Dr. José Marcelino da Rocha Cabral.

“Pelotas, 25 de agosto de 1834.

“Em cumprimento a sua prezadíssima carta de 23 de maio p.p. fiz logo a remessa a V. Sa. das Memórias, e disposto a fazer todo possível por satisfazer ao seu ofício de 28 do mesmo mês, fiz algumas diligências, tanto quanto me podia permitir minha vida pressionada de coisas domésticas, e insuficiente de luzes. Depois de conferir idéias com alguns amigos entendi-me aqui com nosso Amigo José Maria Roiz, a quem V. Sa. me tranqüilizou sobre urgência, assegurando-me que bastava que quando ele voltasse tratássemos conjuntamente deste negócio, e ficamos assim ajustados; contudo, vendo agora, que ainda continua a demora deste nosso bom amigo em chegar, sobrevindo-me demais a precisão de uma viagem, em que não posso bem saber por ora a demora que poderei ter, deliberei-me, a enviar a V. Sa. o escrito junto que sendo-me fornecido a codjuvar-me, e isto na intenção de que eu tirasse dele o que quisesse, pareceu-me que apenas eu poderia adicionar as poucas notas, que do mesmo constam, ficando reservado ao saber de V. Sa. Ilustrar tudo, como melhor condizer. [...] De V. Sa. o mais afeiçoado amigo e obrigado criado – Antônio José Gonçalves Chaves”.

A apresentação da carta por Guilhermino é feita utilizando os prenomes dos envolvidos; trata-se, mais uma vez, de conversas nada científicas – uma carta trocada por amigos, acompanhada de documentos que um solicita ao outro, à guisa de curiosidade; as notas e comentários do remetente, mostrando o quanto o debate o interessa; e o resultado é um documento precioso para o pesquisador.

Em folhas separadas, consta o material recolhido, os “Nomes e Termos Usados na Província do Rio Grande”. A primeira parte desse documento foi escrita de próprio punho por Almeida. Abrange os seguintes vocábulos: alçado, apeiros, arrear, arreios, bolas (referindo-se a boleadeiras), bagual, boi (“o boi manso para o carro”), barrigueira, barroso (cor de animal vacum), calolindo (“cavalo bem feito”), carona, colorado, coxonilho, cherga, chergão, chucro, churriado (cor de animal vacum), delicoso (“cavalo arisco”), entrepelado, ensilhar, fiador, gateado, gatear (“esperar pelas damas no lugar por elas indicado”), ginete (o cavaleiro), graxear (namorar), jaguané (“o animal vacum pintado”), lazão (variante de alazão), libuno, lombilho, lunanco, maceta, malaia (interjeição equivalente a “qué pucha!”), maneia, mancador, matungo, melado (pelo de cavalo), osco, oveiro, pampa, pampeiro (vento), pangaré, parrelheiro, pastor (cavalo reprodutor), pealo, pelego, petiço e a variante patiço, picaço, pingo, potrilho, potranca, potro, rebenque, rincão, rengo, rodeio, rodomão, rotobar (por retovar), rosilho, salino (cor de pêlo de animal vacum), cincha, cinchar, sobrecincha, terneiro, teatino, tirador,

travessão (tira de couro), tordilho, tordilho negro, vermelho (cavalo castanho), ximbé, zaino, etc. Gonçalves Chaves acrescentou à lista os seguintes: espaldilhado (“o animal manco da espádua”), coxilha, graxa, campear, recrutar, churrasquear, churrasco, sargento (“pedaço de carne estendida e espetada quando se assa”), galopeada, reiúno, charque, banhado, sanga, moço monarca (“homem a cavalo em arreios ricos, isto é, muito granecidos – sic – de prata”), gerreitar (por jarretar), orqueta (variante de forqueta, de certo por influência espanhola), etc. Todos estes termos estão acompanhados das respectivas definições, algumas das quais reproduzimos, sumariamente, entre parênteses.

As observações finais de Chaves são também interessantes:

“É provável que me falte enumerar muitos nomes, que compõem nosso jargão, ou geringonça, mas seria preciso muito tempo e uma curiosidade maior do que a de que eu sou capaz para fazer essa enumeração.

“Ordinariamente na Campanha se fala mui descansadamente. O acento da voz nada tem de comum com o das outras Províncias. Há lugares, como o Povo Novo e Piratenim (sic) que ainda se ressentem do acento da voz dos Açores, por serem povoados com famílias daquelas Ilhas.

*“Não preciso dizer que nas grandes povoações se fala sofrivelmente o português, e ainda entre algumas famílias na Campanha; o restante é que se ressentem um pouco da vizinhança dos espanhóis e paulistas, primeiros povoadores da esquerda da Lagoa dos Patos, e continuamente, emigrados para esta Província a demandar trabalho, daí vem que um despenhadeiro se chama **Taimbé**”.*

São citações breves, que acompanham o ritmo amigável e curioso do texto. A listagem reproduzida, em especial, devia despertar muitos sentimentos no leitor gaúcho: muitos cidadãos que viviam na capital do estado tinham família no interior, e muitos dos vocábulos mencionados deviam ser familiares, provocar sorrisos e comentários (lê-los ainda hoje os provoca). Cabe ainda comentar o valor da iniciativa de divulgar estudos que envolvem o sotaque e o vocabulário gaúchos, em uma época em que a sociolinguística brasileira mal engatinhava⁸⁶. Guilhermino Cesar tem a ousadia de incluir, como elemento de interesse para o historiador, a leitura de depoimentos pessoais, realizados por leigos e expressos em cartas pessoais. Esse procedimento reforça a importância da *interpretação* dos documentos disponíveis, a fim de constituir a História gaúcha.

Tudo isso é muito interessante e comporta longas notas, que não cabem neste artigo, cuja finalidade é dar notícia do documento, para o qual convoco a atenção dos especialistas.

Um assunto tratado com leveza – mas não de forma irresponsável ou pueril – é sugerido aos “especialistas”. Dessa forma, o leitor, que a esta altura está encantado com

⁸⁶ O professor Bunse já ministrava uma disciplina... importância em divulgar os mrumos da Academia, em terras gaúchas.

a informação de que seu próprio conhecimento de boa parte do vocabulário listado o relaciona de forma íntima à História do estado, vem a saber que essa forma de conhecimento deveria merecer a atenção de historiadores *de verdade*...

Como se pode perceber, o estudo da História propriamente dita, e em especial da História gaúcha, era divulgado como não apenas uma necessidade do ponto de vista do conhecimento, mas também como um campo propício a uma série de procedimentos de pesquisa não muito aproveitados, naqueles dias. Em diversos trechos pode-se notar a valorização da pesquisa cuidadosa, da leitura analítica e detalhada de documentos e outras fontes. Os artigos enfatizam a disposição do pesquisador, que deve se dar ao trabalho de ler as fontes e delas extrair as informações – não se dedicando apenas à leitura de trechos citados e obras de referência.

Além disso, não se pode deixar de comentar a valorização do historiador como sujeito que é capaz de realizar o trabalho de análise e de síntese das informações à disposição. O trabalho intelectual de interpretação de documentos exige não apenas uma disposição específica de espírito, mas um perfil de pesquisador que se aproxima mais do enciclopedismo do século XVIII do que – digamos – do cronista de jornal do século XX. No entanto, parece-nos que Guilhermino Cesar está desenvolvendo seu trabalho a partir da noção de que se deve considerar possível a associação de trabalho de pesquisa qualificado e aprofundado com *divulgação* – principalmente em uma sociedade que possuía tradição de grupos intelectuais em atividade, mas que precisava formar e manter um público leitor, a partir de iniciativas que resistissem aos apelos da mídia eletrônica.

Guilhermino Cesar certamente sabia que é natural que o cidadão médio não possua o cabedal de conhecimentos do historiador, mas escreve de forma a acreditar que esse cidadão deve se habilitar a acompanhar o processo de produção do conhecimento, dentro de limites aceitáveis. Assim, acontece a disposição para compartilhar o conhecimento específico – com quem quer que esteja disposto a acompanhar uma reflexão qualificada, e não esteja esperando por um esquema superficial e simplificado. Essa mesma postura está presente na obra poética de Guilhermino Cesar – ou seja, ela permeia a sua relação com a Literatura.

3-LITERATURA EM PRAÇA PÚBLICA

Ora, ninguém escreve páginas dessa categoria nos repentinos da precocidade. Vejam Grazia Deledda, ou Joyce; vejam Macunaíma ou os Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Só o vivido dá a segurança (...). Não tentem, os imaturos, seguir por essas veredas antes de sofrer, antes de consumir muito papel. A lição é velha. E renova-se todos os dias, como está em Carlos Drummond de Andrade: Lutar com palavras / é a luta mais vã. / Entanto lutamos / mal rompe a manhã.

(Conversa de Lobisomem, 19/06/1971)

No capítulo anterior, tratamos do resgate de recursos do fazer histórico, demonstrados e debatidos por Guilhermino Cesar nas páginas do Caderno de Sábado. Outra forma de resgate, sobre a qual vamos nos deter agora, é aquela que o professor realiza nas páginas semanais, ao tecer comentários em torno da Literatura. A partir de análises de escritores clássicos e de jovens estreados, a visão privilegiada do crítico literário acadêmico se coloca acessível ao leitor leigo.

Esse movimento de levar o debate literário para os jornais não é inédito no Brasil: remete à tradição romântica de debates literários nos jornais. Obviamente, as circunstâncias são bastante diferentes, o que determina tanto métodos quanto objetivos diferentes.

A chegada da imprensa ao Brasil, tornada possível pela vinda da Família Real em 1808, agilizou a divulgação de informações e opiniões – o que teve traços de revolução cultural, junto a uma população acostumada a esperar meses para receber material impresso vindo da Europa. A popularidade do jornal se estabeleceu rapidamente, não só entre intelectuais e pensadores, mas entre toda a gama da população que podia ler ou ouvir alguém lendo o jornal.

A presença da imprensa e de publicações diárias alimenta os debates literários, culturais e políticos que podem evoluir muito depressa, com respostas e contra-respostas; abre espaço para o chargista e o cronista, capazes de fazer referência a fatos recentes; garante publicidade ao debate romântico que procurava estabelecer uma identidade nacional; criou a paixão pelo folhetim. Todos esses elementos ajudaram a colocar o jornal numa posição de destaque no contexto cultural brasileiro, e possibilitaram a criação de pelo menos duas tradições relacionadas ao literário.

A primeira é o debate de ideias, conceitos e estilística – que entusiasmava a todos os que estivessem dispostos a acompanhar um debate mais exigente. Esse debate

partia muitas vezes da forte necessidade de julgar as obras por critérios de brasilidade, mas logo ganhou contornos mais amplos; a segunda tradição é a de leitura e audição de narrativas, o que parece ter contribuído para a constituição de um gosto popular pela narrativa de traços românticos – e para a instituição da telenovela⁸⁷.

A situação, um século e meio depois, é bastante diferente, como sabemos. O jornal está abertamente procurando o caminho da linguagem direta, objetiva e simplificada, em nome da democratização do público leitor. A imprensa brasileira está se dividindo entre as opções editoriais que surgem – o *standard* e o tabloide –, selecionando os próprios profissionais que vão trabalhar nos jornais de acordo com a sua formação. Dessa forma, os tabloides dão preferência a jornalistas diplomados, cujo texto “enxuto” é adequado para as dimensões do jornal moderno, e para um tipo de leitor sem a formação oitocentista que se esperava de gerações anteriores de leitores.

O perfil do *Correio do Povo* segue o *standard*, e suas dimensões preservam a possibilidade de aprofundamento dos temas tratados. O suplemento cultural, Caderno de Sábado, concede uma página inteira a Guilhermino Cesar, e a variedade de seus escritos deixa claro que o espaço deveria ser utilizado à vontade, para o tratamento aprofundado dos assuntos escolhidos. Eventualmente, Guilhermino Cesar utiliza ilustrações e fotocópias que lhe interessam, disponibilizando-as para o leitor. O espaço gráfico ainda lhe permite reproduzir poemas e trechos em prosa, e comentá-los longamente. Dessa forma, o leitor tem a possibilidade de acompanhar o trabalho do analista, que se despe das formalidades acadêmicas para mostrar as possibilidades encantatórias do texto literário.

É muito importante destacar que, nesses processos de resgate e disponibilização das informações e argumentos, não se pode jamais afirmar que haja *simplificação* dos conteúdos. Guilhermino Cesar faz jus ao perfil do jornal *standard* e à sua própria herança erudita, que justificava, até meados do século XX, a presença de intelectuais de renome e sem formação específica escrevendo para os jornais – o que foi chamado, posteriormente e com certo tom pejorativo, de *impressionismo*. Ele resiste à linguagem do jornal moderno, que procura oferecer notícias velozes e repletas de dados “objetivos”, retirando ao máximo a presença humana de quem escreve a matéria, e

⁸⁷ Tema abordado por Guilhermino Cesar em artigo de 15 de julho de 1978, *Elogio do Folhetim e da Telenovela*. O artigo em questão destaca a qualidade da novela brasileira, ao mesmo tempo em que chama a atenção para o potencial educativo de um meio como a televisão – e, portanto, de seu subaproveitamento.

deixando de fora do texto de jornal qualquer aprofundamento que exija esforço por parte do leitor comum⁸⁸.

A informação que circula em uma sociedade fria e de relações superficiais é um dos elementos mais criticados na poesia de Guilhermino Cesar; portanto, a abordagem no jornal de temas em princípio “difíceis” (como os clássicos da Literatura) parece ser encarada pelo escritor como um desafio para si e para os leitores. Não se trata simplesmente de levar informações, nem de “dar aula”, mas de construir o conhecimento aos olhos do leitor, utilizando técnicas que passam pela afetividade, pelo lirismo e pela erudição, numa linguagem adequada mas qualificada.

O tratamento dado à Literatura, nos textos para o Caderno de Sábado, surpreende por sua distância do tom pedagógico, uma vez que Guilhermino era um dos docentes mais respeitados nas áreas humanísticas da UFRGS, naquele momento, e pensador de destaque no Brasil e em Portugal. O espaço é dedicado mais ao debate de autores preferidos, à revisão historiográfica e à análise e resenha de lançamentos. Por vezes, o debate se aprofunda, mas sempre dando conta da possível variedade dos leitores; em momento algum se percebe o tom frequentemente arrogante de quem se considera um sábio e se sujeita a compartilhar um pouco do que sabe – pelo contrário, parece ser um prazer escrever sobre uma de suas grandes paixões sem as amarras formais frequentemente exigidas nas publicações acadêmicas.

3.1-Os assuntos preferidos nas publicações anteriores

Desde a década de 1960, a contribuição de Guilhermino Cesar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul dava conta de uma série de atividades, em diferentes áreas do conhecimento. No entanto, sua presença foi marcante na fundação do Instituto de Letras, em 1970: participou da organização do novo curso quando este foi desligado da Faculdade de Filosofia, auxiliou na composição dos Departamentos e foi docente de Literatura Brasileira – o que inclui dar aulas, palestras e realizar atividades de orientação em graduação e pós-graduação. Inserido no meio acadêmico, lançou diversas publicações, durante essa década, dando testemunho dos temas que pareciam mais interessar às suas pesquisas.

⁸⁸ Essa forma de resistência pode ser aproximada com segurança do conceito de *resistência* que Alfredo Bosi construirá no ensaio ‘Poesia-resistência’, publicado em *O ser e o tempo da poesia*, livro de 1977 – mesmo ano de *Sistema do Imperfeito*.

O primeiro texto é publicado em 1965, em Coimbra, e surge exatamente no período de maior trânsito de Guilhermino Cesar entre Brasil e Portugal⁸⁹. Trata-se de um dos ensaios considerados de maior originalidade, no que se refere ao tema do Barroco, no Brasil. *O barroco e a crítica literária no Brasil* parte da observação das especificidades do contexto social das Missões na campanha gaúcha para analisar as realizações artísticas locais. Trata-se de observar as circunstâncias que propiciaram o surgimento de resultados artísticos que podem ser considerados barrocos em uma parte conflituosa e ainda pouco estudada do território brasileiro. A alteração no foco costumeiro, saindo do Nordeste e voltando-se para o Sul, permite uma visão mais ampla do processo civilizatório em que o Brasil esteve envolvido em seus primeiros séculos de existência oficial. Além de, mais uma vez, inserir o Rio Grande do Sul no mapa brasileiro – o que parece não acontecer com muita frequência, naquele momento.

Cabe citar aqui a importância do trabalho de Guilhermino Cesar junto à Universidade de Coimbra. O depoimento da professora Maria Aparecida Ribeiro, em *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*, mostra bem a imagem positiva que o professor deixou por lá, e que era reforçada a cada trabalho qualificado executado por ele:

Como “sucessora” de Guilhermino, ouvi muitas observações de vários de seus ex-colegas e ex-alunos. Praticamente todos o indicavam, embora sutilmente, como um exemplo a seguir. (...) como notou o Doutor Morujão ao fazer-lhe o elogio como candidato a Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, Guilhermino era “o brasileiro que, apagando muitos mal-entendidos, foi o embaixador discreto e eficaz da sensibilidade e inteligência das Terras de Santa Cruz”.

(p. 158)

No ano de 1966 aparecem dois trabalhos publicados em Porto Alegre, fazendo parte de coletâneas de textos a respeito de autores escolhidos: o primeiro é Benedetto Croce, e segundo é Euclides da Cunha.

O italiano é um dos teóricos da preferência de Guilhermino Cesar, e é importante que se faça referência ao profundo interesse do professor pela teoria e pela literatura italianas. Elas são referidas em diversos artigos para jornal, desde as produções dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, que preservam seus dialetos natais, quanto publicações de teóricos reconhecidos, como Gramsci e o próprio Croce. O texto a que nos referimos chama-se *Pensamento e Ação de Benedetto Croce*, e foi publicado como separata em 1966. O estudo de Guilhermino trata tanto do Croce crítico quanto do Croce

⁸⁹ Guilhermino Cesar recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Coimbra em 1966.

historiador – ponto em que se percebe a admiração pela forma independente como o italiano analisava a História. Merece grande destaque o fato de Croce não acreditar na isenção total do estudioso, cuja leitura, longe de ser neutra, é decisiva para o ordenamento necessário ao relato histórico – assim, todo historiador assume a responsabilidade pela forma como interpreta os fatos de que trata.

O texto sobre Euclides chama-se *A visão prospectiva de Euclides da Cunha*, e trata de *Os Sertões* como ‘obra-estuário’, ou seja, composição que sintetiza diversas correntes de pensamento que se apresentavam com força no Brasil de fins do século XIX. O autor seria retomado no Caderno de Sábado em 22 de julho de 1972, no artigo *Euclides e os Profissionais-Artistas*, que trata de uma perspectiva bastante original – a singularidade da formação e das atividades dos escritores e a influência dessas em sua produção artística.

Em 1968, são publicados, em Porto Alegre, três traduções relacionadas especificamente à Teoria Literária e à Historiografia. A primeira é o estudo crítico *Bouterwek – os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*. Trata-se da tradução da análise da Literatura Brasileira realizada pelo autor. O trabalho se insere em um dos resgates de teóricos estrangeiros pouco conhecidos mesmo entre os especialistas brasileiros.

O segundo é *Simonde de Sismondi e a literatura brasileira*, que retoma um dos críticos e teóricos românticos que tratou da incipiente Literatura Brasileira, levando-a ao conhecimento de grandes figuras de renome europeu para o movimento romântico, como Madame de Stäel.

Tem-se ainda *Resumo da História Literária do Brasil de Ferdinand Denis*, que disponibiliza para o público brasileiro – à maneira que Guilhermino faria com a Literatura Gaúcha – os comentários de outro historiógrafo pouco conhecido, à época, mesmo nos meios acadêmicos brasileiros⁹⁰.

Nota-se, então, que 1968 é um ano dedicado à busca por fontes de historiografia literária. À semelhança de seu fazer histórico, Guilhermino Cesar busca em historiógrafos da Literatura, que viveram em determinados períodos de interesse, a opinião dada no calor da ocasião, e procura analisar com justiça o trabalho desses homens no sentido de

⁹⁰ Em 1978, as três obras foram reeditadas no volume *Historiadores e Críticos do Romantismo*, com seleção e apresentação de Guilhermino Cesar.

corajosamente organizar informações relevantes – sabendo da dificuldade de fazê-lo, devido à proximidade cronológica dos fatos⁹¹.

O ano de 1969 traz outras três produções, sendo pelo menos duas delas significativas de trabalhos que seriam desenvolvidos no decorrer dos anos seguintes.

A primeira, *O “brasileiro” na ficção portuguesa: o direito e o avesso de uma personagem-tipo*, foi publicada em Lisboa, e marca o início do interesse de Guilhermino Cesar em um formato de personagem bastante comum na ficção portuguesa, e que ele considerava merecer a atenção dos analistas. O termo “brasileiro” se refere à forma como os portugueses denominavam seus compatriotas que retornavam do Brasil, para onde haviam partido em busca de sucesso econômico. A análise de Guilhermino Cesar trata de um ponto de vista original, que é a visão lusa a respeito de portugueses que ainda percebiam o Brasil como uma terra de riquezas e oportunidades. Normalmente, os críticos brasileiros se dedicavam a leituras a respeito da forma como os autores *brasileiros* construíam seus personagens *portugueses*. A proposta de Guilhermino implica uma visão mais sociológica, pois leva em conta o lugar social reservado, no imaginário luso, para um tipo específico. A estreia desse assunto no Caderno de Sábado seria em 19 de outubro de 1968, em um dos textos anteriores à colaboração semanal. O tema seria retomado em 25 de novembro e 02 de dezembro de 1972, em artigos da colaboração semanal.

Ainda em 1969 é publicado o livro *João Guimarães Rosa*, e Guilhermino Cesar colabora com o ensaio *João Guimarães Rosa em Família*. Trata-se de um dos autores de maior admiração de Guilhermino Cesar; e pode-se inclusive notar que muitas das observações que faz a respeito da estilística do conterrâneo encontram eco em sua própria produção. Este ensaio dá especial atenção à questão da *enumeração*, contando com análises de trechos da obra rosiana; o leitor de Guilhermino Cesar pode encontrar esse mesmo recurso tanto na prosa do Caderno de Sábado quanto na poesia, com destaque para *Sistema do Imperfeito*. O mesmo tema seria retomado, na colaboração semanal, em 21 de junho de 1975.

A última publicação de 1969 trata de outro tema extremamente importante para a produção de Guilhermino Cesar com relação às coisas do Rio Grande do Sul. Trata-se de seu livro *Qorpo Santo – As Relações Naturais e outras comédias*. O ineditismo e a qualidade da pesquisa, seleção e organização da obra do então desconhecido dramaturgo gaúcho quase foram obscurecidos por questionamentos éticos feitos publicamente contra

⁹¹ Guilhermino Cesar manifesta em diversos textos sua admiração pelo estudioso que debate, sem temor, os assuntos da ordem do dia. Vamos nos deter nesse aspecto no Capítulo 4 deste trabalho.

o professor, por parte do jornalista Aníbal Damasceno, que se considerou injustiçado na edição final do trabalho. Tanto Guilhermino incomodou-se com a acusação que redigiu uma série de textos para o próprio Caderno de Sábado, publicados a 17, 24 e 31 de agosto, e 07, 14 e 21 de setembro de 1968. Ou seja, antes da publicação de sua obra, o professor veio a público defender a seriedade de seu trabalho e justificar a forma como seria publicado, o que atesta seu respeito à opinião pública gaúcha do período⁹².

O ano de 1970 tem a publicação de *A vida literária*, artigo incluso na publicação *Minas Gerais: Terra e Povo*. Na publicação similar a respeito do Rio Grande do Sul, Guilhermino Cesar ficou responsável por escrever o capítulo sobre a História; sobre seu estado natal, coube-lhe tratar da Literatura. Essa diferença atesta mais uma vez seu reconhecimento como um grande conhecedor de diversos aspectos da formação cultural brasileira.

3.2-Antecipando grandes nomes

Um dos aspectos mais interessantes das contribuições realizadas por Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado está nas resenhas sobre obras de autores jovens. Não parece se tratar de encomenda, pois o tom de satisfação ao detectar autores promissores é bastante evidente, nestes artigos.

É o caso de *Semana Cheia*, publicado em 20 de dezembro de 1980, e que trata do segundo livro de Julieta Drummond, chamado *Um Buquê de Alcachofras*. Após retomar suas opiniões sobre seu primeiro livro (chamado *A busca*, e que Guilhermino lembra ter resenhado, na ocasião de seu lançamento, na Província de São Pedro), há transcrição e comentários da epígrafe e da dedicatória do livro. O artigo é uma grande sedução, no que diz respeito à leitura, e como golpe final, em parágrafo final, separado do restante do texto, temos isto:

Perguntará o leitor: qual a razão do título – Um Buquê de Alcachofras? Bem, isto vem devidamente explicado no texto. Quem quiser decifrar a charada, leia-o, que eu não conto não.

Como se vê, o professor negaceia a informação porque não está tratando o livro apenas como um objeto de análise fria, do qual se poderia revelar cada trecho sem comprometimento do prazer da leitura. Dá-se importância ao ato de leitura em si, à

⁹² Para detalhamento a respeito da obra de Qorpo Santo e da participação de Guilhermino Cesar em seu resgate, ver os trabalhos de Luis Francisco Wasilewski, em especial aquele publicado em *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte* (cf. referências). Luis Francisco foi nosso colega de pesquisa, no Instituto de Letras da UFRGS, entre 2002 e 2005.

curiosidade e ao prazer descomprometido de quem lê para se divertir também com uma trama interessante e surpreendente.

A celebração de autores que deveriam merecer maior conhecimento do público é frequente. Um exemplo está no texto *Conversa de Lobisomem*, de 19 de junho de 1971. O parágrafo de abertura deixa bem clara a admiração de Guilhermino Cesar pelo livro:

Numa ficção pobre de valores universais, o segundo romance de José Cândido de Carvalho, aparecido há sete anos, contraria certa tendência que ameaçava desaguar no aliterário. Ou antes, no documento apressadinho, desejoso de comunicação imediata à maneira das “gazetas de imprensa” (a expressão é de Ponciano de Azevedo Furtado, o narrador-personagem). Pois este livro quer colocar o mundo por meio de uma colocação romanesca que avulte primordialmente a recriação estética da linguagem. Graças a esse esforço bem sucedido, aninha-se ele num plano de larga ressonância, ou melhor, planta-se no quadro ficcional com a força dos brutos: para gerar espanto e aliciar imitadores. Tal façanha lingüística, por si só, seria bem pouco significativa se o Coronel Ponciano não tivesse, em contrapartida, humanidade bastante para dar e vender. A construção, na sua totalidade, resultaria, nesse caso, em simples “bonitura” (a expressão é também dele). Mas, não; há gente no interior desse livro. Como dizem os gaúchos: Ponciano de Azevedo Furtado, oficial superior da Guarda Nacional, “tem outro por dentro”.

A transcrição das expressões pitorescas utilizadas pelo personagem (e que não exigem que se tenha lido o livro, pois Guilhermino as identifica), o elogio ao aspecto lingüístico e à representatividade da obra no panorama cultural brasileiro estão colocados lado a lado, estimulando o leitor a reconhecer a relevância do livro e partir para sua leitura. A própria utilização de uma expressão gaúcha para definir o Coronel Ponciano se torna uma estratégia de persuasão bastante efetiva. Além disso, a crítica ao jornal (*comunicação imediata à maneira das “gazetas de imprensa”*) lembra bastante o tipo de fala que o próprio Guilhermino poderia emitir.

Obviamente, o artigo não surge sem propósito. O terceiro parágrafo nos dirá, ao mesmo, tempo, o que o motiva e a razão de Guilhermino ater-se ao livro:

Por outras palavras: José Cândido Carvalho, a partir de agora um escritor de borla e capelo, poderia ter feito obra incomparável, bastando para isso que abrisse certos claros na sua floresta, dando vez à perspectiva, de modo que o leitor se pudesse fixar principalmente na beleza do grande, desprezada a vegetação de segunda ordem.

Ou seja, o escritor estava sendo admitido na Academia Brasileira de Letras, e Guilhermino Cesar o homenageia, não apenas elogiando seu livro, mas apontando o tamanho demasiado do pitoresco em sua produção. Assim, dando a entender que se trata de livro divertidíssimo, com um protagonista interessante e com diversas pequenas tramas de interesse, o professor lamenta que as digressões para o pitoresco tirem espaço justamente da figura do Coronel – que tanta humanidade deixa entrever, em suas ações e palavras.

O elogio jamais deixa de ser confirmado, apesar das observações:

*Como quer que seja, José Cândido de Carvalho se extrema pela sua perícia no emprego de uma linguagem literária admirável. Ao combinar valores poéticos, mostra habilidade artesanal de verdadeiro mestre. Alguns críticos haviam já percebido suas grandes qualidades quando da publicação de **Olha para o Céu, Frederico!** (1939), mas ninguém previu que ele chegaria a tamanha perfeição.*

A semana seguinte (26 de junho de 1971) é dedicada ao debate do mais recente romance latino-americano, *Cem anos de solidão*. O artigo se chama *Romance-Dilema, ou o Que Seja*, e aborda toda a estranheza e metáfora cultural presentes no romance de Gabriel Garcia Marquez.

O tema é retomado em *Ficção latino-americana*, artigo de 23 de junho de 1973, que trata da competência do livro de Flávio Loureiro Chaves, divulgando-o e ampliando o debate proposto:

*Para me servir novamente do mesmo Huizinga, lembro que a arte moderna se aproxima, muito mais do que a ciência, “da moderna filosofia da vida que sacrifica a compreensão da existência”. Se posso concluir por conta própria, um dos germes desse rude, instintivo romance latino-americano, é a exaltação da vida em detrimento da norma, da coerção social. Não quero saber, por ora, de que vertente nasce a linfa em que ele se abebera; se do realismo marxista, se do existencialismo cristão ou do existencialismo ateu. Sinto, porém, que do empenho em traduzir o desamparo do homem procede o pensamento codificado em efabulação por García Márquez, um Vargas Llosa, um Juan Rulfo. Mas o que também importa salientar, no caso, é a pujança do romance latino-americano com relação ao modelo francês de pós-guerra fato significativo, pois sabe-se que até então andávamos atrelados à França, como se o nosso umbigo estético houvesse de pedir sangue, obrigatoriamente, ao **boulevard**. Com a virada nacionalista da política nos anos de 30/40, provocando acontecimentos que sacudiram velhas estruturas liberais nesta parte do Novo Continente, o liberalismo burguês, de que o romance de*

*Anatole France foi um bom exemplo, caiu em descrédito. A dissolução da personalidade – na ciência, com a psicanálise; no teatro, com Pirandello e Ionesco; na ficção, com Franz Kafka e Joyce – trabalhou o terreno, em toda a América do Sul, nos últimos anos, de modo a facilitar a floração de tantos autores, alguns dos quais vêm estudados por um jovem professor e crítico porto-alegrense, Flávio Loureiro Chaves. Refiro-me ao seu livro – **Ficção Latino-Americana**, lançado recentemente pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

Colocada a questão e apresentadas algumas das ideias de Loureiro Chaves, Guilhermino Cesar prossegue reconstituindo argumentos encontrados no livro recém-lançado e aprofundando-os: ele relaciona momentos do pensamento ocidental que dão conta de produções como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o Romance de 30 no Brasil, os contos de Nathaniel Hawthorne, e autores sul-americanos injustamente desconhecidos do grande público brasileiro (e até de muitos acadêmicos), como Juan Rulfo, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e o próprio Gabriel García Márquez. O livro de Loureiro Chaves é um marco na aproximação da produção brasileira e da América de língua espanhola, pois reconhece as similaridades culturais entre os países do continente de uma forma inédita até então.

Os autores gaúchos que apareciam em cena naquele momento merecem bastante espaço, nos artigos semanais. A 22 de dezembro de 1973, o texto *Do Asséptico* teoriza a respeito de duas possíveis categorias de escritores: aqueles que constroem suas obras sob forte e facilmente reconhecível influência estilística – chamados de *sujos* –, e aqueles que exibem uma encantadora originalidade – os *assépticos*. Essa reflexão é construída para dar conta da produção *asséptica* de Luis Fernando Veríssimo enquanto cronista, que publicava seus primeiros livros naquele momento.

Moacyr Scliar tem seus lançamentos sempre comentados, e normalmente elogiados. São três artigos que tratam de seus romances: em 02 de junho de 1973, o artigo *A Guerra no Bom Fim e um Pós-Escrito* louva o livro de estreia; a 10 de novembro do mesmo ano, tem-se o artigo *Um Homem Só*, que trata de *O Exército de um Homem Só*, realizando uma leitura sociológica bastante atenta; finalmente, a 08 de novembro de 1975, o artigo *Os Deuses de Raquel* comenta o livro homônimo, mais uma vez elogiando as escolhas temáticas e estilísticas de Scliar.

O depoimento do próprio Scliar, escrito para o livro *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*, deixa clara a natureza dos artigos que tratam de sua obra, e a

importância de uma resenha escrita por figura de tal eminência a respeito de um jovem estreante:

Guilhermino adaptou-se com a maior facilidade ao RS. Começando como chefe de gabinete do governador Ernesto Dornelles, exerceu funções públicas importantes. Simultaneamente desenvolveu carreira universitária, publicou várias e notáveis obras e foi presença marcante no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, que era o porta-voz das letras gaúchas e leitura obrigatória para quem se interessava por literatura. É fácil imaginar minha emoção, portanto, quando ali apareceu uma resenha sobre *A Guerra do Bom Fim* (1972). Era a minha primeira ficção longa – até então eu só tinha escrito contos – e minha ansiedade em relação à recepção do livro era compreensivelmente muito grande. A resenha de Guilhermino não se limitava aos elogios encorajadores dirigidos a um autor ainda estreante; era uma análise cuidadosa do texto, feita com a competência de quem sabia do que estava falando. Em literatura, Guilhermino era autoridade. Mas era uma autoridade amável, a sua, uma autoridade afetiva; com ele, a arrogância (e ele teria razões para ser arrogante, se quisesse) não tinha vez. Daí o prestígio que envolvia a sua figura. Era um líder, mas um líder democrático, aberto, que não chefiava nenhuma “panelinha”; estava sempre aberto, sempre acessível. Nem sempre um grande intelectual é uma bela pessoa, mas no caso de Guilhermino esta superposição era perfeita. O que foi muito bom para o Rio Grande do Sul.

(p. 87)

Em 19 de maio de 1973, Guilhermino Cesar publica *A Ferro e Fogo*, artigo totalmente dedicado ao romance de estreia de Josué Guimarães⁹³. O tom do artigo reconhece a qualificação do escritor, dando destaque às novas formas de tratar os temas da gauchesca.

Em janeiro deste mesmo ano de 1973 temos um dos esforços de Guilhermino Cesar para a construção de uma pesquisa detalhada e progressiva, a ser publicada em jornal. Vamos reproduzir as datas e títulos:

>13 de janeiro: *Para o Estudo do Conto Gauchesco I: Raízes da Tradição Gauchesca*.

>20 de janeiro: *Para o Estudo do Conto Gauchesco II: O Espaço Físico da Gauchesca; a Mitização do Gaúcho*.

⁹³ Um dado interessante é que aconteceu uma série de artigos que tratavam de forma elogiosa da Literatura Gaúcha, naquele momento do ano de 1973: **26 de maio: Poesia sem Data** (sobre o *Soneto XXXVII* de Mário Quintana, publicado na página oposta à de Guilhermino, na semana anterior); **02 de junho: A Guerra no Bom Fim e um Pós-Escrito**; **19 de maio: A Ferro e Fogo**; **09 de junho: Mergulho no Grotesco** (elogios ao romance ‘Cogumelos de Outono’, de Gladstone Osório Mársico). O ano fora aberto com uma série de artigos sobre o conto gauchesco.

>27 de janeiro: *Para o Estudo do Conto Gauchesco III: Traslação da Gauchesca a Outras Áreas.*

>10 de fevereiro: *Para o Estudo do Conto Gauchesco IV: A Gauchesca nos Dois Primeiros Decênios do Século XIX.*

>17 de fevereiro: *Para o Estudo do Conto Gauchesco V: A Gauchesca Rio-Grandense e a Platina; Repulsão e Aproximação.*

>24 de fevereiro: *Para o Estudo do Conto Gauchesco VI: O Conto Gauchesco, de Simões Lopes Neto aos Autores de Hoje.*

Essa sequência de alentados artigos divulga os estudos de Guilhermino Cesar a respeito da Literatura Gaúcha, com foco no gênero conto. Os estudos contextualizam a produção literária do Rio Grande do Sul não apenas com outras regiões brasileiras, mas principalmente com a de seus vizinhos platinos, demonstrando as diferentes influências sobre nossos autores e as condições peculiares que constituem a formação da nossa herança cultural.

3.3-Aos caros vizinhos

Ocupar a página 3 do Caderno de Sábado durante uma década possibilitou a Guilhermino Cesar a convivência – em termos gráficos, ao menos – com outros colaboradores que frequentaram as páginas do suplemento. A página 2 do Caderno de Sábado, por exemplo, contou com diversas colunas fixas durante as áureas décadas de 1960 e 1970, e dois dos nomes que marcaram sua presença por lá foram homenageados nos artigos do professor.

Inicialmente, temos Clarice Lispector, cujas crônicas estiveram na página dois em diversas edições do Caderno de Sábado. Mesmo em tempos de *boom* da crônica brasileira de jornal, não se pode dizer que sua produção cronística tenha sido o que se poderia chamar de um “fenômeno de popularidade”; seu estilo e suas temáticas estavam bastante próximas daquelas com que ela desafiava os leitores de seus contos e romances.

Por ocasião da publicação póstuma dos textos de Clarice para jornal em um volume único, Guilhermino Cesar dedica ao fato o artigo *Para não Esquecer*, de 02 de dezembro de 1978. O título se refere justamente ao nome dado à publicação póstuma, e parece dedicado justamente à desatenção que as crônicas da escritora poderiam sofrer. Ainda que tenha sido colaboradora do Jornal do Brasil por quase seis anos (de 19 de

agosto de 1967 a 29 de dezembro de 1973⁹⁴), de ter dado entrevistas a revistas importantes (como *Manchete* e *Senhor*), o trabalho da escritora parecia merecer divulgação muito maior, na opinião do professor Guilhermino.

Os parágrafos de abertura desse artigo de lembrança e homenagem são muito importantes, pois a estratégia adotada é começar o texto tratando do pacto comunicativo que se estabelece entre escritor e leitor, a cada vez que este se resolve a procurar pela obra daquele:

*Clarice Lispector teve coluna cativa, durante muito tempo, na segunda página deste **Caderno**, mas os leitores jamais se cansaram. O público, monstro de mil olhos e mil paladares, exige diariamente um festim. Cada pessoa que lê nos aceita ou repele com o seu fígado, suas idiossincrasias, birras e prevenções. Contudo, a primeira reação do leitor, dizem os técnicos, nos é favorável: ninguém abre um livro, um jornal, para se caceteiar.*

A mão que tateia, a cara que esparrama os olhos por um texto impresso, o sujeito que mete a mão no bolso e paga por um livro o preço de um jantar com guardanapo, vinho e música ambiental – cada ato desses equivale a um ‘pacto de solidariedade’, previamente estabelecido, entre emissor e receptor.

O texto começa, então, lembrando ao leitor que há algo mais do que a relação aparente de oferta de textos e procura por eles – há algo que o escritor oferece com boa-vontade, e que o leitor *deseja*; isso faz pensar que, mesmo com as boas intenções vicejando, podem acontecer mal-entendidos. Sabemos que o texto trata de Clarice (nós, que estamos analisando os artigos *a posteriori*, sabemos), e não surpreende que a estratégia comece reforçando os elos entre escritor e leitor – uma vez que Clarice sempre foi considerada “difícil”, pelo público comum.

*Poder-se ia dizer, com mais simplicidade, à maneira de Voltaire: “O belo para o sapo é a sapa”. Mas há exceções, é lógico. Muita gente deve ter lido Clarice, aqui no **Caderno de Sábado**, brigando com ela. Luta desigual. Porque, compondo sobretudo em estado de poesia, essa mulher imbricada parecia não dar confiança ao leitor. Falava, quero dizer, escrevia para si mesma, sem nenhuma inflexão oratória; ocorrendo com a mansidão da chuva no alto mar. A imagem me agrada. O mundo é grande demais; o desmesurado, o movediço, o fugitivo, eis o nosso chão. Ainda que nos calássemos por completo, a natureza humana continuaria a existir. Mas escreveremos. Buscamos o não dito, o nunca antes de nós imaginado. Chuva leve no mar grosso. Terminada a operação de escrever, sentimos*

⁹⁴ Parte dessas crônicas foram enfeixadas no volume *A descoberta do mundo*, publicado em 1984. as informações sobre Clarice aqui utilizadas foram retiradas do livro de Nádya Gotlib (cf. Referências).

aquela sensação de vazio – um desgosto invencível: nada dissemos que valesse a pena.

Nesse parágrafo de grande beleza, Guilhermino aponta para as fragilidades que podem se esconder atrás da escrita: a dificuldade da expressão linguística, em sua busca pela tradução da ideia e da sensibilidade, e a sensação perene de insuficiência que assombra o escritor ciente das limitações de seu instrumento diante da pluralidade do mundo e do humano. A humildade reforça as intenções grandiosas, assim como a *chuva leve* não deixa de contribuir para o *mar grosso*. É Guilhermino poeta transparecendo nos artigos.

As crônicas de Clarice, dizendo muito e bem de si e, portanto, de nós todos, foram escritas como que em um solilóquio. O assunto? Um só. Essa extraordinária vocação literária, fosse no romance ou no conto, nas novelas ou nas crônicas aparentemente mais frívolas, jamais assumia a completa impessoalidade do narrador. O caramujo? Sim. Casa e habitante formam uma realidade inseparável. Vejo-a assim, a Clarice Lispector, mas reconheço que o contrário também pode acontecer na área do bom; Conrad é um exemplo. Há escritores do cotidiano que raro o transcendem: ficam mesmo na mediocridade insanável do concreto. Para interpretar o concreto será preciso escrever? Não basta uma pequena máquina fotográfica? Só depois de filtrado pela nossa percepção, colorido por ela, desvirtuado, maltratado, manipulado sensorialmente, o real tem importância. A pedra tem asas quando topamos com ela “no meio do caminho” drummondiano. Isto é, o acontecimento que se perpetua em nossas retinas “tão fatigadas” (perdoa, poeta) nunca é o mesmo, nos vários momentos em que se projeta. E é por isso talvez que a leitura de Clarice Lispector me fascina. Suas entrelinhas têm tanta validade quanto a própria letra impressa. Uma prosadora assim, capaz de preencher assim os vazios intervalares, pondo cor e chama nos hiatos, enchendo de ressonâncias o silêncio, não se encontra todos os dias, aqui e no Inferno.

Esse parágrafo, longo e intenso, trabalha com a mais polêmica e mais marcante característica da obra de Clarice Lispector: o fato de que, assim como *o caramujo*, não se pode distinguir exatamente narrador de personagem, narrador de autor, animal de sua casa. Guilhermino toma o cuidado de ressaltar que há qualidade também nos escritos que se prendem ao cotidiano, mas dá uma aula a respeito da concepção de Arte da que impregna a modernidade (sem utilizar o nome de qualquer teórico ou qualquer conceito mais complexo) ao trazer à baila a imagem da máquina fotográfica. Isso mostra que trabalhar apenas com o concreto tem seus perigos, assim como trabalhar com o transcendente. A comparação com Drummond é muito oportuna, pois poucas imagens são tão concretas e populares quanto a da pedra no meio do caminho – e o poema de Drummond em nada lembra o processo fotográfico mencionado anteriormente.

A forma como o parágrafo retoma a escrita de Clarice se dá justamente sobre o modo como Guilhermino Cesar percebe a reflexão transcendente: através dos hiatos, dos não-ditos. Isso reforça a referência à *luta desigual* mencionada no parágrafo anterior, pois o leitor precisa se dar conta do que não está escrito, para alcançar o que a autora escreve. Essa espécie de dialética do dito/não dito desafia o leitor, e Guilhermino Cesar declara *admirar*, em Clarice Lispector, essa capacidade de dizer ainda mais nos hiatos. A imagem do inferno, ao final, dá ainda mais força às afirmações anteriores, pois dá a dimensão de sua admiração pelo trabalho da escritora⁹⁵.

*Clarice morreu sem ter enfeitado em livro tudo quanto “cronicou” em jornais e revistas. Lembro-me ainda de muitas de suas páginas divulgadas tanto no **Jornal do Brasil** quanto no **Correio do Povo**, e diversas vezes pensei que seria meritório reuni-las em volume. Sua qualidade justificaria a iniciativa. Com efeito, são sempre novas as impressões que nos transmitiu aquela mulher sensível. Mas o meu desejo cumpriu-se. A editora Ática lançou recentemente um livrinho(*) que nos restitui, em pouco mais de cem páginas, a escritora aparentemente enjaulada, mais forte e livre, que a Ucrânia mandou para o Brasil ainda menina e aqui se formou espiritualmente, vindo a figurar na primeira fila de nossos escritores.*

O parágrafo anterior dá conta da admiração de Guilhermino ser de longa data, e louva a iniciativa de reunir as crônicas (o asterisco referencia o livro, cujos dados bibliográficos aparecem em nota ao final do artigo). Declara mesmo que *ele* gostaria de ter feito o mesmo⁹⁶. O parágrafo aproveita para dar conta de alguns dados biográficos da autora, o que confirma a possibilidade de Guilhermino ter em vista, como público deste artigo, o público leigo que não conhece a obra de Clarice, não sabe bem quem ela é e que provavelmente ficou um pouco surpreso/assustado com suas crônicas.

Quem desame a poesia não chegará a compreender Clarice Lispector. Seu mundo está carregado de lirismo. Acima de tudo, porém, ela como que esvoaça- a mariposa e a lâmpada – em torno de um tema a que poucos ficcionistas, entre nós, deram importância. Para resumir: interessa-se principalmente pelo mistério da escrita. Por que, como e para que escrevemos? Eis uma tentativa de resposta:

⁹⁵ O desafio ao leitor é frequente na poesia e na prosa do próprio Guilhermino, e não podemos deixar de ver a expressão de sua admiração como uma espécie de compreensão fraternal das dificuldades que Clarice Lispector enfrentara quanto ao público.

⁹⁶ Ficamos felizes ao imaginar que ele poderia gostar de ver as iniciativas em torno de sua própria obra em jornal: o livro organizado pela professora Tânia Carvalhal, a antologia organizada pela Professora Maria do Carmo Campos, e a nossa presente análise.

“Não posso escrever quando estou ansiosa ou espero soluções porque em tais períodos faço tudo para que as horas passem; e escrever é prolongar o tempo. É dividi-lo em partículas de segundos, dando a cada uma delas uma vida insubstituível”.

Guilhermino coloca em destaque mais uma das características que poderia afastar o leitor comum de Clarice: a discussão do fazer literário, em prosa. O leitor que não estiver disposto a passear com a escritora pelo próprio processo de modelagem do texto não está preparado para o que Clarice tem a dizer.

Ao leitor que possa estar cogitando que interesse pode haver nos conceitos de escrita de um autor, a citação selecionada dá uma excelente resposta, pois mostra a forma como a escritora desejava dar a extensão necessária, por escrito, das sensações impalpáveis e dificilmente cabíveis em descrições linguísticas, experimentadas em frações de segundo. O leitor do texto está entrando em contato com o conceito narrativo de *tempo psicológico*, que difere do *tempo cronológico* – sem que a terminologia sequer tenha sido utilizada.

Em Para não Esquecer há uma constante, aliás ostensiva em algumas das melhores correntes da poesia contemporânea, e que de forma tão nítida distingue a poética do nosso Modernismo. Em Drummond, em Jorge de Lima, em João Cabral de Melo Neto, são numerosos os textos nos quais se traça a “teoria” do poema. Da mesma forma Clarice angustiosamente se indaga sobre o seu escrever, o que ele é ou pode configurar numa perspectiva de vida vivida, leal consigo mesma. Vejam este trecho candente:

Agora, Clarice Lispector se alinha, em termos de prosa, aos questionamentos dos grandes poetas da Modernidade brasileira, a respeito do processo de escrever. O final do parágrafo anuncia um trecho, preparando o leitor com um qualificativo curioso (*candente*), e adequado à autora em questão:

“O processo de escrever é feito de erros – a maioria essenciais – de coragem, de preguiça, desespero e esperança, de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era “nada” era o próprio assustador contacto com a tessitura de viver – e esse instante de reconhecimento, esse mergulhar anônimo na tessitura anônima, esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser recebido com a maior inocência de que se é feito. O processo de escrever é difícil? Mas é como chamar de difícil o modo extremamente caprichoso e natural como uma flor é feita. (Mamãe, me disse o menino, o mar está lindo, verde e com azul, e com ondas! Está todo anaturezado! todo sem ninguém ter feito ele) A impaciência enorme ao trabalhar (ficar de pé junto da planta para vê-la crescer e não se vê

nada) não é em relação à coisa propriamente dita, mas à paciência monstruosa que se tem (a planta cresce de noite). Como se dissesse “Não suporto um minuto mais ser tão paciente”, “a paciência do relojoeiro me enerva”, etc. O que impaciente mais é a pesada paciência vegetativa, boi servindo ao arado”. (p.59)

O trecho escolhido é, sim, candente, e exhibe exatamente o que mais perturba nos escritos de Clarice Lispector: a capacidade de reproduzir o fluxo de consciência, a possibilidade de levar à reflexão (ainda que não *racional*, a maior parte do tempo, mas *emocional*) a um patamar que beira o onisciente e, portanto, o incompreensível – ou, pelo menos, incomunicável.

A oposição – abstrato versus concreto, muito em moda até há pouco, na paróquia das artes plásticas, solicitou, urgente, a curiosidade da Clarice. Daí esta “explicação”, em termos de práxis, que me encanta: “Sob certo ponto de vista, considero fazer coisas abstratas como o menos literário. Certas páginas, vazias de acontecimentos, me dão a sensação de estar tocando na própria coisa, e é a maior sinceridade. É como se eu esculpisse – qual é a mais verdadeira escultura de um corpo? O corpo, a forma do corpo, a expressão da própria forma do corpo – e não a expressão “dada” ao corpo. Uma Vênus nua, em pé, “inexpressiva”, é muito mais do que a idéia literária de Vênus, um olhar de Vênus, como um título.

A Vênus de Milo – é uma mulher abstrata. (Se eu desenhar num papel, minuciosamente, uma porta, e se eu não lhe acrescentar nada meu, estarei desenhando muito objetivamente uma porta abstrata) (p.85)”

O jogo entre concreto e abstrato, representado nas metáforas utilizadas por Clarice, explicam seu método do não-acontecimento, criando a ideia de que se pode alcançar o mais complexo a partir da descrição dos detalhes mais “reais”. Obviamente, os conceitos de real, abstrato, complexo e concreto estão sendo discutidos, aqui.

O texto segue com várias outras citações do livro, todas devidamente comentadas por Guilhermino Cesar, sempre colocando em primeiro plano o domínio da linguagem e a ousadia no tratamento dos temas.

Afinal, tudo se explica, tudo se aclara e brilha, na obra dessa escritora, porque ela teve como poucos o dom da humanidade. Diante de sua matéria, preferiu à mais sofisticada a técnica mais simples. Todo o seu esforço artístico foi acabar na simplicidade da forma, na humildade de expressão. E isso foi percebido nitidamente por ela mesma. Clarice – vejam – se retrata: “essa incapacidade de atingir, de entender, é que faz com que eu, por instinto de... de quê? Procure um modo de falar que me leve mais depressa ao entendimento. Esse modo, esse “estilo” (!), já foi chamado de várias coisas, mas não realmente do que apenas é: uma procura humilde. Nunca tive um só problema de expressão, meu problema é muito

mais grave: é o de concepção”. Eça, no auge do Realismo em Portugal, já havia dito coisa parecida. Considera-se, o autor de O Primo Basílio, dono de um processo: faltavam-lhe os temas. Com Lispector aconteceu a mesma coisa.

Mais uma vez, Guilhermino aponta um nome conhecido do grande público – o de Eça de Queiroz, tomando o cuidado de mencionar sua obra mais famosa no Brasil – para colocar o leitor a par da importância daquela escritora que ocupara espaço na página 2 do suplemento cultural. Espera-se que o leitor tenha compreendido, a essa altura, o quanto é importante que o escritor fale não de *coisas*, mas que tenha um processo de escrita através do qual possa alcançar algo que, em princípio, parece intangível.

O aspecto geral do artigo é o do resgate de uma escritora que provavelmente recebera, do público gaúcho, a mesma pouca atenção do leitor médio brasileiro. Clarice Lispector, conhecida por sua personalidade difícil e sua escrita complexa, não se preocupava com *marketing*, com sociabilidade e com o sorriso do público. Não interessam as razões pelas quais ela fez essa opção; o que interessa ao ponto de vista de Guilhermino é a sua capacidade de expressão escrita, seu método único e revelador, sua profunda compreensão das nuances mais delicadas do sentimento e da sensibilidade humanos. Guilhermino Cesar reconhecia a dificuldade em ser compreendido, enfrentada por qualquer escritor, e podia vislumbrar o quanto essa incompreensão podia ser ampliada para uma obra tão comprometida apenas consigo mesma quanto era a de Clarice⁹⁷.

A mesma página 2 contou com Mário Quintana, que publicava pequenos textos e poemas em seu espaço. A presença de Quintana era bastante familiar nos artigos de Guilhermino, como se pode ver pela variedade de artigos em que o poeta gaúcho aparece, sob os mais diversos pretextos e temas.

Tem-se, a 10 de junho de 1978, *De Camões a Mário Quintana*, artigo que trabalha a simbologia da luz na poesia, e transcreve trechos de poemas de Camões e de Quintana para ilustrar o elemento do imaginário. Esse artigo é tão bem sucedido que recebe continuação na semana seguinte (17 de junho de 1978), com *Como o Sol pela*

⁹⁷ Clarice Lispector ainda apareceria em outro artigo de Guilhermino Cesar: trata-se de *Último Pousa*, de 03 de junho de 1978, que apresenta quatro textos de épocas e origens diferentes, que tratam da simbologia do cavalo. Um dos textos é uma belíssima crônica, na qual Clarice fala da absoluta liberdade que emana da figura equina.

Vidraça. Guilhermino Cesar conta ter recebido uma série de colaborações a respeito da imagem comentada, transcreve alguns dos poemas indicados e os comenta.

Em 08 de novembro de 1980 aparece *Três Viagens*, texto de aspecto bastante cronístico, fragmentado e com tom de conversa casual. Entre as três sugestões de leitura para a Feira do Livro, aparecem ‘Marinheiro de Primeira Viagem’, de Osman Lins; ‘Esse instante do eterno’, coletânea de poemas que estiveram envolvidos em uma dramatização; e ‘Esconderijos do tempo’, de Mário Quintana.

Em 31 de julho de 1976, o artigo *O Poeta e o Poema* trata de uma “proclamada” melancolia e sentimentalismo do povo brasileiro. O texto realiza uma análise desses conceitos em alguns poetas brasileiros. O texto termina com a transcrição de ‘O poema’ de Quintana⁹⁸. A página está ilustrada com uma foto histórica de cinco poetas sentados lado a lado: Drummond, Vinicius, Bandeira, Quintana e Paulo Mendes Campos.

A 30 de outubro de 1976, temos *Moog aos Setenta*, que é uma celebração de Vianna Moog e sua obra, por ocasião dos setenta anos do escritor. O artigo é composto de relatos auto-biográficos da convivência do próprio Guilhermino com Moog, e trechos de relatos de Erico Verissimo a respeito do mesmo. O texto conta com uma foto cuja legenda é ‘Amigos e agora setentões: Quintana e Vianna Moog’.

Note-se que, nessas menções, Quintana é colocado entre grandes nomes e é tratado como leitura obrigatória. Essa elevação e esse reconhecimento relativamente precoces da importância de Mário Quintana na cena poética gaúcha e brasileira é mérito de Guilhermino Cesar.

Quintana ainda seria mencionado em outro artigo, *Rio Abaixo*, de 10 de agosto de 1974, entre comentários literários diversos⁹⁹.

Em 26 de maio de 1973 aparece aquela que é provavelmente uma das maiores homenagens recebidas por Quintana naquele período de sua carreira: o artigo *Poesia sem Data* é todo dedicado ao elogio do *Soneto XXXVII*, publicado pelo poeta gaúcho na página 2 do Caderno de Sábado, na semana anterior. O artigo começa com a reprodução do poema, e a descrição da reação de Guilhermino ao lê-lo:

O Caderno de Sábado, nesta página à minha esquerda, publicou outro dia o seguinte:

⁹⁸ Trata-se do poema publicado em *Aprendiz de Feiticeiro: Um poema como um gole d'água bebido no escuro. / Como um pobre animal palpitando ferido. / Como pequenina moeda de prata perdida para sempre na floresta noturna. / Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema. / Triste. / Solitário. / Único. / Ferido de mortal beleza.*

⁹⁹ Esse artigo será analisado em detalhe adiante, ainda neste capítulo.

SONETO XXXVII

**Este quarto de enfermo, tão deserto
de tudo, pois nem livros eu já leio
e a própria vida eu a deixei no meio
como um romance que ficasse aberto...**

**que me importa este quarto, em que desperto
como se despertasse em quarto alheio?
Eu olho é o céu! Imensamente perto,
o céu que me descansa como um seio.**

**Pois só o céu é que está perto, sim,
tão perto e tão amigo que parece
um grande olhar azul pousado em mim.**

**A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era o fim...**

Como eu não podia pôr cem trombeteiros na rua, nem sair pela cidade à frente de uma banda de música, soltando foguetes, para anunciar a aquisição, pela maltratada Língua Portuguesa, de mais uma obra-prima, limitei-me a ler, reler e tresler o miraculoso soneto.

A preocupação inicial é resgatar o poema publicado – o próprio Guilhermino, muitas vezes, aprecia a presteza do jornal, mas está ciente de sua natureza transitória. Julga necessário, portanto, colocar diante do leitor o poema que pretendo comentar, levando em consideração que é bastante improvável que o leitor comum, ainda que tenha lido o poema, o tenha guardado¹⁰⁰.

Após a reprodução, aparece a excelente descrição da reação de Guilhermino Cesar, com as interessantíssimas imagens celebratórias, que nem contrastam tanto assim com a figura do professor *a ler, reler e tresler o miraculoso soneto*.

Se eu tivesse vinte anos, não sei o que faria para festejar o acontecimento – talvez quisesse perpetrar também um poeminha, que é a forma mais corrente de blasfemar contra a Poesia já inventada pelos moços de imaginação. Se tivesse trinta, faria uma viagem a Ouro Preto, pediria aos céus um luar de Cataguases, e passaria a noite junto à Casa dos Contos, borrifado de sereno, a contar estrelas. Como já atingi uma idade indeclarável, contei até dez, abri

¹⁰⁰ Quando da publicação do poema em livro, Mário Quintana dedicou-o a Guilhermino Cesar.

a janela ao débil sol de inverno, sentei-me à mesa, e aqui estou batendo (despoliciadamente) este artigo.

O contraste entre o moço inspirado pelo poema a encontrar a poesia das coisas (e atrever-se a torná-las, também, escritas), aparece a figura do homem de *idade indeclarável* que sana sua sede de poesia ao comentar uma obra-prima sem cuidados, provavelmente, acadêmicos. Está inserida a ideia de apreciar a beleza do poema.

A verdade é que os teóricos de todas as latitudes perdem o seu tempo, e nos fazem perder o nosso, quando buscam definir a poesia. É a velha questão de sempre: pretenderem encontrar, por meio da microanálise, os pontos e os nós onde eles não existem – no inconsútil. Se ao químico é lícito dizer: numa gota d' água tenho o resumo da fonte, o poeta não pode afirmar que esteja num só verso; o poeta deixa isso para o mundo físico, lá onde as coisas se autolimitam, pois só no mundo físico são admissíveis as definições e as fórmulas de – água mais base é igual a sal mais água. No reino da poesia, que é o do menino impossível, conforme se viu em Jorge de Lima, o fluxo verbal é um enigma que se contenta com o fato de o ser. Cada verso nasce de sua própria emissão, isto é, da conjunção de palavras, sem nenhuma regra fixa.

Guilhermino Cesar questiona os teóricos que pretendem aparentar a poesia à ciência, procurando regras e limites, e esquecendo da novidade, da ousadia e do jogo com o caos que frequentam o poético e constituem sua grande distinção. Assim, ao reafirmar a falta de regras, tanto no que está escrevendo agora quanto na análise literária, Guilhermino sugere ao leitor que é possível e adequado deleitar-se com a obra poética, sem esperar grandes voos teóricos¹⁰¹.

*Pius Servien (ai! dele, um teórico) é o único preceptista cuja presença o meu estado de poesia, depois da leitura do soneto de Quintana, chama à discussão. E isso porque ele, admitindo o ritmo como função obrigatória de toda poesia, destruiu justamente o rigorismo técnico, a “quadratura” mental dos **rhétoriqueurs**. Suas observações, ao correr de trinta anos, sobre a criação lírica, insistiram em atribuir à poesia o direito de ser poesia com uma liberdade formal que jamais foi reconhecida, por exemplo, pelos sapos tanoeiros da escola parnasiana. Aquilo que foi o sonho de várias gerações, desde os primeiros balbucios do Surrealismo, - a proscrição do ritmo feito – encontra na obra de Servien a mais ampla consagração. A linguagem lírica para ele, quando se cristaliza livremente, obedece sempre, e necessariamente, ao que ele chama de “estruturas sonoras regulares”. Donde – vamos repetir – a conclusão de que a*

¹⁰¹ Essa crítica faz ainda mais sentido se pensarmos que nas décadas de 1960 e 70 ocorreu o auge da influência estruturalista sobre as Ciências Humanas, nas Universidades brasileiras.

regularidade sonora é inerente à poesia. Seja a imposta pela praxe – o decassílabo petrarquista, v.g., - seja a conseqüente ao fluxo verbal ditado pelo inconsciente e rebelde aos cânones tradicionais. E daí outra conclusão: mesmo o verso mais livre de fórmulas segue a sua “fórmula”, quero dizer, tem um ritmo natural.

Apesar de seu *estado de poesia*, Guilhermino concede espaço para um toque leve de teoria – apenas para reafirmar que a própria teoria já admite que não é a forma que cria o poema, mas que o bom poema brota com uma forma adequada. Mais uma vez, os conceitos caros à Modernidade são trazidos para a discussão; nesse caso, não apenas a ideia de verso livre, mas a ideia de amálgama completo entre a forma e o conteúdo, de correspondência necessária entre a sonoridade e as ideias.

Pois, ao reler o soneto de Quintana, só me lembrei de Servien. Nesse extraordinário achado poético não existem apenas os decassílabos sáficos e heróicos habilmente conduzidos; existe também um ritmo vicário, o outro, o indefinível, que é um segredo do grande poeta seu autor. O ritmo de cada verso criou sua própria realidade sonora, a sua musicalidade interior, tão forte, como expressão, que deixou as pausas obrigadas em plano secundário. Nos poemas fabricados (e poemas fabricados são aqueles nos quais não se encontra invenção), notamos principalmente as pausas prescritas pela velha lei poética; nos poemas que acontecem, o ritmo é “una gracia infusa Del Señor Dios”, para usarmos a expressão de Juan Alfonso de Baena.

Os comentários deixam claro que a um ouvido treinado que esteja buscando os padrões rítmicos clássicos, o soneto de Quintana não dá o retorno esperado. No entanto, para quem está atento apenas ao ritmo da sensibilidade (e esses são boa parte dos leitores), o poema possui uma mensagem própria que passa pela sua sonoridade única e pessoal, criada por Mário Quintana para este único poema, irrepetível e perfeita para o texto.

Aliás, a poesia de Mário Quintana, em sua fase atual, tende a superar, e tem alcançado isso em muitos momentos, a musicalidade que encontrou feita. No princípio de sua admirável trajetória de poeta, ele se prendia bastante, no concernente ao ritmo, a certos bons poetas simbolistas e parnasianos europeus. Hoje, em plena maturidade artística, sua poesia tem uma nota pessoal inconfundível; pelo ritmo, precisamente, é uma das mais sábias da língua portuguesa. Para certos ouvidos duros à translinguagem lírica, a leveza dos quintanares pode parecer uma concessão ao “fácil”. Que engano! Quintana é o contrário do poeta bem comportado, em matéria de ritmo. A surdina, no que escreve, é uma feição própria do homem & do artista. Repito: do homem & do artista. Os dois formam uma combinação em que diviso, antes de tudo, o pudor de ser. O medo de ferir o próximo, de

ser uma chaga ao sol, o não querer aceitar o contingente, a recusa a berrar um grito dissonante. Como ocorre no geral nos grandes sensitivos: São Francisco, Frei Luís de Leon, Verlaine, Alphonsus, Cecília, os poetas galegos do século XII. Misturo, propositadamente, nomes e escolas, porque o forte dos sensitivos é a intemporalidade.

Tratando claramente da obra de Quintana, Guilhermino aprecia a desenvoltura com que o poeta gaúcho cria seu próprio ritmo poético, superando influências qualificadas – mas, acima de tudo, influências. A integração entre a sonoridade discreta mas definidora, entre a sensibilidade à flor da pele e um sentimento que Guilhermino denomina de *pudor* são as marcas de Mário Quintana, o homem e o poeta. As belas imagens que ilustram essa afirmação (*O medo de ferir o próximo, de ser uma chaga ao sol, o não querer aceitar o contingente, a recusa a berrar um grito dissonante*) são eficientes para clarificar, aos olhos do leitor, o caráter de um poeta e de uma poesia colocados no panteão dos grandes *sensitivos*.

Felizmente. Para eles, que assim ficam eternos como a flor, que é de todas as primaveras, e para nós, que no mundo frenético de nossas paixões ainda encontramos esses jardins fechados onde podemos seguir, sem que nos acoimem de malucos, o vôo de uma borboleta. Ali onde falamos aos anjos barrocos de Jorge de Lima e às nuvens pastoreadas por Cecília Meirelles na intimidade do coração. Disse uma banalidade? Voluntariamente.

Subitamente, a questão do policiamento acadêmico – enquanto imposição de estilo e forma padronizados – reaparece. Fica claro o quanto a análise fria incomoda Guilhermino Cesar. A poesia de Quintana, assim como a dos mencionados Jorge de Lima e Cecília Meirelles, apresenta uma característica ternura que é costumeiramente rechaçada na Academia, e que Guilhermino Cesar resgata, conscientemente.

*A literatura anda poluída como nunca. Ora é a arma da violência, ora da estupidez, ora da objetividade fria, que não conduz, em tantos casos lamentáveis, senão à incompreensão do nosso papel do mundo. Os estetas da violência passem pelo lado de fora; por favor, não entrem. Desse jardim o **epos** foi desterrado; que vá para os infernos de Watergate e suas ambições convertidas em cifras, poder de mando e arte de matar na guerra e fora dela.*

3.4-O Panteon Pessoal

Uma das características marcantes dos artigos escritos por Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado é o seu caráter não-acadêmico: a preferência não é dada a debates conceituais ininteligíveis para os não iniciados; pelo contrário, a impressão que se tem é de que a Literatura deve ser vista, antes de qualquer coisa, como uma experiência de sensibilidade e deleite. Talvez por isso, muitos dos textos apresentavam autores presentes no cânone acadêmico, mas revelavam também as preferências de leitura do próprio Guilhermino Cesar. O comentário qualificado aparece em meio a observações feitas em linguagem coloquial, com citações de teóricos respeitáveis e a preocupação de aproximar o leitor comum da sensação compensadora, nos planos pessoal e intelectual, que o contato com o texto literário pode prover.

Um dos autores gaúchos mais aclamados por Guilhermino, Mário Quintana, é homenageado em um dos momentos em que o prazer da leitura é colocado em primeiro plano, em um de seus encerramentos sutis:

Ora bem, vamos ler Quintana com a inocência, com a despreocupação com que Malaquias, meu anjo de cabeceira, lê e ensina a ler. O resto são as teses doutorais, as nicas teóricas, os actantes e os semantemas, que a pedantocracia admite em nome do saber, a grossa palavra que não tolera a espontaneidade.

Vamos parar por aqui. Viajar é perigoso. Por muito viajar, dentro de si e na Mancha, o Cavaleiro da Triste Figura acabou daquele jeito. Mas viajar assim, sem Bedecker e sem dólares, aqui para nós, é um regalo que os melhores cinemas do City Bank ignoram. Viajar montado em palavras... ora já se viu?

(Rio Abaixo,
10/08/1974)

Dessa forma, não se tem uma exposição rígida de conceitos e tratados de historiografia. Não que o aprofundamento do debate não seja realizado; no entanto, o espaço do deleite é preservado e estimulado pelo comentarista.

Os deveres de ofício também são descritos, muitas vezes com humor. É o caso de *Silva de Sílvio*, de 12 de maio de 1979. O parágrafo inicial apresenta com certa brevidade o autor que Guilhermino Cesar esteve lendo, supondo que o leitor sabe (ou pelo menos tem uma boa ideia) de quem se trata; caso não tenha, basta saber que a leitura exige esforço e paciência. A seguir, o contraste da obrigação com o prazer:

Andei relendo Sílvio Romero, por dever de ofício, durante semanas. É uma forma de trabalho a que infelizmente se segue o maior cansaço. O

destabocado sergipano é prolixo, e a vida continua breve. Que se há de fazer? A rédea curta das obrigações, dos compromissos impensadamente assumidos, me tira, às vezes, ou quase sempre, a liberdade de escolher o pasto que mais me agrada. Imaginem isto: ainda não tive folga para ler a última novela de Antônio Carlos Resende ('O Rapaz que suava só do lado direito'), embora esse autor me houvesse deixado de queixo caído com a sua 'Magra, mas não muito, as pernas sólidas, morena', um dos marcos literários do ano de 1978. deixa estar: mal termine umas coisas que me roubam o sono, irei degustar-lhe a prosa.

Uma das mensagens que se pode ler é: se eu tivesse o tempo que você, leitor, tem, é isso que eu leria.

O prazer de contribuir com os artigos sobre literatura passa muito perto da experiência de sala de aula. Tanto que a irritação com a falta de cuidado de que seus textos são vítimas está na nota final:

NOTA – Não se deslumbre o leitor com as inúmeras gralhas que têm aparecido em meus artigos. O primeiro a lamentar o irremediável sou eu mesmo. Aconselho aos professores que recortem essa página e a ofereçam aos alunos como – texto para corrigir. – GC.¹⁰²

A indignação mostra que o tom lúdico dos textos não deve ser confundido com falta de seriedade. O adjetivo *irremediável* indica que o professor já devia ter se manifestado internamente a respeito do assunto, sem encontrar solução – uma indicação de que o meio de comunicação não estava dando conta de sua responsabilidade para com autor e leitor.

Os momentos de humor são muito frequentes, tirando o peso de grandes nomes:

Uma vez, na minha adolescência, abri uma lata de sardinhas com um poema de Rilke. Não ensino ao leitor como foi – em sinal de respeito aos poderes mágicos do poeta alemão.

*(Rio Abaixo,
10/08/1974)*

O texto *Rio Abaixo* explora a veia mais divertida dos escritos de Guilhermino Cesar sobre Literatura. Inseridos em partes independentes, os temas diversos são acompanhados de comentários divertidos, indicando que escrever para o jornal, tendo espaço para falar de Literatura e conjugá-la com o lado mais divertido de sua personalidade, servia de grande inspiração para Guilhermino Cesar.

¹⁰² Acreditamos que as reclamações públicas de Guilhermino Cesar refletem um desgaste do professor com o jornal, pois sempre chamam a atenção para o descuido com os textos publicados.

Em outros textos, o conhecimento vasto é que provoca o efeito cômico, mostrando exemplos a que o erudito tem acesso. Esse é o caso de um artigo que trata do Romantismo:

*Não houve geração, como esta, mais amiga do mistério, dos imbróglios, das personagens providenciais. À hora do aperto, quando o enredo empacava, lá vinha o conde, o milionário (pai do herói), a herança imprevista, uma revelação de inesperada paternidade – e tudo entrava nos eixos do **happy end**. Os títulos dos ‘romances originais’, isto é, de autores brasileiros (pois assim é que se dizia) eram em geral aterrorizadores: **As Fatalidades de Dois Jovens, Januário Garcia ou O Sete Orelhas, O Testamento Falso, Maria ou A Menina Roubada...***
(O Estrangeiro Mau,
14 de maio de 1977)

Evidencia-se a habilidade de Guilhermino Cesar em colocar diante do leitor – que é uma entidade relativamente diversa, se considerarmos o veículo de comunicação em questão – um tema de historiografia. O gosto de trocar em miúdos e comentar com humor temas literários dá um colorido muito pessoal ao artigo, e constitui umas das características mais agradáveis dessas colaborações.

Ao final desse texto, há uma nota de Guilhermino Cesar ao leitor:

NOTA: A publicação de meu último artigo fez-se pela metade; faltou-lhe a parte final. Ante a mutilação que o desfigurou por completo, vejo-me obrigado a considerá-lo inexistente. O meu consolo é que o leitor não perdeu grande coisa. – GC.

Mais uma vez, a queixa sobre a falta de cuidado com seus escritos. Note-se que já estamos em 1977, ano importante para o professor, com a publicação de seu livro de poemas de maior impacto; no entanto, a desatenção dos funcionários do jornal denota um desrespeito que o incomodava. Isso vem ao encontro de nossa ideia de que os escritos de jornal representavam uma espécie de *projeto*, para Guilhermino Cesar. Como levar adiante esse projeto de feitos humanistas/civilizatórios, sem o respaldo de uma equipe de apoio atenta?¹⁰³

¹⁰³ Ao organizarmos o capítulo 5, dividimos as publicações de Guilhermino para o Caderno de Sábado em três grupos cronológicos: antes da colaboração fixa; entre 1971 e 1977; de 1978 a 1981. A separação do terceiro item se dá por dois princípios: consideramos a publicação de *Sistema do Imperfeito* como um divisor de águas; e consideramos alto o nível de atrito entre o professor e o jornal, após seis anos de colaboração ininterrupta.

Em texto a respeito de obra de Fernando Sabino (*Viramundo*, de 05 de janeiro de 1980 – artigo elogioso ao lançamento de *O Grande Mentecapto*), o autor permite-se refletir com o leitor sobre a face humana da produção literária, realizando a ligação entre ficção e realidade, e mostrando o tipo de saber de que está impregnado o texto literário:

Os homens completos, digo, os paradigmáticos, são esses mesmos, os que não recuam diante do medo, da norma, das conveniências, do sistema estabelecido. Os Viramundo e os Quixote são o sal da terra. No dia em que faltassem, estaríamos fritos, vale dizer, apequenados e infelizes.

O homem é viajante. Busca alguma coisa que perdeu. O que acontece é que a maioria, traindo a si própria, já parou de procurar, desalentada, no meio do caminho. Os grandes peregrinos são o lado claro, o amanhecer.

Esse último trecho, carregado de lirismo, parece-nos bastante de acordo com o tom menos cáustico e mais disposto à paciência e à resignação prenhe de expectativa, presentes nessa forma diferenciada de escrever que toma conta dos escritos pós-77.

Ainda neste item dedicado às características principais dos textos que tratam dos gostos de Guilhermino Cesar e das especificidades de seus artigos a respeito de Literatura, temos um caso paradigmático de “não facilitação” para o leitor. Referimo-nos a uma abertura de artigo que desafia o leitor:

Depois do Augusto de Lima das ‘Contemporâneas’, o outro Augusto que nos interessa, como cultor da Ideia, é o paraibano do ‘Eu’.

Esse texto de 02 de julho de 1977, chamado *Da Ideia à Palavra*, está propondo a continuação de dois artigos anteriores, chamados *Ao Calor da Ideia* (18 de junho) e *Voltando à ‘Ideia Nova’* (25 de junho). Trata-se da repercussão que as ideias científicas de fins do século XIX tiveram sobre alguns poetas. Há vários trechos comentados de poemas, e a abertura deste artigo indica que há um *Augusto* que é de interesse central deste artigo. Apenas no terceiro parágrafo do texto, após uma série de outras considerações, é que vai aparecer o nome completo do autor (*Augusto dos Anjos*), para reconhecimento dos mais desavisados.

É bastante característico de Guilhermino Cesar lançar referências que façam o leitor *trabalhar*, intelectualmente falando. O tipo de interação que seus artigos (e também os poemas de *Sistema do Imperfeito*) propõem tem a ver com as relações e reflexões que o leitor é capaz de fazer, jamais com simplificações e esquemas. Assim, a conversa começa dando a entender que o leitor deve supor quem é esse poeta – afinal, Guilhermino dá três elementos: é paraibano; escreveu um livro chamado *Eu*; esteve relacionado às ideias científicas de fins do século XIX.

Agora que já tratamos brevemente da estilística envolvida na escrita dos artigos que tratam de Literatura, vamos mostrar alguns dos autores de presença marcante nas contribuições de Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado.

3.4.1-Nas terras de cá

Entre os autores do continente sul-americano, alguns gozam de extrema admiração, por parte de Guilhermino Cesar. Essa admiração fica bastante clara quando observarmos as tentativas de trazer ao grande público escritores de língua espanhola, como Jorge Luis Borges e Gabriel García Márquez. A presença dos autores latino-americanos é marcante – e, como já comentamos em outro momento, é motivada também pelo desenvolvimento desses estudos no Instituto de Letras da UFRGS, com a publicação de livros como o de Flávio Loureiro Chaves.

No entanto, nada pode ser considerado mais vibrante do que as homenagens prestadas aos escritores brasileiros. Os artigos dão conta de alguns autores canônicos da escrita nacional, ora mostrando a relação pessoal de Guilhermino com os escritores, ora destacando exclusivamente as facetas estilísticas de suas obras. No decorrer dos artigos se percebe que andam lado a lado a biografia do escritor e sua produção, as manobras estilísticas bem sucedidas e as questões levantadas, mais uma vez mostrando a relação entre Literatura e vida, tão ao gosto do professor.

3.4.1.1-Guimarães Rosa

O primeiro autor é Guimarães Rosa. Guilhermino Cesar colaborara em uma publicação de 1969, a respeito do conterrâneo mineiro, e destacara, em dado momento de seu texto, o processo de *enumeração* utilizado na prosa. Naquele artigo, a observação era um elemento dentre outros; mereceu uma citação retirada de *Burrinho Pedrês*, que transcrevemos a seguir, mas não era o centro do artigo:

Alta, sôbre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebéias dos campos-gerais, do Urucuia, dos Tombadores do Rio Verde, das reservas baianas das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. [Veja-se o belo decassílabo com que termina o período].

(pág. 37)

O comentário entre colchetes, inserido ali pelo próprio Guilhermino Cesar, pretende imiscuir-se ao texto apenas o suficiente para abrir os olhos da leitor para um tipo de beleza literária presente não apenas na poesia, mas também na prosa dos grandes escritores.

Para o jornal, em artigo de 21 de junho de 1975, chamado justamente *Rosa e a Enumeração*, o foco de análise está completamente voltado para esse aspecto.

O primeiro parágrafo apresenta o tema:

*Dos vários tipos de enumeração contemplados pela Retórica tradicional, aqui nos vai interessar hoje a congérie, a seriação de sinônimos ou de coisas unidas entre si pela abstração ou pelo parentesco físico. No primeiro caso, os diferentes nomes do diabo; no segundo, os de sentimentos afins. Já a enumeração heterogênea, ou caótica, de que vamos tratar senão rapidamente neste artigo, atinge com mais segurança o alvo poético. Lembro-me de um estudo admirável, que agora não tenho em mãos, de Amado Alonso sobre a ocorrência desta última na obra de um grande poeta (Cf. **Poesia y Estilo de Pablo Neruda**. Buenos Aires, 1940).*

O texto começa deixando clara a sua intenção: realizar uma análise embasada de um aspecto da poesia. Curiosamente, ainda que não tenha em mãos o *estudo admirável* a que se refere, Guilhermino Cesar preocupa-se em referi-lo, a fim de que o leitor interessado possa realizar a consulta por sua própria conta¹⁰⁴.

A referência à Retórica tradicional poderia causar algum susto ao leitor comum de jornal, hoje em dia; no entanto, não podemos perder de vista que o leitor de um suplemento cultural, na década de 1970, não estava à procura de recomendações de filmes e séries de TV – ele era, antes, alguém que frequentara a escola em uma época que mesmo os cursos mais elementares incluíam Latim e Francês. A apresentação de

¹⁰⁴ Todas as referências a teóricos, neste artigo, possuíam referência bibliográfica. Nós as retiramos, para nos dedicarmos exclusivamente ao conteúdo, despoluindo o texto. No entanto, gostaríamos de pontuar que as afirmações de cunho teórico sempre referenciam o autor e indicam a obra a ser lida, nos artigos de Guilhermino Cesar.

uma referência tão tradicional quanto a Retórica devia ressoar nostálgica, nos ouvidos do leitor típico do Caderno de Sábado.

*Antes do poeta Chileno, tivemos a praticá-la, com generosidade, o amazônico Walt Whitman, que forneceu um modelo de enumeração aos autores modernos. O nosso Ronald de Carvalho, em **Toda América**, abusou da fórmula. E esta, ali por volta de 1925/1930, foi utilizada também por quase todos os grandes autores do Modernismo. Compreende-se. Conforme explica Leo Spitzer, Whitman empregou uma enumeração em que as coisas naturais e as abstrações, as manufaturas e as mecanufaturas, o antigo e o moderno se misturam agradavelmente. Mas a coisa acabou cansando. Mário de Andrade não gostava de tal processo; censurou-o, até, com veemência, na poesia de um amigo, se não me engano – Mário de Silva Brito.*

O leitor é levado a saber alguns fatos a respeito da utilização do método enumerativo: que agradou sobremaneira aos poetas modernos, tendo sido ponto forte do norte-americano que representa a grande virada modernista da poesia de seu país. No entanto, lembra que o método foi desgastado pelo uso, como Mário de Andrade não deixa de apontar na produção de um amigo seu¹⁰⁵. Essas informações deixam o leitor, provavelmente, bastante à vontade para perceber que nem todo método poético é sempre bem sucedido – mesmo aquilo que já deu excelentes resultados pode gerar maus frutos. Esse tipo de vislumbre, resultado de anos de análise poética, é uma espécie de esclarecimento que Guilhermino dedica ao leitor de jornal – que não é analista profissional, como ele. Esse tipo de colocação lembra-nos de que os artigos não eram escritos para colegas, mas para “leigos esclarecidos”.

A enumeração heterogênea, a que Spitzer deu novo nome – “enumeração caótica”, enquanto figura de estilo, teve eminentes cultores na poesia e na prosa, sobretudo a partir do Renascimento. O alargamento do ecúmene, com as descobertas, encheu os olhos do Europeu de coisas novas; era preciso conhecê-las, batizá-las, trazê-las para a representação gráfica de suas respectivas línguas. A sinonímia, com o avanço das comunicações, a integração cultural, o enriquecimento da ciência, rompe a barreira do latim, ao qual os naturalistas haviam confiado a missão de etiquetar as coisas da natureza. Hoje, que não mais cheiramos à artinha de Vieira, os

¹⁰⁵ Guilhermino Cesar e Mário de Andrade trocaram correspondência durante vários anos. Sua relação pessoal data de pelo menos 1927/8, época em que Guilhermino estava envolvido na publicação da Revista Verde de Cataguases, e esta recebeu colaboração de Mário e Oswald. Em sua correspondência mais madura, constam desde debates de ordem estética até uma notável afirmação de entusiasmo, por parte do autor de Macunaíma, quanto à vinda de Guilhermino para o Rio Grande do Sul, na década de 1940.

*idiomas cultos se atropelam, confundem-se; e nessa competição vencerá sempre o que tem a maior força de seu império. Lembro o ocorrido com os **media**, fruto latino transformado agora no ianque **mídia**, tão caricato, o infeliz, que provocou uma boa glosa do nosso Miranda Neto, no **Correio do Povo** de 4 deste mês.*

Já comentamos a respeito da assombrosa qualidade sintética presente nos artigos de Guilhermino Cesar; mais uma vez ela se apresenta: no parágrafo acima, tem-se o processo de mudanças linguísticas desencadeado pelas Grandes Navegações, no Renascimento, passando pelo Imperialismo enquanto imposição cultural, e chegando nas novas formas de dominação. A descrição se utiliza, como de costume, de imagens fortes – criando a sensação de que acompanhamos os acontecimentos que são descritos a partir de cenas breves e significativas.

O termo escolhido para ilustrar a atual relação entre as línguas vem bem a calhar para um dos assuntos que mais interessam Guilhermino Cesar na década de 1970 (e que serve de eixo para o livro de poemas de 1977), a popularização do *american way of life* no que ele tem de pior: a banalização dos conteúdos e a massificação cultural. A forma de dizê-lo não é explícita, no entanto; ela se utiliza da referência ao fato de que a palavra *mídia*, aportuguesada para soar como seu equivalente em língua inglesa, substitui a versão clássica original. Uma dominação cultural das mais perfeitas, uma vez que o termo novo é naturalmente adotado pela maior parte das pessoas, a partir do momento em que os meios de comunicação a preferem.

*Mas deixemos de lado, por enquanto, a enumeração em poesia, Vejamos o que se passa, a esse respeito, na ficção de Guimarães Rosa, em casos mais ostensivos de seriação. Antes de ir aos exemplos, quero lembrar que tal procedimento retórico está a pedir análise mais demorada, sobretudo com a referência a João Cabral de Melo Neto. Entre os nomes integrantes da geração de 45, é o que mais a pratica, desde o aparecimento de **Pedra do Sono**. Antes dele, porém, o poeta Schmidt se tornou useiro e vezeiro em aplicar suas torneadas e flexuosas enumerações ao gosto do Velho Testamento. O assunto é longo; fiquemos, por hoje, na saborosa garrulice do jagunço Riobaldo.*

Esse parágrafo marca a transição do artigo de um tratado a respeito de algumas questões relevantes que cercam o uso da enumeração *na poesia* (os nomes bem-sucedidos, aqueles que a utilizaram em excesso, alguns de seus perigos) para um estudo específico a respeito de seu aparecimento *na prosa rosiana* de *Grande Sertão: Veredas*.

Não sem antes, é claro, recomendar o estudo de outros nomes brasileiros ainda não muito bem observados.

*Com efeito, **Grande Sertão: Veredas** é um repositório inesgotável de seriações. Vou dividi-las, para efeito deste artigo, em: a) lineares e b) complexas. As primeiras são aquelas nas quais o intuito do autor se confina à exibição de um conhecimento particular, traduzido pelo acúmulo de sinônimos. As segundas, as complexas, já envolvem fatos de estilo, abrangendo extensa gama de valores; tais como os estudados por Vossler, Curtius, Leo Spitzer e Lausberg.*

A fim de ressaltar a ordem e o método, o parágrafo anterior deixa clara a divisão analítica a ser utilizada, assim como a listagem de teóricos que serviram de base para o estudo.

*Rosa, através de Riobaldo, pratica a seriação em ambos os casos. A começar pela enumeração exaustiva de nomes geográficos. Atém-se a nomes curiosos ou sugestivos – quer como representação sônica, quer como forma original de combinação vocabular. O autor dá-se em **Grande Sertão: Veredas** a um verdadeiro brinquedo toponomástico. Vejam: “Era para o outro lado, era para os meus Gerais, eu vinha alegre contente. E saímos com o seguinte risco: o Imbirucu, a Serra do Pau’Arco, o Mingu, a Lagoa dos Marruás, o Dôminus-Vobiscum, o Cruzeiro-das-Embaúbas, o Detrás-das-Duas-Serras. O Brejo dos Mártires, a Caxoeirinha Roxa, o Mocó, a Fazenda Riacho-Abaixo, a Santa Polônia, a Lago da Jaboticaba. E daí, por uns atalhos, o Córrego Assombrado, o Sassapo, o Poço d’Anjo, o Barreiro do Muquém” (pág. 301). Sente-se nessa enumeração o gosto da palavra na sua gratuidade sonora, pois não interessa propriamente à ação em curso esse rol de topônimos. Mas interessa à memória do leitor, pelo prisma da evocação ou pela expectativa que estabeleça em sua imaginação. Cabe aqui, portanto, a observação de Spitzer: “Os nomes próprios, por sua semi-misteriosa arbitrariedade, por sua semiclaridade etimológica e por estarem fora do caudal comum das palavras e associação da língua, têm uma **vis mágica** de que se aproveitam as freqüentes listas de nomes das litânicas cristãs e hindus” (2). Por isso falei em brinquedo. Rosa tem dessas escapadas lúdicas; e a mesma página 301 o demonstra. Surgem nela outros topônimos de som caricioso: Malhada, Lagoa Clara, Olho-das-Águas-das-Outras, Pirapora, Urucuia...*

Guilhermino Cesar se utiliza das citações para defender o primeiro ponto de vista analítico: tanto trechos de Guimarães Rosa quanto a definição de Spitzer estão a serviço da ideia de que há um primeiro aspecto da enumeração, no qual os termos pertencem a

um mesmo campo semântico. No caso de *Grande Sertão: Veredas*, os elementos da lista são desnecessários, do ponto de vista objetivo; no entanto, servem para fins de criação de sonoridades específicas, de apelo à imaginação do leitor. Enfim, trata-se de um recurso *exclusivamente estético*, e não a serviço do andamento objetivo da narrativa.

Com respeito à flora, a mesma coisa: “E descemos num poço, num ponto sem praia, onde essas altas árvores – a caraíba-de-flor-roxa, tão urucuiana. E o folha-larga, o aderno-preto, o pau-de-sangue; o pau-paraíba-assombroso” (p.302). Por meio da fauna, Riobaldo identifica certo ponto do sertão: “Mundo, o em que se estava, não era para a gente: era um espaço para os de meia-razão. Para ouvir gavião guinchar ou as tantas seriemas que chungavam, e avistar as grandes emas e os veados correndo e saindo até dos velhos currais de ajuntar gado, em rancharias sem morador? Isso quando o ermo melhorava de ser só ermo. A chapa é para aqueles casais de antas, que toram trilhas largas no cerradão por aonde, e sem saber de ninguém assopram sua bruta força. Aqui e aqui, os tucanos senhoreantes, enchendo as árvores, de mim a um tiro de pistola – isso resumo mal. Ou o zabelê choco, chamando seus pintos, para esgravatar terra e com eles os bichinhos comíveis catar. A fim, o birro e o garrixo sigritando. Ah, e o sabiá-preto canta bem” (p. 310-311).

Mais um parágrafo, e bastante extenso, para reforçar o primeiro aspecto analisado. Não é de se estranhar tanto destaque à enumeração de fins puramente estéticos: isso está bem de acordo com o perfil linguístico que Guilhermino defende, ao construir seus artigos extensos e abrir mão da superficialidade, em espaço de jornal.

O restante do artigo é composto por citações comentadas do livro de Guimarães Rosa, tanto em momentos em que o processo é bem sucedido, quanto em momentos em que é exagerado. Nas palavras de Guilhermino Cesar, só se pode considerar que a enumeração serve aos seus propósitos quando ela *impressiona o leitor*. Ainda há uma citação retirada de Macunaíma, na qual Guilhermino Cesar demonstra que mesmo um crítico lúcido como Mário de Andrade pode se deixar levar pelo exagero ao utilizar um processo estilístico que lhe agrada.

O final do texto retoma a leveza comum à reflexão intelectual de Guilhermino Cesar nos artigos de jornal, partindo de Spitzer para adicionar ludismo ao debate:

Conforme acentua Eduard Norden, citado por Spitzer num famoso ensaio, há no Evangelho de São João 25 autodefinições de Deus que representam uma das mais antigas enumerações já registradas em letra de forma: o Bom Pastor, o Caminho e a Verdade e a Vida, Vida Verdadeira,

Porto das Ovelhas etc. Se fosse consultado sobre tal assunto, o Não-sei-que-diga, de pura inveja, criaria na certa uma infinidade de auto-epítetos, porque o Cujo é muito imaginoso...

A conclusão é de Spitzer: *seriação, hoje tão usada em literatura, é velha como a vida. Resta porém, a enumeração heterogênea, que fica para outra oportunidade, por ser assunto de maior envergadura, “reflexo-verbal” que é, como diz o mesmo autor, “da civilização moderna, em que coisas e palavras conquistaram direitos ‘democráticos’ extremos, capazes de levar ao caos”.*

Ainda que fazendo a opção por um final mais leve que o restante do texto, incluindo o tom de brincadeira, faz-se presente o ataque à contemporaneidade, utilizando as palavras de Leo Spitzer. Essa referência final lembra ao leitor de que todo o debate em torno da palavra e de sua utilização em um contexto literário – que não leva em conta, necessariamente, o pragmatismo e a tão celebrada objetividade – deve servir para preservar alguns conceitos caros ao Humanismo¹⁰⁶.

3.4.1.2-Machado de Assis

Outro autor brasileiro bastante caro a Guilhermino Cesar é Machado de Assis. Em pelo menos uma dezena de artigos, tem-se referência à sua obra já no título, ou se trata de publicação machadiana como tema principal ou elemento fundamental para a argumentação:

1971: *Zola, Machado e Romero* (29 de maio), *O Sempre Novo* (05 de junho), *Gente do Rio Grande na Obra de Machado de Assis* (02 de outubro), *Machado de Assis e a Consciência Moral* (09 de outubro).

1972: *Euclides e os Profissionais-Artistas* (22 de julho), *A Grande Loureira* (19 de agosto).

1973: *De Nicolau Dreys ao ‘Antônio Chimango’* (05 de junho).

1976: *Carmen e Capitu* (24 de julho), *Sem Título* (25 de setembro).

1977: *O Livreiro Paula Brito e seu Tipógrafo Glorioso* (24 de dezembro).

1979: *Machado de Assis e a Filantropia* (15 de dezembro).

As referências menores, em decorrer de parágrafos, como ilustração e referência secundária, alcançam mais de uma centena. Sua importância como escritor e pensador,

¹⁰⁶ Esse tema será explicitado no capítulo 3; por agora, basta dizer que o próprio conceito de ‘Democracia’ apresenta-se entre aspas porque se trata da democracia contemporânea, conspurcada pelas simplificações implicadas em conceitos como o de conhecimento para todos.

além de sua contribuição para a construção de oportunos debates no cenário cultural brasileiro, são sempre colocadas em destaque, por Guilhermino Cesar¹⁰⁷.

Um dos textos mais interessantes a respeito do escritor carioca – e que escolhemos para representá-lo, nesta análise – não trata apenas de sua obra, mas representa a tentativa de analisar a influência do amadurecimento intelectual de Machado sobre seus escritos. Trata-se de *Machado de Assis e a Consciência Moral*, de 09 de outubro de 1971.

O início do texto transporta o leitor para os últimos dias de vida de Machado, dando conta de sua leitura de cabeceira, mencionada em carta a um amigo:

*Dias antes de morrer, escrevia Machado de Assis a Mário de Alencar, amigo íntimo: “Estou passando a noite a reler a **Oração sobre a Acrópole** e um livro de Schopenhauer”. Na sua solidão, o pessimista incurável refugiava-se na prosa encantada, na magia de Renan. Reforçando por essa via (a de Lúcifer?) a sua descrença congenial, consolidava Machado a resistência que oporia, no momento derradeiro, à “ameaça” de um sacerdote para a cerimônia da absolvição¹⁰⁸. Ele que passara a vida a buscar o perfeito, na ânsia de superar toda rudeza, limpando-se das escórias do instinto, subia agora, pouco antes da noite, a montanha sagrada. Do alto da Acrópole, seus olhos, machucados pelas imagens terrenas mais de perto contemplariam a suprema beleza. Mas, apegado ainda às tortuosidades e enganos do mundo, no seu caminho havia uma sombra – e a mão álgida de Schopenhauer conduzi-lo-ia até o cimo do Partenon.*

*Mesmo na hora derradeira, quando o homem já não sabe mentir, Machado revelou a situação vivazmente conflituosa em que se debatera a sua inteligência. Queria aprender ainda alguma coisa, devassar melhor os escaninhos morais da filosofia do pessimismo, ou pretendia apenas, rever-se, moço e galhardo (gostava de adjetivar assim os jovens) na encruzilhada, no ziguezague das **Dores do Mundo?***

O trecho mostra uma reflexão que diz muito a respeito da natureza da análise literária que Guilhermino está disposto a fazer, no Caderno de Sábado: uma análise voltada para a natureza humana, e o que a escrita pode nos dizer sobre ela. Não se trata

¹⁰⁷ Alguns artigos notáveis, pelo estilo e pela variedade: *Gente do Rio Grande na Obra de Machado de Assis* (02/10/72); *A Grande Loureira* (19/08/72), que trata de História, traz no título expressão cunhada por Machado; *Carmen e Capitu* (24/07/76);

¹⁰⁸ Nota de Guilhermino ao artigo original, esclarecendo o leitor: “O episódio é conhecido. M. de A. agonizava. Amigos instaram para que recebesse um sacerdote; sua resposta foi esta: ‘Não quero, não posso. Seria hipocrisia’”.

de um artigo que procure avaliar a estilística machadiana; também não se pode dizer que o tema central é biográfico. O que se tem é a análise literária a serviço da compreensão de alguns aspectos da alma humana. Nesse caso, Guilhermino retoma seu conhecimento da vida e da obra machadianas, observa sua própria experiência de intelectual maduro e parece se propor a compreender a reflexão do escritor à beira da morte, seu propalado pessimismo e a possibilidade de encontrar em Schopenhauer o sabor do conflito que animara sua alma.

Machado parece ser um dos escritores que oportunizam com excelência esse tipo de reflexão humanística, na opinião de Guilhermino. Tanto que o texto constroi correlações entre o momento da vida de Machado e a leitura de Schopenhauer, a partir dos personagens de sua obra. Alguns trechos:

*De um modo ou de outro, essa leitura da sobrenite, realizada talvez penosamente por quem tinha os olhos enfermos, levou-o muito longe. Talvez àqueles dias em que escrevera **A Mão e a Luva**, romance de 1874. Ali o autor, pensando por Guiomar, já exprimira a sua sensação de desconforto diante do imutável(...).*

Mas a consciência moral do homem, inseparável da do escritor, refuga imediatamente essa reflexão atribuída à personagem. Depressa, corrige o devaneio emprestado a Guiomar(...)

*As personagens por ele criadas podiam esquecer o passado; o romancista é que não. Mesmo que fossem somente pela ânsia de viver o hoje, como a Dona Fernanda do **Quincas Borba** (que o viveria para o bem), ou a bela Sofia (que o viveria para fruí-lo voluptuosamente), o romancista, como uma sombra pressaga, aparecia em cena para lhes recordar que havia o ontem, as agruras do já vivido para turbar a aurora sonhada.*

Guilhermino detecta e denomina *consciência moral* ao traço quase dissecatório que se pode encontrar nos escritos machadianos, em especial no que se refere aos detalhes, aos breves momentos e sensações que, quando colocados à luz pelo narrador, tornam-se extremamente relevantes e esclarecedores dos conflitos morais e idiosincrasias do personagem.

Não tivemos, em língua portuguesa, outro romancista que levasse mais a fundo a sondagem na consciência moral do homem. E isso é tanto mais admirável quanto se sabe que Machado não se alimentou de crenças, mas de descrenças. Uma tentação diabólica levava o romancista a abrir janelas morais nas consciências mais fechadas,

*ou a descobri-las nas personagens **planas** (que nos socorra a distinção, hoje clássica, de E. M. Forster).*

Se estas, debatendo-se na escuridão, dariam conta de si próprias – e o ficcionista carioca sabia pô-las dentro da noite, entre quatro paredes -, só rasgando clareiras é que tais personagens poderiam dar a exata medida de si mesmas. Personagens sem conflitos de tal ordem são uma pequena minoria na avultada população romanesca de Machado.

A opinião de Guilhermino a respeito de Machado de Assis é deixada muito clara nos dois parágrafos anteriores, pois o elogio feito à habilidade em desnudar os personagens, que faz com que eles sejam tratados como *peçoas*. A ideia contida em *Se estas, debatendo-se na escuridão, dariam conta de si próprias* parte do princípio de que podemos imaginar essas personas com consciência; é esse imaginar o personagem como um ser autônomo mas, nesse caso, *debatendo-se na escuridão*, que dá ao leitor a exata dimensão da interferência do narrador, pois, *rasgando clareiras*, ele possibilita que se dê um passo rumo à compreensão de uma alma que funciona como a humana.

(...)ante a convicção de que o desconexo, o desconchavo representa o único saldo positivo da atividade humana, o pensamento do escritor não despreza, refletido nas personagens, o recurso aos paliativos.

*Desta sorte, a vida de representação, como dizem os psicólogos, é sempre na ficção machadiana uma fuga à condenação eterna, por isso mesmo apetecível, cambiante, divertida. Vida como diversão? Pode ser, mas condicionada à amargura das cinzas que sucedem à carnavália. O acicate moral revela-se implacável: vem surpreender o homem em plena “alienação”, embora tudo seja nada. No final do **Quincas Borba**, por exemplo, o pessimista deixou assinalado: “Eia! Chora os dois recentes mortos se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te. É a mesma coisa”.*

Mais uma observação elogiosa, e essa combina com aquela construída a respeito da dimensão estética da enumeração, em Guimarães Rosa: a capacidade de detectar a importância do paliativo, do ato desatento, da etiqueta, em Machado de Assis, desafiam a fronteira da lógica narrativa e se tornam decisivos para o enredo. O escritor carioca, como um psicanalista (e esse mérito, de estar em sintonia com Freud, ninguém nega a Machado), coloca às vistas do leitor aquilo que ele, narrador, sabe ser relevante.

Mas, então, para que sonhar? Para suportar o peso do cotidiano, por um relâmpago de prazer, mais intuído que experimentado? Justamente porque, no jogo moral, no espetáculo da consciência

atormentada pela dúvida, o homem se define na sua essência. A matéria é sutil, pede a alegoria, pede o apólogo.

*Em Machado, isso não faltou. **Viver!**, por exemplo, configura um dos momentos capitais da sua constante intuspecção.*

A questão ganha cada vez mais profundidade, e Guilhermino opta por comentar um texto de Machado (um texto dramático chamado *Viver!*) que considera capital para o debate da paixão pela vida, inerente à natureza humana, mesmo diante da adversidade e da dúvida.

A peça de Machado não é exatamente resumida; antes, é resenhada – partindo do pressuposto de que o leitor compreende que se trata do encontro de duas figuras míticas que representam o castigo eterno: Prometeu e Ahasverus (depois referido como Judeu Errante).

O diálogo de Prometeu e Ahasverus, no limiar da Eternidade, possui o condicionamento trágico inerente no ato de existir em consciência. As duas personagens míticas, tão diversas entre si, conformam afinal uma só cabeça. Uma angústia só. Nenhum dos dois quer abdicar do direito ao sofrimento. Porque no fundo do cálice há um pouco de açúcar: a vida “é”.

*Em nenhuma outra de suas páginas, como na alegoria de **Viver!**, pode Machado representar tão agudamente a profundidade do drama existencial. Antecipou-se mesmo aos filósofos modernos do Existencialismo; e, como demonstrou um erudito holandês, ainda recentemente, o Prof. Houwens Post, da Universidade de Utrecht, o eixo de sua obra parece ter sido, como em Albert Camus, o mito de Sísifo. Viver, ainda que a duras penas, mas viver.*

Mais uma vez, a celebração justa de um autor brasileiro, colocado ao lado de grandes nomes e contribuindo para que se vislumbre alguns meandros da alma humana. No caso deste texto, ainda chama a atenção que o elogio é feito a partir de um texto dramático – faceta de Machado de Assis que até hoje não encontra boa aceitação na crítica brasileira.

O fato de não resumir a peça resgata o desafio ao leitor: caso não conheça Sísifo, por exemplo, é tarefa sua buscar a referência. Há muito o que dizer especificamente a respeito dos escritos de Machado, para que se ocupe espaço do jornal explicando algo que o leitor pode buscar por si.

O fecho da alegoria resume a dúvida em que nos consumimos: Ahasverus, o último homem, no fim dos tempos, embora odiando a vida, pensa em voltar às delícias que Prometeu lhe antecipa numa

terra nova. Mas uma águia, que assiste ao diálogo do Judeu Errante com Prometeu, exclama: “ – Ai, ai, ai deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida”. E outra águia arremata: “Nem ele a odiou tanto senão porque a amava muito”.

Essa alegoria dá bem a medida da profundidade da consciência moral de Machado de Assis.

O final é a parte que mais se aproxima de uma transcrição – Guilhermino cede seu lugar aos termos utilizados na obra machadiana, para demonstrar o profundo paradoxo representado pelo apego à existência de duas figuras condenadas à martirização eterna. O sofrimento, comum aos dois, não é obstáculo a que desejem voltar à vida; da mesma forma, ainda que em profunda escuridão, ignorância e/ou angústia, os personagens de Machado desejam, mais do que tudo, viver, e muitas de suas ações são melhor compreendidas quando se tem essa reflexão por base.

Ainda que conduzido como uma exposição por vezes de caráter filosófico, pode-se dizer que esse artigo é resultado de um esforço analítico grandioso, uma vez que, a partir de uma peça de teatro (e lembrando mais uma vez que o teatro machadiano recebe pouquíssima atenção até hoje), Guilhermino Cesar tece considerações que dão conta de um dos aspectos mais notáveis de sua obra como um todo, que é a psicologia dos personagens. A peça parece retomar alguns dos aspectos fundamentais de Machado: a vontade de viver, inata ao ser humano, em contraste com a vida de dor e dúvida que leva; o vislumbre de compreensão diante do sofrimento do outro, ainda que de natureza distinta do seu próprio sofrimento; a universalidade da natureza humana.

3.4.1.3-Carlos Drummond de Andrade

Outra admiração pessoal – esta, acompanhada de grande amizade e troca de exemplares de livros – é Carlos Drummond de Andrade. A 28 de outubro de 1972, três dias antes do aniversário de 70 anos de Drummond, Guilhermino publica, nos Caderno de Sábado, o artigo *Com Licença do Itabirano*.

O mais interessante desse texto de homenagem é sua forma de construção: ele é entremeado de versos de *Confidência do Itabirano*. Os versos são identificados em itálico¹⁰⁹, e são combinados com as declarações de Guilhermino Cesar, a respeito de seus laços pessoais com a cidade de nascimento do amigo.

¹⁰⁹ Em nossa versão transcrita, transformamos o itálico em negrito.

Alguns trechos que mostram o entremear da experiência pessoal com a expressão do eu-lírico:

Setenta anos fará Carlos Drummond de Andrade nesse 31 de outubro que bate à porta. Idade nenhuma para quem viveu em Itabira e eternizou o Cauê da infância. Levado aos poucos pela ambição do estrangeiro, o pico não se desfez? Ora bem, a eternidade, aqui, é outra: vem da palavra, a essência no ar, as andorinhas ao entardecer.

O parágrafo de abertura informa o leitor a respeito da data importante e demonstra o tom lírico que será adotado para tratá-la. Além disso, a referência à *eternidade* específica da Literatura, associando-a à leveza do ar e das *andorinhas* carrega uma série de pistas drummondianas, como títulos de livros.

*Tenho dois privilégios (bato na boca, pois não mereço): minha mãe foi batizada numa igreja de Itabira. Recém-nascida, levaram-na de Santa Bárbara para deixar os pecados da origem na pia de batismo familiar – os de sua geração ali haviam recebido os Santos Óleos, de Justiniano e Seth, de Porcina a Maria Rosalina. E o segundo privilégio? Desse não falo senão por linhas travessas, o de ter sido na adolescência o espectador distraído de uma obra cuja grandeza hoje nos deslumbra em Ceca, Meca e Olivais de Tanganica. O autor dela, nos limites burocráticos de Belo Horizonte, possuía já a chave do tesouro: **Alguns anos vivi em Itabira. / Principalmente nasci em Itabira.***

A afetividade é evidente na forma como Guilhermino mostra suas raízes entrelaçadas, orgulhosamente, às origens de Drummond. Os próprios nomes de ancestrais mencionados (*de Justiniano e Seth, de Porcina a Maria Rosalina*) apareceriam em diversos poemas de *Sistema do Imperfeito*, sempre com o ar de respeito e ancestralidade que exibem aqui.

O orgulho de ser *testemunha* dos primeiros escritos de Drummond é mais uma forma de mostrar toda a sua admiração pelo poeta que, da mesma forma que o próprio Guilhermino, ensaia seus voos líricos durante a década de 1920, acompanhando a comoção da Semana de Arte Moderna. O próprio Drummond publicou a primeira versão de seu poema *Quadrilha* na Revista Verde de Cataguases, em 1927.

Meu Deus, conheço aquelas ladeiras, que anoiteceram no seu sangue. Noventa por cento de ferro nas calçadas. / Oitenta por cento de ferro nas almas. O ferro vai sendo comido pelo dólar, as

almas continuam incorruptas. Então de onde vem a polícia, o pepino torcido em pequeno, o querer matizado de negativas? Ah, do viver difícil, longe dos mitos (o ouro sumiu nas grotas a boiada morreu de peste). (...)

O texto continua com referências ao livro de poemas de 1977; em especial, nota-se a aproximação de expressões populares (*o pepino torcido em pequeno*) com os *mitos*. A frequência com que isso acontece em *Sistema do Imperfeito* parece seguir a mesma linha observada neste artigo: as expressões coloquiais tornam-se parte inseparável da reflexão mais sofisticada.

Alguns anos vivi em Itabira. *Meu avô materno, de quem herdei o nome, achou difícil a vida por lá. O Fundão era fazenda cara demais para as suas posses, carecia de arranjar dinheiro. Onde? Na Zona da Mata para os lados de Leopoldina, a um pulo do Rio, no meio de gente bruta. (...)*

*E o hábito de sofrer, **que tanto me diverte, / é doce herança itabirana.** Gente de pouca fala é assim mesmo. Vovó Maricas tinha venda, tinha engenho, tinha cafezal, tinha onze filhos. O marido morreu cedo; o filho mais velho, ali por volta dos quinze, assumiu o governo da casa. (...)*

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço: / este São Benedito do velho Santeiro Alfredo Duval; / este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas; / este orgulho, esta cabeça baixa... *As melhores prendas de Itabira estavam ocultas. No prédio da fazenda, com as infundáveis janelas nas quais bandeiras de vidro azul, amarelo e verde. (...) Um dia, quando eu começava a sofrer os primeiros repuxos do Francês e do Latim, vovó me levou pé-ante-pé para junto de um baú que lá se guardava e ordenou: “Abre!” Abri. No escuro, entre um brocado e um xale preto, dormiam os restos do colégio de Mariana: a “Historiae Sacrae”, o “Théâtre Classique”, a “Língua Francesa Ensinada pelo Sistema Ollendorff”, os “Cents Petits Contes” do Abade Schmid. Vó Maricas sabia um latinório medonho; não podíamos acompanhá-la, na reza, antes do café da noite e das histórias de assombração. Ela governava dois mundos: a cozinha e a sala de visitas. De noite, matriarca sorridente, reclinava-se nas almofadas para ouvir o seu piano, a menos que estivesse a contemplar, na parede, a estampa do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo, ou a manusear “O Panorama”, revista onde se lia de tudo, até os romances pecaminosos de um tal Alexandre Herculano. No mais, o vestido preto, o trancelim de ouro, e o suspiro de cabeça baixa: “Os negócios vão mal”.*

O parágrafo constroi personagens da família de Guilhermino Cesar que atuaram no cenário irabirano. As lembranças começam no avô ousado, que teve iniciativa de procurar um lugar melhor para viver, e chegam à avó que o presenteia com livros –

mesma figura forte que *governava dois mundos*. Guilhermino se permite mergulhar em seu passado mineiro e, como é próprio de seu estilo, combina a fluidez lírica com a nostalgia emocionada.

Para um homem que não se furtava de se referir ao Rio Grande do Sul como sua terra (e vimos isso com clareza no capítulo anterior), essas raízes colocadas à mostra demonstram mais uma vez a confiança no leitor – que será capaz de compreender o apego à terra natal, as lembranças que o assaltam e, em especial, perceber a qualidade que essas lembranças ganham ao ser tratadas poeticamente por Drummond. Assim, esses trechos ajudam a sensibilizar o leitor quanto ao conteúdo homenageado.

Tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público. O poeta que me perdoe, mas a gente de Itabira nunca deixou de ter muito ouro, muito gado, muitas fazendas. O físico não sabe? é lá com ele. Tem tudo isso no ar e o pensamento é bastante para aquecer a alma. (...)

Mais uma vez, a imagem do ar retoma a metáfora drummondiana, retomando a ideia de *fazendeiro do ar* como alguém portador de riquezas que pertencem a um outro plano de existência.

A parte final do artigo começa com uma espécie de pedido de desculpas; no entanto, segue mostrando que não apenas a memória afetiva, mas também o lirismo lhe é despertado pela poesia de Carlos Drummond de Andrade:

Deito impurezas na fonte do Itabirano. Paciência; cada um dá o que tem. Longe dele, só me resta a sua poesia, com a qual brinco, com a qual sofro, com a qual me alimento, ora essa. E cheguei ao desprante de tomá-lo por assunto. Lá vai:

QUADRILHA

*Bandeira faz do bacilo
de Koch poesia e meia.
Cassiano tira a bomba
da cabeça do Saci.
O ausente Jorge de Lima
diz em barroco um segredo.
Murilo Mendes decifra:
Os anjos ora são brancos
ora vermelhos.
Cecília partiu, a bela,
para uma longa viagem
– foi pastorear fantasmas
na cerração de Ouro Preto.*

*Vinícius faz um sambinha
realmente muito hippie.
Liberta o canto, Schmidt,
mas deixa preso o dinheiro.
João Cabral de Melo Neto
põe a pedra do engenheiro.
nas enchentes do Recife.
Emílio Moura e Quintana
falam grego no Amazonas
para os ouvidos do cheik.*

*E Carlos Drummond de Andrade,
fazendeiro na Itabira,
faz artes de Malazarte:
Cavalga a poesia em pelo.*

*Repito: para quem nasceu em Itabira, setenta anos é tempo nenhum.
Naqueles climas, pátria de Carlos Drummond de Andrade, a medida é
intemporal. Transformado por ele em poesia. Clara, alta, mas como dói!*

O trecho acima coloca em evidência a humildade de Guilhermino Cesar, que se considera devedor tanto da experiência itabirana quanto da poesia de Drummond. Todas as imagens realçam o traço intangível de sua poesia (fonte, clareza, altura) e destacam a profunda admiração pela obra do conterrâneo.

Seu poema de homenagem se chama *Quadrilha*, da mesma forma que o poema que Drummond cedeu à *Verde*, lá na década de 1920, havia sido sua *Quadrilha*. Percebe-se, então, a reminiscência do impacto que aquele poema deve ter causado: tratava-se de um autor mineiro, como os rapazes da *Verde*, encontrando caminhos novos para a poesia, acompanhando de perto e ao mesmo nível a vanguarda modernista de São Paulo. Tantos anos depois, Guilhermino se vê distante geograficamente e talvez até ideologicamente daquele começo – algumas de suas colocações no texto de homenagem que escreveu para a reedição especial da *Verde* mostram um certo ar de pejo, quando se recorda de algumas de suas convicções estéticas da época; no entanto, sua posição no plano intelectual é respeitabilíssima, e permite resgatar seus primeiros contatos com o gênio de Drummond, deleitar-se em suas origens comuns e prestar todas as homenagens em prosa e poesia que as musas lhe ditam.

A homenagem à arte de Drummond transparece também em texto publicado a 03 de junho de 1972, chamado *Tudo são Metáforas*, e dedicado à análise da natureza da metáfora na poesia. Os trechos que ilustram a análise são todos de Drummond.

No ensaio sobre La Deshumanización del Arte, examina Ortega y Gasset o tabu e a metáfora. Explicando os diversos caracteres desta última, na sua função de elidir a realidade, ou mesmo ultrapassá-la, escreve: “La metáfora es probablemente la potencia más fértil que el hombre posee (...) Sólo la metáfora nos facilita la evasión y crea entre las cosas reales arrecifes imaginarios, florecimientos de islas ingravidas”. É certo. Mas o que Heinz Werner, citado pelo próprio Ortega, afirma sobre a origem da metáfora é ainda mais esclarecedor. O espírito do tabu, segundo esse psicólogo alemão, contemporâneo de Freud (seu livro Die Ursprünge der Metapher é de 1910) vem a ser uma das raízes da metáfora. A criação do tabu, incidindo sobre uma palavra, de modo a torná-la proibida, representa assim um mecanismo de compensação, por meio do qual o homem primitivo tenta ocultar o terror cósmico a que se vê preso. Seria, por outras palavras, a prova de que a mente humana se atritou com o Cosmos: o Eu teme o não-Eu.

A abertura do texto coloca em contraste (com citação do original para permitir o trabalho reflexivo pessoal do leitor) conceitos de metáfora em dois autores – sendo que um deles está relacionado ao trabalho revolucionário de Freud. A frase final desnuda a essência do debate, expondo a situação do ser humano que, através da palavra, tentativamente sai de si mesmo.

Com efeito, Ortega, como tantos outros, chega a supor que houve um tempo em que o homem foi totalmente dominado pelo medo. Teria, por isso, vivido a idade do terror cósmico, a que se ligam, ainda hoje, tantas manifestações dos povos primitivos. Não existem povos primitivos, diz a antropologia cultural moderna; a qualificação é imprópria. Mas, para o efeito pretendido por Ortega e Werner, primitivos serão, pelo menos, todos aqueles seres humanos capazes de acreditar em tabus. Ou seja, quase todos nós. O que significa, em última análise, que nesse capítulo somos todos muito parecidos com o mais agreste botocudo... Revivescências daquela idade primeva aí estão, presentes no psiquismo do homem contemporâneo, mesmo o mais bem situado na escala da civilização material. Este apenas esconde a criatura desamparada de sempre, a viver em perpétuo medo.

A situação é abordada com leveza, o que permite a Guilhermino Cesar confrontar qualquer cidadão comum, que se julgue civilizado, com algumas de suas condições essenciais. No momento em que Guilhermino Cesar admite seu medo, abre as portas para que o leitor perceba que ambos são, afinal de contas, *primitivos*¹¹⁰. Essa estratégia

¹¹⁰ A referência a Lévi-Strauss será analisada com um pouco mais de detalhe na seção deste capítulo dedicada aos escritores europeus.

desperta a sensibilidade do leitor, ao desnaturalizar¹¹¹ o conceito de primitivo, e prepara-o para aceitar o tipo de liberdade que a metáfora tem a oferecer.

Grande medo, prodigioso medo, responsável por algumas das mais belas fábulas de que se alimenta a civilização. Sem o medo seríamos apenas um estômago a digerir e um sexo a multiplicar-se. Através do medo é que nós nos sentimos grandes, na medida em que ele nos eleva, integrando-nos no mistério, fazendo de nós uma parcela de algo além de nós. Para resumir: uma parcela necessária à soma do Absoluto.

Por isso os poetas, que são inquestionavelmente os mais ativos dos seres, os mais integrados na Vida, podem disreter sobre essa faixa de sombra, penetrar nela, de lá tirar estrelas, idéias, sentimentos, imagens do que é e do que não foi ou nunca será. Pura taumaturgia. Ou para ficarmos numa palavra mais potável: pura mágica.

Esses dois parágrafos são dedicados à imersão do leitor na natureza transcendente da poesia, que pode criar mundos e, através dessa criação, tornar mais clara a visão do próprio mundo. O paradoxo torna-se familiar ao leitor, que agora está preparado para acompanhar Guilhermino nos exemplos que está prestes a apresentar.

Carlos Drummond de Andrade, com sua poesia superior ao tempo e às impertinências da crítica, adverte que o medo é o pai do homem e seu eterno companheiro. Um pai que não se dissolve (nem se ausenta, agarrado ao filho como sua própria essência). O poema em que Drummond metaforiza o tema leva um título carregado de humor. Chama-se “Congresso Internacional do Medo”, está no Sentimento do Mundo – e diz assim:

O texto segue com trecho do poema citado¹¹². Aliás, o artigo todo é organizado a partir dos conceitos inerentes à poesia de Drummond:

Na poesia do itabirano, carregada sempre de tensões existenciais, há diversos outros passos em que o medo aflora como sentimento inseparável de toda construção humana. E por que? Lá vem a resposta:

¹¹¹ Neste trabalho, utilizamos os conceitos de *naturalização/desnaturalização* como eles são entendidos na Linguística: naturalização é o processo pelo qual algo, através da repetição, passa a ser aceito, ainda que não seja correto ou com qualquer embasamento aceitável; a desnaturalização é a reflexão que leva a repensar a forma como um vocábulo, expressão ou conceito é comumente aceito.

¹¹² O trecho é: *Provisoriamente não cantaremos o amor, /que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos. /Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, /não cantaremos o ódio porque este não existe, /existe apenas o medo, /nosso pai e nosso companheiro, /o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos, /o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, /cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, /cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, /depois morreremos de medo /e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.*

***Em verdade temos medo
Nascemos escuro***

Aí está. Tudo vem desse nascer escuro, que nenhuma ciência ilumina de modo satisfatório. O melhor seria transcrevermos o poema na íntegra, mas nesse caso não haveria crônica, apenas um furto.

A passagem dos exemplos poéticos para algo mais próximo do leitor gaúcho é a próxima estratégia a ser utilizada – o autor do texto conduz o leitor, ao tornar bastante familiares os exemplos que escolhe:

Um salto, da poesia para o prosaísmo da vida diária, nos leva também ao medo. Vejamos, por exemplo, a fraseologia popular, no Rio Grande do Sul. Ela nos fornece inúmeros elementos demonstrativos de que a “metáfora protetora” não é um privilégio dos povos ditos primitivos. Ninguém diz, na zona castiça de colonização açoriana (Viamão e cercanias), que alguém foi atingido por um raio, mas pelo “mandado”. Dizer a palavra “raio” pode atraí-lo, “não presta”. É preciso usar palavras que tenham a força de um esconjuro, ou sejam suficientemente neutras para ocultar o signo funesto. “Pensar tem muita força”, gosta de dizer meu amigo Elesbão, criado numa estância do Alegrete. Isso explica aquilo, aludir a uma coisa é chamá-la, atraí-la. Tem ímã a palavra? Sei lá. Ou terá franjas, como ensinava João Ribeiro antes do significado e significante de Saussure? Tem poderes sobrenaturais, como queria João Guimarães Rosa?

A referência a Elesbão como amigo pessoal será tratada convenientemente no próximo capítulo; no entanto, uma vez que Elesbão representa a visão do gaúcho comum, com família no interior, funcionário público e de cultura razoável – um dos perfis bem possíveis para o leitor do Caderno de Sábado – percebe-se que seu testemunho reforça a familiaridade e a relevância do assunto tratado.

Há mais um trecho do poema antes citado, e segue a conclusão do texto. Esta realiza uma das relações favoritas de Guilhermino Cesar: partindo da poesia, chega-se a questões pertinentes à contemporaneidade:

E o medo da Bomba, que as sucessivas conferências de Nixon com os russos não conseguiram extinguir? Bem, essa já é a estepe do medo, território gelado onde o leitor, podendo, excitará a imaginação. Impunemente. Sem o perigo de ser recolhido ao hospício, conforme é de praxe na Rússia, sempre que o sujeito dá um passo além do risco marcado pela tróica. Está certo: a palavra hospício vale bem a palavra Sibéria. Tudo são metáforas, não é mesmo?

Como se vê, a poesia de Drummond, além da evidente qualificação estética, alcança questões filosóficas muito ao gosto de Guilhermino Cesar. A integração entre a reflexão e o tratamento lírico da linguagem parece ser um dos traços do itabirano que mais encantam o homem de Cataguases.

3.4.1.4-Mário de Andrade

Não poderíamos encerrar esta seção sem mencionar aquele que foi um dos intelectuais mais influentes da primeira metade do século XX, no Brasil, amigo pessoal de Guilhermino Cesar e seu conselheiro para questões pessoais e literárias.

Além das referências esparsas, incluídas em diversos artigos, cabe destacar dois artigos que tratam especificamente de Mário de Andrade: o primeiro deles é *Que Dificuldade Enorme!*, de 1º de março de 1975. Trata-se de um poema em prosa, uma homenagem a Mário de Andrade, que completava 30 anos de falecimento a 25 de fevereiro. Segue o trecho inicial:

*Mário de Andrade morreu a 25 de fevereiro de 1945.
Há trinta anos, por conseguinte – leio nos jornais.
Mas, ao rever esse tempo transcorrido (muitos dias para pouca
vida), não saio do poema “Acalanto do Seringueiro”.
Mário estará dormindo?
Como poderá dormir aquele que não conheceu vazios no ato de
pensar?
Como poderá dormir o homem de pé na sua lavra?
O cantor da Aurora?
Como dormirá o múltiplo indormido?
**Eu sou trezentos, sou trezentos e cinqüenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso.***

Como é característico das homenagens de Guilhermino Cesar – e de muitos de seus artigos para o jornal –, nota-se com clareza a afetividade que cerca sua escrita, entremeada ao conhecimento sobre o autor tratado. Quando dizemos *entremeada*, gostaríamos de destacar a impossibilidade de separar o gosto pessoal pelo autor comentado da leitura qualificada que se pode fazer dele. Também se pode observar esse mesmo encantamento relacionado ao conhecimento na poesia de Guilhermino Cesar – elementos como o ludismo jamais podem ser considerados sem levar-se em conta a referencialidade erudita e a característica enciclopédica que a motiva, organiza e auxilia na construção de efeito.

A 07 de julho de 1979 é publicado o outro artigo a que fizemos referência, *Nacionalismo e Regionalismo*, que retoma alguns aspectos da obra de Mário de Andrade, em especial no que diz respeito à função do regionalismo num país de dimensões continentais como o Brasil. Destaca-se a sua convicção de que o Rio Grande do Sul possuía potencial para produzir literatura *brasileira e qualificada*, ao contrário do que muitos críticos apontavam:

*Tive em mente a posição de Mário quando escrevi em 1956 a **História da Literatura do Rio Grande do Sul**, tanto assim que escolhi para epígrafe dessa obra uma frase do inolvidável amigo:*

“De todas as Literaturas do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável”.

Poucas evidências podem ser tão claras para demonstrar a importância que as opiniões de Mário de Andrade possuíam quanto essa epígrafe, que Guilhermino faz questão de divulgar na página de jornal. De certa forma, pode-se considerar um grande serviço do professor, ao retomar o nome de um ensaísta e pensador extremamente importante, e que nem sempre é lembrado na Academia por essa faceta.

3.4.2-Além-mar

Os artigos de Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado apresentam um grande leque de autores analisados, ainda que nos detenhamos no espectro da Literatura. Os autores de fora das Américas incluem, a título de ilustração:

-Italianos, como Gramsci (*Compreender o Irã*, de 1979) e Mansueto (*Mansueto, o ‘Crepuscolare’?*, de 31 de maio de 1975).

-Russos, como Dostoievski (*Dostoievski ou a Solidão do Homem*, 30 de outubro de 1971).

-O tcheco Kafka (*Kafka, os Kafkianos e os Outros*, 12 de agosto de 1972), e o alemão Rilke (*Rio Abaixo*, 10 de agosto de 1974).

-Africanos, com séries de textos a respeito dos autores guerrilheiros e algumas traduções que valorizam os aspectos míticos da cultura africana. Tais estudos eram, até então, inéditos no Rio Grande do Sul (*Poesia Negro-Africana*, 09 de outubro de 1976; *Poesia de Madagascar*, 08 de abril de 1978; *Último Pousa*, 03 de junho de 1978).

-A língua espanhola está presente, além das menções a Azorín (*Dois Sensitivos*, 17 de junho de 1972; *Para emagrecer*, de 10 de maio de 1975; *Miscelânea de Azorín*, de 17 de maio de 1975) e ao *Quixote* de Cervantes (*Viramundo*, de 05 de janeiro de 1980), com frequência mas de forma indireta, nas análises de textos originários daquilo que Guilhermino chama muitas vezes de *Gauchônia* – a região do pampa que inclui partes do sul do Brasil, da Argentina e o Uruguai (vários textos do ano de 1974: *Problemas da Gauchesca*, de 19 de janeiro; *A Poesia e a Continência*, de 16 de fevereiro; *Inimigos de Martin Fierro*, de 02 de março; *Borges, a Metáfora, o Mundo*, de 08 de junho) .

No entanto, há dois países europeus com presença privilegiada nos artigos, tanto no que diz respeito a traços culturais que estão de acordo com algumas preferências pessoais e intelectuais de Guilhermino Cesar, quanto na presença de escritores e pensadores de peso a serem divulgados para o grande público.

3.4.2.1- França, ‘Garçon’, Ideal da Gente

A 25 de novembro de 1978, Guilhermino Cesar utiliza uma expressão de seu grande amigo e teórico de admiração, Mário de Andrade, para intitular um artigo em que deixa claro seu respeito pela contribuição francesa para a cultura ocidental. Trata-se de *França, ‘Garçon’, Ideal da Gente*.

O texto retoma a importância de divulgar e valorizar a cultura do país que possui uma inabalável tradição de estudos humanísticos, em especial em tempos de mecanização e superficialidade como os que se vê no século XX. Guilhermino Cesar se pergunta sobre a possibilidade de vitória desse humanismo claro e elegante, típico da intelectualidade francesa, sobre a máquina.

Mário de Andrade escreveu certa vez: “França, ‘garçon’ ideal da gente”. Serve ao freguês o que ele peça, e bem, com arte e sutileza. Principalmente no plano superior da literatura, da arte, das idéias.(...)

Tudo quanto há de confuso, em matéria de pensamento, torna-se nítido depois de atravessar o filtro das Gálias. O mundo não se deixou conquistar apenas pela ideologia republicana, vitalizada e propagada pela Enciclopédia; o estilo de um Voltaire tanto contribui para difundir o liberalismo quanto os “bons modos” mentais.

A admiração pela França é muito evidente em diversos artigos, uma vez que ela representa, na opinião de Guilhermino Cesar, a resistência humanista necessária em alguns dos momentos mais questionáveis da civilização ocidental¹¹³. Esse artigo menciona uma série de escritores, filósofos e ensaístas importantes para a construção da respeitável contribuição francesa para a arte e o pensamento em geral.

Apesar de não ter recebido nenhum artigo inteiro dedicado à sua obra, as referências a Jean-Paul Sartre são muito frequentes. Peças e romances são retomados, ilustrando o engajamento do autor no debate sobre a natureza do ser humano, a opressão e a coletividade. Essas referências estão presentes em muitos dos poemas de *Sistema do Imperfeito*, o que mais uma vez demonstra a proximidade entre a prosa argumentativa do jornal e a poesia produzidas por Guilhermino Cesar na década de 1970¹¹⁴.

Outro reforço à importância do pensamento francês são os diversos artigos a respeito de Lévi-Strauss, e as referências à sua obra antropológica revolucionária. Em diversos artigos, as ideias de Lévi-Strauss são as *premissas* para o debate – em especial, em artigos em que se tem o embate entre os valores humanistas e mecanicistas.

A 07 de fevereiro de 1976, por exemplo, tem-se o texto *Descalabros do Ensino*, que compõe uma série de artigos a respeito da educação universitária no Brasil. Lévi-Strauss é mencionado porque deu uma entrevista em que declara sua surpresa com o comportamento dos estudantes brasileiros quando de sua vinda como professor visitante, ao país. O francês queixava-se da pressa em abraçar sem reflexão qualquer novidade, em termos ideológicos e intelectuais. Guilhermino parte daí para construir sua argumentação de que isso seria reflexo de uma ‘democratização’ do ensino, desenfreada e mal-feita, que se deixa levar pela velocidade de divulgação de novas ideias e teorias e adere a tudo o que é mais ‘novo’.

Além desses dois autores, que representam facetas ideológicas do próprio Guilhermino – são pessoas que, provindas do mundo intelectual/acadêmico, conseguem se utilizar da mídia e de suas boas relações internacionais para levar o debate a outros espaços –, ainda cabe comentar duas preferências pessoais de Guilhermino Cesar, que merecem artigos de análise e recomendação.

¹¹³ O restante deste artigo constroi um forte contraste entre a influência cultural da França e as tendências tecnicistas do século XX. Por essa razão, ele será citado também no capítulo 3.

¹¹⁴ O anexo de poemas inclui *Súplica*, um dos poemas em que o nome de Sartre é chave para acompanhar o movimento lírico do texto.

O primeiro caso é o de Léon Bloy, que merece o inspirado artigo *Bloy*, publicado a 07 de dezembro de 1974. Para demonstrar o tom utilizado, cabe transcrever o primeiro parágrafo e seu brilhante encerramento:

Cada um de nós tem suas leituras de solidão. Aquela que se faz em separado – quero dizer, longe das preocupações do Emprego. Como homem qualquer, despojado momentaneamente da certidão de idade, do CPF, dos compromissos da cidadania. Os meus autores, para tais momentos, são cinco ou seis: Montaigne, Suetônio, Machado de Assis, Bernanos, São João Evangelista, Léon Bloy. Com este último mantenho relações muito tempestuosas; se o admiro sempre, há momentos em que o detesto. Mas a sua condição de ‘mendigo do Absoluto’ me atrai – e lê-lo é uma forma de dançar sobre os Abismos.

Essa frase final, aliás, remete a alguns versos encontrados em *Sistema do Imperfeito*:

*O que é do abismo
a ponte não doma.*

*(Poema que emprestei.
SI&OP, p. 82)*

O texto segue com onze trechos de Bloy, transcritos e comentados por Guilhermino (na verdade, alguns deles são apenas transcrições – indicando que dispensam comentários).

O trecho 11 é, inclusive, abertamente polêmico: é onde Guilhermino nos informa que Bloy detestava o verso livre, e transcreve um trecho em que o escritor chama o poeta que abre mão da métrica de imbecil e perverso. Depois disso, Guilhermino Cesar faz seu comentário:

Decida o leitor como quiser; quanto a mim, terminado este artigo, voltarei a reler o Quintana, com quem sempre me reconforto depois das tempestades...

A referência a Quintana retoma a homenagem feita no artigo *Poesia sem Data*, publicado no ano anterior, no qual Guilhermino faz o elogio do ritmo peculiar ao soneto do poeta gaúcho, mostrando sua admiração pela potencialidade do verso livre. Mostrar que dois de seus autores de admiração são radicalmente opostos em um aspecto é uma forma de começar a encaminhar o fim do texto, que ainda terá dois parágrafos para desenvolver a ideia lançada:

E ler Bloy é um forma de atravessar o Mar Oceano debaixo de raios e coriscos. Não me furto a essa aventura, sempre que posso. Mas o

que me consola é que até hoje não perdi a esperança de encontrar o bom porto. Odeio também o pessimismo. O que não me impede de verificar – e dizer – que aquela criança é feia e aquela árvore nasceu torta.

Esse penúltimo parágrafo mostra que Guilhermino é uma pessoa de opiniões fortes e que não se importa a quem elas possam doer, contanto que sejam sinceras e refletidas. Ele não quer discutir se Bloy está certo ou errado – ele quer *enfrentar intelectualmente* o desafio proposto pelo pensador francês. A tempestade está justamente em perceber que um homem brilhante em dez dos aspectos colocados provocará desconforto no último item, para seu leitor, que o admira mas é justamente poeta que aprecia o verso livre moderno, e se utiliza dele¹¹⁵.

Receito ao leitor – se me permite – uma dose de Bloy por semana. Faz bem ao coração. Embora se corra o perigo de transformá-lo, a esse vinho generoso, em vinagre – perigo que correm todos os imaturos, como lembrou Pierre de Boisdeffre, ao estudar a obra literária de Bernanos e de Léon Bloy. Aos tolos tudo faz mal, não porque as coisas sejam necessariamente más, senão porque eles detestam a inteligência.

O texto termina justamente com a demonstração de uma opinião forte, que pode atingir o leitor em cheio, caso ele já tenha lido Bloy e tenha se desgostado de sua opinião, ou estivesse se desgostando diante dos trechos transcritos e comentários desse mesmo artigo. Guilhermino Cesar reforça sua admiração pela ideia bem pensada e bem expressa, sem julgamento ideológico.

Poderíamos tratar de uma série de autores apenas mencionados até aqui, ou lembrados em artigos esparsos (Voltaire, Bernanos, Rousseau, Zola, Flaubert), mas vamos finalizar essa seção com a surpreendente celebração de um gênero romanesco que o próprio Guilhermino Cesar confessa não ser usualmente de sua preferência: trata-se do gênero policial, a partir da obra de Georges Simenon.

Os artigos que tratam de seus romances policiais são apenas dois, mas apresentam uma convicção fortíssima quanto à excelência do tratamento dado ao gênero, no escritor francês. Justamente por não ser fã do romance de investigação, Guilhermino Cesar destaca as qualidades literárias em Simenon.

¹¹⁵ O fato de escolher 11 aspectos de Bloy nos parece significativo. Uma contagem em dez soa natural, o que reforça a presença do 11º elemento. Recurso parecido foi utilizado em *Animal de Tarde*, primeiro poema de *Sistema do Imperfeito*, que é dividido em nove partes – o que destaca o tom de incompletude/repetição das atitudes humanas.

O primeiro artigo é *Elesbão e a 'Droga'*, de 23 de setembro de 1972. É nele que Guilhermino afirma não ser admirador do estilo, apesar de mencionar respeitosamente nomes como Edgar Allan Poe e Agatha Christie, e confessa sua profunda admiração por Georges Simenon.

De mim, criatura ocupadíssima, sei dizer que livro de Simenon diante do nariz significa – o mundo que se dane. Mergulho. Encontro nele uma palpitação, uma seriedade existencial, um não-sei-quê fulgurantemente aliciador. Poderia voltar atrás e corrigir o mau gosto do advérbio. Fique assim mesmo. Simenon é a minha 'droga'. Ponho-o tranquilamente ao lado de Balzac, Dostoiewski, Tolstoi, Thomas Mann, Machado, Camus, Dickens, Camilo, Flaubert, Hemingway, monstros tão diferentes entre si, mas irmanados por um só poder, quase demoníaco, de traduzir nas almas a sua linguagem cifrada.

O artigo é intitulado sem referência a Simenon ou ao romance policial enquanto gênero, mas a essa passagem em que a leitura é comparada a um vício, e ao personagem que figura em vários outros textos de Guilhermino: Elesbão, o amigo porto-alegrense. Trataremos em detalhe a figura de Elesbão em outro capítulo, mas cabe dizer que o artigo é construído em torno do clima de amizade e companheirismo intelectual que leva dois amigos a compartilharem uma paixão pela leitura do mesmo autor. Ao se visitarem, a situação se repete:

Tenho um amigo – o Elesbão – que não se cansa de elogiar a forma viril, simples e eficaz de Simenon. Quando me telefona, ou aparece aqui em casa, não deixa de perguntar, antes da despedida: “-Recebeste nova dose?” Em nosso dialeto fraternal, isso quer dizer: tens aí o novo romance de Simenon?

O clima entre os velhos amigos ganha um tom de humor, como se se tratasse de um prazer ilícito. Explica-se essa impressão pela opinião corrente de que o romance policial é um gênero menor. Assim, dois cidadãos respeitáveis e possuidores de um nível intelectual e cultural acima da média talvez não devessem se entregar ao deleite de algo menor. No entanto, Guilhermino Cesar, professor e autoridade em Literatura, sente-se autorizado a recomendar esse autor.

O segundo artigo apareceria anos depois a 08 de março de 1980, e se trata de uma resenha. O título, *O Mundo Emocionante...*, faz referência à publicação de 'O Mundo Emocionante do Romance Policial', por Paulo de Medeiros e Albuquerque, em 1970. Mais uma vez, Guilhermino Cesar reconhece o mérito de autores como Agatha Christie, mas não pode deixar de confessar que se rende à obra de Georges Simenon.

Guilhermino reconhece o valor desse tipo de publicação para a valorização de um gênero, em especial quando há bons escritores dedicados a ele.

3.4.2.2- Portugal nos livros, na memória e no coração

O afeto de Guilhermino Cesar pelas terras portuguesas é evidente, em diversos momentos de sua vida: na poesia, nos artigos literários, em referências de todos os tipos. Sua estadia em Coimbra, cuja universidade concedeu-lhe a láurea de *Doutor Honoris Causa*, no ano de 1967, foi oportunidade de intercâmbio cultural, pesquisa e relações pessoais que interfeririam profundamente em diversos níveis de sua obra. Nos artigos para o Caderno de Sábado, essa ligação afetiva está entremeada em todas as análises.

É o que se nota claramente em um artigo como *O simples e o complexo*, de 12 de fevereiro de 1972:

A terra, em conjunto, ilude o observador: deixa-se ver de um golpe. Mas nessa redução política da geografia ibérica, a vida humana rumoreja como na intimidade dos búzios: a voz do Oceano. Donde a conclusão que a regra é a variedade.(...)

Este artigo tem saudades por dentro, no seu vôo desajeitado sobre o Atlântico. E termina dizendo aos críticos impecáveis: - Pois fiquem vocês com a Perfeição, e passem bem de saúde.

Guilhermino Cesar está atento aos preconceitos que cercam a cultura portuguesa no Brasil, e talvez por isso faça a ressalva que aparece ao final do trecho transcrito. De certa forma, ela vai ao encontro daquilo que observamos no artigo sobre Bloy: o que importa não é apenas o elogio, a concordância e a beleza; é preciso estar atento a outro tipo de qualidade, mais profunda, relacionada ao raciocínio elegante e à peculiaridade intrigante do tema.

Um artigo que ilustra essas características únicas da cultura lusa é *Janelas de Coimbra*, de 04 de setembro de 1971. O texto traz uma visão panorâmica de algumas paisagens marcantes da cidade portuguesa:

Vista pelos que chegam de Lisboa ou dos Cascais, do Pôrto ou da Figueira da Foz, antes de ser uma cidade, Coimbra é um cartão postal.

Sinto bem isso aqui do meu apartamento, num edifício da Baixa: nove janelões rasgados sobre ela. Salvo quando olho, na vertical, a avenida onde rumorejavam os veículos que ligam Ceca e Meca, Algarve e Trás-os-Montes, o panorama que tenho, aqui do sexto andar, é o de uma cidade extática. Não se vêem ruas, nem

casas solitárias, na colina fantasmal. As janelas do casario se alternam como numa construção só, planejada por um Brueghel bêbado, e no molhe imenso agridem-se os telhados superpostos, entre formas claras. Sem apelo à imaginação, ninguém adivinhará a existência de seres humanos debaixo daquelas telhas encardidas. Principalmente à noite, acesas as luzes do jantar ou do estudo renitente. (...)

Mas esse cartão-postal tem poderes ocultos. De repente, transforma-se. Agora, por exemplo, ao calorzinho desse inesperado sol nos cinzentos de janeiro, Coimbra já parece uma velha a rebuscar faceirices extintas para levar aos olhos de Deus. (...)

Coimbra tem a forma de uma pirâmide surrealista salpicada de janelas – caranguejos arranhando a face do tempo. Não invento nada. Venham conferir. Só os cegos não podem ver que tudo se apega ao velho muro para não acabar mais depressa.

A beleza da descrição está tanto na percepção das características abundantemente diversas das paisagens brasileiras/gaúchas quanto pelas metáforas utilizadas. Imagens como a do *cartão postal*, do *Brueghel bêbado*, da velha faceira e *caranguejos arranhando a face do tempo* são grandes exemplos de como o afeto por determinado lugar/tema transporta os escritos de Guilhermino Cesar para um nível de excelência ainda maior do que o encontrado normalmente.

Literariamente, esse ambiente mágico descrito por Guilhermino Cesar se presentifica nas leituras de um poeta e de um prosador, que muito falam ao coração do mineiro. Vamos tratar desses dois, pois tanto sua capacidade de inscrever o espírito luso na obra criada, quando suas relações com o Brasil (e possíveis influências) fizeram com que fossem presença forte nos artigos.

O poeta de que falamos é Luís de Camões. Cabe dizer que Fernando Pessoa está presente em alguns artigos, mas Camões é o poeta a quem Guilhermino recorre (ao lado de Drummond, diga-se de passagem) quando deseja uma imagem definitiva ou uma figura exemplar de poeta. Os artigos que tratam de Camões são diversos, e espalham-se entre 1972 e 1980.

O primeiro é *O Poeta – Um Homem*, publicado a 10 de junho de 1972. Trata basicamente da repercussão da obra camoniana em sua própria época. Aborda questões de cunho histórico, trazendo à luz alguns traços relevantes da forma como o poeta foi encarado por seus compatriotas, quando inserido em seu momento histórico.

O segundo artigo é ainda de 1972, do dia 15 de julho, e se chama *O Patriarca e a Edição do Morgado de Mateus*. Guilhermino Cesar retoma as efemérides daquele ano (400 anos da publicação de “Os Lusíadas” e 150 anos da Independência do Brasil), e

tece um artigo a respeito da obra de José Bonifácio de Andrada e Silva. Segundo Guilhermino, a figura do *Patriarca* estabelece a relação necessária entre os dois fatos que se está a comemorar.

Camões volta à baila em 1976, ano caracterizado por séries de artigos. O poeta português ganha a sua série, composta de quatro artigos, publicados entre 26 de junho e 07 de agosto, e intitulada *Camões e a Realidade Vivida*. Os eixos escolhidos por Guilhermino (e que parecem ser de seu gosto pessoal) são as relações entre a vida e a obra de Luís de Camões.

Cabe dizer que essa preferência não nos espanta, uma vez que dá conta de duas paixões de Guilhermino: a Literatura e a História. Assim, cada artigo que retoma Camões oferece a oportunidade de discutir a Ibéria, o Renascimento, o papel da Igreja e muitas outras questões daquele período.

Em 1978 tem-se os dois artigos que comentamos por ocasião de Mário Quintana, *De Camões a Mário Quintana e Como o Sol pela Vidraça*. É notável reforçar que o segundo artigo é escrito por Guilhermino Cesar, segundo ele mesmo publica, por força do imenso retorno recebido, por parte dos leitores do primeiro artigo. Sem dúvida, esse elemento reforça a ideia de que a repercussão de seus artigos o interessava sobremaneira, em especial um artigo cujo objetivo inicial parecia ser o deleite com um tipo específico de imagem poética (no caso, a da luz através da vidraça), e acaba se tornando um meio de motivação dos leitores para que se compartilhem trechos relevantes dentro do mesmo tema.

O artigo de 09 de junho de 1979 se chama *Sinto a Falta, em Camões*, e aborda a falta de análises da paisagem, no poeta luso. Guilhermino Cesar admite que a atenção dos comentaristas está voltada a aspectos biográficos e quanto ao gênero (retomada da epopeia, tipo de lirismo, etc). as transcrições comentadas disponibilizam análises de *Os Lusíadas*.

Finalmente, o artigo de 07 de junho de 1980, *Fabuloso, Verdadeiro*. Mobilizado pela publicação de livro 'Luís de Camões – Fabuloso, Verdadeiro', de Aquilino Ribeiro, Guilhermino volta à defesa da força da mensagem na poesia, em detrimento de estudos biografizantes.

Isso reafirma que o interesse de Guilhermino sempre é criar relações inéditas ou, ao menos, produtivas, entre diferentes áreas do conhecimento. A Literatura é uma das produções humanas por excelência, quando se trata de observar toda a riqueza da vida

compondo o quadro. E, obviamente, a Literatura interessa tanto justamente porque é um dos melhores caminhos para encontrar o humano:

Tudo isso é religião? Mas também poesia. Esta, presa a valores do Mágico, do supra-sensível, tanto se dirige aos adultos que somos quanto aos meninos que um dia tivemos a graça de ser.

(De Camões a Mario Quintana,
10/06/1978)

Para encerrar essa breve passagem por terras lusas, falaremos do prosador português que fascina Guilhermino Cesar: trata-se de Miguel Torga. Ainda que Camilo Castelo Branco seja presença forte em diversos artigos, em especial naqueles que tratam das características mais curiosas da prosa romântica de Língua Portuguesa, os três artigos em que Torga aparece são perpassados de elogios que surgem tanto da figura humana do escritor, quanto à qualificação de sua obra, moderna e imersa nas raízes da Lusitânia.

O primeiro artigo, de 12 de fevereiro de 1972, se chama *O Simples e o Complexo*. O texto comenta as diversas facetas de Portugal, e recomenda a leitura de *Portugal*, livro de Miguel Torga, para iluminação de algumas dessas facetas. Já comentamos o fascínio que a especificidade daquele país desperta em Guilhermino Cesar. *O Simples e o Complexo*, que inicia com um parágrafo extremamente lírico, apresenta em sua página uma grande foto, de Miguel Torga e sua esposa, sorridentes, diante da casa em que o escritor nasceu. Dois cães participam da cena, reforçando os eixos meigo e telúrico que estão presentes na obra do escritor português. Miguel Torga parece capaz de representar o espírito português – o que inspira Guilhermino Cesar:

(...)o homem do povo começa por nos ensinar diariamente que há muitos Portugais num só Portugal de fisionomia triste e coração açucarado.

O leitor que não esteja disposto a atravessar o Atlântico poderá vê-lo num livro de Miguel Torga – Portugal, cuja 3ª edição saiu em 1969. Tudo, nessa evocação admirável, mostra o enredo perturbador das naturezas chamadas simples. A partir do título, o mais discreto que se poderia escolher. O que há nele, porém, acima de tudo, é o conhecimento familiar, completo e contagioso, de um contexto moral. O contexto carregado de história e, logo, de sofrimento, através do qual uma nação pequena consegue impor e manter sua individualidade, seu cariz mais secreto, sua sensibilidade mais desamparada.

A 20 de maio de 1972, aparece *A Criação do Mundo*, que comenta o livro homônimo de Miguel Torga. O artigo vai ao encontro do seguinte, que aparecerá em 23

de abril de 1977, *Literatura Viva em Portugal*, em seu desejo de mostrar a qualificação da Literatura Portuguesa, após Fernando Pessoa. O artigo de 1977 inclui o nome de José Régio, mas ambos se detêm em Torga, e expressam forte desejo de aproximar o público brasileiro dos escritos portugueses contemporâneos.

O último artigo, de 28 de junho de 1980, *A Antologia de Cada Um*, começa refletindo a respeito da importância de antologias de qualidade para que os alunos tenham acesso aos melhores textos da Literatura nacional. Segue com o relato impressionante de uma conversa de Guilhermino Cesar com Miguel Torga, e como o escritor português guardava na lembrança a leitura que realizou de uma antologia de Literatura Brasileira por ocasião de seus estudos em Leopoldina – Zona da Mata mineira.

O fato é impressionante na medida em que se fica sabendo que Torga, considerado um dos mais importantes escritores portugueses do século XX, não apenas morou no Brasil, mas também realizou parte importante de seus estudos na região mineira em que o próprio Guilhermino Cesar realizou os seus.

Ao realizar nossos estudos a respeito de Guilhermino Cesar, tomamos conhecimento da capacidade de atração daquela região, em termos culturais, durante certo período do século XX. O grupo Verde de Cataguases atraiu a atenção de modernistas do Brasil inteiro; Cândido Portinari, Chico Buarque e Miguel Torga estiveram na região para estudos e trabalho; como se vê, ao dar essa informação no artigo, Guilhermino Cesar coloca em evidência as relações culturais intensas entre Brasil e Portugal¹¹⁶.

Essas relações são retomadas, nos artigos, com o que parece ser a intenção de resgatar laços que, apesar de sua importância, teriam de romper preconceitos históricos para serem reatados. Ciente disso, Guilhermino Cesar se preocupa em construir seus artigos a respeito da Literatura Portuguesa ressaltando a importância que ela tem, tanto em termos estéticos, quanto em termos de percepção de uma sensibilidade diferenciada.

Durante o andamento deste capítulo, procuramos mostrar algumas das convicções de Guilhermino, no que diz respeito ao tratamento que se poderia dar à obra literária, no espaço do jornal. Comentamos a respeito das preferências pessoais, de

¹¹⁶ Flávio Loureiro Chaves dá testemunho de sua surpresa, quando de sua primeira visita a Cataguases, em 1968, diante de tais presenças culturais em seu texto *Guilhermino*, em *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte* (2010).

alguns conceitos técnicos utilizados com parcimônia mas exatidão, daquilo que lhe despertava o deleite estético e, em especial, de suas estratégias para evidenciar as contribuições que um texto literário qualificado oferece ao leitor.

O leitor desperto para essas contribuições deveria estar preparado para não encarar com naturalidade os preconceitos, a superficialidade, a falta de conhecimento histórico e outros males que pareciam estar se tornando marcas da civilização contemporânea. O próximo capítulo deste trabalho trata exatamente disso: da busca por formas de debater e, se possível, preparar o espírito crítico do cidadão para que não se entregue às comodidades oferecidas pela sociedade massificada.

4-UMA HISTÓRIA DO PRESENTE

Creio não cometer nenhum excesso em dizer que o mineiro enriqueceu as letras rio-grandenses. Não houve recanto que lhe escapasse e que dele não trouxesse novidades, quer dizer, coisas desconhecidas ou esquecidas.

(Paulo Brossard, na contracapa de *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*)

Guilhermino Cesar tivera sua estreia como poeta na revista Verde de Cataguazes, entre 1927 e 28, e realizara publicações esparsas de poesia desde então. A década de 1960 muda essa situação: *Lira Coimbrã & Portulano de Lisboa*, de 1965, traz uma experiência lírica que envolve a memória cultural e afetiva do poeta com Portugal.

De volta às publicações poéticas, novo livro vem à luz em 1969: *Arte de Matar*. Radicalmente diferente da produção anterior, trata da violência em suas formas mais cruas e movidas pelos interesses das nações ditas civilizadas – a exploração do homem pelo homem, a guerra, a exibição aos olhos do mundo das indignidades a que seres humanos são submetidos. Algumas palavras-chave, como *bombardeio*, *aviões* e mesmo *Vietnã* aparecem em textos cheios de revolta quanto à desumanização evidenciada pelas imagens da guerra que correm o mundo.

José Eduardo Degrazia contextualiza o procedimento poético do livro, em seu artigo para *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*:

Os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, à guerra fria, à bomba atômica, à guerra do Vietnã, à guerra entre israelenses e árabes, os anos seguintes do século XX, trouxeram novas modalidades de atrocidades, refinamentos na técnica de matar, e o poeta já não tem nenhum sistema que o auxilie ou o encoberte. (...) O próprio poeta é culpado da violência, não se vê diferente dos assassinos de todas as cores e ideologias, pois de alguma forma também é culpado, por ação ou omissão, pela violência que é a realidade do mundo.

(p. 207)

Nota-se em outros poetas brasileiros a mesma preocupação com a guerra e a violência generalizadas – e um dos casos mais evidentes é Carlos Drummond de Andrade, que metaforiza a culpa e a responsabilidade em imagens fortes como a das ‘mãos sujas’. Assim, torna-se oportuno relacionar a postura de *Arte de Matar* com a tomada de posição lírica de um senso de responsabilidade social e cultural; e pode-se

avançar para a proposição de um projeto que envolvesse a contribuição humanista a ser disponibilizada por Guilhermino Cesar através dos artigos de jornal.

A leitura de Gerusa Marques, em outro artigo do mesmo livro, aponta no mesmo sentido, já sinalizando alguns dos aspectos presentes com clareza nos próprios artigos:

O poeta assenta no grito a única forma possível de expressar a indignação que sente frente a um mundo onde o homem corroi-se e é corroído pela maldade, pela corrupção de valores e pelos engenhos técnicos que desumanizam.

(p. 218)

A mudança de foco, na poesia, leva a uma escrita menos relacionada ao gosto pela herança cultural e pelo voo lírico transcontinental, e abre as portas para a preocupação com os rumos do homem civilizado. O encantamento com a milenaridade lisboeta, as paisagens e autores lusos, é substituído pelas cenas de dor, desordem e sofrimento da guerra. Estar em contato com o ser humano civilizado não é mais ser colocado diante de um ser criador e apreciador de arte, ou pelo menos em harmonia com seu ambiente, mas com um sanguinário irresponsável, sem piedade e com sede de poder.

O próximo livro, *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, sai à luz em 1977, e retoma alguns dos temas anteriores, mas em um contexto completamente novo: não se trata mais do clima de guerra armada, mas da percepção de uma existência que abre mão de séculos de tradição humanista em nome do *novo*, do *simples*, do *superficial*, do *confortável* e da *máquina*. O ser humano, nessa obra, aparece perdido, cercado por quantidades, e sem disposição para reflexão qualificada. A massificação, a bestialização do comportamento e as mudanças nos costumes compõem alguns dos eixos temáticos do livro, mostrando a vivência contemporânea como um mosaico de experiências fragmentadas e desordenadas, preenchidas pela eficiência da máquina, pela histeria coletiva e pela solidão.

As referências culturais utilizadas no livro são diversas (à semelhança do que já se notara nos dois livros anteriores); no entanto, um dos elementos que as coloca em um plano expressivo superior é o fato de que são entremeadas por uma toponímia que impressiona, entre outras coisas, por sua imensa abrangência geográfica e por sua capacidade de se tornar familiar e identificável, no decorrer da leitura: nomes de cidades, sejam do interior gaúcho ou mineiro, grandes centros urbanos europeus ou parecendo surgir das páginas das *Mil e Uma Noites*, todas são inseridas em um contexto que lhes dá naturalidade aos ouvidos do leitor. A sensação de universalidade, criada

com os recursos do texto poético, estabelece a diferença para com o excesso de informação midiática – a linguagem poética exige a reflexão sobre cada vocábulo, não permitindo a leitura superficial da notícia diária. Assim, a forma dos poemas adquire grande importância, pois cria uma tensão eficaz entre informação e formação, ou seja, entre o ‘ouvir falar’ da notícia, que é superficial, e a palavra selecionada e carregada de sentido da poesia, muito mais reveladora¹¹⁷.

O período entre o livro de 1969 e o de 1977 compreende boa parte dos artigos escritos para os Cadernos de Sábado – seis anos, para sermos exatos, considerando a colaboração fixa semanal de quase uma década (1971-1981) e oito anos, se considerarmos o envolvimento geral com o projeto, que inclui assessorias, colaborações esparsas e fixas (1967-1981). É altamente provável que *Arte de Matar* tenha sido escrito e finalizado nesse período, e é certo que *Sistema do Imperfeito* foi produzido durante esse lapso de tempo. Podemos afirmá-lo, tanto pela grande quantidade de artigos de jornal que possuem os mesmos eixos temáticos dos dois livros de poemas, quanto por alguns aspectos formais comuns à prosa e à poesia de Guilhermino naquele período, que houve intenso diálogo entre sua produção poética e sua produção de jornal. Nosso ouvido, acostumado à locução poética dada àqueles mesmos temas, observava nos artigos muitos dos caminhos percorridos pelo pensador para chegar à expressão em verso, e via nos versos a potencialização de ideias que transpareciam na argumentação em prosa¹¹⁸.

Guilhermino Cesar parecia apostar tanto na forma poética quanto na página de jornal para tecer as considerações necessárias a respeito da idealização da tecnologia e da máquina, da superficialização das informações, da crescente dificuldade de expressão individual do cidadão comum, da idolatria à máquina e do desprezo às Humanidades. Alguns de seus temas de análise mais frequente nos artigos são os mesmos de grande parte dos textos de *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*; no livro, o poeta nomeia com frequência *a técnica, a máquina, o computador, o plástico*; na prosa dos artigos, as opções do homem moderno, pelo rápido e confortável, em detrimento da reflexão e da

¹¹⁷ Para alguns exemplos de poemas comentados, ver os anexos deste trabalho.

¹¹⁸ Assim que começamos a ter contato com os artigos de Guilhermino Cesar para o Correio do Povo, em meados de 2001, notamos a grande quantidade de textos que na época chamamos de “crítica cultural”, e que ofereciam debates muito parecidos com aqueles que estávamos encontrando em *Sistema do Imperfeito*. Na época, a leitura dos artigos reforçou nossa convicção de que estávamos compreendendo algumas das críticas expressas na poesia; hoje, pode-se dizer que estamos trilhando a outra mão dessa estrada, e partindo de nossa experiência com a poesia para analisar a prosa.

preservação, recebem tratamento detalhado e argumentativo. O escritor trata os temas de acordo com o gênero, claramente.

A chegada da segunda metade do século XX, com a presença cada vez mais forte da máquina (e, em especial, do computador), a mudança nos costumes que seria observada a partir dos movimentos culturais dos anos 1960, o começo do processo de globalização, e a colocação em prática da Teoria da Comunicação de Marshall McLuhan (*o meio é a mensagem, aldeia global* e outras expressões suas que hoje são lugar comum) construíram um cenário que muito desgostava Guilhermino Cesar.

Esse posicionamento fica claro na poesia, e seria debatido nas páginas dos Cadernos de Sábado com grande empenho, como se pode notar no artigo *Meu reino por um periódico*, de 5 de maio de 1973:

Faz dó ver o desleixo com que são tratadas ali as revistas e os jornais. Estes, então, não merecem o menor cuidado. Como se nós tivéssemos muitas outras fontes de estudo capazes de sobrepujá-los, no que concerne ao desenvolvimento cultural do Estado. À falta de publicações regulares (anais, atas, relatórios), só dispomos do jornal para verificar como transcorre a vida literária, a vida política, a vida econômica. Entre os livros aqui impressos anualmente, poucos são os que dizem respeito às questões do dia. Nosso estágio cultural ainda não comporta o livro feito para o debate imediato; nossos livros estudam o passado, são arquivos do “por aqui passou”, “aqui aconteceu”, “éramos assim em mil oitocentos e pitangas”. Só o jornal, apesar da pressa com que é feito, registra entre nós os frêmitos da vida. Se a represa de Itaipu devesse ficar às margens do Sena ou do Tamisa, a esta hora milhares de panfletos, de relatórios, de informes diversos já teriam saído à rua, explicando isto e aquilo na defesa ou no ataque. Aqui, para nos certificarmos da limpidez de nosso direito à exploração do potencial hidráulico do Rio Paraná, tão cedo não disporemos de outro meio que não seja o jornal. Quando o assunto tiver perdido sua motivação polêmica, aí é que virão as explicações.

*Ora, para nossa cultura, baseada principalmente na eficácia dos **mass media**, cada dia mais atuantes, o jornal e a revista são um poderoso instrumento de trabalho intelectual.*

O trecho evidencia sua percepção do jornal como palco de debate adequado para a construção de uma História ativa, que desse conta dos fatos presentes. Guilhermino Cesar parecia compreender muito bem a importância de ter nas mãos um espaço de debate que pudesse chegar ao grande público. A oportunidade de utilizar um meio de comunicação como o jornal para construir a figura do cronista como um historiador do presente certamente não lhe escapou, e muitos textos produzidos dão conta justamente dessa ousadia de não esperar que os fatos “esfriassem” para lidar com eles.

Guilhermino Cesar, intelectual à século XIX, ou seja, erudito, e especialmente interessado em tudo o que diz respeito ao universo humanista, sabia da importância dos meios de comunicação para a divulgação de informação; também sabia que a História como ciência havia aparecido no momento histórico em que a utilização do método científico era necessária para legitimar qualquer campo de estudos. O século XX, portanto, é o período em que História e crônica, já bem definidas, seguem caminhos diversos, servindo a objetivos bastante distintos.

Machado de Assis, cronista exemplar na virada do século XIX para o XX, dedica alguns de seus textos de jornal para tratar dessa diferença, apontando a temática e a estilística como elementos que separam os dois procedimentos¹¹⁹. Ao insinuar que a crônica de jornal seria um gênero menor – assim como seria menos capacitado quem se expressa através dela – tem ares de ironia bastante típica do autor. A forma como a questão é tratada, sem o peso que tal análise poderia ter¹²⁰, e eximindo-se de responsabilidade, é confirmada nas entrelinhas de crônica publicada a 28 de agosto de 1892:

Para um triste escriba de cousas miudas, nada ha peor que topar com o cadaver de um homem celebre. Não póde julgal-o por lhe faltar investidura; para louval-o há de trocar de estylo, sair do commum da vida e da semana. Não bastam as qualidades pessoaes do morto, a bravura e o patriotismo, virtudes nem defeitos, grandes erros nem acções lustrosas. Tudo isso pede estylo solemne e grave, justamente o que falta a um escriba de cousas miudas.

(ASSIS, p. 110, v. 1)

E já fizera reflexão aparentada a essa, a 12 de junho do mesmo ano:

Creiam-me, não há problemas insolúveis. Tudo neste mundo nasce com a sua explicação em si mesmo; a questão é catá-la. Nem tudo se explicará desde logo, é verdade; o tempo do trabalho varia, mas haja paciência, firmeza e sagacidade, e chegar-se-á à decifração. Eu se algum dia for promovido de crônica à História, afirmo que, além de trazer um estilo barbado próprio ao ofício, não deixarei nada por explicar, qualquer que seja a dificuldade aparente. (...) Como simples crônica, posso achar explicações

¹¹⁹ Os trechos aqui citados foram retirados de uma antologia de 1937, que reúne as crônicas publicadas semanalmente por Machado de Assis no jornal carioca a *Gazeta de Notícias*, e que o escritor chamou de *A Semana*, entre 1892 e 1897 e em novembro de 1900 (v. Referências).

¹²⁰ Para regozijo de Ítalo Calvino, que apontou a *leveza* como uma das qualidades necessárias ao escritor que quisesse permanecer e dizer algo ao futuro.

fáceis e naturais; mas a História tem outra profundidade, não se contenta de coisas próximas e simples. Eu iria ao passado, eu penetraria...

(ASSIS, p. 54, v. 1)

Libertos do compromisso com a História, que virara Ciência e se transferira para outras alturas, e sem assumir compromisso com o jornalismo de linguagem técnica, os cronistas brasileiros acabaram construindo um caminho que, curiosamente, remete às origens do próprio termo *crônica* – a palavra que, partindo do original grego *kronos*, definiu o gênero textual que antecedeu a História. Da Antiguidade à Idade Média (de Heródoto a Fernão Lopes), o termo *crônica* está relacionado ao depoimento de testemunhas oculares *qualificadas*, ou seja, não apenas presentes aos/envolvidas com os fatos considerados cruciais, mas também capazes de registrar, num estilo adequado, o que fora presenciado.

Os cronistas brasileiros ocupam exatamente esse lugar, nos jornais: a de testemunhas qualificadas das mudanças sociais e culturais, de sujeitos capazes de utilizar a sua sensibilidade para expressar, em textos periódicos, aspectos peculiares do mundo moderno – seja para criticá-los, seja para lamentá-los, seja para colocar à vista do leitor as possibilidades líricas que ainda sobrevivem num mundo cada vez mais veloz e caótico. O fenômeno da qualificação específica da crônica brasileira passa por José de Alencar (no auge do debate romântico), o Coruja (precursor do gênero na Porto Alegre da virada do século XIX para o XX) e Machado de Assis, e chega aos artistas/cronistas do *boom* das décadas de 1950 e 1960.

Normalmente, o cronista estabelece seu diálogo com o público em uma coluna ou página específica, em lugar fixo do veículo impresso. Seus leitores – ou seja, aquelas pessoas que gostam da forma como ele ocupa esse espaço fixo – sabem quando e onde vão encontrar seus escritos. E mais: sabem que a opinião expressa neles será tão talentosamente colocada que, ainda que se trate de algo não condizente com a opinião do leitor, será totalmente aceitável. Nomes como Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) e Fernando Sabino, entre outros, foram responsáveis pela consolidação da crônica no jornal, como *espaço de opinião individual autorizada*, ou seja, como espaço reservado para que o escritor encante os leitores com a sua forma lírica de abordar temas do cotidiano.

Esse elemento do cotidiano aproxima a crônica do conto, do relato de experiência, da poesia e de muitos outros gêneros, pois as formas como os textos

cronísticos se apresentam são as mais variadas. Fernando Sabino, parafraseando o que Mário de Andrade dissera sobre o conto, afirmou: “Crônica é o que a gente quer que seja crônica”. Percebendo o jornal como um meio poderoso, ainda que às voltas com o estrondoso alcance da televisão, Guilhermino Cesar retoma a tradição cronística, a nosso ver, sob duas formas.

A primeira forma diz respeito ao cronista como o *historiador pré-científico*, ou seja, não colocando em primeiro plano o método, e sim posicionando-se como pensador preparado para lidar com as questões mais polêmicas e desafiadoras da contemporaneidade, ao se colocar como *testemunha qualificada*¹²¹. Por ser uma figura respeitada em seu meio (tanto que recebeu uma página na publicação semanária de cultura daquele que era considerado o jornal mais importante da capital do Rio Grande do Sul) e possuir experiência em estudos históricos e culturais, Guilhermino Cesar se aproxima dos cronistas originais, que conseguiram construir, com os métodos pré-científicos, excelentes testemunhos de suas épocas. Seu *status* de professor e historiador dava-lhe estofamento para comentar e fazer a crítica abalada dos fatos presentes, sem a preocupação que amarras de ordem estilística ou temática poderiam causar – trazendo à tona o mesmo debate que Machado levantara, ao jogar com os termos *historiador* e *cronista*.

A segunda forma, que se aproxima bastante da crônica brasileira moderna no que ela tem de mais *literário*, trabalha com um formato específico, no qual confundem-se autor e narrador, com escolhas formais que lembram o conto (pela narrativa e presença de personagens ficcionais estruturados), mas que se estabelece como crônica diante da presença do narrador/autor em situações que apontam para um tema da realidade imediata do público leitor. Esses elementos aproximam o professor do grupo de cronistas/literatos envolvidos no *boom* da crônica brasileira daquele período.

O fato de que Guilhermino Cesar era *poeta* – assim como muitos dos cronistas brasileiros seus contemporâneos – é outro dado a considerar. A percepção diferenciada, e capaz de ser expressa em ensaios, artigos e poemas, tornava seu perfil condizente com o daqueles escritores que vinham encantando os leitores de jornal. Note-se que, da mesma forma que o folhetim havia construído um laço entre o jornal e o leitor oitocentista, a crônica parece exercer o mesmo poder junto ao leitor da segunda metade do século XX. Antes, tratava-se da sede de ver a nação recém-nascida como palco de

¹²¹ Isso estabelece a diferença entre os procedimentos para a História do passado, explicitados no capítulo 1, e aqueles de que nos ocupamos neste capítulo.

ficção; agora, parece-nos, trata-se da busca pelo espaço lírico em um jornal cada vez mais objetivo e mecanizado, na expectativa afetiva de um encontro fixo com alguém munido de conhecimento e sensibilidade, capaz de tratar *humanamente* dos temas que podem estar desnorteando o cidadão¹²².

Os artigos em que Guilhermino Cesar trabalha com temas do presente selecionam assuntos de diferentes matizes – temas localmente polêmicos, notícias relacionadas ao cenário cultural, acontecimentos de relevância internacional – e conduzem a análise para transformar suas escolhas em temas que *poderiam e deveriam* ser de interesse público. Uma vez que se trata, muitas vezes, de notícias já bastante debatidas, o que fica claro é que a diferença não estará no tema selecionado, mas na *forma* como será conduzido. As estratégias utilizadas incluem a ficcionalização, o comentário crítico, a construção de cartas-abertas e o ensaio – todas elas aprofundando o assunto de forma muito mais ampla do que a imprensa, com sua busca pela objetividade, deveria estar disposta a fazer.

Todas essas formas de abordagem se unem para constituir aquilo que vamos chamar de *História do Presente* – uma forma de lidar com os acontecimentos da contemporaneidade que aproxima e integra os dois conceitos de *cronista*. Isso permite a discussão de fatos relevantes para a compreensão da sociedade contemporânea, por parte de um sujeito preparado e de reputação intelectual inquestionável, e que poderia livremente optar pelo tom e pela forma nos quais desejasse conduzir essa discussão.

Nos capítulos anteriores, observarmos as formas de que Guilhermino Cesar se utilizava para a construção de debates a respeito de História (em especial a gaúcha) e Literatura. Ambos os temas correspondem à quase totalidade do trabalho acadêmico de Guilhermino Cesar, mas as formas de abordagem adotadas pelo professor, no que diz respeito tanto às escolhas argumentativas quanto ao estilo de escrita, aproximaram os temas escolhidos de um público mais amplo, como aquele do Caderno de Sábado¹²³. Esse público teve acesso ao conhecimento teórico do autor através de uma linguagem capaz de despertar e manter o interesse nas relações novas e até inusitadas, tanto nos meandros não explorados da História gaúcha quanto nos prazeres da Literatura.

¹²² Ousamos dizer que os dois movimentos foram extremamente bem sucedidos: o folhetim sobreviveu na telenovela; todo grande veículo de informação possui seu time de cronistas.

¹²³ Lembrando, sempre, que o público provável de um suplemento cultural como os Cadernos de Sábado podia ser variado, mas não devia escapar muito do cidadão porto-alegrense médio, com escolaridade pelo menos razoável e interesse por informação qualificada e pelos debates culturais de seu tempo. É desse cidadão que Guilhermino Cesar parece esperar uma leitura que valorize a qualificação de seus artigos.

Mesmo observando apenas os artigos já comentados e selecionados nos capítulos anteriores, notava-se aqui e ali referências a um mundo caótico, a uma sociedade descuidada de seus valores humanistas, à necessidade de reverter a idolatria à automatização e a simplificação que massifica. A frequência com que essas referências aparecem é um elemento que se destaca, em qualquer levantamento que se faça.

Pretendemos, portanto, dedicar esse capítulo à observação de um processo bastante diferente dos demais: os capítulos anteriores tratam de temas acadêmicos trazidos à tona no jornal; agora, cabe observar as estratégias para lidar com os assuntos que estivessem na ordem do dia, analisando as características específicas de um discurso que ousa propor análises voltadas diretamente para os acontecimentos presentes, extrapolando os limites que a posição na Academia poderia oferecer a Guilhermino Cesar, diante do leitor de jornal.

4.1-Onde a História encontra a crônica: “do estylo solemne e grave”

Tudo isso pede estylo solemne e grave,
justamente o que falta a um escriba de cousas
miudas.

Machado de Assis

Ciente da importância de seu espaço no jornal para o debate atualizado, Guilhermino Cesar o ocupa para tratar dos fatos históricos presentes, encarando o desafio de tratar das questões ainda não passadas, ou seja, sem contar com o distanciamento que o tempo garante, e sem esperar pelos desdobramentos.

Comentamos anteriormente que o tom a ser escolhido para realizar esse debate não estava subordinado a convenções, fossem elas dos procedimentos histórico-científicos, fossem as da normatização da ensaística acadêmica. A admissão da liberdade formal que impera nesses artigos é determinante para que se perceba a extensão do amálgama realizado por Guilhermino, entre as temáticas selecionadas e a expressão em prosa para jornal.

Alguns artigos, como *Depois das Trevas*, de 28 de abril de 1973, abordam as questões históricas de forma quase indireta, sem que haja sistematização de qualquer espécie. Quando o conceito de *liberdade* é debatido, isso já faz parte da argumentação que pretende mostrar o quanto ele foi adulterado:

Ora, não existe palavra tão maltratada pela civilização de hoje como essa pobrezinha por quem suspiram de amor perdido os enciclopedistas do século XVIII. Tanto a usamos, a partir daí, que ela perdeu a organicidade; romperam-se os fios de sua trama, e dela nos restam as franjas com que enfeitamos, não raro, a nossa indigência mental, os nossos achaques morais, nossas ambições políticas, o instinto brutal e destruidor.

Os parágrafos seguintes mencionam o jogo entre carne e espírito, retomando Sêneca e Gustavo Thibon: a lei seria um jogo de *sim* e *não*, sendo *sim* para o espírito (que não pode ser aprisionado), e *não* para a carne (que deve ser controlada). Partindo daí, e afirmando que as formas de autoridade são todas da carne, Guilhermino conclui que, ao tentarem chegar ao espírito, elas perdem seu sentido construtivo:

Mas o liberalismo sem peias, irmão gêmeo do “obedecer a si mesmo” de Rousseau, não respeitou estas antinomias categóricas, ocasionando os desconchavos que culminam no Socialismo. O materialismo, apossando-se deste, tem-nos levado ao que sabemos. A Cortina de Ferro ali está, não muito longe de nós, para documentar o que digo. E a burguesia, lustrosa e bem nutrida, é aquilo que sabemos.

A crítica não poupa Nietzsche, que abriu as portas à fundamentação do Totalitarismo; ao Comunismo e ao capitalismo, em especial, que pretendem dominar os espíritos e convencerem-nos de sua qualificação inquestionável. Assim, diferentes ideologias, quando mal conduzidas, encontram-se para colaborar na formação de um cenário agressivo como aquele que se vê na década de 1960 e 70 – o texto é de 1973, e a Guerra Fria só começaria a perder espaço quando da decadência da União Soviética, em meados da década de 1980.

O texto, perto do fim, cita Gramsci para dizer que *o Cristianismo tem a plasticidade necessária para se adaptar à rosa dos ventos da História*. Guilhermino Cesar vai mais longe, e traz a ideia de que o Cristianismo tem que trazer a fraternidade para o mundo, pois todos os experimentos sociais e teorias que não colocarem a fraternidade acima de tudo estão fadados ao fracasso. O professor chega a prever o fim dos dois eixos em guerra, mais cedo ou mais tarde, pois ambos teriam interrompido a construção social de uma humanidade fraterna. O fim do texto mostra como a religiosidade deve ser mais confiável, em tempos de perda de valores humanistas:

(...) De resto, tudo que desejamos de bom lá está anunciando pelo apóstolo São Paulo, na Epístola aos Efésios: “... os homens só podem crescer em todas as coisas praticando a verdade em caridade”.

Utópico? Sei lá. Pelo menos, São Paulo não mentiu aos homens; não lhes prometeu o Paraíso neste caquinho de terra.

A referência bíblica e a decisão ousada de criticar os dois lados responsáveis pela Guerra Fria atesta mais uma vez a coragem de Guilhermino, e sua competência argumentativa, que remonta ao padre Antônio Vieira. Sem preocupar-se com os interesses políticos e econômicos envolvidos, ele constroi um artigo para lembrar que o centro do interesse deve ser a humanidade, e que a *liberdade* é valor inseparável do ser humano. Por essa razão, a retomada da fraternidade, envolvendo o esforço para respeitar o outro, deveria estar na ordem do dia, e não a luta de influências ideológicas que estendem seus longos braços, procurando moldar cada ato individual¹²⁴.

Outro artigo que se abre para movimentos sociais da época em que foi escrito é de 03 de agosto de 1974, *Contracultura e Vida*, surpreendente pela profundidade com que analisa o movimento hippie, suas causas e consequências.

O fato de começar o texto com uma frase que aparentemente aprova sem restrições as atitudes da juventude logo é seguida de sua devida explicação:

A mocidade tem sempre razão...(...) E não estou brincando: a mocidade tem sempre razão, porque inexperiente. De fato, a inexperiência é como o silêncio: uma promessa. Adão, antes de Eva, mitifica perfeitamente o estado de angelitude que precede o mergulho do pescador nas Profundas. Quero dizer com isso que, antes da ação, somos todos agentes virtuais em estado de pureza. Depois de vividos, aprendemos que não é assim; toda ação nos deixa as mãos sujas, conforme Sartre lembrou num de seus dramas.

O leitor logo compreende que não se trata de um momento de incoerência, por parte de Guilhermino Cesar; ele não passou, de repente, de crítico a admirador da juventude e de sua paixão pelo novo. O que acontece é que o jovem, por ser inexperiente, e não “contaminado” pelas vivências do mundo que o cerca, ainda pode concorrer para o surgimento de algo *realmente* novo, e não apenas falsamente avançado. A metáfora de Sartre é retomada com extrema adequação, e fica implícita a referência a Drummond¹²⁵.

O parágrafo seguinte se presta à exploração das fontes do movimento hippie e à construção de um daqueles panoramas que colocam lado a lado evidências díspares mas

¹²⁴ O que conduz mais uma vez ao conceito de *massificação*, que é o fator comum entre Totalitarismo, Comunismo e Capitalismo.

¹²⁵ No poema *Súplica*, de *Sistema do Imperfeito* (v. Anexo 2), temos *moscas de Sartre*, que referencia o mesmo drama desse artigo.

efetivas para que se vejam os pontos cruciais da questão, sob o ponto de vista de Guilhermino.

A que propósito vem isto? Acerca justamente de um dos problemas mais atuais de nosso tempo: a Contracultura. São os pregoeiros dela, no geral, moços. O artificialismo da Civilização levou-os até lá. Com os retorcidos, tortuosos processos que vimos aperfeiçoando através de milênios – na economia, nas relações sociais, na arte, na religião – o homem parece a caminho do desespero. As nações modernas (dos Estados Unidos à China, da URSS ao Japão, da Alemanha ao Brasil) são organizações “artificiais”, produtos históricos afastados portanto da natureza, que não conhece Watergate, nem sabe da existência do Coletivismo russo ou do Capitalismo ianque.

Mais uma vez, não se escolhe um lado: tanto ianques quanto comunistas estão errados, espantam os jovens e provocam reações de evasão e busca da natureza – é assim que o professor vê os hippies, em última análise.

O movimento hippy, malgrado suas demasias, é um sinal de inquietação tão sintomático dos desvios a que aludi, como o é a renovação da Igreja no mundo moderno, ou a revolução cultural dos chineses. A Rússia olha espantada para o que ocorre na China, não pode compreender. Os Estados Unidos contemplam com igual estranheza o que acontece nos campos de hippies de todo o mundo. Os orientais é que parece não temerem a maré alta de tais inquietações. A gente formada à sombra dos pagodes sabe perfeitamente (com o seu saber plantado em milênios de meditação) que os piores venenos já absorvidos pela Civilização vêm dessa Técnica desumana, em nome da qual os povos ditos eficientes estão chegando à Lua, embora percam o bom-senso no meio do caminho. Povos tão ingênuos que, abroquelados cada um deles ao seu estatuto peculiar, pensam reduzir todo o mundo ao seu respectivo way of life. Como se o bicho-homem estivesse condenado a optar entre duas soluções: entre o mascar chicle e o beber vodca.

Num crescente de qualidade estilística, a argumentação adota as imagens fortes e as metáforas claras: os países, personificados, *olham, contemplam, não compreendem*. Diferentes nações percebem as novas atitudes que estão sendo geradas dentro de si, e é o movimento de seus olhares que retoma os acontecimentos para o leitor. A dicotomia final, mais uma vez, traz uma recusa clara à bipolaridade, mostrando que se trata de um falso dilema – e, no entanto, bastante difundido.

Os parágrafos seguintes, puxados por uma afirmação enfática (*A liberdade é algo mais complexo, subsiste irreduzível às teorias, modas e ideologias...*) trazem, inicialmente, uma reflexão de Miguel Torga:

Em página lapidar, contra a pena de morte, diz Miguel Torga que matar (ou matar-se) é o único ato absoluto ao alcance do homem; logo, não lhe compete. Só o Criador pode dispor de suas criaturas. Da mesma forma, o braço que agride a natureza, tornando o meio ecológico incompatível com a vida humana, pratica uma forma de assassinio.

Temos um apelo ecológico, presente nesse parágrafo e retomado em diferentes trabalhos posteriores de Guilhermino Cesar¹²⁶. Acontece nesse ponto o reconhecimento do professor à função social do movimento hippie, que busca a vida junto à natureza, apontando com isso o descontentamento do jovem com a vida urbana e mecanizada, com as ideologias políticas que não levam à paz e com um estilo de vida que afasta as pessoas.

Ou antes, em dimensão internacional, como parece que está acontecendo. Esse Neonaturalismo, ou Neonaturismo, tão evidente que dispensa demonstração, circula livre, ostensivo ou mascarado, em todas as sociedades do mundo ocidental. Tomou em alguns meios formas detestáveis, como a promiscuidade sexual, o prazer das drogas, a contestação pura e simples – num desvio da norma social, cujas estruturas, como demonstrou Lévi-Strauss, são constantes na mente do homem em todas atitudes. Mas, qualquer que seja o destino da Civilização, esse movimento desencadeado pelos moços nos anos de 60 terá assinalado um dos instantes mais criadores da sociedade moderna.

O parágrafo final avança para outro reconhecimento: o de que o movimento hippie não é vazio ou improdutivo, e de que a faceta perversa que ganha destaque nos jornais não é sua verdadeira expressão. Guilhermino Cesar enxerga *criação*, nas atitudes dos jovens hippies, mesmo depois de mostrar ao leitor que está ciente dos *contras* do movimento. A reflexão que o artigo conduz permite que se veja além dos desvios e das leituras rasas, e se perceba que um movimento social de tamanhas proporções não pode estar desvinculado da sociedade em que aparece. Torna-se claro, seguindo-se a linha argumentativa apresentada, que se deve dar atenção a um grande grupo de jovens que diz ‘não’ à sociedade em que vive, na segunda metade do século XX.

Tema bastante complexo e polêmico, os conflitos no oriente Médio não foram ignorados por Guilhermino Cesar. Apareceram, de forma destacada, em pelo menos dois artigos.

O primeiro deles é *Nossos Velhos Conhecidos*, de 25 de maio de 1974. Inicia apresentando Augusto, avô de Guilhermino, e uma frase sua de grande importância: “Longe da fogueira não se sente o fogo”. A figura do avô é descrita como alguém

¹²⁶ Sendo um verdadeiro marco dessa luta, pelo reconhecimento que representa, o convite da Riocell para que Guilhermino Cesar escrevesse os poemas que acompanham fotos do Taim no belíssimo livro *Banhados*, de 1982 (v. Referências).

simples, que se dedicava com o mesmo empenho às hortaliças e às frases cheias de conhecimento. Aquela citada acima será o mote utilizado para tratar das costumeiras críticas que a opinião pública ocidental faz, a respeito dos conflitos no Oriente Médio. Serão relatados diversos casos em que grandes estadistas, envolvidos em conflitos seculares, apontam a união entre nações vizinhas como a garantia da paz e da prosperidade – nações vizinhas que não a sua própria com suas vizinhas, bem entendido: Ben-Gurion, ex-presidente de Israel, teria perguntado a Erico Verissimo a razão de os países sul-americanos não acabarem com suas fronteiras; Churchill e sua sugestão de uma união europeia; Roosevelt, em plena Guerra Fria, e a ideia de uma aliança entre capitalistas e socialistas marxistas. O texto trata, de forma leve e com vários exemplos, da falta de percepção que parece assombrar mesmo os líderes mais esclarecidos, e termina apontando as diferenças entre Arena e MDB como um excelente exemplo local.

O outro texto que procura dar conta da questão é *Compreender o Irã*, de 26 de maio de 1979. o tom é bastante diverso, aproximando-se mais do ensaio:

Quem mais se surpreendeu, diante da vitoriosa revolução iraniana – o Xá ou o povo? O primeiro é que não estava mesmo preparado para ler a vida no movimento das massas. Além do petróleo e das riquezas por este produzidas, o monarca ora no exílio apenas queria o progresso a qualquer preço, a evolução social acelerada, segundo os padrões e conceitos do capitalismo. No fundo da consciência islâmica, no espelho em que o Reza Pahlevi não se mirou, havia porém outra coisa. Mas para tentar descobri-la devemos voltar atrás.

Guilhermino Cesar convida o leitor a analisar elementos relacionados ao Irã, como sua religiosidade e alguns acontecimentos marcantes de sua História. O objetivo é construir uma análise que procura compreender as razões que levam o povo iraniano a recusar a abertura econômica que conduziria ao mundo capitalista.

Antônio Gramsci (1891-1937), o escritor italiano, admirável analista de fatos sociais, acompanhou com interesse as transformações do Oriente Próximo, sobretudo no que respeita à expansão muçulmana. O Irã, sem ser um país árabe, pende em sua maioria para o Islamismo, conforme também acontece na Turquia, onde existe, porém, uma população culturalmente mais equilibrada, um concerto de etnias bem mais próximas do Ocidente do que a velha terra dos Persas. Se tomarmos, no entanto, como ponto de referência o ocidentalismo das idéias e dos costumes, a antiga civilização ali dominante é mais atrasada do que a de seus vizinhos do Oeste.

Esse parágrafo e os seguintes mesclam a História da prisão de Gramsci (que durou de 1926 a 1937, durante o regime fascista), com a movimentação envolvendo a liberação cultural promovida durante o governo turco de Mustapha Atatürk (que esteve no poder entre 1881 e 1839). O professor fornece uma pequena lista de mudanças, bastante ilustrativa:

Teve ele o mérito de levantar a bandeira da libertação do país. Com esse objetivo, mandou embora os opressores gregos, franceses, italianos e encetou a tarefa de modernizá-lo. Aboliu práticas e usos antiquados: o véu, o serralho, o fez, a aristocracia otomana, e o que é mais: adotou o sistema métrico, o calendário gregoriano, modificou o alfabeto, abriu escolas e estradas, dinamizou a nação.

Adequadamente contextualizado, o leitor pode agora perceber o valor que a leitura realizada por Gramsci, a respeito da situação turca, poderá ser aproveitada, no que diz respeito à situação iraniana. O artigo seguirá, com uma reflexão complexa e embasada, na qual Guilhermino Cesar avalia o que ele chama de *guerra do Crescente à Ocidentalização*. As razões dos orientais são bastante reconhecíveis, pois dão conta das diferenças profundas entre as convicções de sua formação cultural e os valores materiais que guiam o Capitalismo mecânico do século XX.

Interessa-nos, ainda, nesse artigo, o comentário que Guilhermino Cesar faz a respeito da forma de trabalho adotada por Gramsci, uma vez que estava na prisão e publicou muitos artigos a respeito dos acontecimentos seus contemporâneos, na Turquia:

Na prisão, Gramsci como que reduplicou sua atividade de escritor. Qualquer material bibliográfico, o escasso que lhe caía nas mãos, constituído em sua maioria de periódicos, era examinado com avidez. Pelo menos, ao longo de sua obra, nessa quadra de amarguras, a referência que faz a publicações esparsas torna-se constante. Se o observador ficava, desta forma, com o horizonte cultural limitado, diante da falta de obras especializadas, por outro lado era maior a variedade das fontes que tais periódicos lhe ofereciam. Os de grande circulação têm obviamente esta vantagem: estão sempre alertas nos lugares onde a história do dia-a-dia se faz. Graças ao que, nos livros desse encarcerado, a gente pode encontrar, em cada página, uma viva adesão do autor ao seu tempo histórico, aos problemas capitais da Europa e do mundo.

Mais uma vez, o elogio ao pesquisador capaz de refletir sobre as fontes disponíveis; e mais, o elogio ao intelectual que se interessa pelas coisas de seu tempo; e mais ainda: o elogio ao pensador que dá valor aos periódicos. O trecho carrega em si alguns dos eixos mais importantes do trabalho do próprio Guilhermino Cesar, que não teme a reflexão a respeito do Irã, ainda que sua distância do assunto, que só lhe permite

saber o que os jornais e uns poucos analistas publicam, pudesse servir de desculpa para um artigo de pouca substância. Não é o que se percebe: o texto revela conhecimento profundo do tema, e disposição para dar sua opinião, afirmando que é compreensível que, em algumas regiões do mundo, a espiritualidade esteja acima de qualquer imposição externa, e seja capaz de mobilizar multidões.

Ainda cabe mencionar alguns artigos que marcam a crescente integração entre as temáticas recorrentes de Guilhermino Cesar (o avanço tecnológico desenfreado, a História gaúcha, a vida cultural brasileira) e elementos da vida cotidiana. Esse tipo de artigo tem sua frequência intensificada a partir de 1978, o que colabora para nossa ideia de que esse período (pós-publicação de *Sistema do Imperfeito*) apresenta uma postura menos agressiva, e mais disposta à construção de análises sociais e econômicas profundas, voltadas para a compreensão de alguns fenômenos importantes do presente.

O ano de 1978 traz *Elogio do folhetim e da telenovela*, a 15 de julho, revertendo a expectativa de quem poderia pensar que um texto sobre televisão, vindo de Guilhermino Cesar, só poderia trazer descontentamento. O artigo trata com respeito a capacidade narrativa de Janete Clair, e a forma como a crítica social se desenha é de uma sutileza surpreendente: poder-se-ia esperar uma crítica à telenovela, uma vez que é a utilização de um meio de comunicação de massa, como a TV, para fins de puro entretenimento. No entanto, ao descrever as origens literárias da telenovela, e ao demonstrar familiaridade com a trama que está no ar, Guilhermino Cesar mostra sua compreensão a respeito da importância do ritual da novela para o brasileiro. A lista de instituições mencionadas como lugares em que Janete Clair poderia exercer seu brilhantismo (OAB, MOBRAL, SESC, SENAI, CBD) intensificam a ideia de que as coisas não são como deveriam.

Nesse texto aparece a frase: “Sonhos não enchem barriga”, uma das tiradas breves que nos fazem lembrar da capacidade do poeta de sintetizar argumentação elevada e tom coloquial. Assim, ainda que se compreenda o sucesso da novela, não se justifica que a mesma capacidade de mobilização dos meios de comunicação não esteja a serviço de objetivos mais nobres. Ainda que com elementos de humor (os dois primeiros e o último parágrafo mencionam uma série de elementos que remetem à vida do cidadão comum (a Copa do Mundo, a peste suína, os preços que se elevam, as visitas de netos barulhentos, mostrando a importância do elemento lúdico para a sobrevivência do brasileiro), é um texto que demonstra claramente as novas tendências de Guilhermino Cesar: a discussão de temas amplos, de interesse geral, sem

posicionamentos extremados, ao lado de artigos que demonstram toda a sua solidez intelectual.

O ano de 1980 traz artigos nessa mesma linha de *aviso*, e não mais *denúncia*: 23 e 30 de agosto apresentam, respectivamente, *Objeto de Luxo* e *Ainda o Livro*, ambos tratando do círculo vicioso em que se encontram as editoras brasileiras. O texto explica a dificuldade em baixar os preços dos livros, uma vez que os jovens preferem *mascar chiclete* a ler; da mesma forma, a televisão e outros meios de comunicação não se esforçam para estimular a leitura, o que faz cair a procura por livros, fechando ainda mais o mercado editorial. A explicação não exime ninguém de culpa, assim como não diz que o processo deve perdurar; apenas mostra como as coisas são, colocando as coisas nos devidos lugares¹²⁷.

A 11 de outubro de 1980 é publicado *Os Desertos da Campanha*, artigo que retoma a preocupação ecológica. Mais uma vez, os meios de comunicação recebem comentários positivos, pois são as séries de reportagens exibidas pela TV que chamam a atenção de Guilhermino Cesar para a desertificação do interior do estado gaúcho. Interessado, o professor faz uma pesquisa, e aproveita para revelar no artigo que existem registros de mau uso do solo que datam de 1791 – o que significa que o problema não é recente. O fato de estar vindo a público deveria ser suficiente para que finalmente algo efetivo fosse feito.

Para encerrar essa seção, vejamos o artigo de 28 de outubro de 1978, *O MARGS de Casa Nova*. Guilhermino regozija-se com as novas instalações do museu, elogiando a iniciativa e apregoando a importância de se ter espaços aprazíveis na cidade, ainda mais aqueles que devem atrair a todos para a contemplação da cultura. Está presente uma percepção do turismo como atividade econômica, além do evidente valor cultural da mudança.

As frases finais chamam a atenção pelo abandono da crítica mordaz em favor de um tom mais familiar, utilizado para uma espécie de apelo que ecoa em todas as iniciativas relacionadas ao estado do Rio Grande do Sul, durante esses anos de espaço de jornal:

¹²⁷ Não se pode esquecer de que Guilhermino Cesar, além da relação com publicações que devia ter, através da UFRGS, foi membro de conselho editorial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Não fiquemos à margem do caminho, mascando chiclete, quero dizer macaqueando coisas abomináveis que nos chegam do exterior. Pensemos com grandeza. Custa o mesmo que pensar nanico.

Retomando Machado de Assis e sua alusão ao ‘estilo grave e solene’ de que deve se revestir o texto histórico, em oposição aparente à crônica e sua superficialidade, notamos que Guilhermino Cesar opta por tratar dos fatos presentes dando conta das duas faces da moeda: seu discurso se faz sério porque relevante, e solene, porque competente. As estratégias incluem coloquialidade, afetividade e erudição, e fazem desses artigos um testemunho de que o historiador não precisa nem possuir um discurso estritamente acadêmico, nem esperar que os fatos se resolvam por si, antes de abordá-los. Pelo contrário, ele tem uma grande importância na construção da opinião pública, trazendo os temas à baila e analisando-os à luz de seu conhecimento específico. Quando essa análise pode incluir a sensibilidade do poeta e a conversa atraente do cronista moderno, os resultados são ainda mais interessantes.

4.2-Onde a crônica enfrenta a ignorância: *C’est la guerre!*

Dentre as entidades mais mencionadas por Guilhermino Cesar, ao tratar das características que o desgostam na sociedade contemporânea, estão a *técnica* e a *máquina*. Existe, inclusive, um texto que transforma esta em título e figura onipresente: *A máquina*, de 18 de outubro de 1975.

Esbarrei com o Souto, por acaso, na Rua da Praia. Sem responder ao meu cumprimento, foi dizendo:

- A máquina já começou a funcionar. Uma jóia.

- Que máquina? - perguntei distraído, não sem olhar para os lados. Na minha ignorância, pensei tratar-se de alguma nova escavadeira, dessas que esburacam festivamente as ruas de Porto Alegre.

*- Não sabia? A **Eureka**.*

- Explique logo, homem de Deus, que estou por fora.

- Pensei que soubesses. Pois há cinco anos, morando em Anta Gorda, ao ver a dificuldade com que meu caçula se preparava para o vestibular da Universidade, imaginei a ... máquina de ler. Modéstia à parte, uma coisa bem bolada. Já existe a máquina de escrever, faltava a de ler.

- É verdade. Meus parabéns.

(...)

*- Como é que funciona a **Eureka**? – atalhei imprudentemente, talvez com um sorriso meio céptico, porque o Souto replicou com vivacidade:*

*- Não acredita, homem? O funcionamento é simples. A minha **Eureka** é pouco menor que uma máquina de escrever comum. Pega-se o*

livro, põe-se no visor, aperta-se o botão, e daí a minutos tem-se o resultado.

- Como?

- O resumo do livro. Um volume de 200 páginas, digamos, uma obra de Chico Anísio poderá ser condensada em 20 linhas. Sem perder nenhum de seus traços distintivos – a imaginação, o brilho da inteligência, o impulso criador, a beleza do estilo, o...

O texto segue tratando das vantagens que a máquina de ler tratá para o cidadão comum, com exemplos que deixam muito clara a posição de Guilhermino Cesar¹²⁸. Algumas obras mencionadas em outros momentos do mesmo artigo – a Bíblia, Dom Quixote, o Alcorão – parecem escolhidas a dedo para evidenciar o absurdo do resumo e o prejuízo do ser humano que não se esforça para executar uma tarefa de imenso valor cultural. O esforço, como já vimos, é característica do bom leitor, para Guilhermino Cesar.

O inventor da máquina é mostrado como um legítimo vendedor, que concede ao seu produto poderes milagrosos, como o de manter o estilo da obra em um resumo. O ataque, então, não é feito puramente à máquina, mas àqueles que a utilizam, sob pretextos errôneos e com argumentos falaciosos. Como se pode ver, Guilhermino Cesar jamais é contrário à evolução tecnológica – ele é um cientista, e não seria coerente, caso se opusesse ao avanço do conhecimento; o que ele questiona é a tecnologia mal utilizada, ou seja, o conhecimento que não produz mais conhecimento, mas que simplifica e acomoda quem utiliza seus frutos.

A vida contemporânea é apontada como inadequada, na forma como está sendo conduzida, para a preservação do conhecimento e o aperfeiçoamento da reflexão individual:

Uma das descrições mais claras de sua posição quanto ao Ensino e a vida contemporânea está em *Com Perdão da Má Palavra*, de 1º de julho de 1972:

“ ... a atividade cerebral intensa, em prazo muito curto, impede a reflexão profunda e lenta que forma a personalidade. A matéria-prima da cultura é a duração.”

Leio isso, por acaso, num ensaio de Henri Janne, o venerando reitor honorário da Universidade de Bruxelas, e volto o pensamento para a minha sala de aula, onde vivo dizendo todos os dias a mesma coisa. Acontece que os ouvintes compulsórios jamais escutam bem. Os meus, por falta de tempo.

¹²⁸ É curioso como a máquina de ler do artigo, em seus objetivos e métodos, lembra muito os resumos disponíveis na Internet, hoje em dia.

Ao escrever *os meus*, o professor traz o debate para bem próximo de si e do leitor, pois refere seus alunos *daqui* – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A tecnologia utilizada para a educação, e em especial as novas provas seletivas (o Vestibular Unificado, instituído com provas objetivas na década de 1970) são apontadas como facilitadoras do acesso de pessoas despreparadas ao Ensino Superior, e ilustram a utilização negativa da máquina. Essa facilidade de acesso sem o devido mérito, segundo Guilhermino Cesar, estaria apoiando a formação de uma geração de jovens desinformados, sem conhecimento da tradição cultural, mal educados e fúteis.

*Para absolver os responsáveis por isso, não vale o argumento de que os **mass media** de hoje são superiores, enquanto instrumentos de cultura, ao nível mental do povo do século XIX. O homem comum de 1972 tem por certo muito mais possibilidades culturais, melhores condições se lhe oferecem, para participar dos bens da civilização, comparadas com as que se deram ao homem de 1870. Isso é indiscutível.*

*Mas o que deixa preocupados aos estudiosos é que tendo avançado tanto, a cultura hoje parece posta diante de uma opção realmente dramática. A todos nós, professores, astrólogos, farmacêuticos, doutores, choferes, colecionadores de selos, o que nos atordoia é a pressa com que uma filosofia de educação inteiramente cega, desumanizada, nos quer conduzir a um processo de americanização intensiva, como se o **way of life** dos norte-americanos fosse o melhor caminho. Tenho minhas dúvidas e não posso escondê-las.*

Ciente da qualificação (em termos de velocidade e acessibilidade) dos meios de comunicação modernos, Guilhermino Cesar aponta a confusão entre tecnologia e estilo de vida como responsável por alguns fenômenos típicos da educação contemporânea. Mais do que isso, menciona o *american way of life* diretamente como influência inadequada para qualquer sistema social, em especial para o de Ensino¹²⁹.

Esse parágrafo retoma um modo de argumentação bastante comum nos artigos, como vimos até aqui, que é a utilização repentina do exemplo concreto. Nesse caso, trata-se de uma enumeração que amplia o espectro de interessados (*todos nós, professores, astrólogos, farmacêuticos, doutores, choferes, colecionadores de selos*).

(...) o que orienta nossos alunos, aqui e ali, na terra e no ar, é a pressa. Afobadamente querem subir pela cultura arriba, como se

¹²⁹ Não se pode esquecer a profunda admiração de Guilhermino Cesar pela cultura francesa, cujo espaço no Brasil estava sendo tomado justamente pelo Cinema Americano, pelo favorecimento do ensino de Língua Inglesa nas escolas e pela escolha do Inglês como Língua Estrangeira única nos primeiros Vestibulares unificados. Sua indignação com a invasão anglo-saxã é perfeitamente compreensível.

fosse esta última uma escada em cujo topo deveriam encontrar o diploma encantado (e, dentro desse, o Êxito!). Estudar, com efeito, veio a ser agora um dever de sujeitos aflitos, em permanente carreira. Já existe até uma Universidade que, para bem aproveitar o tempo, resolveu fazer certas “verificações” (leiam-se exames) aos domingos. Ora, o domingo, rápida estação de cura dada por Deus aos imaginativos, hora de lazer em que pomos em ordem a cabeça, a irmã alma e as emoções, nem o domingo foi respeitado. E a esse ensino galopante, feito de neurose de medo, alicerçado nas respostinhas em forma de cruz, (na linearidade mais pateta que a humanidade já viu), a esse ensino histérico atribuem os pacóvios a virtude de “atualizar” conhecimentos.

A descrição da forma apressada como se dá a formação moderna reforça o utilitarismo do ensino, sintetizado na imagem do diploma, que se coloca como um prêmio a ser alcançado o mais depressa possível. A inversão de valores transforma o processo de aprendizado em um obstáculo a ser enfrentado, uma vez que o interesse está no Êxito, ou seja, na obtenção do diploma para fins de colocação social. Além disso, o trecho aponta para um conceito que, apesar de não explicitado nesse momento, fará parte do debate: a *democratização* do ensino e do conhecimento, e seus efeitos nefastos quando conduzida demagogicamente.

A seguir, aparece uma daquelas imagens típicas de Guilhermino, que permitem ao leitor a visualização do dilema:

Suponhamos um sujeito fechado no quarto. Nesse pequeno espaço poderá ele ter, ao alcance dos olhos e dos ouvidos, o rádio e a TV. Além do livro, do gravador, do jornal, da revista – e de todos os outros instrumentos de comunicação até hoje inventados em Ceca e Meca e a Olivais de Uruguaiana. Porque ninguém agora está só; o mundo já não conhece senão as fronteiras ideológicas, mais duras que as de pedra e as de cimento armado. O que obriga esse pobre homem emparedado a engolir diariamente, como se um novo dilúvio o sufocasse, uma série de informes sobre ele desatados com a fúria da besta do Apocalipse. E, dessa forma, cercado por todos os lados, o homem se transforma em prisioneiro das imagens, da cor, das palavras, dos ruídos, das sugestões, dos pontos de vista mais contraditórios. Entretanto, como diz o poeta, o pobre bípede pensante tem apenas “duas mãos e o sentimento do mundo”. É pouco. É pouco demais em comparação com os poderes ilimitados e os cem mil olhos da Informação. Em síntese: não lhe sobra tempo para o lazer a sós, consigo mesmo; logo, não lhe sobra tempo para pensar. Nem, conseqüentemente, para reelaborar a cultura de que é herdeiro.

A reclamação feita quanto à utilização do Domingo, alguns parágrafos acima, encontra eco nessa ilustração: o ser humano desenvolveu a reflexão, a poesia e sua

própria humanidade a partir do luxo de ter tempo para parar e ficar consigo mesmo. Trata-se de repouso do trabalho e de direito de utilização de seu próprio tempo para pensar. Diante da imposição dos meios de comunicação, que absorvem o cidadão – com mira especial justamente para seu tempo “livre”. Se não bastasse o entretenimento midiático, ainda se tem a moda dos cursos de fim de semana, transformando o Ensino em quebra-galho.

A má palavra do título está esclarecida perto do final:

*Eu disse **meditar**? Perdão pela má palavra. Esse verbo “já era”. O que mais se conjuga é **ultrapassar**.*

A crítica à velocidade e à concorrência, bases para o sucesso dos modelos de Ensino criticados no artigo, são combinadas nessa oposição entre os dois verbos em negrito. Seguem-se dois parágrafos para a conclusão, que é construída sobre um exemplo forte, sem deixar espaço para dúvida quanto ao destino do jovem sem prepararo e formação:

*Querem um exemplo de desumanização quase cruel? Li a notícia do fato, outro dia, na **Folha da Tarde**. Morreu um jovem estudante que freqüentava o Curso Básico de uma de nossas Universidades. E morreu, o pobre, de maneira trágica, o que levou todos os jornais a se ocuparem do acontecimento. Ao inteirar-se de que a fatalidade cortara o fio de uma vida em flor, um grupo de colegas do morto, à porta da sala de aulas, correu a indagar: - Mas qual era a “opção” dele? O que, na linguagem dos “básicos” queria simplesmente dizer: - Qual a vaga que ele abriu? No curso de Medicina, de Direito, de Engenharia...?*

Note-se mais uma vez que o exemplo é retirado do noticiário, ou seja, qualquer cidadão poderia tê-lo notado e realizado uma reflexão adequada. Como bom cronista, Guilhermino Cesar aproveita seu espaço para chamar a atenção para aquilo que sua sensibilidade percebe. A presença da mídia jamais é negada, ou se sugere sua eliminação da vida cotidiana; o que se tem é a necessidade de desnaturalizar a notícia, que não deve ser encarada como algo normal ou aceitável.

A conclusão do artigo retoma o apego literário de Guilhermino, lembrando que a melhor descrição não é americanizada nem erudita, mas lírica:

*Diante de semelhante prova de insensibilidade moral, não direi a palavra de Cambronne, nem o **very well!** cheio de pedagogia com que se satisfazem os doutos de agora. Direi apenas, na*

linguagem bárbara de um sertanejo de Guimarães Rosa: - Terrível, terrível que nem o urutu branco.

A preocupação do professor com a queda evidente na formação do aluno que chega ao Ensino Superior nos últimos anos é evidenciada por vários artigos dedicados especificamente aos exemplos retirados de avaliações. Parece que o objetivo é chamar a atenção daquele leitor cujo perfil pudemos já definir razoavelmente, e que estaria capacitado a perceber a diferença entre a sua própria formação e o que está acontecendo no Ensino Superior:

Paciência, amigo linotipista. Temos pela frente um rosário de asneiras. As polpudas, incomparáveis asneiras com que nos brindam os alunos durante o ano letivo, e às quais voltamos, em dezembro, na hora de apurar o “conceito” final. No curso primário? Não. No secundário? Também não. Asneiras qualificadas, fomos descobri-las em sítio mais alto: nas salas de aula da Universidade, onde só deveriam entrar, segundo a legislação vigente, os mais aptos. Com efeito: para garantir a seleção, existia antigamente o exame vestibular doméstico, ou seja – processado nas próprias unidades de ensino, sob a orientação direta dos respectivos professores. Hoje, não: a coisa mudou. Além de outra denominação – Vestibular Unificado – o processo atual terá a seu serviço inúmeros recursos da pedagogia moderna, inclusive o olho mágico, infalível, do Computador.

O primeiro parágrafo de *A Ignorância Triunfante*, publicado a 11 de dezembro de 1971, já mostra a revolta e a indignação do professor com as produções de seus alunos. Seu discurso coloca em evidência a comparação entre processos seletivos, e prepara o leitor para uma crítica forte e abalada.

O próprio saber específico a respeito da prática de sala de aula é importante aspecto distintivo dos escritos de Guilhermino Cesar, que não se furtava a dar exemplos e tratar abertamente da falta de preparo de seus próprios alunos (o que deve ter provocado bastante descontentamento entre os pupilos). Assim, o leitor sabe que está diante de alguém que vive o dia-a-dia da sala de aula na UFRGS, e que está habilitado a discorrer sobre o assunto. Seu papel de cronista, nesse caso, se afasta do cronista de feição literária, cuja reflexão se utiliza do lirismo para destacar algum elemento cotidiano percebido por sua sensibilidade diferenciada, e se aproxima do perfil de *testemunha habilitada*, cuja descrição dos fatos que lhe dizem respeito é confiável e de interesse público.

O segundo parágrafo segue nessa linha, deixando clara a competência de quem escreve, e explicando a situação para quem é de fora:

Pois bem, apesar (ou por causa?) do fabuloso Vestibular Mecanizado, continuam a ingressar no Instituto de Letras (falo do que conheço) pessoas absolutamente incapazes, cuja força mental não dá para que as consideremos suficientemente alfabetizadas. Não obstante (cito um exemplo), habilitaram-se perante o Computador, e lá se acham freqüentando cursos onde se estudam línguas clássicas e modernas (com as respectivas literaturas); onde se ministram disciplinas difíceis, a exemplo da Filologia Românica, da Linguística, da Teoria da Literatura, que exigem sólido preparo dos alunos. Em realidade, porém, estes ignoram furiosa e universalmente as regras mais elementares... do ABC. Muitos deles, ainda que dopados, seriam incapazes de redigir, sem erros grosseiros, um bilhete ao professor, pedindo emprestado um livro. Desconhecem, na sua imensa maioria, o trivial: pontuação, crase, flexão verbal, concordância, ortografia das palavras correntes; ignoram os termos mais corriqueiros; nunca jamais, em sua vida, praticaram a ignomínia de entrar em uma biblioteca. Muitos não tiveram tempo de levar para casa essa coisa simples e prestante: um dicionário da língua que falam. E outros conservam a mais perfeita virgindade espiritual: jamais leram um livrinho de cabo a rabo.

Seguem exemplos de perguntas e respostas de uma avaliação. Não citaremos os exemplos, que são numerosos e transcritos com esmero (preservando as incoerências, os erros gramaticais e os problemas conceituais), mas referimos que os comentários do professor aos mesmos são muito breves (uma ou duas linhas), partindo do pressuposto de que o leitor é capaz de perceber o que está em jogo.

Após os exemplos, surge novamente o debate da democratização do Ensino e a forma como ela acontece na sociedade contemporânea:

*Eis aí. Fala-se muito em educação para todos. É o de que mais precisamos. Mas não se pode atingi-la mediante o esforço único e exclusivo da escola. Veja-se o que ocorre nas grandes cidades brasileiras. Parece que a família, aí, se demitiu da função de **formar** o jovem. A sociedade, por sua vez, em lugar de protegê-lo, explora-o e deforma com essa TV imbecil, com a literatura de cordel e de bordel e com a ignomínia dos cursinhos disso e daquilo. Pura farsa. A esconder uma tragédia, a desintegração da cultura ocidental – nos numerosos técnicos de coisa nenhuma com que nos ameaça a Civilização da Nova Floresta. Onde talvez vivamos, no futuro, todos pelados e ferozes, no regime da ignorância triunfante. E praticando sossegadamente, deliciados, a antropofagia, que dá pouco trabalho.*

No mesmo tom inicial, sem meias palavras, Guilhermino Cesar se posiciona e dá nome a algumas ferramentas que vem sendo utilizadas de forma prejudicial. Utilizamos o termo *ferramentas*, pois não se trata de diabolizar a escola, ou a família, ou a sociedade, ou mesmo a mídia e tecnologia: trata-se de montar o panorama e estabelecer as relações equivocadas que vem desconstruindo milênios de tradição.

A referência à antropofagia conduz o leitor familiarizado com debates literários à figura de Oswald de Andrade. Note-se que Guilhermino Cesar não o refere diretamente, nem coloca o vocábulo em letra maiúscula, provavelmente porque não se trata da proposta modernista de ingerir o estrangeiro e assimilá-lo, em nome do debate crítico e da produção de uma cultura própria não dissociada de outras tradições já existentes. Nesse caso, se trata do devorar bestial, que se dá por pura acomodação, e que garante o sucesso da máquina e das produções norte-americanas.

Guilhermino Cesar parecia contar com um aliado, em sua preocupação com o Ensino universitário. Em *Osman Lins e a Máquina de Enganar*, de 31 de janeiro de 1976, ele apresenta o romancista e professor, e refere seus artigos publicados no *Jornal do Brasil*, e que dão conta das mesmas insuficiências relatadas por Guilhermino Cesar.

O professor esclarece a razão pela qual tratará do artigo:

Não resisto à tentação, sádica, de resumi-lo aqui. Estou hoje em maré de sofrimento, quero me arrebentar por dentro, ninguém tem nada com isso. E convido o leitor a experimentar também a mesma sensação de pasmo, de tristeza e de nojo. Quer dizer, estou hoje, além de sádico, masoquista.

Guilhermino Cesar deixa clara sua admiração por Osman Lins e seu trabalho de divulgação e denúncia a respeito do Ensino Superior, no Brasil. No entanto, a abordagem dos dois difere profundamente, no que diz respeito ao estilo. Guilhermino Cesar explica que o artigo Osman Lins mostra o questionário aplicado por ele em seus alunos, estudantes de Letras, ao final do primeiro semestre do curso. Segue o questionário, citado por Guilhermino:

O inquérito a que Osman submeteu seus alunos constou de 10 questões. A saber:

1. *Cite 5 poetas brasileiros anteriores ao Modernismo.*
2. *5 prosadores brasileiros anteriores ao Modernismo.*
3. *5 poetas brasileiros contemporâneos.*
4. *5 ficcionistas brasileiros contemporâneos.*
5. *5 romances brasileiros que tenha lido.*
6. *Destes, qual lhe causou maior impressão e por quê?*
7. *Que personagem desse mesmo livro salientaria?*

8. Cite 5 grandes nomes (não brasileiros) da Literatura Universal.
9. Quem são Greimas e Todorov?
10. Qual o ano da Semana de Arte Moderna?

“Sessenta e dois desses alunos, no 1º semestre, haviam “estudado” **Laços de Família**, de Clarice Lispector, e, naturalmente iniciavam-se nos sublimes mistérios da análise estrutural, iniciando o seu convívio com os nomes mais conspícuos da moderna Teoria da Literatura. Mesmo assim, apenas 17 incluíram Clarice Lispector entre os 5 ficcionistas brasileiros contemporâneos. Dos que responderam corretamente, 3 grafaram Clarice com “ss”; houve duas Lispetor e uma Clarice d’Spec (sinal de que nem todos ouviam muito bem). Cinco só foram capazes de citar essa escritora. E nada menos de TRINTA e SEIS (mais de metade, portanto) não mencionaram um só ficcionista! Como entender isto, se, sob a orientação de competente mestre, com estudos na Europa, haviam consagrado quatro meses a estudos teóricos sobre **Laços de Família**? A resposta é espantosa, embora simples: ignoravam o que significam “ficção” e “ficcionalista”, embora manejassem termos como “sintagma”, “diacrônico”, “isotopia”, etc”.

“Outra revelação importante do questionário” – diz ainda Osman – “é que, entre os **prosadores** brasileiros, foram citados os seguintes: Cecília Meireles, Garret, Castro Alves, Gonçalves de Magalhães, Afonso Pena, Cesário Verde, Gonçalves Dias, Manuel Bandeira, Fagundes Varela, Guilherme de Almeida, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, Gregório de Matos, Santa Rita Durão, Olavo Bilac e Camilo Castelo Branco. E entre os **poetas**: Graciliano Ramos, Rui Barbosa, Fernando Pessoa, Gregório de Barros (?), Guerra Junqueira (sic), Luís de Camões, Carlos Gomes, Euclides da Cunha, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Visconde de Taunay, José de Alencar e Alberto Caetano”.

Guilhermino Cesar reproduz os resultados colhidos por Osman Lins, algumas de suas reflexões e surpresas. Pelo que se pode deduzir, o tom adotado é de preocupação comedida; Lins se preocupa em realizar um estudo de traços científicos, com questionário e levantamento de respostas, seguidos de análise. Guilhermino Cesar chama Osman Lins de *impiedoso*, antes de citar o seguinte trecho do artigo do *Jornal do Brasil*:

“Essas listas revelam dois pontos importantes: o primeiro é que os alunos tomam por brasileiros certos escritores portugueses, inclusive Camões; o segundo, não sei se mais grave, é a confusão entre poeta e prosador. Posteriormente, em conversa com alunos, confirmei esse desconhecimento”.

Provavelmente o adjetivo foi escolhido porque os comentários de Lins reforçam a dor de Guilhermino, não porque sejam especialmente cruéis. Como dissemos, a postura de Osman Lins não é agressiva ou irônica – o que a de Guilhermino chega bem

perto de ser, muitas vezes. Vejamos como o próprio Guilhermino Cesar abre esse artigo, para mostrar que sua opção, ao tratar do tema, é o sarcasmo:

Eis aí: o Verão chega, o Verão passa; só não passa o Vestibular. O Vestibular é uma farsa? Uma anedota? Uma vestibulenda? O Vestibular é um câncer? Pergunto ao professor de Piancó, ao especialista em Gramática da Comunicação Chinfrim, pergunto em Ceca e Meca e Olivais de Uruguaiana; pergunto sem parar – e todos me respondem: é farsa, anedota, vestibulenda, câncer; mas não vamos mexer nele.

*Sendo quatro coisas ao mesmo tempo, é natural que possua uma energia fora do comum; deve ter partes com o Demônio... Não há quem o liquide. Aí o vemos, cada dia mais bem vitaminado, exibindo suas habilidades na televisão, nas estações de rádio, nos jornais, nas ruas. Aliás, a propaganda que fazem os **cursinhos**, a peso de ouro, apregoando suas “dicas”, basta para mostrar que se trata de uma grande coisa. Quero dizer: de um bom negócio. No pé em que vai, teremos em breve alguma grande multinacional interessada em competir com os nativos brasileiros nessa prodigiosa fábrica de ventosidades doutorais. E os pobrezinhos dos vestibulandos, que não têm grande culpa no cartório, lá se divertem; como são alegres e esportivos, como são peripatéticos, neste mês de janeiro, os vestibulandos. Vejo-os de cara pintada, um pouco por toda a parte, como em dia de festa na taba. São os Bororos de nossas tropicalíssimas Universidades. Com essa gente de cara pintada, gente que passou chorando pelo crivo das cruces, apertadinhas umas nas outras, teremos uma nação cada dia mais dependente do exterior, mais disposta a importar serviços, técnicas, livros, padrões e idiomas estrangeiros.*

O texto segue, citando as estatísticas e mesmo trechos de respostas dos alunos, colhidos e publicados por Osman Lins. Percebe-se claramente que Guilhermino Cesar, ainda que já tenha, ele mesmo, em texto que já comentamos, publicado exemplares do que considerava respostas despreparadas de seus alunos. Realizando esse mesmo trabalho de denúncia há mais tempo, e sabendo de sua posição consagrada no plano intelectual da cidade, o professor já dedica à discussão seu tom mais forte, sem preocupação de provar o que está dizendo; o leitor sabe que o problema existe, e que não é de hoje.

A seguir, Guilhermino Cesar mostra que Osman Lins não está preocupado apenas com a formação do aluno, mas também com o fato de que a maior parte dos professores universitários não está adaptando seus programas a essa clientela sem formação; assim, sem notar que o aluno sequer sabe distinguir poeta de prosador, impõe leituras de cunho teórico fora do alcance de quem sequer leu qualquer obra literária importante antes de chegar à Universidade. Essa crítica à atitude dos próprios colegas demonstra que o interesse maior do professor está na eficiência do sistema de ensino e seus métodos, sem dar importância a possíveis corporativismos.

A união entre Guilhermino e Osman Lins se dá ao final do texto:

*A sugestão que faz Osman Lins, ao final do seu artigo, é a mais sensata possível. Estamos em face de uma calamidade - pior que inundação ou terremoto. Não podemos cruzar os braços: “Chego mesmo a pensar, diz ele, que seria necessário lutar por uma drástica reforma nos currículos, então planejados para atender à realidade atual, ao estado de calamidade com que nos defrontamos, e não simplesmente (o que explica, em parte, a diversidade de matérias, algumas tão prestigiosas) para encantar alunos ingênuos com a magia do **status** cultural.”*

Desta página, tenho bradado, sem cessar, contra tais imposturas. Contra a imbecilização dirigida a que se submete grande parte da juventude. Até quando?

Só me resta pedir desculpas a Osman Lins por ter lançado mão de suas palavras com tanta largueza ... de admirador e, já agora, de aliado, nesta campanha pelo aperfeiçoamento da educação nacional. No que se refere ao ensino do Português, espera-se que a comissão nomeada pelo Ministro Ney Braga e presidida pelo professor Celso Cunha possa apresentar ao MEC um diagnóstico exato e uma prescrição adequada. Com urgência.

Como se nota com frequência, a sugestão esperançosa de Guilhermino Cesar não passa pela sua própria pessoa; pelo contrário, ele confia no trabalho de uma série de outros professores e profissionais de Educação. O fato de ter reforçado publicamente seu respeito por Celso Cunha, na tarefa de auxiliar o MEC é mais uma evidência de que seu interesse maior é a resolução de problemas causados por convicções errôneas, e não uma Cruzada contra determinadas pessoas ou instituições.

O MEC, órgão do governo federal em tempos difíceis – de Ditadura e revoluções educacionais de valor duvidoso –, recebe sua parcela de crítica em *Guerra à Erudição*, de 12 de maio de 1973. O começo do texto traça um crescente que vai da notícia à reflexão boquiaberta:

*Leio no **Correio do Povo** de sábado, 5 do corrente, a seguinte notícia: “DELEGADO DO MEC RESSALTA MISSÃO DO PROFESSOR NO BRASIL DE HOJE – Em aula inaugural que proferiu em Santiago, o prof. Airton Vargas, delegado regional do MEC, destacou a urgência de se encontrarem professores capazes de exercer o magistério dentro dos novos parâmetros que configuram o Brasil do presente, ressaltando várias características que devem ter.” A seguir, reproduz-se a aula magna, da qual consta o seguinte: “A procura do conhecimento como um fim em si mesmo; a formação de eruditos; o uso da memória predominando sobre o raciocínio; e escola estruturada como um sistema rígido, elitista e voltada para realidades distintas daquelas existentes no meio sócio-econômico, onde se situa, tornaram-se posicionamentos progressivamente desatualizados face às necessidades do presente.” O orador anunciou também (fato que eu ignorava) uma “nova sociedade em plena gestação”*

e... Mas o melhor é seguirmos o seu próprio texto: “Tanto o aluno como o professor defrontam-se com uma sociedade mutante. O Brasil contemporâneo serve bem de exemplo. Pode-se considerá-lo como uma sociedade em plena ativação de todos seus potenciais. A tecnologia superou barreiras físicas e culturais, esta libertação exige a presença de novos homens, capazes de entender e de liderar a nova sociedade que está em plena gestação”.

Leio e releio esse discurso. Não sabia que em nosso país se houvesse declarado guerra ao saber desinteressado e à erudição.

O leitor tem acesso a toda a explicação, com transcrição de trechos da fala do ministro. Esse procedimento garante a idoneidade do autor, que preserva a fala da autoridade, sem citá-la fora de contexto ou parafraseá-la com quaisquer alterações que fossem de interesse para o argumento a ser construído.

Assim, quando Guilhermino Cesar fala em *guerra à erudição*, retomando o título do artigo, o leitor tem a oportunidade de, por si mesmo, refletir se é essa realmente a posição do delegado. Da mesma forma que já observamos nos textos sobre História gaúcha, a transcrição é oferecida ao leitor, nivelando a informação e permitindo que se siga a ideia de quem escreve, a partir do ponto em que interessa – o da reflexão.

Esfreguemos os olhos; voltemos a lê-lo com mais atenção. O delegado do MEC diz que a tecnologia, superando “barreiras físicas e culturais”, nos trouxe a libertação; e ainda: que “a formação de eruditos” faz parte dos “posicionamentos progressivamente desatualizados face às necessidades do presente”. Será verdade? Será verdade, Maritain? Será verdade, ó Senso Comum? Mas fala quem pode, como quer; e o delegado do MEC desejou exatamente demonstrar que o saber “já era”.

Como se respondesse à sua própria estratégia, Guilhermino Cesar declara que ele mesmo se preocupou em reler as palavras do ministro. Sua conclusão, de que realmente a autoridade está se utilizando de sua posição para sugerir uma revolução na forma de encarar o Ensino, é confirmada. Até mesmo a questão do autoritarismo está presente, em *fala quem pode, como quer* – no entanto, ela ganha novos ares se pensarmos que o próprio professor, no espaço de jornal, tem um outro tipo de poder, e parece estar interessado em utilizá-lo.

A gíria, ao final do parágrafo, reforça o aspecto “moderno” da proposta do ministro. Para quem está naturalizado com a escrita de Guilhermino Cesar, a pista é muito clara, e faz referência à série de críticas que o professor fazia, em seu espaço, quanto à louvação da novidade em detrimento do tradicional e amadurecido.

*Que bicho é – o erudito? Corro, cheio de dúvidas, ao **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, do nosso Aurélio Buarque de Hollanda, e encontro o seguinte: “ERUDITO, **adj.** Que tem saber vasto e variado, que revela muito saber; **s.m.** aquele que sabe muito”. Portanto, ao combater a formação de eruditos, meu amigo Airton Vargas, delegado do MEC, não quer que a escola conduza o homem ao saber vasto e variado. O saber, para ele, deve contentar-se com o pequeno, o nulo, o insignificante. Ascender o homem, no grupo social, pelo caminho da erudição? Um crime.*

Mais uma vez, a forte ironia, deixando clara sua indignação quanto à nova forma de ver as coisas. Apesar de se tratar de um torneio argumentativo, a colocação do professor era válida: o fato de colocar a erudição como inadequada aos novos tempos é declará-la inadequada para a sala de aula e, em última análise, é declarar o desejo de sua extinção.

O artigo trará ainda uma transcrição, bastante longa, das confusas e mal redigidas respostas de um aluno do curso de Filosofia de uma Universidade paulista, publicada pelo jornal O Estado de São Paulo na semana anterior. O parágrafo que antecede a transcrição é iniciado com a frase *Eu é que estou sonhando; o Sr. Airton Vargas está acordado*, reforçando mais uma vez o forte tom de que o artigo está imbuído. Guilhermino ainda transcreve a opinião do editorialista, que se pergunta como foi possível a chegada desse aluno à Universidade, e menciona mesmo a necessidade de um “MOBRAL universitário”, a fim de dar conta dos problemas de formação dos estudantes.

Como acontecia com frequência, o texto termina com uma referência literária – o que parece ser uma forma de retorno ao alto nível de conversa que o professor tanto valoriza:

Escolha o leitor, como diria Machado de Assis, entre o otimismo oficial e a realidade brutal. Eu volto ao senso comum: precisamos de mais gramática e menos pedagogia de ocasião.

O Ensino de Língua Portuguesa recebe críticas quanto ao seu apego às novidades, em detrimento da preservação do conhecimento já adquirido e refinado por gerações¹³⁰; as dúvidas do professor quanto à eficiência do ensino de Língua Portuguesa para a formação de professores de Português é bastante evidente. Não apenas o governo, mas também o corpo docente receberão críticas que vão além da postura em sala de aula, e alcançam as tendências teóricas, no que diz respeito a esse tema. É o que acontece em

¹³⁰ Como já havíamos mencionado, por ocasião de nossa referência a Lévi-Strauss, no capítulo anterior.

Ensaio contra Babel, de 28 de maio de 1977, cuja abertura indica um daqueles movimentos argumentativos refinados, que partem aparentemente distantes do foco:

Se o meu Dicionário da Bíblia não mente, a Torre de Babel ficava (ainda fica, pois os seus restos, teimosamente, lá estão) a poucas milhas do Rio Eufrates. Ali, sem que o Presidente Carter fosse previamente ouvido, os filhos de Noé desobedeceram a Deus, e por isso foram castigados com a confusão das línguas. Mas o incidente de Babel, como diria Erico Veríssimo, é quase nada diante da confusão atual em certas províncias.

O final do parágrafo de abertura começa a esboçar a questão. Antes dele, referências bíblicas e, de passagem ao poderio norte-americano. Como de costume, a menção àquela nação se dá sob a condição de que fique bem claro que sua influência não deve ser considerada a mais poderosa do mundo.

Não me refiro à política, evidentemente, porque para isso não tenho bastante procuração dos que podem. Quero aludir, de modo particular, à confusão em que vivem mergulhados os lingüistas, esses tecnocratas da expressão. É uma tribo festiva e, por conseqüência, indiscreta. Não há ciência mais badalada, no momento, do que a Lingüística. Por obra e graça de ótimos sujeitos, como Saussure e Matoso Câmara, os adeptos, entre nós, da corrente estruturalista, vão se tornando, porém, mais herméticos do que era previsível. Para que tanta ciência sem fim imediato, e, sobretudo, por que reduzir o ensino da língua, a freqüentação normal do idioma, a um quebra-cabeça que só interessa, de fato, aos pesquisadores em seus “laboratórios”?

Mais uma vez, a ideia de que Política não é uma questão fácil de lidar – a primeira frase do parágrafo acima lembra os tempos que correm, de proibições e represálias. Rapidamente, esclarece-se que o interesse do artigo está na atuação dos linguistas, ou seja na influência deles sobre o ensino de língua materna. As expressões utilizadas para se referir a eles e suas atividades, como *tribo festiva*, *ciência mais badalada* e *herméticos*, traz à mente a ideia de falta de seriedade e cultivo das aparências; os “*laboratórios*”, estando entre aspas, ainda aproximam as observações do campo da tecnologia, tantas vezes acusado de encantar o cidadão comum e distorcer seus valores. Um artigo como este inclui no encantamento os pesquisadores responsáveis pela visão de cultura da nação, o que explica suficientemente a preocupação de Guilhermino Cesar e seu tom de desgosto e deboche.

Faço a pergunta porque a aprendizagem do idioma nacional, no Brasil, a começar do primeiro grau, do ABC, já se transtornou por completo. E de tal forma que os nossos meninos não aprendem mais, sofrivelmente, o

fundamental: ler e escrever. Que estudam, então? Um mistifório em que o termo comunicação entra de contrabando e a lingüística faz o papel do inocente útil. E a boa e velha Sintaxe? – pergunta João Ribeiro de seu título. “Bem, esta palavra já não existe” – responde a professorinha estruturalizada. E Concordância? – insiste o Mestre. Para que falar em semelhante velharia, retruca a Ciência, ofendida em seus melindres. Agora, efetivamente, no reino da Babilônia, tudo são fonemas e semantemas, lexemas e sememas, bico de pato e bico de ema.

O trecho anterior já mencionara Saussure e Mattoso Câmara, identificados como estruturalistas; o parágrafo acima traz ainda João Ribeiro. Esses elementos deixam claro o conhecimento de Guilhermino Cesar a respeito da Linguística moderna, e garantem uma crítica abalada, não motivada por ignorância ou eventualmente algum tipo de “dor-de-cotovelo acadêmica”, pelo estrondoso sucesso e influência alcançados pelo Estruturalismo na década de 1960¹³¹.

Ainda cabe destacar, no trecho acima, a última frase, que nos carrega novamente ao Guilhermino Cesar espirituoso, que mostra brilhantismo vocabular, em especial quando defronta-se com uma questão especialmente sensível à sua visão das coisas. *Lexemas e sememas, bico de pato e bico de ema* é um daqueles achados que faz sorrir ao leitor e se sentir simpático à causa defendida por tal talento da expressão – afinal, referir-se às coisas no tom adequado, dando-lhes nomes até então inéditos, mas extremamente adequados, confere um poder adâmico ao autor.

Pelo que vimos, o artigo *Ensaio contra Babel* é um daqueles que apresenta os elementos característicos das colaborações mais marcantes de Guilhermino para o jornal: o título que desperta a curiosidade (nesse caso, a Linguística é comparada à Babel bíblica, uma vez que se parece com um projeto grandioso, ao qual todos aderem, e que acaba sendo fonte de confusão), os achados expressivos de grande felicidade, as referências à onipresença norte-americana, os problemas políticos e culturais que perpassam um campo que deveria estar acima de tudo isso – a Educação. Tudo isso demonstrando conhecimento a respeito do assunto tratado.

Vamos finalizar essa seção tratando de outro artigo que consideramos bastante interessante, pois dá conta tanto da questão do *american way of life* quanto da

¹³¹ Conversamos com diversos professores ligados à Literatura e à Linguística, no Instituto de Letras, no decorrer de nossos estudos sobre Guilhermino Cesar. Aqueles que foram seus alunos (ou sejam, cursaram letras nas décadas de 1960 e 70) foram unânimes em afirmar que o Estruturalismo havia recebido tal importância que mesmo a leitura de poesia e a análise de narrativas estavam subjugadas à teoria Estruturalista e sua metodologia.

observação do desenrolar da História e dos fatores que a movimentam¹³². Trata-se de *A Esquizofrenia Cultural*, publicado a 06 de novembro de 1971.

O começo é bombástico:

ARRE! É impressionante o artigo de Robert Brustein, decano da Escola de Teatro de Yale, sobre a esquizofrenia cultural nos Estados Unidos. Dá exemplos que atordoam e afligem. Expõe à indignação do leitor a imagem de alguns sujeitos atulhados de vaidade e de ambição material (as duas linhas de força a que obedece ali a maioria dos manipuladores da “cultura de massa”), os quais, não obstante a sua insensatez, orientam efetivamente, em proveito próprio, as atividades intelectuais mais nobres. Apropriaram-se dos principais veículos de transmissão de conhecimento, administram fortunas fabulosas, são os donos da opinião. O que em verdade já se esperava, num país em que McLuhan chegou a ser adorado como um semideus.

Antes de prosseguir na observação desse texto, é importante mostrar a forma como Guilhermino Cesar constroi crítica e elogio, no que se refere a culturas de influência internacional. No trecho acima, evidencia-se a irritação (o texto chega a ser iniciado por uma interjeição) do professor ao ler um artigo em que acontece a denúncia da manipulação a que alguns submetem os meios de comunicação de massa, a fim de alcançar lucro, sem levar em conta valores culturais. O nome de McLuhan, mentor da Teoria da Comunicação (e, pelo que entendemos ao ler Guilhermino, cientista que presta um dos maiores desserviços à cultura Ocidental vistos pelo século XX) representa a confusão de valores que toma conta, em especial, dos Estados Unidos.

O elogio também existe, e pode ser tranquilamente encontrado em texto que já mencionamos no capítulo anterior: trata-se de *França, ‘garçon’, ideal da gente*. Basta observar:

*Tudo quanto há de confuso, em matéria de pensamento, torna-se nítido depois de atravessar o filtro das Gálias. O mundo não se deixou conquistar apenas pela ideologia republicana, vitalizada e propagada pela Enciclopédia; o estilo de um Voltaire tanto contribui para difundir o liberalismo quanto os “bons modos” mentais. Antes mesmo de Rivarol, o preguiçoso genial, cuja obra-mestra *Discours sur l’ Université de la langue française*, apareceu em 1784, antes da tempestade napoleônica, portanto, o francês já havia mostrado ao Ocidente que tinha condições de substituir o latim como língua intermediária, língua instrumental (conforme dizemos hoje) capaz de refletir as mais variadas gamas do espírito. Depois disso, com as conquistas do grande Corso, ampliou-se o raio de ação desse idioma: o liberalismo e o nacionalismo expandiram-se pelo mundo; a literatura romântica, vinda de Paris, inundou as nações neolatinas – e desta sorte nós aqui, num canto da América do Sul, até nós, seria melhor*

¹³² Tema específico da próxima seção.

dizer, ganhamos com isso. Tornamo-nos mais civilizados após a introdução do francês como língua de cultura nos currículos escolares. De 1822 a 1945, num fluxo ascendente, bebemos ciência e arte, ficção e poesia, teatro e política nas águas do Sena. (...)

Mas um povo fortemente unido, mesmo que o seu espírito de nação fosse tão vivo quanto o da França no século XVI, pouco poderia fazer, a bem de se projetar culturalmente, se lhe faltasse um adequado mecanismo de expressão (digo “expressão” no sentido de Bühler, e não “comunicação”, que é outra coisa). Antes de se multiplicarem os mass media, isto é, antes mesmo de descobertos o rádio e a tevê, a França, apenas com os seus livros, conseguiu penetrar em toda a parte fertilizando inteligências, suscitando reformas, sugerindo modelos, saciando a sede e a fome. Mário de Andrade tinha razão: “ França, ‘garçon’ ideal da gente”.

O artigo acima celebra a tradição cultural que deu base à formação da cultura Ocidental. Guilhermino Cesar a coloca como herdeira dos clássicos gregos, e menciona a capacidade de difundir-se e influenciar positivamente, em uma época em que tal fenômeno era uma proeza. A crítica já estava implícita, pois no século XX, *com a existência de rádio e tevê*, deveria ser mais fácil influenciar e difundir cultura. No entanto, o parágrafo seguinte descreve uma realidade bem diferente:

Vou usar uma palavra que se tornou feia nos últimos tempos. Quero dizer: a França pôde construir um complexo de produção intelectual, um pólo literário e político, porque foi a herdeira fiel do velho humanismo greco-latino. Repito: do velho humanismo, cuja eficácia ela prolongou no tempo, dando-lhe embora outra roupagem. Hoje, porém, força é reconhecer, os parâmetros são outros. Um tecnicismo em verdade amoral, fruto em grande parte do capitalismo desumanizado, quer impor ao mundo – se é que já não o fez – o mito da Eficiência. Ai de nós. Sobretudo após a alucinante aventura do nazifascismo, o mundo se deixou contaminar por um pragmatismo que nos sufoca. O humanismo, é certo, segundo os moldes clássicos, envelheceu. Mas o neobarbarismo dos donos da máquina e das multinacionais é que não nos há de salvar.

Como se vê, o elogio está feito, e torna bastante compreensíveis as críticas ácidas de Guilhermino Cesar, uma vez que ele representa justamente essa tradição esquecida, que se solidificou no Ensino brasileiro do século XIX, permaneceu forte no início do XX e se viu desgastada e desvalorizada pela ascensão dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a TV. O jornal vai pelo mesmo caminho, motivado pela concorrência tão dinâmica e eficiente dos meios eletrônicos; o artigo comentado em *A Esquizofrenia Cultural* traz o cinema como vítima:

*Brustein conta casos, cita nomes, descobre a máscara dos charlatães. E considera que o sintoma da **esquizofrenia cultural** imperante é principalmente o “caráter dividido de suas vítimas – quase sempre artistas,*

intelectuais e acadêmicos – que, uma vez atacados pela doença desejam ser, simultaneamente, sérios e respeitados, e também ricos, famosos e populares”. Trabalhar em silêncio, na composição de uma obra, longe do fausto e do rumor, só o fazem hoje, nos Estados Unidos, os “quadrados”, vale dizer: as pessoas que ainda não acreditam na genialidade de McLuhan, nem julgam que um ator de cinema, só pelo fato de ser simpático, possa ser um bom prefeito ou um governador capaz. Em suma, pelas pessoas que não tomam drogas, não arruinam o gosto do povo com obras de fancaria e se recusam a formar no cortejo dos bocós endinheirados que empregam palavras da nova gíria tecnológica – a qualquer propósito e mesmo sem propósito nenhum.

Mais uma vez, o tom é forte; dessa vez, pode-se definitivamente considerá-lo agressivo, pois fala-se em *bocós* e coloca-se claramente a oposição *popularidade/sucesso comercial x cultura/conteúdo* como a polaridade a ser enfrentada. Perceptivelmente, essa é a polaridade que Guilhermino Cesar enxerga em todas as facetas dos meios de comunicação de massa assim reconhecidos (o rádio e a TV), e que percebe chegando muito perto dos meios que abandonam suas raízes para aderirem ao movimento tecnicista (o jornal e o cinema).

*Sei de um país sul-americano em que tudo se prepara, com a mais bovina das ingenuidades, para que a maré montante de **esquizofrenia cultural** produza idênticos efeitos. O primeiro passo está dado: desprestigia-se o Humanismo cada vez mais, na órbita do ensino universitário, como se fora um astro morto. A tecnologia passou a ser a medida de todas as coisas. As mais altas autoridades do ensino caíram numa espécie nova de romantismo; só vêem diante de si a magia da técnica. E esse mito, monstruoso, ameaça tudo.*

A denúncia chega ao Brasil, ainda que Guilhermino confie o suficiente em seu leitor para não ter de declará-lo, e poder utilizar a ironia. A desvalorização do Humanismo é colocada como centro do problema, retomando a situação universitária já analisada em outros textos; a própria crítica ao ministro da Educação é retomada. Em parágrafo posterior, será dito que a principal causa da “esquizofrenia cultural” é a *hipertrofia do tecnicismo, religião de nossos dias*, não deixando dúvida a respeito do mostro a ser combatido.

Sobre o local do combate, cabe dizer novamente:

*Como quer que seja, precisamos abrir os olhos, em especial na área mais contaminada – a da educação. O sintoma da **esquizofrenia cultural** patenteia-se ali nesse exibicionismo cultural que abdica, na metódica escolar preconizada oficialmente da “formação” do indivíduo em favor da “informação”. O espírito dominante põe sempre a tecnologia como*

finalidade principal dos institutos universitários, relegando o Humanismo, fonte de equilíbrio, a um plano inferior.

Estabelecido que a Educação precisa ser preservada do modismo e da técnica, Guilhermino parte para as comparações, a fim de mostrar que a via norte-americana não é a única: os parágrafos seguintes tratarão do exemplo europeu, que parece ter escolhido outra via, após o trauma da massificação imposta por Hitler e Mussolini, e da utilização eficiente que estes fizeram dos meios de comunicação de massa. Da mesma forma, aponta-se Stalin como a possibilidade de reflexão dos países comunistas – ou seja, sua chance de ver um passado de más escolhas, e tomar outro caminho:

Os países socialistas, que no primeiro momento da competição, em face dos Estados Unidos de pós-Grande Guerra, tanto aceleraram seus programas desenvolvimentistas de base material, cuidam hoje de amortecer também o ufanismo delirante da técnica, ministrando-lhe doses maciças de cultura desinteressada. Ninguém pode viver cercado exclusivamente de parafusos, roscas, fitas magnéticas, robôs – e especialistas obtusos.

A crítica volta àqueles que aceitam ter sua imagem vendida nos meios de comunicação de massa, ainda que em nome da desinformação. O *especialista obtuso* não possui a erudição, ou seja, o conhecimento amplo necessário para que se possa realizar uma análise rica e efetiva de qualquer problema, científico ou não. Essa visão é extremamente coerente com a própria posição de Guilhermino, cientista e historiador:

*E o que vemos é isto: liga-se o rádio e a TV, vai-se ao cinema, compra-se uma revista ou um **best-seller**, e sofre-se logo o assalto da mais torva imbecilidade. A noções erradas, transmitidas de modo impreciso, acrescente-se a desfaçatez com que certos indivíduos se autopromovem como especialistas, como técnicos disso e daquilo. Ninguém escapa ao assalto. A pedantocracia, antinatural como sempre, ataca em massa; e é pena, porque não logramos construir ainda no Brasil um corpus artístico ou literário de validade superior, como o fizeram tantas nações mais velhas, na Europa e na Ásia. Não conseguimos firmar os alicerces de nossa própria cultura, e já viramos as costas ao que a experiência milenar da civilização nos ensina.*

A posição do Brasil nesse cenário de mudanças é bastante delicada: Guilhermino Cesar sabe que não há muitas pessoas ainda capazes de preservar a erudição e a tradição cultural, naquele contexto. As lideranças se rendem à mecanização, e já ouvem mais os apelos da multidão embevecida com a tecnologia do que a voz madura dos sábios.

Mais uma vez, é da Literatura que nasce o final do artigo: Guilhermino parafraseia uma narrativa lida em um crítico afinado com suas ideias, e dá o salto para Machado de Assis:

(...) num dos livros de Lloyd G. Douglas aparecem dois amigos, um chinês e outro norte-americano, a conversar descansadamente sobre seus respectivos povos. A certa altura, observa o chinês que nos Estados Unidos toda a população tem a mania de mudar as coisas, ao que responde seu interlocutor que isso é bom, porque aciona o progresso do país. Mas o chinês atalhou logo: — Pode ser; contudo, o progresso da cirurgia, em Michigan, salva menos vidas do que as que são roubadas, nas ruas e estradas, pela invenção do automóvel.

*Decida o leitor entre o ianque e o chinês, como diria o finado Brás Cubas. Eu volto à idéia fixa da **esquizofrenia cultural**...*

Todos esses artigos mostraram o desejo do professor de proporcionar ao leitor de jornal um debate qualificado que desse conta da influência das novas mentalidades sobre a sociedade brasileira contemporânea. Essas mentalidades possuem em comum o fato de celebrarem o método científico, a tecnologia e a mecanização em todos os campos do conhecimento, com argumentos distorcidos e errôneos, tais como democracia da informação e educação para todos.

4.3-Onde a ficção ilumina a crônica: Elesbão inventado

A análise do conjunto dos textos publicados mostra que há uma série deles que se diferenciam do conjunto em um aspecto muito importante: são narrativas em primeira pessoa. O narrador não se identifica como Guilhermino Cesar, como se o fato de se tratar de um texto assinado, em “sua” página, dispensar apresentação. Além disso, as histórias contadas sempre envolvem um personagem ficcional: Elesbão.

Essas histórias utilizam, muitas vezes, o tom de gracejo, a ironia e o humor para registrar diálogos e debates, envolvendo o narrador e Elesbão, em suas conversas a respeito dos fatos da semana. Essas estratégias colaboram na transformação das narrativas em textos de crítica social e/ou de costumes. O narrador que pode ser identificado como Guilhermino Cesar é participante ativo ou testemunha dos eventos que narra, e aproveita para comentar cada fala, analisando as próprias conversas que relata, e relacionando-as com outros fatos e/ou conhecimentos que possam orientar a reflexão do leitor sobre o assunto abordado.

Acreditamos que os textos que contam com a figura de Elesbão são, portanto, encontros em que se torna possível articular a ficção e a realidade, misturando elementos literários e históricos, e produzindo análises qualificadas de questões prementes à reflexão do cidadão do século XX. Sem perder a ternura, no entanto, jamais.

Elesbão Lopes Duro é o interlocutor gaúcho cujo histórico pessoal, família, profissão e ideias constroem uma possibilidade bastante crível de existência na Porto Alegre da década de 1970, e de encontros em lugares reconhecíveis – caminhando pela Rua da Praia, visitando o professor Guilhermino Cesar em sua casa, voltando do litoral gaúcho. Dessa forma, Elesbão representa o estabelecimento de um diálogo entre o intelectual Guilhermino Cesar, professor universitário respeitado em terras de aquém e de além mar, e um sujeito típico, nascido no interior gaúcho, funcionário público, casado, habitante de Porto Alegre, acompanhando os passos dos filhos e netos num mundo que muitas vezes o espanta e diverte – e que ele tem necessidade de debater.

Ao observarmos os textos que contam com a presença de Elesbão, logo se percebe que a relação de Guilhermino com o personagem apresenta atitudes diversas, distintos tanto na forma como Elesbão é apresentado quanto no nível de envolvimento do narrador nas aventuras relatadas. Esses diferentes momentos contam com diferentes estratégias de escrita e narrativa, e refletem as diferentes posições em que um interlocutor poderia se posicionar, diante da argumentação de Guilhermino Cesar.

Para acompanhar o processo de apresentação do personagem ao público e as nuances presentes nos textos, assim como dar conta das discussões propostas nesses artigos que contam com o personagem ficcional, vamos observar os textos de forma cronológica, organizados por ano.

1971: A estreia

A estreia de Elesbão, o amigo gaúcho que adora um assunto novo e está sempre bem informado, acontece em 18 dezembro de 1971, ou seja, ao final do primeiro ano de colaboração de Guilhermino Cesar para os Cadernos de Sábado.

O texto é *Diálogo da Cultura*, e relata uma conversa entre Elesbão e um interlocutor que narra a situação em primeira pessoa – e que podemos identificar, tranquilamente, com Guilhermino Cesar, uma vez que 1)essa interferência do autor como pessoa identificável, em coluna de jornal, é bastante característica das crônicas

brasileiras das décadas de 1950 a 1980 e 2) os elementos que vão sendo fornecidos durante o texto apontam sempre para a identidade entre o narrador e o professor Guilhermino Cesar.

A abertura do texto começa com a agilidade de um encontro de surpresa, como está sugerido:

*Elesbão vem para mim, na Rua da Praia, com o riso aberto.
Vitorioso e feliz:
-Viste? Aqui está a solução.
-Solução de quê, homem de Deus? Explica-te.
-Mas não percebes, ó quadrado, que esse livro, escrito pelo Ministro-Mor de Tanganica, aponta o caminho para resolvermos os problemas da educação de massa?*

O lugar do encontro – a Rua da Praia – e a forma bastante desenvolta como se cumprimentam e se tratam – ‘homem de Deus’ e ‘quadrado’ – indicam uma relação pessoal bastante íntima – do tipo que permite a ausência de uma saudação formal e de fórmulas de cortesia. Isso basta para que o leitor compreenda que o recém-chegado é um amigo.

Outro indicativo de que se trata de uma amizade de algum tempo é o assunto proposto por Elesbão: no decorrer do ano de 1971, Guilhermino Cesar vinha mesclando textos de cunho literário (análises da obra de Erico Verissimo, Machado de Assis) e do que poderíamos chamar de ‘crítica cultural’ – nos quais são abordados temas como a decadência no nível dos estudantes universitários, relacionando-a com outro tema de presença importante em seus artigos de jornal, a era da técnica e o conseqüente desprezo pelas Humanidades. Quando Elesbão se comporta como se retomasse um debate deixado em meio, dá testemunho de que, *assim como o leitor*, vem acompanhando os embates de Guilhermino Cesar com esses assuntos.

A referência a Tanganica é uma das tiradas geográficas de Guilhermino Cesar que caracterizaria sua obra na década de 1970, em especial na poesia de ‘Sistema do Imperfeito’: nomes de lugares com traços marcantes eram preferidos para ilustrar ideias de exotismo, regionalismo e/ou distância. O termo *Tanganica* será o escolhido para representar qualquer país de onde viriam ideias pseudo-revolucionárias, e normalmente, equivocadas, em seus textos de jornal.

O diálogo é interrompido para que o leitor compreenda melhor o que está acontecendo:

Sei muito pouco dos negócios de Tanganica, e menos ainda do problema da educação, de modo que o meu amigo tem de trocar em miúdos a doutrina de tal livro, para alimentar a ignorância que me sufoca.

Explica-me, então, pacientemente, que Ali Fuad, estadista na flor da juventude, acaba de elaborar um plano fulminante e quinquenal, para a educação popular do seu país. E para melhor atingir o objetivo, aconselha que se ocupem as universidades, que se ponham bancos por toda parte – e se desmontem laboratórios, para melhor multiplicar a ciência – e se desterre a pesquisa desinteressada, e se repartam as salas de aula, multiplicando-se cadeiras e tamboretas –, tudo isso com o fim nobilíssimo de dar ao maior número possível de pessoas a oportunidade do diploma. Um grande homem, Ali Fuad.

O parágrafo é extremamente irônico, ao colocar o narrador em uma posição de ignorância – diante da figura de Elesbão, das teorias educacionais, das iniciativas mais modernas. O que se percebe é que, do ponto de vista da *informação*, ou seja, de saber as últimas novidades, realmente temos o narrador como o desatualizado (o ‘quadrado’) e Elesbão como o que sabe do que se trata, e se deixa empolgar pela novidade.

O nome do ministro de Tanganica aponta para países árabes ou repúblicas africanas. De qualquer forma, o que está sugerido é que se trata de uma ideia tão nova que brota longe do tradicional berço europeu. Não está esclarecido se o escritor do livro e ministro-mor é especialista em Educação – Elesbão prende-se ao fato de que ele propôs uma solução para um problema que diz respeito a todas as nações em desenvolvimento, e está disposto a abraçar a ideia.

Aliás, a descrição das propostas é o ponto em que começa a ficar evidente o absurdo da situação: visivelmente, trata-se de uma proposta não de *democratização do ensino*, apenas, mas de uma verdadeira *massificação*, como bem colocado por Elesbão em sua fala anterior. O que Elesbão não percebe – ao contrário do narrador – é que o termo *massificação* não é positivo, quando se trata de ensino, ainda mais universitário. Essa é exatamente a construção que o narrador pretende realizar durante o diálogo.

Antes de avançar, no entanto, há mais um parágrafo que mostra o ponto de vista de Guilhermino (vamos nos permitir chamá-lo assim) durante a conversa, que prepara o terreno para a introdução do argumento contrário:

Ouçó com interesse. Estamos no forte do Verão, o trabalho intelectual é penoso, navegando na torrente oratória do amigo, tenho a ilusão de que penso. Porque ele me entusiasma. Tãmanha maravilha não pode deixar de contagiar-me, espicaçando-me a curiosidade. E logo que ele faz uma pausa, meto no cozido a minha colher de pau:

-Tudo certo, Elesbão. Já pensaste, porém, no que diz Eliot, a esse propósito?

-Que Eliot?

O interesse que a conversa desperta em Guilhermino Cesar passa longe de ser aprovador. Pelo contrário, ele se deixa levar pela *torrente oratória do amigo*, mas assim que pode faz uma interferência. O assunto o interessa, e a ideia de que Elesbão possa estar sendo convencido por ideias absurdas arrasta-o ao debate.

Aliás, a referência à oratória, ao calor do verão, à ilusão de que se pensa, são elementos que apontam para um tema que é dos favoritos nos artigos de Guilhermino Cesar para os Cadernos de Sábado: a torrente de informação que mais confunde do que esclarece o cidadão. Diversos textos vão lidar com o fato de que o brasileiro se deixa encantar por quaisquer teorias novas, desprezando séculos de trabalho intelectual em nome de novidades agradavelmente expostas em meios de comunicação de massa, e ignorando o fato de que esses meios têm por padrão simplificar e tornar superficiais as explicações que fornecem, empobrecendo os conteúdos e até adulterando-os.

Elesbão não é um sujeito ignorante; apesar de seu papel na conversa lembrar bastante o entusiasmo quase infantil de Sancho Pança, em oposição à clareza intelectual e ao conhecimento construído com muitas leituras e um certo isolamento da realidade, característico de Dom Quixote (que seria o papel de Guilhermino Cesar), logo que as ideias de Eliot começam a ser expostas, acontece uma mudança em seu ponto de vista.

O texto avança com longos parágrafos em que as ideias de Eliot são esmiuçadas, e logo se percebe qual a questão em pauta: o estudo universitário é inerentemente um estudo de elite – não econômica ou social, mas de elite intelectual – e não faz sentido democratizar o estudo a fim de permitir que qualquer um, ainda que não qualificado, chegue à Universidade.

Elesbão, que lentamente vai se convencendo de que o amigo tem razão, e de que a democratização de Tanganica na verdade é uma massificação do pior tipo, incluindo muitas cadeiras e tamboretas, vai colocando alguns argumentos ainda, a fim de defender o ponto de vista anterior – e permitindo que o amigo explique como se lidam com outros aspectos da ideia. Assim, no ponto da conversa em que estão tratando do fato de que a universalização do ensino, sem o devido preparo do povo, estava resultando em encaminhar para os professores tarefas que seriam da família, como o comportamento adequado em sociedade e os hábitos de leitura, surge a oportunidade para uma das

lapidares expressões fortes de Guilhermino Cesar: ele diz que se está atualmente em uma floresta de cimento-armado onde vivemos como bichos¹³³.

Na sequência, notamos que os argumentos de Elesbão são suporte para o aparecimento dos argumentos de Eliot, o que reforça a ideia de que Elesbão não é apenas o amigo, mas a contraparte adequada para conduzir um bom debate.

E assim continuam conversando, Elesbão se deixando tranquilamente convencer – *És um homem de boa fé, compreenderás em seguida*, afirma-lhe Guilhermino Cesar – até que se encaminha o fim do texto:

-E agora?

*-Pronto. Ao livro do teu Alí Fuad, que não li – e que não gostei, como diria Oswald de Andrade – oponho o livro de TS Eliot. Chama-se **Notes towards the definition of Culture**. Livro por livro, estamos quites.*

E entramos num café. Eu queria ligar ao Nilo Ruschel, para dizer-lhe justamente isso: a nossa Rua da Praia vale mais para a cultura gaúcha do que todos os fanáticos do computador.

Salvo melhor juízo.

Elesbão, percebendo que sua convicção anterior se desvaneceu, acorre ao amigo para saber o que fazer – afinal, voltou-se à estaca zero, depois de haver a impressão de que o problema havia sido solucionado. Guilhermino Cesar, gentil, propõe-lhe simplesmente que leia Eliot – e está propondo ao leitor do artigo, também, que não se deixe levar por qualquer ideia nova cercada de oratória, mas que procure os intelectuais adequadamente embasados.

A postura de Guilhermino Cesar quanto à produção intelectual contemporânea reflete sua formação à seculo XIX: a erudição, com base em pensadores comprovadamente competentes e advindos de berços culturais tradicionais, ocupa o primeiro plano. Alguns de seus artigos vão tratar especificamente do prejuízo de abandonar ideias tradicionais em nome de novidades ainda pouco debatidas¹³⁴.

O final do texto, envolvendo a figura de Nilo Ruschel (conhecida nos meios intelectuais de Porto Alegre, em especial por seu trabalho na Editora Globo), é a comprovação do último dos argumentos de Eliot que havia sido debatido: o de que a cultura é uma consrução do povo no dia-a-dia, e não uma imposição a ser realizada artificialmente a partir da vivência universitária massificada. Aí compreende-se que

¹³³ Um dos pontos característicos de *Sistema do Imperfeito* é a identificação frequente do ser humano como uma espécie diferenciada de animal, em expressões como ‘animal do tarde’ e ‘bicho da terra tão pequeno’. É possível detectar elementos que estariam presentes no livro de poesia, nos textos de jornal.

¹³⁴ O texto *Desclalabros do Ensino*, de 07 de fevereiro de 1976, é um excelente representante dessa discussão.

uma conversa entre amigos, à entrada de um café, na Rua da Praia, possa ser mais construtiva para a formação de uma cultura do porto-alegrense comum, do que a ida de todos para uma Universidade – ou o acesso de todos ao computador.

A referência, de passagem, aos computadores, é o resgate da ideia de que nos encontramos em um mundo no qual a técnica está acima dos valores humanistas. Portanto, torna-se ainda mais evidente o quanto o debate caloroso entre amigos é bem mais proveitoso e verdadeiro do que a informação fria divulgada pela mídia.

1972: O ano de ouro

O ano de 1972 parece embalado pela feliz estreia de Elesbão – desde os primeiros artigos, em janeiro, sua presença é frequente. Ao todo são sete textos, espalhados de janeiro a setembro.

O primeiro se chama *O Colecionador Satisfeito*, publicado a 29 de janeiro, e começa com um dos ganchos favoritos de Guilhermino Cesar – o calor do verão gaúcho e a fuga para o litoral.

Elesbão veio ontem de uma praia do Atlântico. E disparou logo, antes de minha primeira pergunta:

-Estou tinindo. Uma saúde de ferro. Sabe o que é que eu fazia de melhor, no meu chalé? Colecionava perguntas.

-Que perguntas?

-As que andaram fazendo aos rapazes, no Vestibular.

-Ótima diversão.

-E fisguei coisas esplêndidas. Creio-me até em condições de formular um juízo aproximado sobre o grau de conhecimento de nossa juventude. Magnífico! O sistema de perguntas e respostas, como lá diz o Praxedes, meu vizinho de praia, é o que se pode chamar de uma coisa higiênica, não acha?

-Como?

*-Uma prova limpa. O sujeito pensa em ordem direta, firme, sem teias de aranha na cabeça. **Ácido mais base é igual a... leite de cabra, bismuto, vinho de Caxias, azoto, sal mais água...** – e o cara tem de furar exata: “sal mais água”. Isto é que é. Não tem choro nem vela, nem fita amarela.*

O exemplo mencionado por Elesbão ilustra o nível baixo das questões do Vestibular objetivo – que Guilhermino Cesar considera uma das iniciativas mais danosas que já se tomou quanto ao Ensino Superior no Brasil. Apesar da evidente bobagem em que consiste a pergunta (seguida de alternativas desqualificadas), Elesbão a aprova justamente pelo que ela representa: a obviedade e a clareza do processo novo.

Tentei compreender os entusiasmos caniculares de Elesbão. Esse meu amigo é uma pérola. Tácito diria – Elesbão é uma passa de Corinto. E

ambos, o historiador e eu, acertaríamos. Com efeito, não há ninguém mais discreto, mais sensível, mais plano. Adora ler almanaques, tem uma excelente coleção de caixas de fósforo e outra (ainda em começo) de borboletas de Torres. Agora, nas férias e já entrado na meia-idade, resolveu colecionar perguntas de exame... Depois de ouvi-lo com paciência, por uma larga meia hora (ajudada pelo ventilador), li para o homenzinho a opinião de um rapaz que tirou o primeiro lugar no concurso do COMSART (PUC e Universidade Federal Fluminense).

Segue uma conversa em que, a cada exemplo de opinião bem embasada e contrária ao Vestibular objetivo, Elesbão pede o recorte e diz que o vai guardar. Tem-se a impressão de que os dois amigos estão mexendo em uma série de recortes colecionados por ambos, todos dando notícia do fracasso pedagógico daquele processo seletivo. O clima é bastante pessoal, como indicam as frases de Elesbão: *Passe para cá e É. Esse recorte é dos bons. Vai para a minha coleção.*

Ao final, já se estabeleceu um clima de concordância:

-Está certo – concede Elesbão – Não havia pensado nisso. Lá na praia, do meu observatório de areia e água salgada, eu imaginei que esse negócio de Vestibular, mecanizado, unificado, grelhado, ou o que seja, fosse o superfino, a última palavra da ciência pedagógica...

-Ora, Elesbão, por hoje chega. É verdade que V. ainda vai voltar à praia?

-Amanhã cedo.

-Boa viagem. Lembre-me aos cômoros – e organize também uma coleção de conchas. De conchas, ouviu? Porque a concha, amigo velho, é a coisa mais retorcida que existe; parece até a cabeça dos pedagogos. Não há uma igual à outra.

Analisando o comportamento de Elesbão nesses dois primeiros artigos, percebe-se que se trata de um amigo íntimo, inteligente mas impressionável, como qualquer cidadão comum, diante das novidades. Assim como o leitor desejado por Guilhermino Cesar, Elesbão é capaz de ouvir e refletir sobre o que lhe é dito, enriquecendo a conversa de forma coerente.

No entanto, não se pode deixar de perceber que a postura de Elesbão é muito próxima da que teria um *amigo imaginário* – afinal, Guilhermino Cesar é quem decide quais os assuntos que serão conversados; as contribuições de Elesbão são sempre adequadas ao prosseguimento da argumentação e das citações de Guilhermino Cesar; e é o professor quem encaminha o fim dos debates. Além disso, os dois colecionarem recortes de jornais sobre o mesmo assunto é uma evidência de que Elesbão se comporta exatamente como a contraparte ideal para Guilhermino Cesar. O que o distingue de um amigo imaginário comum é o fato de que ele tem um perfil pessoal, uma família e uma

postura que não correspondem à de Guilhermino Cesar. Assim, Elesbão é a contraparte, criado para possibilitar um debate qualificado, e não o apoio às suas palavras, que um similar daria.

O resultado da combinação entre o leitor-cidadão-comum (representado por Elesbão, em seu entusiasmo inocente pelo novo, em sua cultura mediana com ares levemente exibicionistas, na capacidade de respeitar o conhecimento do amigo intelectual, de ouvi-lo e contribuir para o avanço do debate) e Guilhermino Cesar (ou o narrador) é o mesmo resultado que se espera da combinação entre o leitor comum e Guilhermino: uma relação harmoniosa de construção de conhecimento, mediada e conduzida pelo professor.

O segundo texto daquele ano chama-se *Delícias da Cidade*, e foi publicado a 25 de março. Possui uma espécie de pré-título, *Glosas de leitor encharcado*, o que sugere ter Guilhermino Cesar pensado alguns de seus textos como um conjunto à parte, comentários literários com um caráter informal bastante pronunciado.

O primeiro parágrafo contextualiza o assunto a ser tratado, sugerindo que começou numa conversa sem compromisso, provavelmente numa ocasião social:

*A constância com que a literatura exalta o campo e rebaixa a cidade, desde Homero ao Chacrinha, pode ser resumida desta forma: temos saudades do Éden. Quem o disse, numa dessas noites de conversa vadia, foi o meu amigo Elesbão. Ouvindo, porém, nossa discussão a respeito uma assistente social discordou: “– O Éden já era. Os desajustamentos sociais é que geram tudo isso”. Mas Elesbão, teimoso sempre, não se convenceu: “– Preferimos o simples ao complexo. Vejas as **Bucólicas**, menina. Virgílio, um quase contemporâneo de Cristo, não trocava a polenta do lavrador mantuano pelas iguarias asiáticas da mesa de César.”*

Trata-se, então, de um encontro entre os amigos usuais de debate, Guilhermino e Elesbão, e perto deles está uma *menina* – o vocativo escolhido por Elesbão parece destinado a colocar a interlocutora em seu devido lugar; aliás, a profissão escolhida para ela, além de explicar a opinião que emite, sugere uma atividade bastante contemporânea – provavelmente um curso que, como a Pedagogia, vinha despertando grande interesse.

Elesbão, como acontece em diversos textos, apresenta-se com um ar de pedantismo um pouco desenfreado:

Com essa tirada implacável, Elesbão afastou a mocinha da discussão e, mais seguro de si, continuou a ilustrar-me. Lá veio morro abaixo, forrado de erudição e desencanto. Explicou-nos longamente que em cada movimento literário de importância, pelo menos no Ocidente, há sempre

*alguns autores voltados para a exaltação da terra, das coisas naturais que a povoam e a embelezam. Exemplificou: “– As ervinhas do campo são o melhor lençol para os momentos do amor, conforme insinua Luís de Camões no seu poema quatrocentão, e o mesmo acontece na Love Story, o filme norte-americano mais visto e mais chorado dos últimos tempos. De fato as florinhas lá estão igualmente nas poesias de João de Deus e Casimiro de Abreu, e até na prosa maliciosa de Eça de Queirós, sujeito contestativo como poucos. E se menciono o autor de **A Cidade e as Serras**, é porque se trata de um camarada **prafrente**, aparecido numa época em que a Europa, começando a sentir os efeitos da máquina, se entregava esperançosa aos braços de Proudhon, o Sartre dos realistas”.*

*E, por aí adiante, flamejou a eloquência de Elesbão. Depois, sorvendo mais uma dose de uísque, explicou-nos como tem reagido o homem diante dos estímulos que a literatura e a filosofia lhe dão, à margem do velho conflito entre o natural e o artificial. “É um choque medonho, esse, que tem para nós, habitantes da cidade no século XX, implicações verdadeiramente trágicas”. Concordo com o amigo. Pois construímos, ajudados pela técnica, a poder de cimento e de cálculo, inúmeros Paraísos, nenhum dos quais nos limpa e satisfaz. Atulhamos as ruas de veículos, poluímos o ar, a água, inventamos o conforto, e ficamos presos nas malhas das **Urbs**. A isso responderá um moralista: “Bem feito; por que te meteste a aprendiz de feiticeiro?”. E um cientista (desses que nascem formados dos “cursinhos”, como estrelas do elmo de mambrino) responderá, severo e definitivo: “É isso mesmo. O progresso paga impostos; não é em vão que podemos apreciar, todas as noites, em Porto Alegre, uma Elis Regina dar guinchos milionários no Rio, em Manaus ou Pequim”.*

A progressão do argumento, apesar de longa e um tanto inadequada para uma conversa casual, será aprovada pela frase que abre o parágrafo seguinte. Este parágrafo também marca a tomada de turno por Guilhermino Cesar, com suas referências geográficas amplas e a menção às máquinas como seres com vontade própria:

*Elesbão já disse. Sofremos na Cidade, mas não queremos sair dela. A cidade nos aflige, mas nos delicia. Tentamos uma “esticada” juvenil pelo Território de Rondônia, na esperança de encontrar a pedra filosofal; procuramos Niagara nas quedas do Iguaçu, vamos aliviar a cuca nas fronteiras da Venezuela, tentamos o ópio da fartura numa plantação de trigo em Erexim, mas o que nos fica no íntimo, nos escaninhos da alma, é um apego deslumbrado aos malefícios da Civilização. Somos a presa do automóvel, da **boite**, da geladeira, da máquina de escrever, do elevador (como falta luz nesses reinos em que ele trafega!), dos enlatados coloridos, dos supermercados escorchantes. Estonteados e perplexos, só não conhecemos bem as intenções do prefeito Thompson Flores, com relação aos buracos de rua e nos perguntamos se o nosso edifício será roído pela próxima enchente deixando à mostra a fragilidade do cálculo ante as calamidades cloacais esparramadas por aí.*

Em poucas palavras, bem ao estilo que se tornaria reconhecível na poesia de *Sistema do Imperfeito*, o caos da vida contemporânea aflora no texto.

É importante observar que, enquanto a fala de Elesbão, feita em público, desafia cultura literária, a reflexão de Guilhermino Cesar *começa* nas referências literárias, mas chega facilmente à situação presente das grandes cidades. Não se trata de um desejo pedante de exibir cultura, ou de uma listagem de obras em que a questão aparece – é a articulação do conhecimento literário sobre o assunto com a situação da cidade moderna. Essa capacidade de contextualizar o conhecimento e trazê-lo para o debate contemporâneo aponta para o perfil de historiador que Guilhermino mais aprovava – e que provavelmente lhe serviu de motivação para publicar artigos em jornal.

Não demoram a aparecer os elementos que vão realizar o movimento de reaproximação com o universo do leitor, colocando Porto Alegre no centro do debate:

Um homem do século XIX, posto no centro da cidade, desta que contemplo aqui de cima, da janela do apartamento, que diria ele? Com que palavras cantar a liberdade, a simplicidade, a frugalidade perdidas? Trocamos a pena de pato pela máquina de escrever, e não nos deixam publicar o que efetivamente pensamos. Dias após dia de trabalho, inventamos o automóvel, o ônibus borbulhante da Carris, o táxi-que-não-vem, o avião a jato, e o médico nos ordena um passeio diário (cinco a seis quilômetros na maciota, como quem inspeciona as vitrines), para escapar às devastações da gordura e do colesterol. Temos um criado perfeito (quando não chove), durante 24 horas por dia, chamado telefone, e a Voz não nos consente um minuto de folga para a sopa, o sono e o amor. Não adianta a revolta. Ninguém nos ouve. Cada ser humano, nesse labirinto de vidro, cimento, ferro e ambição, tem o seu problema absorvente – um calo sentimental ou a prestação, urgente, a pagar amanhã no Banco mais próximo. O vizinho deixou de existir; somos cada um no seu caixote, o habitante anônimo, personagem de mil caras, menos feliz que o herói desconhecido da última Grande Guerra. Este tem pelo menos umas flores cheirosas, de vez em quando, por cima da tumba. E nessa ordem borboleteando, exponho minhas perplexidades ao Elesbão.

Mais uma vez, Guilhermino Cesar foge à citação vazia de exemplos literários e procura trazer Elesbão a esse terreno mais fértil – o da relação entre arte e vida. A reação do amigo é bastante típica: Guilhermino afirma que ele *permanece imperturbável*, pega um livro e começa a ler, determinando o andamento da cena: *Elesbão lê e comenta. Eu escuto.*

Guilhermino, a partir daí, arrisca-se a pequenas frases que levam à leitura de mais trechos, todos ilustrando o debate em questão – do homem que venera uma estrutura urbana que o sufoca. Até que consegue trazer à tona novamente a articulação entre escrita e vida – dessa vez, entre o texto que o leitor tem diante de si, e a realidade da vida cotidiana:

Interrompi, a contragosto, a leitura e os comentários de Elesbão. Começo a trabalhar muito cedo, na cidade. Prevejo para amanhã uma segunda-feira cinzenta e chuvosa. O elevador não funciona há uma semana – e moro no 10º andar. A chuva enlameou a minha rua, não há água no edifício, nem gás, nem alegria na cara do porteiro espanhol. Os “inferninhos” da vizinhança não me deixam dormir em paz, e ainda terei de pegar o ônibus para o centro, uma grande gaiola suja e malcheirosa, que leva trinta minutos para vencer seis quadras, na hora do pique. Aos solavancos.

A verdadeira tragédia urbana descrita por Guilhermino Cesar, resultante do que deveria trazer conforto – falhas estruturais em serviços básicos, elevador estragado, trânsito congestionado, vida noturna na vizinhança – acabam apontando para o próprio amigo:

Elesbão, desolado, deixa no ar a fala de Zé Fernandes. Foi bom para ele, que anda meio rouco. Ontem, ao pretender atravessar a Avenida Independência, a Via Appia do porto-alegrense, o pobre tomou banhos sucessivos, gripou-se. Cada automóvel que passava, numa faixa sem bueiros de espécie alguma, banhava ruidosamente o passeio, mimoseando os pedestres com a lama enxurrada.

Assim, tem-se ao final a concordância definitiva entre os amigos: a atual conformação da cidade não é favorável à vida do cidadão comum. O dilema que a literatura apresenta há séculos não é nada estranho ao homem contemporâneo¹³⁵.

Na data de 08 de abril é publicado *Uma Flor*, um dos textos mais contundentes no que se refere ao uso do humor para tratar da Educação no Brasil. O primeiro parágrafo é dedicado à apresentação do, digamos, ‘personagem-título’:

Meu amigo Elesbão tem um filho, o caçula, que é uma flor. Chama-se Elesbão Silva Neto – na intimidade, Banito. Possui um físico de atleta, boa saúde e um gênio afável de rapazola desinibido. Entretanto, já não é mais criança: fez trinta anos em dezembro; foi viajante comercial, marinheiro, chofer na Bahia, arroteiro no Acre. Ultimamente, andou pela Amazônia como vendedor de títulos imobiliários, mas até hoje não exerceu nenhuma das profissões para as quais se preparou brilhantemente. Pois saibam que o Banito tem pendurados na parede, com muito orgulho, dois diplomas: de datilógrafo e de contador.

O leitor frequente de Guilhermino Cesar já reconheceu a ironia, a essa altura, pois a aparência favorável de Banito está em contraste com suas habilidades

¹³⁵ As prolíficas descrições dos problemas da cidade grande, brilhantemente expostos nesse texto, fazem eco às enumerações claustrofóbicas ou simplesmente cheias de desalento que povoam as páginas de *Sistema do Imperfeito*.

profissionais. Assim, um ‘rapaz’ de trinta anos que, apesar de dois diplomas, exerceu atividades tão variadas quanto questionáveis.

Estabelecido o perfil de Banito, aparece a questão em torno da qual o texto será construído:

(...)E há cerca de seis meses, a respeito de não sei que produto anunciado no jornal para a cura dos carrapatos, Banito interpelou o pai:

-O sr. não acha que eu devia me dedicar ao magistério?

-Boa idéia, filho – respondeu Elesbão – E muito oportuna. O Brasil cresce, as populações correm aflitas atrás do alfabeto e dos anéis de grau.

-Quero é ser dono de um estabelecimento de ensino. Coisa minha, em que eu mande e desmande. O problema é o espaço físico.

-Hoje em dia pode-se fundar escola em qualquer lugar. Por que não tentas lá mesmo, na estância de teu avô?

-Em Mostardas? Num lugar deserto, num descampado longe da Civilização?

*-Tanto melhor: evitas a concorrência. E quanto a ser longe, não faz mal. Depois de fundado o estabelecimento, pões a boca no mundo. Garanto que a Prefeitura sairá correndo para arranjar condução para os teus alunos. Conseguirás água, luz, telefone, prestígio, y **plata**. Imagina só uma linha de ônibus especial para a velha Estância do Lambari, com a indicação em vermelho: UNIVERSIDADE. E tudo isso será obra tua...*

O texto coloca em evidência as facilidades para a fundação de um estabelecimento de ensino, em especial de uma universidade, exemplificando com o apoio das instituições governamentais, que não parecem interessadas em avaliar qualidade, mas quantidade. A tranquilidade com que pai e filho debatem a questão dá um ar surreal à conversa – começando pelo gancho que dá origem à mesma (um anúncio de veneno para carrapatos).

-Mas o que me preocupa são outras dificuldades. Por exemplo: como é que hei de arranjar em Mostardas um grupo de professores qualificados, perdão! uma boa “massa crítica”, como agora se diz?

*-Professor... Mas para o ensino o professor já não tem grande importância. Fundar escolas com professores não é mérito que se exalte. O bom, o heróico é fazer a escola funcionar de qualquer jeito. Mesmo porque o elegante é **estar** professor. **Ser** professor, deixa isso para os crentes de outrora. E depois, na estância não há posteiros, enxadeiros, pedreiros, domadores, lavadeiras? Põe esta gente a ensinar, a ensinar vida a teus alunos, segundo a didática natural do amor fraterno; verás em pouco surgir ali uma humanidade nova. Tanto mais quanto a ciência de hoje, a boa, a autêntica, não quer saber de certas doutorices de antigamente. O professor – adverte Dona Fifí, no seu livro **Educação Prafrentex** – que não é espontâneo acaba sendo um tirano. Logo, no campo de Mostardas acharás a melhor gente para essa grave tarefa. Será um sucesso.*

Elesbão, entusiasmado com a ideia (ou profundamente irônico) trata a figura do professor como dispensável, e bem ao estilo de Guilhermino Cesar, cita uma autora com um nome absurdamente não ‘profissional’, e um título de obra que evidencia modernidade – mais uma vez, as teorias de última hora aparecem para apoiar as iniciativas mais descabidas.

A inversão de valores é ainda mais flagrante com a ideia de que as pessoas simples do campo devem ser os professores, na Universidade – é a concretização daquilo que o próprio Guilhermino Cesar vem antecipando, em diversos artigos: a Universidade transformada em lugar de democracia, e não de elite intelectual.

-Papai tem razão. Apenas... tenho medo de não conseguir o reconhecimento oficial.

-Não te amofines por isso. Tudo se arranja; cada coisa vem na hora própria. Fundar colégio é ato meritório, qualquer deputado se interessará por ti, em troca de votos, naturalmente, e em poucos dias terás a tua casa de ensino devidamente legalizada. O dinheiro virá, aos borbotões, para os teus bolsos; serás rico, temido, considerado. Terás estátua na praça pública, nome nas colunas sociais, memória gravada nos anais do ensino.

A espúria contribuição do Poder Legislativo, corroborando o já descrito apoio do executivo, num interesse que é muito mais por poder e influência do que por qualquer outra coisa, parece encerrar as dúvidas de Banito quanto à possibilidade *legal* de realizar seu projeto. Tanto que sua próxima pergunta já está um passo adiante:

-O problema é saber que tipo de colégio se adapta melhor ao ambiente de Mostardas. Que há de ser? Primário ou médio?

*-Quem falou em escolinha? Estás doido! Vais fundar logo uma Universidade. Pensa bem. Poderás construir, em cinco semanas, um grande galpão de madeira, coberto de santa-fé. Mandas cercar o **campus** com cinco fios de arame farpado, para evitar a invasão do gado, e pões à beira da estrada uma tabuleta bem vistosa, com estes dizeres: **Universidade Rural**. O resto é esperar e ficar rico.*

Novamente, a conversa atinge tons surreais, pois a imagem de uma Universidade Rural que precisa estar cercada por arame *para evitar a invasão do gado* é uma preciosidade. Tanto que o próprio Banito vai duvidar da seriedade da proposta, em alguns momentos da conversa. Elesbão, no entanto, sempre reafirma suas opiniões, afirmando conhecer pessoas que já tornaram realidade as ideias que até seu filho percebe serem estapafúrdias. Dessa forma, o texto indica que, infelizmente, permite-se que haja iniciativas sem seriedade alguma no Ensino Superior. O que está em primeiro plano é imagem e lucro.

E Elesbão prossegue com sua fala, incluindo outro elemento no ‘mercado’ da educação:

*(...) Outro dia falaste em “cursinhos” para o vestibular; dão muita grana, em verdade, mas podem sair da moda. Não vês **Capivarol**? Antigamente toda a gente tomava o **Capivarol**. Hoje, entras numa farmácia, pedes o **Capivarol**, e o caixeiro te olha como se fosses um dinossauro.*

-Que é dinossauro, pai?

*-Ora, filho! Nunca perguntes nada a ninguém, de modo a dares a impressão de que ignoras algo. Vais ser professor, é preciso que te acostumes desde já a conhecer tudo, a saber tudo, somando na **cuca** as enciclopédias do passado e adivinhando as do futuro. Nunca te inferiorizes por tuas próprias mãos.*

O espírito científico, de pesquisa e descoberta, de compartilhamento do conhecimento, passa longe desta conversa, o que deixa ainda mais clara a inadequação de Banito como um dono de estabelecimento de ensino, quanto mais de uma Universidade. E, mais ainda, não se tem o espírito da *tradição*, da *preservação* do conhecimento já atingido:

*-Que interessa gastares dinheiro com viagens, ou consultas a outros centros? O acertado é procurares tu mesmo, em ti mesmo, a linha da originalidade. O ineditismo é a essência do **bacana**. Experimenta, é fácil. Não vês o Ibrahim? E o Cromwell, um abóbora, e o Hitler, um louco? Grande homem é o que mete os peitos, cavuca em Erexim, rompe na Vacaria. Não imites os prudentes; cuida de fazer uma Universidade nunca dantes pensada, nem sonhada por ninguém. E segue tranqüilo (antes só do que mal acompanhado), em busca do teu destino. Serás um homem.*

Novamente, a crítica às ideias de última hora, sem base, sem tradição, sem amadurecimento. E mais uma frase de grande talento humorístico: *Grande homem é o que mete os peitos, cavuca em Erexim, rompe na Vacaria.*

A última dúvida de Banito inclui mais uma das preocupações recorrentes de Guilhermino Cesar: o distanciamento entre o aluno e a cultura escrita. Com base em suas próprias experiências com a nova geração de alunos de ensino superior, ele aborda a falta de cultura letrada e a presença abonadora do computador, nas instituições de ensino:

*-Isso era necessário no tempo antigo, quando havia lazer para se consumir, queimando a pestana na letra de forma. O estudante de hoje não tem tempo para entrar em biblioteca. E a prova é que conheço uma Universidade muito famosa, famosíssima, cheia de filosofastros, onde não existe essa coisa antiquada que se chama **biblioteca central**, tão comum nas congêneres da Tasmânia e da Etiópia. A ciência lucrativa é feita por inteiro na ponta do gogó. E quem não tem peito compra uma dessas*

máquinas modernas, põe a máquina à vista, e pronto. Livros? Deus te livre. Os livros só servem para atrapalhar. Se vejo um sujeito muito freqüentador de biblioteca, penso logo com os meus botões: eis um fraco. Os fortes não andam de livro na mão. Só os maricas é que adoram o papel impresso. Nós, machos, não entramos em biblioteca; não somos donzelas pudibundas, não é mesmo?... Tua Universidade, meu filho, há de ser uma casa decente, onde o saber se transmite ao vivo, no calor da comunicação direta. É como lá diz o mestre, na filosofia lá dele, muito acertada por sinal – “Quem não se comunica se trombica”.

A certa altura dessa fala de Elesbão, quase se pode vê-lo batendo na perna e convocando o filho a uma declaração pública de macheza. A confusão entre afetividade e falta de estrutura é a mesma que aparece entre leitura e fraqueza. A famosa frase de Chacrinha, utilizada em um campo inadequado – o do Ensino – reforça a influência da mídia, em especial da televisão, no mundo escolar, em detrimento da cultura humanística e da tradição livresca.

A voz de Guilhermino Cesar encerra o texto, reforçando o absurdo da situação:

*Segundo leio no **Diário de Mostardas**, os cursos da nova **alma mater**, em tão remotos pagos, darão diplomas do mais variado gosto: **Eletrônica da Via Láctea, Medicina do Astral, Ginástica Festiva, Arte de Ganhar Dinheiro Sem Suor, Técnica da Concepção Humana in Vitro, Sexologia Ultra-Som**, e ciências correlatas. Quem não entendeu bem as nobres finalidades do estabelecimento foi o Antônio Manuel, velho professor de primeiras letras da localidade mais próxima. Saiu-se, o pobre, de seus cuidados e foi interpelar o Banito:*

*-O sr. funda uma **Universidade Rural** para ensinar tais coisas? Não vejo coerência entre o rótulo e o conteúdo.*

Banito, como é natural, danou-se. Xingou o velho de tudo quanto é nome feio e correu a denunciá-lo ao inspetor escolar como “inimigo declarado das instituições sadias”. Vamos a ver em que dá.

Os cursos a serem oferecidos estão na linha das modernidades tão questionadas por Guilhermino Cesar, e isso demonstra mais uma vez a falta de qualquer base e/ou critério, por parte de Banito. O fato de um professor surgir para cobrar coerência e ser desautorizado e ofendido é o elemento que faltava – trata-se de tempos em que se considera que os professores não apenas não entendem de educação, mas também são contra quem quer se dedicar a ela.

O próximo texto é outra construção primorosa, e que dá ao leitor finalmente e oportunidade de ver melhor a figura de Elesbão. Chama-se *De Elesbão ao Prefeito Thompson Flores*, e foi publicado a 06 de maio. O texto possui uma espécie de pré-título no alto da página, que diz: “Em busca do Ouvido Certo”, e pode ser associado a

uma série de quaixas que Guilhermino Cesar fizera em diversos artigos, a respeito do cheiro da Borregaard, da derrubada de árvores nos parques da cidade, da urbanização desenfreada e outras questões que diziam respeito ao prefeito.

Dessa vez, a estratégia escolhida é diferente. O texto começa assim:

Meu amigo Elesbão, apesar das aparências em contrário, é singularmente tímido. Na rua, sorridente e cumprimentador, ou nas reuniões sociais, dá mostras, contudo, de ser um forte. Pura ilusão. Suas gravatas vistosas, sua linguagem barroca, sua figura apolínea (sempre à espera do fotógrafo que a transmita à posteridade), tudo que elesbanicamente afirma por um lado, nega por outro. Um tímido superior, talvez.

Ontem, após o jantar, apareceu-me aqui em casa, para o café da noite, e deu-me a ler a carta que dirigiu ao Prefeito Thompson Flores. Digo mal: que escreveu, mas não teve tempo, ou coragem, de enviar. Não sei o porquê. O Prefeito de Porto Alegre, engenheiro esclarecido, guarda as melhores intenções no íntimo do peito – que suspira por uma reforma completa do Largo da Matriz, em 1974, – e não haveria de amaldiçoar o missivista. Nem mandaria demiti-lo ou prendê-lo, como gostava de fazer o Cel. José Marcelino, o fundador de Porto Alegre em 1772, quando algum vereador mais vivaz lhe contrariava as determinações.

Expliquei-lhe isso mesmo. Mas o vacilante Elesbão, que tem um apego quase mórbido ao seu empreguinho de botânico-mor das Praças e Jardins, não se animou a remeter a epístola – como ele próprio, ex-aluno de um bom colégio de São Leopoldo, disse da carta, buscando valorizar com um termo desusado seu peditório à altíssima autoridade do nosso Prefeito. Resolvi então cometer uma fraude, pia fraude de amigo velho, que o Elesbão me perdoará. Pedi-lhe, manhoso, que deixasse a carta comigo, para reexaminá-la com mais vagar, e aqui a publico, sem autorização do autor. Aos leitores não peço senão desculpas pelos erros de cópia; o Elesbão, que é o escrúpulo em pessoa, não quis usar a máquina de escrever da repartição, e tem uma letra infame. Lá vai a carta:

Ou seja, dessa vez quem está falando não é Guilhermino Cesar, mas Elesbão – funcionário público, gaúcho, cidadão comum que se vê impelido a fazer uma manifestação. A menção ao prefeito como homem esclarecido e cheio de boas intenções já exime o missivista de quaisquer represálias – afinal, não se está mais em 1772...

Esse tipo de colocação, que desafia de forma sutil a censura do regime vigente, é bastante frequente nos textos de Guilhermino Cesar. Para o leitor de outros tempos, pode parecer uma colocação irônica como qualquer outra, mas temos que nos lembrar de que os textos são publicados durante a década de 1970, em sua maioria.

A carta de Elesbão não deixa dúvida de seu alvo e já começa com uma apresentação pessoal respeitosa, mas bastante direta:

“Senhor Prefeito Thompson Flores:

Perdoe a franqueza com que me dirijo a V. Excia. Trabuco nas praças e jardins da Metrópole, como botânico-mor; quer dizer: tenho a honra de ser modesto súdito de V. Excia. Em realidade, pouco tenho que fazer, porque não há verbas, nem jardineiros, nem mudas, nem sementes, nem adubo. De resto, não temos árvores nas ruas. E não temos praças e jardins que se prezem. O que existe com tais nomes não se destina à população humana; mas dá para os cãesinhos (dos apartamentos) fazerem suas necessidades, atrelados, ou os marginais dormirem à luz da lua. De modo que, não tendo o que fazer, leio. Sento-me num dos bancos da Praça da Alfândega, ao lado de venerandos aposentados, que lagarteiam já libertos do livro de ponto ou do toque de corneta, filo o jornal de um, a revista de outro, e assim me vou ilustrando, na esperança de um dia fazer o Vestibular Unificado e sair bacharel em Direito pela porta da frente.

O fato de ser funcionário público dá a Elesbão uma visão bastante clara de algumas atividades. Apesar de a existência de um cargo como o seu ser elogiável, em tempos de cimento e máquina, logo se vê que se trata de uma função decorativa, sem qualquer tarefa passível de realização. A existência de praças e jardins que são para os cães de apartamento e marginais (elementos que, ironicamente, reforçam o crescimento urbano de Porto Alegre) aponta ainda a inversão de valores vivida pela cidade.

Outro elemento do parágrafo de abertura é a referência ao Vestibular Unificado: Elesbão, funcionário público desocupado, acredita-se capaz de realizar com sucesso o exame, apenas mantendo-se a par das notícias e debatendo-as com os aposentados. A impressão de uma vida medíocre, paralisada sob as construções de cimento e sem qualquer busca por conhecimento qualificado, paira como uma sombra logo ao fim do primeiro parágrafo da carta.

Elesbão sabe de algumas coisas bastante úteis para a argumentação que pretende construir, e passa a mostrar isso nos parágrafos seguintes. Ele está bastante atualizado quanto às obras e intenções gerais do Prefeito, e pretende se antecipar a uma delas, ao que parece. Além disso, aparecem depoimentos de *companheiros de banco* (o que leva o leitor a pensar nas praças da capital e nos aposentados que as povoam) e comparações extensas entre Porto Alegre, algumas cidades brasileiras e europeias – em elementos como a preservação das paisagens e a valorização do espaço urbano.

De passagem, está colocada uma acusação bastante séria: de que as mudanças não se originam em alguma iniciativa nobre, mas da falta de vontade de executar simples limpezas periódicas nos prédios históricos. O trecho que trabalha sobre o cheiro do passado e o do presente cria uma metáfora em meio ao parágrafo (*O passado, é certo, não raro cheira mal, como o presente, que às vezes dá engulhos; mas com umas latas de tinta, vassoura, paciência e força física, muitas vezes o passado fica mais bonito – e*

mais cômodo – do que certas modernices que se espraiam pela cidade), deixando-a à frente do leitor, sem precisar de explicações adicionais.

Já basta, ai de nós! o que fizeram certos antecessores de V. Excia. Para responder a não sei que sentimento romântico, um deles mandou demolir a cadeia da Ponta do Gasômetro (sólida ‘fortaleza’, que hoje poderia abrigar, por exemplo, uma escola ou um museu), só para que não perdurasse sequer a lembrança física do cárcere que ali houve! Contudo, a Torre de Londres, velha prisão onde se encarceraram reis, está de pé, e ninguém julgou preciso destruí-la para apagar os horrores da História. A cadeia original de Ouro Preto, onde penaram alguns mártires da liberdade pátria, permanece inteira e forte no mesmo lugar – para servir, a um tempo, de museu e de ossuário dos Inconfidentes.

Exemplos de destruição realizada em Porto Alegre, e de preservação em outros lugares, serve para ilustrar a argumentação de que a História precisa ser preservada, ainda que para lembrar os erros do passado. Nesse momento de defesa da História, podemos nos lembrar de que quem está por trás dessas palavras é Guilhermino Cesar, e que seu interesse não é apenas preservar a beleza da Porto Alegre que aprendeu a admirar, mas também um desejo de valorização do passado, em um estado com pouquíssima tradição historiográfica.

Cuidado, Excelência, que o mau gosto é pegajoso. (...) o mau gosto visceral já não respeita a “zona castiça” de Porto Alegre, a nossa cité, cuja fisionomia devia ser preservada carinhosamente, assim como preservamos, nos álbuns de família, a caratonha do avô e da avó.

Note-se que a evocação de Paris eleva Porto Alegre, mostrando que a capital gaúcha mereceria o mesmo carinho e cuidado, no que diz respeito aos seus prédios históricos, que outras cidades mais celebradas. Mais uma vez, a mesma invocação de Porto Alegre como uma cidade digna de preservação histórica lembra a busca de Guilhermino Cesar pela valorização da História gaúcha, através da divulgação de pesquisas.

A que vem tudo isso? – perguntará V. Excia. ao triste papel em que deito tais comparações. Vem a propósito de uma idéia, lançada por um jornalista e glosada por um poeta. O jornalista – Walter Galvani – sugeriu inteligentemente, pelo “Correio”, que se devia manter, e não demolir, como quer V. Excia, o Mercado Municipal. Poderia ele constituir uma linda praça murada, a exemplo de tantas outras que há por esse mundo de Deus, e assim a atual Praça Quinze não perderia de todo sua tipicidade tradicional – selo distintivo da Cidade que V. Excia. ativamente governa. E o poeta Mário Quintana, ouvindo cantar o galo, acudiu com o ovo quente, escrevendo neste Caderno de Sábado um comentário de que reproduzo a

parte final: ‘Uma praça interna, conforme a proposta – uma espécie de grande pátio como os das grandes mansões coloniais, com um chafariz ao centro (por que não aquele mesmo da Praça Quinze?) e cadeiras sob as arcadas, correspondentes, às cadeiras nas calçadas, que parecem não consentidas na Porto Alegre de hoje, mas conservadas exemplarmente em cafés de Viena e da Paris de sempre. E, assim, um pouco da antiga Porto Alegre não ficaria apenas em nossa vida interior. Junto antecipadamente, aqui, o meu aplauso entusiástico à banda de música que estaria tocando um dia na inauguração da nova praça, se nossas palavras viessem a dar acaso no ouvido certo’.

Elesbão, agora, soma à sua voz a de dois porto-alegrenses ilustres: o jornalista Walter Galvani e o poeta Mário Quintana. Ambos defendem a transformação do Mercado Público em uma grande praça aberta, acompanhando o perfil da Praça Quinze e à imagem de tradicionais paisagens parisienses. A própria expressão que encabeça o artigo de Guilhermino, *Em Busca do Ouvido Certo*, faz eco às palavras de Quintana.

*Deixe de pé, limpo, escovado, esvaziado de seus atuais inquilinos – transformado em praça pública –, o velho Mercado Municipal, e ele transmitirá às gerações futuras, coberto de aplausos, o nome de V. Excia., de quem me confesso –
humilde admirador
e subordinado atento*

Elesbão Silva Jr.”

E a mim, copista, que para aqui trasladei fielmente o pedido de Elesbão, só me cabe dizer: Amém!

O texto termina com a admissão de apoio, por parte de Guilhermino Cesar, à carta de Elesbão. Hoje, sabemos que os apelos públicos de diferentes vozes, se não obtiveram a desejada praça pública, pelo menos mantiveram em pé o velho Mercado, que muitos anos depois seria reformado e chegaria a um meio-termo aceitável.

A seguir, a 13 de maio, vem à luz *Floresta de Maus Exemplos*, texto que parte da referência a um livro chamado ‘Floresta de Exemplos’, de João Ribeiro, em que faz uma recolha de ditos, anedotas e historietas medievais. Guilhermino reflete sobre as grandes possibilidades de escrever algo intitulado *Floresta de Maus Exemplos*, se os casos viessem da tradição universitária. Obviamente, a situação atual do Ensino Superior renderia muitos maus exemplos, e vários deles são comentados. A figura de Elesbão aparece passados dois terços do texto, afirmando que tem interesse em escrever um livro sobre o mesmo tema, chamado *Livro Negro da Educação*. Mais uma vez, os amigos são contrapartes afinadas.

Esse texto é bastante importante no que se refere à interpretação que podemos fazer da figura de Elesbão. Ele é um amigo, cujos entusiasmos irrefreáveis e afirmações sem embasamento adequado o distanciam da figura de Guilhermino Cesar. No entanto, os interesses de ambos giram em torno dos mesmos assuntos, e os fatos que revoltam Elesbão são os mesmos que desgostam Guilhermino. Num dos momentos desse artigo, o autor se refere a Elesbão como seu *Sancho Pança*, e revela sofrer de *repentes quixotescos*, temos estabelecida a relação entre os dois: um, pés na terra, vê o mundo como ele é, sem metáforas nem perspectivas muito amplas; o outro, com uma base cultural superior e um conhecimento de mundo bastante mais desenvolvido pela leitura e pela experiência como viajante, tem grandes dificuldades em aceitar o mundo em que vive, com suas máquinas, sua velocidade e seu desprezo justamente pela cultura Humanista que este procura preservar.

O desejo de transformar em obra a crítica debatida entre amigos é típico de Elesbão, que se exalta e logo pretende realizar algo, sob a égide do bom-senso, em nome do que acredita. O narrador, que podemos identificar com Guilhermino Cesar, hesita e prefere continuar a sua reflexão pessoal, seu esforço concentrado e de medidas mais restritas. A grandiloquência de Elesbão o interessa – assim como a presença de Sancho era útil a Dom Quixote – mas não deixa de o perturbar, pois soa muitas vezes despreparada e inconsistente (na argumentação de Elesbão ouvimos preciosidades como *Pois o tal Flaubert...*).

O jogo com o leitor também se estabelece, nessa relação. Elesbão é a figura do morador da capital gaúcha, mas é homem do interior; é funcionário público, mas discorda de algumas das atitudes do prefeito; ama a cidade, mas se conforma com um emprego no qual não pode ser útil a ela. Sua cultura é mediana, conhecendo alguns clássicos, sendo capaz de manter um debate de certo nível, e é bom leitor, aberto a ideias novas ou contrárias às suas, e a debates a respeito de diversos temas. Com esse perfil, ele pode tomar o lugar do leitor médio de que Guilhermino Cesar precisa, ou seja, aquela figura na qual ele pode pensar no momento de redigir seus textos de crítica social.

No mês de junho, dia 24, surge *Estacionar, Verbo Intransitivo*. O texto começa com uma sequência de parágrafos que o aproxima enormemente do formato de crônica comum na época:

Eis o ideal: estacionar. O carrinho verde da funcionária pública letra “e”, o rabo-de-peixe de Madame, os três dromedários do Sr. Praxedes, o fusquinha do rapaz cabeludo, habituado a correr com a descarga aberta – todas essas máquinas prestativas são hoje uma possibilidade de enfarte ou de neurose para seus donos. Pelo que elas custam, pelos gastos de oficina? Nada disso. O que todos acabrunha e molesta é não haver, na Grande Porto Alegre, onde estacionar.

A moça, além dos braços do namorado, tem de pensar diariamente num lugarinho onde aconchegue o seu carro, logo de manhã, ao ir para a repartição. Madame, coitada, sente que está cada vez mais difícil fazer sucesso no Centro; não se anima já a distrair suas varizes e joanetes por essas ruas esburacadas. O Sr. Praxedes, um otimista, embora muito bem montado no dinheiro, não acha uma garagem perto do escritório, as de aluguel não têm vaga até dezembro, o Sr. Praxedes administra muitas empresas, precisa dos veículos – é uma grande maçada. O rapaz cabeludo é tributário de um “cursinho” muito chique (prepara-se para o Unificado, 73), tem amores itinerantes, e ultimamente já não pode pôr o carro em cima do passeio por isso mesmo: cedeu o lugar para uma coleguinha. Mas voltemos aos homens práticos. Na sua sesta diária – um cochilão apenas – seu Praxedes quase não sonha com duplicatas, o jogo de bolsa, as ações da Petrobrás, os dividendos do Banco da Amazônia. Sonha principalmente com uma brecha para seus três carros, às duas menos quinze, na garagem a céu aberto montada pelo MAPA na esplanada que coube a esta última em consequência da demolição do Mercado Livre.

.. Estacionar? É tabu. Não estaciono, não estacionais; ninguém estaciona. Oh, como seria doce estacionar na “garagem secreta do teu amor” – suspira a funcionária letra “e” leitora de J.G. de Araújo Jorge, dando asas à afetividade baldia (anda tão gira que deu umas trombadas esta semana). Mas a pobre não tem certeza de nada. Tanto lhe serve o Amaro José como o Evaristo, o tal desquitado, um pouco estranho, o desquitado aquele. O qual desquitado comprou também um carro, e não sabe onde estacionar se acaso lhe apetece uma esticada pela Rua da Praia.

O tom utilizado, de crônica de costumes, segue a tradição levemente irônica de cronistas como Fernando Sabino, e traça um panorama da vida urbana em Porto Alegre, deixando evidente mais uma vez que nem tudo são flores.

A diferença começa a aparecer quando entra o diálogo na história:

- Estacionar? Está difícil, hem, Bob?

Mas o admirável Bob, que me ouvia falar sobre essas coisas com o seu cunhado Elesbão, acudiu prontamente:

- Não há lugar? É porque vocês não querem. O homem é assim mesmo: vive a criar problemas para iludir a morte.

Esperei pelo resto. Bob, ou melhor, o Dr. Roberto López y López é um conhecedor. Do alto de sua ciência bem sabida, não existe quem o suplante no conhecimento e na argumentação. Além do mais, é um técnico, santo Deus.

Estamos prestes a entrar em contato com mais um elemento da família de Elesbão. O apelido americanizado, Bob, logo se esclarece: *é um técnico, santo Deus.* Os

leitores frequentes dos textos de Guilhermino Cesar já sabem o que esperar – não importa a ideia a ser apresentada por Bob, ela envolverá algo absolutamente não-humanístico.

E ele:

- Deixando de lado o estacionamento dos imaginativos, essa tal de Eternidade, com que sonham os fracos, vamos ao concreto. A falta de estacionamento não é uma dificuldade insanável; talvez não seja um problema. Bem examinada, é uma congestão, mas para nós técnicos isso é pinto. Senão, vejamos.

Bob volta a mexer o açúcar na xícara, toma com prazer o último gole de café, elogia as habilidades de minha empregada Ludovina, e continua:

- Sim, porque conheço uma teoria que dá por terra com esses desconchavos urbanos. Você já ouviu falar em Thomp Von Erhaben? Já o leu? Pois é ótimo. Veja que ele oferece a solução para casos como esse a que alude – a grande falta de lugares para veículos na Grande Porto Alegre. Von Erhaben é um engenheiro distintíssimo. Foi laureado de sua turma pela Five River University e fez cursos de especialização em duas grandes universidades de Tanganica. Segundo leio no livro de sua autoria – Governar é meter os Peitos – as cidades latino-americanas estão ficando excessivamente velhas; urge desmanchá-las. Porto Alegre, por exemplo, é um tumor maduro (na linguagem lá dele). Já fez (ou não fez?) duzentos anos. Quando foi fundada – ou ainda não foi fundada? () – o que havia de mais rápido por aqui, em matéria de tração animal, era a carreta de bois. Ora, o tráfego urbano evoluiu, o automóvel pede mais espaços, transformando que foi em veículo da Democracia. Só não tem automóvel o osso no cemitério. Um homem sem o seu Fusca é como mulher sem amante: não tem qualificação social. Logo, o remédio é destruir...*

Numa fala recheada de eloquência vazia, surge a ideia do cunhado de Elesbão: por abaixo a cidade e fazer outra. Em meio a sua argumentação, ele utiliza um conceito que Guilhermino Cesar já condenou quando é tratado como valor absoluto – ‘democracia’ –, e retoma Tanganica e Fiver River University, nomes que utiliza para ironizar as ideias de última hora surgidas em centros sem tradição.

O asterisco em meio ao parágrafo remete a uma nota irônica, ao fim do texto: *Como sabe o leitor, há certas pessoas que alimentam dúvidas lancinantes a esse respeito.*

Mais uma vez, transparece a irritação de Guilhermino para com aqueles que não valorizam a História local, simplesmente ignorando-a e/ou lançando hipóteses folclóricas a seu respeito.

-Destruir... Mas destruir o quê, Doutor López y López? – perguntei cheio de medo.

-A cidade velha. É o ponto de vista científico do benemérito autor que acabo de citar. Com efeito, Von Erhaben, baseado em Aristóteles, Augusto Comte, Pedro o Grande, Chacrinha e Victor Hugo, mostrou-me um dia, num mapa, o centro da cidade e convenceu-me: não quebram o galho

porque não querem. Ou por outra: porque negam dinheiro à Prefeitura Municipal para quebrá-lo.

As referências do teórico citado são tão disparatadas que bastariam para que suas propostas fossem consideradas ridículas. No entanto, Bob é um técnico, e da época em que a mídia, e não a cultura letrada, estão em alta. Portanto, basta citar uma série de nomes famosos que logo a teoria ganha espaço.

Concordei. Mas ia pedir outros pormenores ao Bob, quando ele mesmo, trêmulo de entusiasmo pelas soluções científicas, arrematou com um brilho sapiente nos olhinhos vivos:

- Quem estava certo era o finado Hitler: destruir para edificar. Precisamos construir o homem futuro. Ora, o homem futuro será chofer, ou aviador, ou astronauta. Vamos começar pela motorização individual. O auto é uma escola de velocidade; logo, de vida. Não dizia Marinetti, inspirador de Mussolini, aquele colosso, que devíamos matar o Passado? E os russos, aqueles bichões, não sufocaram o grito dos tchecos graças à velocidade de suas divisões blindadas? Praga – só vocês vendo é uma cidade velhíssima. Fogo no passado! Acabemos com as cidades antigas, com as ruas antigas, com os mercados antigos, com os filósofos antigos...

- E com os vinhos antiqüíssimos.

- Não brinque. Thomp von Erhaben está cheio de razão. Se eu fosse uma autoridade, amanhã mesmo apareceria ali no Mercado Municipal, metia a picareta naquela velharia, expandongava tudo, e depois queria ver quem consertava. O remédio é destruir, simplesmente destruir.

Notadamente, as referências infelizes: Hitler, Mussolini, Marinetti. Todos eles simbolizam a destruição em massa, a censura, o desrespeito à liberdade individual em nome de um progresso artificial. A força bruta exemplificada na sugestão final chega ao ponto do chocante, pois evidencia uma imensa falta de respeito ao patrimônio cultural da cidade, já insinuado na fala anterior, em que a ideia de por fogo em tudo é exibida com orgulho.

Chegam as considerações finais de Guilhermino Cesar:

De novo concordei. Estou sempre ao lado das idéias científicas. Essa de destruir tudo, sem mais preâmbulos, me parece sumariamente engenhosa. Simples. Arejada. E em lugar daquilo que é hoje uma cidade velha, com os seus passeios metodicamente esburacados, sua iluminação precária, seus cabos telefônicos pifados; seus vendedores ambulantes eleitoralmente postados nas esquinas, para atravancar os passeios; suas sarjetas entupidas, fazendo honra à fúria destruidora das enchentes, e o bom povo lutando pela vida – em lugar disso restará amanhã apenas uma linda esplanada, toda cimento e ferro, onde os nossos carros poderão acomodar-se com folga. Como hoje o fazem naquela esplanadinha que sobrou do Velho

Mercado Livre, tão inteligentemente transformado em garagem do MAPA.

E então, livre de empecilhos, a geração futura, porejando velocidade, poderá estacionar.

A descrição da cidade mostra que, evidentemente, ela não é ideal. No entanto, destruí-la toda, para colocar em seu lugar um imenso estacionamento, é uma ideia totalmente equivocada, do ponto de vista humano. com tantas coisas a resolver, no campo da urbanização, a busca por lugar para estacionar não deveria estar em primeiro plano – mas ela está, graças à noção moderna egoísta de que a cidade deve prover total conforto (o que equivale dizer, ‘esforço mínimo’) ao cidadão.

O texto todo possui uma grande carga de ironia, perceptível em momentos variados: no humor com que se tratam as falas eloquentes de Bob, na descrição de sua postura orgulhosa e segura, na sua posição de técnico moderno, em sua arrogância ao visitar um homem já com certa idade (Guilhermino contava 64 anos, a esta data) e pregar a morte a tudo o que é velho. Os equívocos de Bob, que reduz o narrador a um silêncio constrangido, mostram o quanto um cidadão que deveria ser depositário de expectativas para as novas gerações, ao seguir ideias equivocadas, pode se tornar um perigo.

Este ano é encerrado a 23 de setembro, com *Elesbão e a ‘Droga’*, sobre a obra de Georges Simenon e a paixão dos amigos por seus romances policiais¹³⁶.

1973: O conhecedor

A 03 de março aparece o primeiro texto que menciona Elesbão naquele ano: *Que Semana!*. Seguindo uma tradição da crônica brasileira (que remonta a Machado de Assis e que foi bastante cultivada pelos cronistas da década de 1960), passa-se em revista os fatos da semana, refletindo sobre eles.

Elesbão voltou da praia eufórico e metafórico. Após vinte dias de bronzamento ao natural, concluiu que a Humanidade já não merece caixa alta; está podre. Gabo-lhe a descoberta, não tanto por ele, mas pela Brigitte Bardot. Esta, sem ter veraneio em Torres também chegou à mesma conclusão. E não faz por menos.

O texto já começa com o nome de Elesbão, e a primeira frase resgata sua figura divertida e cheia de ideias – o nosso Sancho de textos anteriores –, acrescentando que,

¹³⁶ Tal artigo foi comentado no capítulo anterior.

neste momento, sua visão do mundo não é das melhores. O narrador concorda, e menciona a sabedoria de Brigitte Bardot ao afirmar o mesmo.

Neste ponto, o leitor bem informado já sabe do que se trata, e compreende a menção à atriz. Percebe-se que, também no campo das celebridades, Guilhermino não abandona a convicção de que pode ser sutil ao construir suas afirmações e argumentos, pois conta com leitores que sabem a que ele está se referindo.

A partir daí o texto se desdobra em comentários que incluem política argentina, a atitude de Bardot, assassinatos acontecidos na França, as últimas iniciativas do ministro da economia Delfim Netto, todos relacionados através de chistes e descrições ágeis, bem características de Guilhermino Cesar. A sensação geral é de que o leitor está sentado confortavelmente, acompanhando a conversa leve dos dois parceiros.

Subitamente, Brigitte Bardot assume o foco do debate:

*Ouçamos o parecer de meu assistente artístico. Elesbão acha o caso normal. E confia-me: — “Essa menina, o que é, mas é muito esperta, veja si: sem conhecer a Rua da Praia, longe dos falcões, da Borregaard, ela se confessa nauseada. Se aqui aparecesse, à margem do Guaíba, já se teria matado, ela que vive cercada de perfumes. Sim, a adoração em que a envolvemos tem raízes puríssimas, apesar de mergulhadas no sexo. Adoramos um mito. É o amor, aquele, a que se referia o poeta Augusto dos Anjos: **É assim como o ar que a gente pega e cuida / cuida entretanto não estar pegando**”.*

Parece tratar-se de um grande momento de Elesbão, que aponta elementos em Porto Alegre para corroborar a decisão da atriz. Assim, subitamente, não de trata mais da França, da Argentina, ou do Brasil de um modo geral, mas de Porto Alegre, cidade que permite que uma indústria polua seu ar com um cheiro nauseabundo. A referência a Augusto dos Anjos reforça ainda mais a referência à podridão e à sensibilidade, pois as metáforas do poeta tratavam desse conflito com o mundo físico/científico, com frequência.

No entanto, o começo do parágrafo é irônico, chamando Elesbão de “meu assistente artístico”. Na sequência, o narrador alerta que Elesbão acha tudo normal, ou seja, que não questiona os exemplos que dá, apenas os enumera. Assim, é normal que a Borregaard incomode os habitantes de Porto Alegre mas seja mantida; é normal que uma atriz belíssima resolva abandonar a fama enquanto está em seu auge.

*Prodigioso Elesbão. Como eu dizia, voltou ele da praia risonhamente metafórico. Já não vê a realidade. Quando pegou o **Correio** e viu a notícia do jato comercial, com dezenas de pessoas a bordo, abatido*

sobre o Sinai, quase não acreditou. De um modo ou de outro a carne é triste, hélas! e Brigitte sabe disso. A polícia carioca é que não sabe de nada: ainda não prendeu o assassino do ex-governador Rubens Bernardo que não teve ocasião de governar, porque o velho Negrão estava firme no leme. Enquanto isso, os detetives mineiros comem mosca. Até agora não descobriram os vândalos (o termo é de Elesbão) que invadiram à noite o maior cemitério de Belo Horizonte e arrasaram tudo. Eu, por mim, se fosse policial com a fleugma do senador Magalhães Pinto, já teria deslindado a marosca. Chamaria em meu auxílio o Georges Simenon. O velhinho deixou de escrever, a conselho médico: deve estar profundamente aborrecido, porque escrever é um vício, diz o Jorge Amado, e garanto que em pouco dávamos com os responsáveis no xilindró. Com cem gramas de imaginação e a técnica infalível de Maigret, que consiste em não ter nenhuma técnica, iríamos diretamente ao ninho da mafagafa e seus mafagafinhos.

Agora, os exemplos são de Guilhermino, e reúnem ainda outros crimes, e hipóteses para sua solução – que incluem, é claro, Maigret. E então, mais um elemento de desconsolo: Simenon não deve mais escrever. Dessa forma, parece que o mundo está cada vez mais fora do prumo, sem nem mesmo poder contar com os detetives ficcionais...

*Outro que morreu foi o Pixinguinha. Vi ontem a cara do Donga, na TV. Tive que pena. Há tempos Elesbão e eu formávamos um dueto, ele de flauta, eu no violão. No Rio, a serviço da firma, demos uma escapada e fomos ver o Pixinguinha no seu bar. Uma ilha de paz, cordura e simplicidade. Corri ao hotel para escrever um poema; não cheguei ao fim. Lembrando-me de Debussy, fui à Rua do Ouvidor e comprei um disco. Numa hora dessas, se estiver de veia, convido o Ney Gastal, cujas crônicas estão crescendo tanto como seu bigode, para fazermos uma serenata em casa do Elesbão, no Alto da Bronze. Com alguns salgadinhos e uma dose de álcool suficientemente calma para nos dizer que a amizade existe. Descobriremos, talvez, que a paz ainda é possível, mesmo sob este calor e com o rapaz mais novo da vizinhança, o Epiceno, azucrinando os ouvidos da gente com a descarga do seu Fusca. Afinal, o pobre lá tem suas razões: foi reprovado no último vestibular unificado na **The Five Rivers University**, embora tenha posto todas as cruzes no seu inglês.*

O parágrafo anterior recria a atmosfera de um mundo antigo e tranquilo, a partir da notícia da morte de Pixinguinha – ou seja, mais um elemento de uma época dourada que já não existe. O parágrafo cria uma forte sensação de melancolia, comparando a rotina passada (o duo de flauta e violão), com os sonhos (a possibilidade de organizar uma noite de seresta com os amigos) e a realidade (o jovem moderninho e barulhento).

*Enquanto não vem **O Último Tango de Paris**, se é que vem, conjecturemos sobre a Censura. Acha o Elesbão que essa, não; é para elefante. Seu filho do meio, o Paulinho, é de opinião que passa; os censores estão perdendo a ferocidade. Os dias são extremamente compridos, em Brasília, e um censor que se preza pode ver um filme duas, três vezes, até se convencer de que o mal não está na arte, mas na vida.*

Um parágrafo pequeno e contundente, a respeito da inutilidade, em última análise, da censura. É preciso lembrar, sempre, que em 1973 se está vivendo uma Ditadura, no Brasil, e que foram vitimados em seus processos muitos jornalistas, artistas e professores universitários (e Guilhermino Cesar encaixa-se bem nas três descrições).

A seguir, tem-se um parágrafo inteiro para descrever os fatos que vem cercado Brigitte Bardot, suas declarações, suas intenções. Há destaque para o contraste entre seu desejo de ser uma mulher simples e a posição de estrela que alcançara, e que a estava privando de uma vida normal. Não deixa de ser com ar aprovador (ainda que desconfiado) que Guilhermino relembra, ao fim do parágrafo, vários nomes da vanguarda filosófica dos franceses, dando a entender que talvez Brigitte esteja dizendo algo sensato.

É importante notar que, nos parágrafos finais do texto, já não se fala mais de Elesbão; sua figura desaparece diante da argumentação do narrador. O último parágrafo, que descreve os cidadãos do futuro apreciando um cadáver e sendo estigmatizados pelo “sexo indistinto” é bastante familiar aos leitores de Guilhermino Cesar: diversos poemas, em especial em *Sistema do Imperfeito*, ressaltarão a estranheza com que o eu-lírico observa o advento da androginia entre os jovens. O narrador prevê um futuro de seres sem valores e sem definições básicas, ao que parece¹³⁷.

A 31 de março aparece *Elesbão na Universidade*. Mais uma vez tem-se Elesbão envolvido com o Ensino Superior, e mais uma vez sua postura é ambigua: não faz lembrar o arguto amigo de Guilhermino, e sim o entusiasmado e iludido apoiador das novidades.

Inicialmente, tem-se os parágrafos iniciais mostrando a falta de profundidade da reflexão de Elesbão:

Após um mês e meio de bermudas, numa praia discreta, temos de volta o Elesbão. Fez como todo porto-alegrense que se preza: deixou a preocupação na Rua da Praia e mandou-se para os cômodos do litoral. Entre uma ondinha e outra, ou seja, de um a outro biquíni, Elesbão pensou, repensou, e afinal deu com a chave de um problema que o preocupava desde setembro.

Ora, como devem saber, o Elesbão é fiscal das matas, jardins e buracos da valorosa (ou valerosa) cidade de Porto Alegre. Não existindo matas, nem jardins, no Município, mas apenas buracos inofensivos, e como agora, estamos no Outono, que se anuncia azulmente cedo, o Elesbão terá folga bastante para realizar seu grandioso plano. Um plano, digo

¹³⁷ Ver, nos anexos, poema “Ode à Comunicação”, como exemplo das observações a respeito da histeria coletiva e da uniformização entre as pessoas.

confidencialmente ao leitor, bem mais prático que o do doutor Delfim. Enquanto o Ministro da Fazenda pede dinheiro emprestado ao estrangeiro, para pagarmos só Deus sabe quando, o Elesbão vai financiar a instrução universal dos brasileiros, gratuitamente, como se verá. Tudo conforme o esquema sócio-cultural (diz ele) que teve ocasião de “bolar”, estando na praia, no último Verão.

O plano de meu amigo é simples como a água e nutritivo como carne de vaca sem confisco cambial. Consiste em entrar para a Universidade, doutorar-se às pressas, e, autorizado pelo diploma, propagar por Ceca e Meca, e Olivais de Uruguaiana, sua admirável doutrina.

Estabelecido o tom do artigo e a pulga atrás da orelha do leitor quanto a Elesbão, temos a seguir uma sequência machadiana, pelo diálogo com o leitor:

“–Tem Elesbão alguma doutrina?” – perguntará a leitora. E eu respondo: - Sim, minha querida, tem; tanto como duas. Uma, particular, que se engata na outra, tão infalível como filantrópica. Idéias geminadas, como as duas maiores desgraças de Napoleão: a derrota de Waterloo e a infidelidade de Josefina. Elesbão, a quem ofereci o exemplo do curso, respondeu-me de pronto que não teme cotejo com pessoa alguma, nem com o bambino de Letícia. Sente-se iluminado por dentro, e só o futuro dirá da validade de sua mensagem.

“–Elesbão enlouqueceu?” – perguntará o leitor sensato, que ainda não conhece o Qorpo-Santo, nem esteve na praia, a vitalizar as idéias e a pele com o iodo do Atlântico.

(...)

“–Vamos ao essencial” – reclama o leitor cabeludo, sem tempo para gastar com isto aqui, que não é nenhuma história em quadrinhos. E eu, a paciência em pessoa, entro na matéria, sem mais circunlóquios.

Utilizando-se do recurso de dar espaço à possível fala do leitor, Guilhermino joga com a possível identidade de quem o lê, além de apontar para alguns personagens da sociedade contemporânea. A sequência do texto, aliás, aponta para alguns elementos perturbadores também presentes nessa sociedade:

–E o regime escolar? Penso que tu, funcionário municipal, não vais ter tempo para estudar.

–Quem te disse semelhante coisa? Qualquer pessoa pode ser aluno da Self University; basta dar o nome, mandar o dinheiro, e comparecer no dia da entrega do diploma, em solenidade especial. Tudo é resolvido por um computador do último grito. Em cinco semanas se faz um médico, em quatro um agrônomo, em três e meia um dentista; em seis dias, uma enfermeira com prática em abortos e enfartes de miocárdio; em cinco sábados, um bacharel em Direito.

(...) Esse famoso professor escreveu 45 obras sem nunca ter aberto um dicionário, sem nunca ter sido apresentado à Gramática, sem saber onde fica o “s” da palavra cansaço. Fala e escreve assim: “adevogado, obijeto, adivinhar”, e todos o entendem. Logo, meu amigo, também eu posso me candidatar a um diploma e tornar-me doutor. Já não suporto o cargo de fiscal de coisa nenhuma.

A frase que conclui o texto, isolada dos demais parágrafos, não deixa por menos: *O resto são as escolas, os horários, os livros, as bibliotecas, uma coisa enfadonha e dispensável.* A inversão de valores, apontada pela fala de Elesbão (respeitável funcionário público e cidadão dedicado a sua cidade) parece estar atingindo mesmo os mais insuspeitos. Caso esteja realmente pretendendo levar o projeto adiante (caso contrário, o texto seria uma suprema ironia, um jogo entre os amigos, para dar vazão à sua indignação), Elesbão estaria aprovando as atrocidades que ele mesmo descreve: os graduados incapazes ou amorais que brotam de um sistema de Ensino voltado ao lucro e à “democratização” do ensino. Nesse ponto, o artigo faz eco àqueles que analisamos na primeira seção deste capítulo, uma vez que faz crítica à ausência de reflexão e amadurecimento que cercam a educação superior contemporânea.

A 14 de julho, *Pedagogia ‘à gogo’* coloca uma série de críticas à postura contemporânea diante da educação, em especial a forma como os jovens e crianças acabam se comportando, e as teorias pedagógicas que corroboram essa postura inadequada. Curiosamente, o narrador apenas faz breves comentários – toda a carga de erudição e de revolta diante dos acontecimentos está com Elesbão. Esse artigo reforça a presença de Elesbão como a do amigo imaginário perfeito, capaz inclusive de adotar o tom de Guilhermino Cesar e se manifestar em lugar dele, quando este julgar adequado ou necessário.

1974: O ativista

O único texto a mencionar Elesbão no ano de 1974 apresenta novamente um Elesbão argumentativo e irônico, bem diferente daquela personalidade um tanto dúbia que surgira no ano anterior. O texto é *Carta ao Cheiro*, de 22 de junho, no qual o ‘*Cheiro*’ personifica o odor desagradável da Borregaard.

Pedem-me a publicação da seguinte carta:

Porto Alegre, junho de 1974.

Senhor Cheiro,

Sei que Vosmecê têm história; nasceu das entranhas da Civilização. Uma velha doída, a Alquimia, e sua filha sábia, a Química, fringiram os miolos para revelar ao mundo essa estranha combinação de maus odores com que foi gratificada a população do Guaíba e, por acréscimo, a grande Porto Alegre.

Apesar do recurso da missiva através de Guilhermino já ter sido utilizado por Elesbão, por ocasião da carta ao Prefeito, dessa vez não há identificação inicial: apenas um imparcial *pedem-me*. No entanto, quando o cumprimento respeitoso ao Cheiro se alonga, logo se percebe a ironia. Ela prepara um texto pleno de referências à não desejada presença do destinatário nas cercanias da capital gaúcha, e à culpa da empresa responsável. A personificação do cheiro, ainda que contribua para dar um toque de ludismo à crítica, não exime a empresa de sua responsabilidade.

O artigo e a carta são encerrados juntos, o que também difere da carta anterior – em que Guilhermino reforçava seu apoio com uma frase final. Podemos especular se essa estratégia está relacionada a algum tipo de comentário ou repercussão relacionados à primeira carta; infelizmente, não temos elementos para levar adiante tal ideia. O que fica clara é a indignação do cidadão diante do que é obrigado a suportar – uma indignação que merece intertextualidade com Guimarães Rosa:

Com efeito, descobrimos, mareados, que Vossa Mal-Odorência quer mesmo é feder, feder de ruim, de tihoso, de implacável. Por que não rescende a bogari, a rosa, a limoeiro florido? Vossa Implicância é mau: fede que nem o Pedro Botelho, a Serpente Maldita, o Cujo, o Cão, o Mofento, o Satânico, o Rabão – numa concentração total de malignidade. No cheiro manipulado pela civilização, ainda presa ao Dividendo, contra o nosso direito natural de – respirar.

*De Vossa Insolúvel Podridão,
vítima desesperada*

Elesbão Lopes Duro
CPF – 0000896-13-77-666

1975 a 1977: Seus trabalhos e seus dias

Nestes últimos anos de aparição, a figura de Elesbão passa a ser apenas referenciada, sem que tenhamos textos inteiros em torno de seu nome. É o que acontece em 18 de janeiro de 1975, com a publicação de *Canto Ritual do Avô Grande*, que é aberto com a única referência ao amigo: *Pessoas amigas falaram-me com agrado da poesia guarani traduzida por Elesbão Lopes Duro e aqui publicada em dezembro.*

Ainda no mesmo ano, temos *Ler e Transpirar*, de 08 de fevereiro de 1975, cuja abertura com dois parágrafos curtos já mostra as ironias, as piadas literárias internas e referências ao litoral gaúcho, que imprimem personalidade ao texto:

COM este calor, não há vento que satisfaça. A terra escalda, o sol nos amarela a paciência, o ar frita a gente (mesmo sem o óleo de soja, que anda pela hora da morte).

E Torres, Cidreira, Xangri-Lá? Isso é para quem pode; o Elesbão e outros amigos, aos quais envio, desta arfante Capital, suspiros e saudades.

Os próximos dois parágrafos são bastante dinâmicos, e contam com o prefeito Thompson Flores, protestos a favor das árvores e ironias a respeito do valor da erudição. O texto se consolida como o relato da vivência do verão em Porto Alegre, e das impressões que Guilhemino Cesar, em pleno status de cronista contemporâneo, pode passar:

Porto Alegre, cada dia mais desprovida de árvores, é a própria Terra do Demo, nesta época do ano. A falta de verde para os olhos aumenta a sensação de calor, provoca ansiedade e nervosismo – dizem os psicólogos. Essa é também a teoria do Xuxu Hijo, em A Árvore, o Sexo e a Civilização, obra de 600 páginas, como muita citação de latinos, baianos, gregos e árabes.

A começar pelo Elesbão Lopes Duro. Segundo esse conceituado engenheiro, colega de turma do Dr. Thompson Flores, onde falta a árvore sobra o vício. Um amigo comum objetou-lhe que todo o mal nos veio da árvore do Paraíso, e em apoio da tese citou a Bíblia, mas não esperou a resposta; pegou o auto e lá se foi desnudar à beira do Atlântico.

Os próximos parágrafos voltam a Porto Alegre e àqueles que ficaram, apesar do verão. Comenta as reformas na região da Redenção, e menciona a falta que farão *os pássaros e as crianças*. Essa referência leva às facilidades da pílula, à liberação das *sereias*, e chega à vulgaridade de algumas mulheres durante o verão:

E nós, que não entramos na discussão, aqui estamos, transpirando, longe do mar. Tentei um passeio pelo Parque da Redenção, mas não adiantou nada. Aquilo por lá está revirado: árvores cortadas; máquinas infernais, no cio, conspiram a grama e as flores; o betume, escaldante, brota das caçambas... Vai ficar uma beleza, depois de tudo pronto, para os automóveis. Mas, enquanto passarem os automóveis - e à frente deles a Pressa – faltarão os pássaros e as crianças.

*Crianças, também, para que? Para dar trabalho? Criança, saibam vossas senhorias, é um bicho muito safado. E por isso existe a “pílula”, que as sereias de Tramandaí, com a licença de Homero, o da *Iliada*, consomem tranqüilas, entre um gelado e um cigarro, por cima dos cômoros de areia.*

O texto segue com a leitura das últimas notícias, que incluem mais um artigo a respeito de jovens despreparados que chegam à Universidade, e termina com um verdadeiro piscar de olho ao leitor, resgatando a satisfação com o conhecimento compartilhado: *E agora, José? Vamos ao sorvete?*

Uma semana depois (15 de fevereiro de 1975), aparece mais um artigo com a presença de Elesbão. Dessa vez, trata-se de sua família, e de um dos artigos mais preciosos, em termos de estilo, que temos nessa série dos Cadernos de Sábado. Chama-se *O Vitorioso*, e apresenta a carta que um dos filhos de Elesbão manda à avó. Aproveitando-se da mudança de ponto de vista, Guilhermino Cesar pode exercitar tanto a contextualização da carta quanto a linguagem do jovem.

Inicialmente, temos a apresentação dos personagens e a razão pela qual a carta está sendo escrita:

D. Marocas é uma senhora de meia-idade, risonha e tranqüila. Nasceu em Anta Gorda, onde ainda mora; lá criou os filhos, que lhe têm dado grandes alegrias. Vão todos muito bem de negócio, os netinhos são uns amores, e o mais velho, Banito, acaba de ingressar na Universidade de Cinco Rios. Inteligente como é (saiu ao avô), na certa fará carreira. O rapaz queria estudar Medicina, mas sua classificação final, em 15ª opção, mandou-o para o Curso de Arte Dramática. Em vez de médico, será ator.

Os absurdos descritos estão muito próximos a outros, aos quais o leitor dessas páginas já está familiarizado; no parágrafo seguinte, quando chega o aviso de que, dessa vez, a palavra estará com o próprio vestibulando, já estamos curiosos para saber como o jovem se manifesta sobre o assunto. Guilhermino Cesar comenta que a carta a ser publicada lhe foi mostrada pela própria Dona Marocas, entre lágrimas de emoção.

“Porto Alegre, 31-XI-75.

Quirida Vó:

Disculpe que só agora eu te escrevo. O Vestebular me arebentou, mas filizmente vençi. Estou aprovado!

Veja vó, minha classificação foi bacana – 6º lugar. E vou istudar Arte Dramática. Papai quiria Medicina, Mamãe também, e a Senhora mais quetodos. Mas a sorte minha estava no CAD. Vou istudar milhões. Garanto que nenhum cara vai me ultrapassar; vou vencer. A gente se esforsa pra que, não é? Trabalhei como poucos. Se não fosse a maldita cultura geral, eu estava bixo da Med. Mas não á de ser nada, Vó.

Vou te contar como foi. A pergunta 3 era de amargar. Dizia assim:

Machado de Assis é um escritor português

Machado de Assis é um escritor chinês

Machado de Assis é um escritor inglês

Machado de Assis é um escritor russo

Machado de Assis é um escritor brasileiro

Ora, na pressa, vi na primeira linha – português - e soltei a cruz. Não era. Só no dia seguinte sube que me trumbicara justamente aí. O homem é brasileiro. Também eu não sabia, nunca me disseram.

Basta o começo da carta para perceber que Banito condensa aquilo que mais coloca o professor em pânico: a desinformação, a falta de cultura, o deslumbre com a

Educação moderna, a falta de critério com que escolhe o curso a frequentar, a escrita que revela semi-letramento. Esse artigo é primoroso na exploração “estilística” da escrita dos futuros profissionais preparados pelas universidades. Ainda que ficcional, a escrita de Banito assusta porque ecoa muitas das transcrições que vêm aparecendo nos jornais há quase uma década – o tempo em que se tem a aplicação do Vestibular Objetivo, no Brasil.

Dona Marocas representa a família tradicional, que vê com orgulho seus jovens entrando no Ensino Superior, sem se dar conta de que a suposta ‘democratização’ do processo está tirando boa parte dos méritos dos aprovados. Ao contrário de Elesbão, que vive na capital e percebe as diferenças entre o ensino de diferentes épocas, Dona Marocas (residente na cidade comumente utilizada por Guilhermino para representar o interior do estado, na prosa e na poesia – Anta Gorda) encara a carta do neto, independentemente do formato, apenas pela notícia que interessa: a aceitação no Ensino Superior.

Esse ano de 1975 traz ainda *Flanando*, a 08 de março, texto cuja proposta se aproxima muito da crônica contemporânea: trata-se de cinco seções razoavelmente independentes, dentro de um mesmo artigo. A epígrafe de Balzac (*Flâner est une science; c’est la gastronomie de l’oeil*) acrescenta ares líricos à construção.

Bem ao gosto das observações citadinas de Balzac, Guilhermino Cesar dedica as três primeiras partes à *urbs*: 1. *Imaginosos da Independência* mostra o retorno dos veranistas à vida urbana, cheia de pressa e grosseria; 2. *Aventura na Praça* fala da decadência e dos perigos que cercam a Praça da Misericórdia (após mencionar Elesbão, Guilhermino diz que ele *tem medo de passar, à noite, pelos logradouros que deveria fiscalizar de dia*); 3. *A Última Árvore* trata da proposta de Banito, que deseja homenagear o fato de a Prefeitura ter parado de cortar árvores com um monumento:

O projeto, do escultor Tenius, é simples: um machado de sílex, um lenhador, uma árvore; e um raio, mandado por Júpiter, que espatifa o lenhador. É desnecessário dizer que o lenhador representa a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Júpiter representa Júpiter mesmo.

Os textos 4 e 5 são dedicados a más traduções e bons poetas. Portanto, a imagem do raio que “espatifa” o lenhador que representa a autoridade municipal fica no texto central, entre outras graças relacionadas à família de Elesbão.

Do ano de 1976 em diante, nota-se que a presença de Elesbão é cada vez menor; eventualmente mencionado, ele parece mais um adereço do que o personagem bastante característico de anos anteriores. A impressão que se tem é de um amigo perdido, a quem a vida se encarregou de afastar.

O último artigo representativo para a figura de Elesbão é justamente aquele que poderíamos dizer que realiza uma espécie de transição: é o último em que Elesbão aparece citado em vários momentos, mas já começa a se perceber que a crônica passa a dispensar a figura ficcional.

O artigo é *Reparando Injustiças*, de 30 de abril de 1977, e trata de reações que Guilhermino teria recebido, via carta, de leitores incomodados por alguns comentários que ele teria emitido em texto da semana anterior:

Inveterado passageiro dos transportes urbanos, residente na Vila Jardim, me escreve longa carta, reclamando contra uma injustiça. E de Anta Gorda, onde costuma refugiar-se minha fantasia, uma senhora também me escreve, protestando. O primeiro diz que cometi uma falta grave no meu penúltimo artigo de sábado: não mencionei o ônibus, fina flor da poluição e das sacudidelas, entre os meios de transporte preferíveis ao avião. E a senhora anta-gordina, que pelo jeito costuma vir a Porto Alegre espaiar-se a solidão entre as gentes da Rua da Praia, fala exaltadamente bem dos ônibus. Morando longe dos perfumes e dos vestidos caros, o ônibus é a sua nave para Citera. Escreveu-me isto mesmo: “nave para Citera”. Falou em Bilac, em Raimundo e Alberto, gente que os moços de hoje não conhecem, e prometeu explicar-me tudo isso, qualquer dia desses, quando vier a Porto Alegre fazer compras.

O leitor pode ser real, mas muito mais interessante para o andamento do texto é a leitora de Anta Gorda: a sua carta motiva a linha argumentativa que conduzirá o texto: nos próximos parágrafos, Guilhermino discorrerá sobre seu próprio prazer em andar de ônibus, observando as pessoas, e sobre algumas aparições célebres de meios de transporte na Literatura.

Talvez a referência a um leitor real e outro imaginário, com preferência para o imaginário, seja mais um elemento a confirmar que o período que se inicia em 1977 traz um Guilhermino menos combativo. O professor, quase septuagenário, já não apela com tanta frequência para a companhia de Elesbão. Ao contrário, insinua que esperava do leitor uma resposta mais estimulante.

A continuação do artigo chega facilmente à comparação entre a velocidade dos meios de transporte mais modernos (como o ônibus, ou mesmo o trem-bala) e a preferência de Guilhermino pelas carretas de antigamente, que permitiam *ver as*

estrelas. Chamando a si mesmo de nostálgico, aborda a crise do Petróleo, uma vez que tanto Elesbão quanto o presidente Carter afirmam que o fim das reservas está próximo.

É de fato cavalariça: o homem deste século estupidamente tecnológico construiu a sua vaidosa onipotência com pés de barro. Não calcularam os tecnicíssimos senhores que o petróleo é um dos elementos mais raros que as eras geológicas destinaram ao usufruto do homem. Como pôde acontecer coisa semelhante? Que Deus irritado, narcotizando a inteligência do bicho-homem, permitiu que este se revelasse tão canhestro, tão rombo de inteligência?

Note-se que, até agora, o nome de Elesbão foi mencionado apenas uma vez, e para reforçar a comparação com o presidente americano (que, segundo Guilhermino, possuía muitas razões para estar mais informado do que seu amigo porto-alegrense). O artigo constroi sua argumentação sobre as informações e análises do professor, sem colocar um personagem ficcional no centro dos acontecimentos, como acontecera muitas vezes. Torna-se clara a preferência cada vez mais pelo artigo de análise profunda das questões históricas, sem o apelo do lúdico, despertado inevitavelmente pelas figuras da família de Elesbão.

No entanto, após posicionar-se, criticando a falta de visão do ser humano, sua dificuldade em preservar o ambiente em que vive e em lidar com os recursos naturais, Guilhermino Cesar parte para a ironia forte; nesse caso, Elesbão aparece sob medida.

Por isto mesmo, inspirado por Belorofonte, o tal que matou a Quimera montado no lombo de Pégaso, meu amigo Elesbão vai propor à OPEP que se restaure – quanto antes melhor – o emprego das caravanas como solução para nossa angustia de transportes. Sua proposição é lapidar: - “O árabe, que nos dá hoje estrebuchantes gotas de óleo, amanhã nos dará os primeiros camelos da idade nova”. Uma idade sem poluição, como quer o Dr. Lutzenberger, com a vantagem de podermos aproveitar os dejetos do animal para os jardins. Porque precisamos de flores, acrescento por minha conta e risco. De muitas flores, que a Borregaard está aí mesmo, fantasiada, mas ativa. E só com o perfume das flores, pois o dos vidros anda pela hora da morte, poderíamos reparar os estragos do monstro em nossas narinas desamparadas.

O parágrafo anterior retoma diversas das questões: a Borregaard e seu cheiro, a figura de Lutzenberger (naturalista que marcou época, em especial no Rio Grande do Sul), as ideias de Elesbão – que são ambíguas na medida em que não se sabe se ele é o amigo imaginário que realiza as fantasias de Guilhermino, no que diz respeito ao ridículo das propostas mais imaginativas, ou se ele é um tolo que ilustra bem o desamparo do cidadão moderno diante das notícias.

Caso encaremos Elesbão como o amigo imaginário, teremos os dois companheiros se divertindo, propondo soluções estapafúrdias, à altura da estupidez daqueles que não souberam prevenir problemas tão previsíveis. Caso façamos a opção por um Elesbão desnorteado pelo noticiário, nada mais necessário do que a reflexão de Guilhermino Cesar, a fim de lançar alguma luz às questões do dia. Exatamente como o professor vinha fazendo, há sete anos, em seu espaço no jornal.

O encerramento do artigo conduz ao tom familiar que Elesbão sempre traz:

Neste fim de semana, se a Margarida permitir, o Elesbão dará um pulo à Galeria Quixote, do outro lado do Prata, só para comprar roupa de inverno, que os netinhos já tremem de frio. Irá de avião, evidentemente. Gostaria de ir numa carreta, puxada a bois, mas a carne está vasqueira, já não há bois para carregar a gente pelas coxilhas afora; descansaram para sempre no açougue.

Sem petróleo, sem bois, sem trole, sem charrete, sem túburi, sem asas, só nos sobra a nós, homens do século XX, o consolo de sonhar com as entidades mitológicas.

-Aqui, Pégaso! Venha depressa transportar-me ao colo da Utopia. Ou aos braços de Brigitte Bardot.

Ao menos é um consolo, caso os ouvidos dos leitores permaneçam surdos.

Neste capítulo, observamos três das possibilidades formais nas quais Guilhermino Cesar aborda os fatos presentes, e procuramos debater as diferentes maneiras como as ideias são desenvolvidas diante do leitor.

A primeira forma, mais próxima da ensaística, trata de questões de cunho universal, com grande ênfase para a política e a economia, e com a presença de tópicos envolvendo iniciativas culturais e movimentos ideológicos. Nesses artigos, transparece a preocupação em construir argumentações claras e progressivas, bem articuladas e engajadas na compreensão dos acontecimentos e na sugestão de caminhos coerentes a serem tomados.

A segunda forma mantém as temáticas da primeira, mas transforma os coloquialismos ocasionais em tônica, e o engajamento argumentativo em posicionamento evidente. O tom se torna adequado à crítica cultural severa, que expõe os males, ridiculariza-os e cria uma espécie de *militância humanista*, necessária ao resgate de valores que parecem ter perdido o sentido na era da máquina e da massificação.

A terceira forma é mais radical: volta-se principalmente para temas locais e opta pela ficcionalização do debate. A figura de Elesbão brilha em narrativas cheias de um humor acre, condizente com a crítica que está incluída ali. O personagem possui as características de um amigo fiel que oscila entre o ambiente culturalmente degradado, com seus valores decadentes, e a visão crítica do parceiro intelectual. De certa forma, o embate com Elesbão é um jogo de espelhos com o leitor e com as expectativas que Guilhermino Cesar poderia vir a depositar nele.

5- UM PERFIL SINGULAR EM ATIVIDADE

Até que apareça outra melhor, aqui ou no espaço (quem sabe lá?), esta nossa é a civilização da letra de forma. Para pensar e para sentir, todo homem tem o governo de um reino particular – o imenso reino da palavra.

(O Direito do Leitor,
1972)

Poder-se-ia dizer que Guilhermino Cesar foi o homem certo no lugar certo: percorreu o século XX brasileiro, nascendo em 1908, em Minas Gerais, lá participando de um movimento modernista na década de 1920 e escrevendo para jornais na década de 1930. Na década seguinte, é convidado para um cargo político com sede em Porto Alegre, e a partir daí fixa raízes em uma das capitais de movimentação cultural mais intensa do país, o que lhe dá oportunidade de dar aulas em uma conceituada universidade federal e de escrever artigos para um jornal comprometido com a qualidade, em plena década de 1970. Quando falece, em 1993, deixa uma obra de vulto e qualidade, que serviu de referência a estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

No entanto, não se pode dar ao acaso os méritos de um homem de letras da altura de Guilhermino: não foi o acaso que o levou a engajar-se no grupo Verde, que atraiu a atenção dos modernistas de São Paulo; tampouco foi o acaso que o levou a tornar-se pesquisador e professor de alto nível, envolvido em ações culturais de diversas ordens, e sujeito responsável pelo enriquecimento da vida cultural do Rio Grande do Sul, no período em que viveu aqui. O pensador viu mais do que uma unidade federativa: viu uma possibilidade de espraiamento tanto de sua imensa curiosidade intelectual quanto de sua disposição para a construção do pensamento.

Respeitadíssimo nos meios acadêmicos, com uma carreira construída desde sua chegada a Porto Alegre, em 1943, foi em 1971 que Guilhermino Cesar aceitou o desafio não de publicar eventualmente em jornais, mas o compromisso de manter uma página *standard* semanal no suplemento cultural mais bem planejado e ricamente constituído do Rio Grande do Sul. Sua sensibilidade parecia exigir envolvimento e integração com os acontecimentos daquela época tão movimentada, ultrapassando os limites impostos pelo estilo acadêmico e pelos meios de divulgação universitários.

A vinda para o Rio Grande do Sul, em missão inicialmente política, foi o golpe do destino que garantiu campos a serem desbravados. Após anos de trabalho acadêmico

e pesquisas reconhecidas no Brasil e no exterior, foi despertado o desejo de compartilhar o conhecimento com o público que tão bem o havia recebido. O jornal estava começando a mudar seu perfil, deixando de dar espaço à reflexão aprofundada; a poesia de *Arte de Matar* já evidenciara a preocupação com os rumos da humanidade seduzida pela *técnica* e que parece não se comover mais com a violência. A própria gestação de *Sistema do Imperfeito*, publicado em 1977, talvez tenha se refletido na composição dos artigos, contribuindo para uma espécie de projeto no qual ainda se acredita na mudança baseada no esforço qualificado, na influência de uma voz forte e com conteúdo que estivesse disposta a se manifestar na mídia escrita.

Assim, Guilhermino aceita o convite do Correio do Povo, e inicia sua colaboração para o Caderno de Sábado. No decorrer de nossas leituras, realizadas desde 1999 no contexto dos projetos acadêmicos de que participamos, foi possível identificar pelo menos três grandes eixos que coordenavam esses escritos – e foram esses três eixos que decidimos colocar em destaque, neste trabalho, a fim de dar-lhe uma forma que não sugerisse uma obra estanque ou um estudo sem flexibilidade.

Começamos com a paixão pela História, em especial pela gaúcha e, mais ainda, pelas possibilidades de procedimentos de pesquisa. Procuramos colocar em primeiro plano tanto a afetividade do discurso quanto a seriedade com que os conteúdos são tratados. Guilhermino Cesar adota o Rio Grande do Sul, tanto no sentido pessoal, dedicando uma vida ao debravamento do nosso passado, quanto no sentido intelectual, preocupando-se com a qualidade do material trazido à luz, e com a “cientifização” dos métodos utilizados.

Num segundo momento, trabalhamos sua convicção de que a Literatura merecia lugar de honra na vida do cidadão comum, sujeito que poderia ter acesso a leituras e interpretações enriquecidas pelo conhecimento do comentarista, e colocadas em uma linguagem adequada ao debate amplo. Os textos que tratam de obras literárias ou de Historiografia, escritos por Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado, não conhecem fronteiras e limites formais: comentam, sorriem, recomendam e citam, criando diferentes formas de atração para o leitor.

Finalmente, detivemo-nos na ideia de que tal intelectual não poderia se furtar à análise dos acontecimentos presentes, e acabou recriando a *crônica* no espaço do jornal. Esse eixo traz os textos que chamaram nossa atenção desde o primeiro contato com os artigos de jornal, no começo dos anos 2000, tanto no que diz respeito ao aspecto de crônica-histórica, com os comentários abalizados a respeito de situações de tensão

global, quanto pelos divertidos textos de cunho narrativo que trazem as aventuras de Elesbão e sua família, e passando pelos irônicos artigos em que a crônica vira crítica cultural, irônica e irremediavelmente humanista.

Consideramos que esses três eixos não representam apenas as paixões de Guilhermino, mas também mostram a profunda coerência moral e intelectual que orientava seu trabalho. Essa coerência, esperamos, fica exposta no capítulo deste trabalho que dedicamos à organização cronológica dos textos, com comentários que procuramos tornar esclarecedores.

Ler seus artigos a respeito da História gaúcha não se limita a adquirir conhecimentos sobre o tema – os artigos despertam a curiosidade e o fascínio, são instigantes e provocativos. Revelam o que estava diante de muitos pesquisadores, mas que só será notado por aqueles que tiverem paciência, conhecimento e disposição para a leitura e a reflexão. Não apenas a História sai enriquecida dessa leitura; o próprio leitor ganha em confiança no trabalho do homem, na combinação correta do espírito científico (presente na seriedade e na correção da pesquisa) com os valores humanistas (claramente perceptíveis na empolgação que anima as descrições e relatos).

Da mesma forma, os textos sobre Literatura não são artigos acadêmicos: são convites à fruição da prosa e da poesia; são elogios generosos a quem merece ser divulgado, e reparos honestos a quem precisa repensar; mais do que tudo: são explorações que conduzem o leitor a um mundo de ludismo que toca no social de forma insuspeitadamente eficiente. Os preconceitos não interessam, e Machado de Assis divide páginas com Balzac, Simenon passa perto de Azorín e Miguel Torga toca o coração brasileiro ao falar de Portugal. Milagres da Literatura ao alcance de todos, sem academismos desnecessários, sem análises estruturalistas, sem hermetismo – só o verbo como espelho.

Finalmente, encontramos os textos voltados para as notícias do dia, para a reflexão que deve ser feita *durante* os processos históricos. Consideramos que esses textos reúnem o melhor de dois mundos – se parecem com a crônica brasileira do período, de traços literários fortes e sensibilidade extrema às ondulações do ambiente, e com a crônica historiográfica, que dava conta dos fatos presentes através da análise de uma testemunha qualificada, sem a utilização de instrumentos exclusivamente científicos.

Para Guilhermino Cesar, o amálgama era natural: ele foi professor, poeta, cronista, tradutor, cientista e erudito, e todas essas facetas se integravam para criar uma

obra *necessária*, e que só foi possível porque a sua iniciativa, combinada a uma espantosa capacidade de trabalho e a uma inegável erudição, colocaram-se a serviço da vida cultural gaúcha e da divulgação de conhecimentos de todas as naturezas que seus interesses e habilitações permitiam. Assim como os navios precisam de faróis, os cidadãos precisam de sensibilidades aguçadas que balisem o caminho, especialmente em águas tumultuadas como as da segunda metade do século XX; acreditamos que essa percepção não faltou a Guilhermino Cesar.

Em tempos de simplificação, alguém tem que se prestar à mediação dos conteúdos, sem empobrecê-los; em tempos de velocidade, alguém tem de lembrar que a reflexão é necessária; em tempos de *american way of life*, uma voz precisa compreender as nações orientais, valorizar a cultura africana e ressaltar a necessidade de conhecer a verdadeira cultura nacional; em tempos de formação superficial, alguém precisa mostrar que uma leitura atenta e embasada vale mais do que mil *chutes* dados via satélite.

Nosso contato mais extenso com a obra de Guilhermino Cesar havia se dado na poesia, em especial naquela de *Sistema do Imperfeito*. Lá havíamos detectado a preocupação com a sociedade contemporânea. Ao estudar os artigos para jornal, chamou-nos a atenção a generosidade ali presente: o tratamento dado ao leitor, atento às suas necessidades e sem menosprezo à sua capacidade intelectual e senso crítico; o afeto por Elesbão e pelas coisas do sul, sempre ganhando grandes espaços e merecendo reflexões, trabalho de pesquisa e soluções narrativas e argumentativas robustas; a preocupação com o destino da humanidade, com seus valores, com a natureza, com a educação, com a representatividade dos movimentos sócio-culturais; e mesmo nas citações com referência, que garantem a divulgação de todos os produtores de cultura que valem a pena, disponibilizando-os ao público leitor.

Pelo que pudemos detectar em nossas leituras e pesquisas, Guilhermino Cesar estava ciente de que poderia ser chamado de “quadrado”, “careta”, nostálgico e que, ao mesmo tempo, incomodaria censores, colegas e alunos. No entanto, não se percebe recuo ou covardia: mesmo em seus artigos mais brandos e analíticos, escritos a partir dos setenta anos (completados em 1978), percebe-se a chama da expectativa, da esperança de chegar ao *ouvido certo*.

Encerramos esse trabalho, resultado de mais de uma década travando conhecimento da obra de Guilhermino Cesar, convictos de que fizemos parte de um projeto extremamente relevante. A iniciativa da Professora Maria do Carmo Campos, nos idos de 1998, de retomar e divulgar a produção do intelectual mineiro permitiu que

uma série de estudantes tivessem a oportunidade de conhecer uma figura de excelência no plano cultural luso-brasileiro. Sem dúvida, o contato com essa obra despertou profunda admiração, e a dedicação a esse trabalho nasceu do desejo de fazer justiça a uma construção valiosa, tanto no que diz respeito à seriedade intelectual quanto no respeito à capacidade humana impregnados nos escritos do Mestre.

6-REFERÊNCIAS¹³⁸

6.1- De Guilhermino Cesar

6.1.1-Colaborações nos *Cadernos de Sábado do Jornal Correio do Povo*

- "Blair e a Literatura Brasileira". Porto Alegre, 18 de novembro de 1967. Pág. 3.
- "Blair, os mortos e os vivos". Porto Alegre, 25 de novembro de 1967. Pág. 3.
- "Minha participação no 'caso' Qorpo-Santo". Porto Alegre, 17 de agosto de 1968. Pág. 3.
- "Minha participação no 'caso' Qorpo-Santo (II)". Porto Alegre, 24 de agosto de 1968. Pág. 3.
- "Minha participação no 'caso' Qorpo-Santo (III)". Porto Alegre, 31 de agosto de 1968. Pág. 3.
- "Minha participação no 'caso' Qorpo-Santo (IV)". Porto Alegre, 07 de setembro de 1968. Pág. 3.
- "Minha participação no 'caso' Qorpo-Santo (V)". Porto Alegre, 14 de setembro de 1968. Pág. 3.
- "Minha participação no 'caso' Qorpo-Santo (VI)". Porto Alegre, 21 de setembro de 1968. Pág. 3.
- "O 'brasileiro' na ficção portuguesa". Porto Alegre, 19 de outubro de 1968. Pág. 3.
- "As últimas confissões de José Régio". Porto Alegre, 15 de maio de 1971. Pág. 3.
- "Do 'madamismo' ao Naturalismo". Porto Alegre, 22 de maio de 1971. Pág. 3.
- "Zola, Machado e Romero". Porto Alegre, 29 de maio de 1971. Pág. 3.
- "O sempre novo". Porto Alegre, 05 de junho de 1971. Pág. 3.
- "Conversa de lobisomem". Porto Alegre, 19 de junho de 1971. Pág. 3.
- "Romance-Dilema, ou o que seja". Porto Alegre, 26 de junho de 1971. Pág. 3.
- "Castro Alves e os gaúchos". Porto Alegre, 03 de julho de 1971. Pág. 3.
- "Sobre o 'Teatro da Atualidade'". Porto Alegre, 10 de julho de 1971. Pág. 3.
- "Em presença de um escritor". Porto Alegre, 17 de julho de 1971. Pág. 3.
- "O cafona - da Música à Literatura". Porto Alegre, 24 de julho de 1971. Pág. 3.
- "A História possível". Porto Alegre, 31 de julho de 1971. Pág. 3.
- "Aquilino e o Português do Brasil". Porto Alegre, 07 de agosto de 1971. Pág. 3.
- "São Gabriel do Batovi". Porto Alegre, 14 de agosto de 1971. Pág. 3.
- "Tribulações do 'Nouveau Roman'". Porto Alegre, 21 de agosto de 1971. Pág. 3.
- "Variações sobre o Romance". Porto Alegre, 28 de agosto de 1971. Pág. 3.
- "Janelas de Coimbra". Porto Alegre, 04 de setembro de 1971. Pág. 3.
- "Primeira página do Ensino Superior". Porto Alegre, 11 de setembro de 1971. Pág. 3.
- "Na estante e na cabeça". Porto Alegre, 18 de setembro de 1971. Pág. 3.
- "Glosas de um leitor apressado". Porto Alegre, 25 de setembro de 1971. Pág. 3.
- "Gente do Rio Grande na obra de Machado de Assis". Porto Alegre, 02 de outubro de 1971. Pág. 3.
- "Machado de Assis e a consciência moral". Porto Alegre, 09 de outubro de 1971. Pág. 3.
- "Glosas de leitor em pânico". Porto Alegre, 16 de outubro de 1971. Pág. 3.
- "Leitura como desencontro". Porto Alegre, 23 de outubro de 1971. Pág. 3.
- "Dostoiévski, ou A Solidão do Homem". Porto Alegre, 30 de outubro de 1971. Pág. 3.
- "A esquizofrenia cultural". Porto Alegre, 06 de novembro de 1971. Pág. 3.
- "Ao alcance da mão". Porto Alegre, 13 de novembro de 1971. Pág. 3.

¹³⁸ Para uma listagem mais completa, conferir a seção Bibliografia Compilada (p. 331-361) do livro *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*. Organização de Maria do Carmo Campos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

- "Glosas da Era Atômica". Porto Alegre, 20 de novembro de 1971. Pág. 3.
- "Antepassados portugueses de Alphonsus Guimaraens". Porto Alegre, 27 de novembro de 1971. Pág. 3.
- "O espelho de Antares". Porto Alegre, 04 de dezembro de 1971. Pág. 3.
- "A ignorância triunfante". Porto Alegre, 11 de dezembro de 1971. Pág. 3.
- "Diálogo da cultura". Porto Alegre, 18 de dezembro de 1971. Pág. 3.
- "Naturalismo Versus Romantismo". Porto Alegre, 08 de janeiro de 1972. Pág. 3.
- "Naturalismo Versus Romantismo (II)". Porto Alegre, 15 de janeiro de 1972. Pág. 3.
- "Blair e outros 'bolors'". Porto Alegre, 22 de janeiro de 1972. Pág. 3.
- "O colecionador satisfeito". Porto Alegre, 29 de janeiro de 1972. Pág. 3.
- "O simples e o complexo". Porto Alegre, 12 de fevereiro de 1972. Pág. 3.
- "Do 'erro' em Literatura". Porto Alegre, 19 de fevereiro de 1972. Pág. 3.
- "A altivez de um governador". Porto Alegre, 26 de fevereiro de 1972. Pág. 3.
- "Glosas de leitor esdrúxulo". Porto Alegre, 04 de março de 1972. Pág. 3.
- "Fontes da Dialectologia Rio-grandense". Porto Alegre, 11 de março de 1972. Pág. 3.
- "Modernismo e Futurismo". Porto Alegre, 18 de março de 1972. Pág. 3.
- "Glosas de leitor encharcado: Delícias da cidade". Porto Alegre, 25 de março de 1972. Pág. 3.
- "Pitanga silvestre". Porto Alegre, 27 de maio de 1972. Pág. 3.
- "Tudo são metáforas". Porto Alegre, 03 de junho de 1972. Pág. 3.
- "O Poeta - um Homem". Porto Alegre, 10 de junho de 1972. Pág. 3.
- "Dois sensitivos". Porto Alegre, 17 de junho de 1972. Pág. 3.
- "Estacionar, Verbo Intransitivo". Porto Alegre, 24 de junho de 1972. Pág. 3.
- "Com perdão da má palavra". Porto Alegre, 01 de julho de 1972. Pág. 3.
- "E deixa a banda passar...". Porto Alegre, 08 de julho de 1972. Pág. 3.
- "O Patriarca e a Edição do Morgado de Mateus". Porto Alegre, 15 de julho de 1972. Pág. 3.
- "Euclides e os profissionais-artistas". Porto Alegre, 22 de julho de 1972. Pág. 3.
- "Colecionar angústias". Porto Alegre, 29 de julho de 1972. Pág. 3.
- "Os técnicos festivos". Porto Alegre, 05 de agosto de 1972. Pág. 3.
- "Kafka, os kafkianos e outros". Porto Alegre, 12 de agosto de 1972. Pág. 3.
- "A grande loureira". Porto Alegre, 19 de agosto de 1972. Pág. 3.
- "Da interpretação histórica". Porto Alegre, 02 de setembro de 1972. Pág. 3.
- "Casais Monteiro". Porto Alegre, 09 de setembro de 1972. Pág. 3.
- "Literatura de Cordel". Porto Alegre, 16 de setembro de 1972. Pág. 3.
- "Elesbão e a 'droga'". Porto Alegre, 23 de setembro de 1972. Pág. 3.
- "À homenagem que fica". Porto Alegre, 30 de setembro de 1972. Pág. 3.
- "O exagero e o fantástico nos 'Casos do Romualdo'". Porto Alegre, 07 de outubro de 1972. Pág. 3.
- "Quase poema" (conto). Porto Alegre, 14 de outubro de 1972. Pág. 3.
- "Revisão do Integralismo". Porto Alegre, 21 de outubro de 1972. Pág. 3.
- "Com licença do itabirano". Porto Alegre, 28 de outubro de 1972. Pág. 3.
- "O Direito do leitor". Porto Alegre, 04 de novembro de 1972. Pág. 3.
- "Criação literária em crise". Porto Alegre, 11 de novembro de 1972. Pág. 3.
- "Outros aspectos da crise literária". Porto Alegre, 18 de novembro de 1972. Pág. 3.
- "A idealização de um tipo: o 'brasileiro'". Porto Alegre, 25 de novembro de 1972. Pág. 3.
- "O Homem-Legião". Porto Alegre, 02 de dezembro de 1972. Pág. 3.
- "Um homem, um livro". Porto Alegre, 16 de dezembro de 1972. Pág. 3.
- "A torta" (conto). Porto Alegre, 23 de dezembro de 1972. Pág. 3.

- "O berço literário do 'brasileiro'". Porto Alegre, 30 de dezembro de 1972. Pág. 3.
- "O 'brasileiro' e o sarcasmo de Camilo". Porto Alegre, 06 de janeiro de 1973. Pág. 3.
- "Para o estudo do Conto Gauchesco (Parte I: Raízes da Tradição Gauchesca)". Porto Alegre, 13 de janeiro de 1973. Pág. 3.
- "Para o estudo do Conto Gauchesco (Parte II: O Espaço Físico da Gauchesca; A Mitização do Gaúcho)". Porto Alegre, 20 de janeiro de 1973. Pág. 3.
- "Para o estudo do Conto Gauchesco (Parte III: Traslação da Gauchesca a Outras Áreas)". Porto Alegre, 27 de janeiro de 1973. Pág. 3.
- "Para o estudo do Conto Gauchesco (Parte IV: A Gauchesca nos Dois Primeiros Decênios do Século XIX)". Porto Alegre, 10 de fevereiro de 1973. Pág. 3.
- "Para o estudo do Conto Gauchesco (Parte V: A Gauchesca Rio-grandense e a Platina: Repulsão e Aproximação)". Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1973. Pág. 3.
- "Para o estudo do Conto Gauchesco (Parte VI: O Conto Gauchesco de Simões Lopes Neto aos Autores de Hoje)". Porto Alegre, 24 de fevereiro de 1973. Pág. 3.
- "João Camillo e a montanha". Porto Alegre, 10 de março de 1973. Pág. 3.
- "O fim de um estilo". Porto Alegre, 17 de março de 1973. Pág. 3.
- "Mulheres, o assunto". Porto Alegre, 24 de março de 1973. Pág. 3.
- "Elesbão na Universidade". Porto Alegre, 31 de março de 1973. Pág. 3.
- "Presença de Bernanos". Porto Alegre, 07 de abril de 1973. Pág. 3.
- "O caso Baring". Porto Alegre, 14 de abril de 1973. Pág. 3.
- "Depois das trevas". Porto Alegre, 26 de abril de 1973. Pág. 3.
- "Meu reino por um periódico". Porto Alegre, 05 de maio de 1973. Pág. 3.
- "Guerra à erudição". Porto Alegre, 12 de maio de 1973. Pág. 3.
- "A ferro e fogo". Porto Alegre, 19 de maio de 1973. Pág. 3.
- "Poesia sem data". Porto Alegre, 26 de maio de 1973. Pág. 3.
- "A Guerra no Bom Fim e um Pós-Escrito". Porto Alegre, 02 de junho de 1973. Pág. 3.
- "Mergulho no grotesco". Porto Alegre, 09 de junho de 1973. Pág. 3.
- "Teatro de Praga". Porto Alegre, 16 de junho de 1973. Pág. 3.
- "Ficção Latino-Americana". Porto Alegre, 23 de junho de 1973. Pág. 3.
- "Um Mestre". Porto Alegre, 30 de junho de 1973. Pág. 3.
- "O cheiro" (peça teatral). In: Porto Alegre, 07 de julho de 1973. Pág. 3.
- "Pedagogia 'à gogo'". Porto Alegre, 14 de julho de 1973. Pág. 3.
- "O 'Romântico Arrependido'". Porto Alegre, 28 de julho de 1973. Pág. 3.
- "Espelho de duas faces". Porto Alegre, 04 de agosto de 1973. Pág. 3.
- "Ilusão / Realidade". Porto Alegre, 11 de agosto de 1973. Pág. 3.
- "Peditório". Porto Alegre, 18 de agosto de 1973. Pág. 3.
- "Poder das palavras". Porto Alegre, 25 de agosto de 1973. Pág. 3.
- "Poesia / Luís de Miranda - A roupagem da palavra". Porto Alegre, 15 de setembro de 1973. Pág. 3.
- "A amizade, uma tópica em Marques Rebelo". Porto Alegre, 22 de setembro de 1973. Pág. 3.
- "A França, o óbvio e o chiclete". Porto Alegre, 29 de setembro de 1973. Pág. 3.
- "O grande jogo". Porto Alegre, 06 de outubro de 1973. Pág. 3.
- "O português da ficção brasileira". Porto Alegre, 13 de outubro de 1973. Pág. 3.
- "Barthes e o prazer do texto". Porto Alegre, 20 de outubro de 1973. Pág. 3.
- "Civilization". Porto Alegre, 27 de outubro de 1973. Pág. 3.
- "Um homem só". Porto Alegre, 10 de novembro de 1973. Pág. 3.
- "Prado Coelho no Brasil". Porto Alegre, 17 de novembro de 1973. Pág. 3.
- "Qorpo Santo e a fonética portuguesa". Porto Alegre, 24 de novembro de 1973. Pág. 3.
- "De Gregório a Dámaso Alonso". Porto Alegre, 01 de dezembro de 1973. Pág. 3.

- “De Gregório a Dámaso Alonso (II)”. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1973. Pág. 3.
- “Do Asséptico”. Porto Alegre, 22 de dezembro de 1973. Pág. 3.
- “Para Concluir”. Porto Alegre, 05 de janeiro de 1974. Pág. 3.
- “Juventude e Literatura”. Porto Alegre, 12 de janeiro de 1974. Pág. 3.
- “Problemas da Gauchesca”. Porto Alegre, 19 de janeiro de 1974. Pág. 3.
- “Voltemos ao Sargento”. Porto Alegre, 26 de janeiro de 1974. Pág. 3.
- “Do Sargento ao Coronel”. Porto Alegre, 09 de fevereiro de 1974. Pág. 3.
- “A Poesia e a Continência”. Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1974. Pág. 3.
- “Maridaje Gaúcho-Lusitano”. Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1974. Pág. 3.
- “Inimigos de Martin Fierro”. Porto Alegre, 02 de março de 1974. Pág. 3.
- “Memórias do Romancista”. Porto Alegre, 09 de março de 1974. Pág. 3.
- “Os Soldados Negros de Pinto Bandeira”. Porto Alegre, 16 e 23 de março de 1974. Pág. 3.
- “Pinga-Fogo”. Porto Alegre, 30 de março de 1974. Pág. 3.
- “O Ausente”. Porto Alegre, 06 de abril de 1974. Pág. 3.
- “O ‘Campo Avançado’ da Colônia de Sacramento”. Porto Alegre, 20 de abril de 1974. Pág. 3.
- “Em Torno de um Presente”. Porto Alegre, 27 de abril de 1974. Pág. 3.
- “Mais Carne”. Porto Alegre, 04 de maio de 1974. Pág. 3.
- “Antologia do Cheiro”. Porto Alegre, 11 de maio de 1974. Pág. 3.
- “Memórias de um ‘Coronel’”. Porto Alegre, 18 de maio de 1974. Pág. 3.
- “Nossos Velhos Conhecidos”. Porto Alegre, 25 de maio de 1974. Pág. 3.
- “Como Íamos Dizendo”. Porto Alegre, 1º de junho de 1974. Pág. 3.
- “Borges, a Metáfora, o Mundo”. Porto Alegre, 08 de junho de 1974. Pág. 3.
- “Os Bons Negócios do Capitão João Simões”. Porto Alegre, 15 de junho de 1974. Pág. 3.
- “Carta ao Cheiro”. Porto Alegre, 22 de junho de 1974. Pág. 3.
- “Dos Preciosos Ridículos”. Porto Alegre, 29 de junho de 1974. Pág. 3.
- “Inéditos de Cruz e Souza”. Porto Alegre, 06 de julho de 1974. Pág. 3.
- “Variantes de Cruz e Souza”. Porto Alegre, 13 de julho de 1974. Pág. 3.
- “Jean Roche e a Colonização Alemã”. Porto Alegre, 20 de julho de 1974. Pág. 3.
- “A Província de São Pedro e o Fundo do Real Erário”. Porto Alegre, 27 de julho de 1974. Pág. 3.
- “Contracultura e Vida”. Porto Alegre, 03 de agosto de 1974. Pág. 3.
- “Rio Abaixo”. Porto Alegre, 10 de agosto de 1974. Pág. 3.
- “Polivalente”. Porto Alegre, 17 de agosto de 1974. Pág. 3.
- “Helena Antipoff”. Porto Alegre, 24 de agosto de 1974. Pág. 3.
- “Nova Antologia do Cheiro”. Porto Alegre, 07 de setembro de 1974. Pág. 3.
- “Um Bom Livro”. Porto Alegre, 14 de setembro de 1974. Pág. 3.
- “A Colonização Europeia em Síntese Apressada (I)”. Porto Alegre, 21 de setembro de 1974. Pág. 3.
- “A Colonização Europeia em Síntese Apressada (II)”. Porto Alegre, 28 de setembro de 1974. Pág. 3.
- “Humanização do Cimento”. Porto Alegre, 05 de outubro de 1974. Pág. 3.
- “A Colonização Europeia em Síntese Apressada”. Porto Alegre, 12 de outubro de 1974. Pág. 3.
- “O Episódio Saldanha”. Porto Alegre, 19 de outubro de 1974. Pág. 3.
- “Livro da Vida Inteira”. Porto Alegre, 26 de outubro de 1974. Pág. 3.
- “Os Bibliógrafos, Nossos Amigos”. Porto Alegre, 02 de novembro de 1974. Pág. 3.
- “Cornélio, o de Itabira. Porto Alegre, 09 de novembro de 1974. Pág. 3.

- “O Elogio do Amigo”. Porto Alegre, 23 de novembro de 1974. Pág. 3.
- “Viver Poesia”. Porto Alegre, 30 de novembro de 1974. Pág. 3.
- “Bloy”. Porto Alegre, 07 de dezembro de 1974. Pág. 3.
- “Araújo Porto-Alegre e o Nacionalismo Literário”. Porto Alegre, 14 de dezembro de 1974. Pág. 3.
- “O ‘Romântico Indeciso’”. Porto Alegre, 21 de dezembro de 1974. Pág. 3.
- “Quem tem Medo do Petróleo?”. Porto Alegre, 28 de dezembro de 1974. Pág. 3.
- “O Fundamento da Linguagem Humana”. Porto Alegre, 04 de janeiro de 1975. Pág. 3.
- “Da Ilha Para o Mundo”. Porto Alegre, 11 de janeiro de 1975. Contracapa.
- “Canto Ritual do Avô Grande”. Porto Alegre, 18 de janeiro de 1975. Pág. 3.
- “Hernâni Cidade”. Porto Alegre, 25 de janeiro de 1975. Pág. 3.
- “Babel e o Economês”. Porto Alegre, 1º de fevereiro de 1975. Pág. 3.
- “Ler e Transpirar”. Porto Alegre, 08 de fevereiro de 1975. Pág. 3.
- “O Vitorioso”. Porto Alegre, 15 de fevereiro de 1975. Pág. 3.
- “Burocratização da Alegria”. Porto Alegre, 22 de fevereiro de 1975. Pág. 3.
- “Que Dificuldade Enorme!”. Porto Alegre, 1º de março de 1975. Pág. 3.
- “Flanando”. Porto Alegre, 08 de março de 1975. Pág. 3.
- “Reforma e Falsa Ciência”. Porto Alegre, 15 de março de 1975. Pág. 3.
- “Heróis Truculentos”. Porto Alegre, 22 de março de 1975. Pág. 3.
- “Do Cavalo”. Porto Alegre, 05 de abril de 1975. Pág. 3.
- “Roman Riesh”. Porto Alegre, 12 de abril de 1975. Pág. 3.
- “Dos Aperos ao Exorcismo”. Porto Alegre, 19 de abril de 1975. Pág. 3.
- “Athos Damasceno”. Porto Alegre, 26 de abril de 1975. Pág. 3.
- “Schmidt”. Porto Alegre, 03 de maio de 1975. Pág. 3.
- “Para emagrecer”. Porto Alegre, 10 de maio de 1975. Pág. 3.
- “Miscelânea de Azorín”. Porto Alegre, 17 de maio de 1975. Pág. 3.
- “Manuel”. Porto Alegre, 24 de maio de 1975. Pág. 3.
- “Mansueto, o ‘Crepuscolare’?”. Porto Alegre, 31 de maio de 1975. Pág. 3.
- “Rosa e a Enumeração”. Porto Alegre, 21 de junho de 1975. Pág. 3.
- “A Concomitância Estilística”. Porto Alegre, 28 de junho de 1975. Pág. 3.
- “Em Louvor de ‘Italianos e Gaúchos’”. Porto Alegre, 05 de julho de 1975. Pág. 3.
- “Estação na Bruma”. Porto Alegre, 12 de julho de 1975. Pág. 3.
- “Melancolias Cariocas de Alfonso Reyes”. Porto Alegre, 19 de julho de 1975. Pág. 3.
- “A Caminho do Cinquentenário”. Porto Alegre, 26 de julho de 1975. Pág. 3.
- “Muitos de Meus Colegas Também Choraram”. Porto Alegre, 02 de agosto de 1975. Pág. 3.
- “Fontes da Dialectologia Gaúcha”. Porto Alegre, 09 de agosto de 1975. Pág. 3.
- “Almeida, o Liberal”. Porto Alegre, 16 de agosto de 1975. Pág. 3.
- “Clamence”. Porto Alegre, 23 de agosto de 1975. Pág. 3.
- “Sobre ‘Os Homens Precários’”. Porto Alegre, 06 de setembro de 1975. Pág. 3.
- “Um Velho Poeta”. Porto Alegre, 13 de setembro de 1975. Pág. 3.
- “A Polêmica sobre ‘Talita’”. Porto Alegre, 20 de setembro de 1975. Pág. 3.
- “Ernâni Chagas”. Porto Alegre, 27 de setembro de 1975. Pág. 3.
- “A de Antigamente (Para Maiores de Quarenta Anos)”. Porto Alegre, 04 de outubro de 1975. Pág. 3.
- “Carlos Dante de Moraes: o Crítico e o Memorialista”. Porto Alegre, 11 de outubro de 1975. Pág. 3.
- “A Máquina”. Porto Alegre, 18 de outubro de 1975. Pág. 3.
- “Sobre a Guarda Velha de Viamão”. Porto Alegre, 25 de outubro de 1975. Pág. 3.
- “O Crítico à Sombra da Estante”. Porto Alegre, 1º de novembro de 1975. Pág. 3.

- “Os Deuses de Raquel”. Porto Alegre, 08 de novembro de 1975. Pág. 3.
- “Bibliografia sobre a Colonização Italiana”. Porto Alegre, 15 de novembro de 1975. Pág. 3.
- “Bibliografia e Bibliógrafos”. Porto Alegre, 22 de novembro de 1975. Pág. 3.
- “Pessoa, no ‘Opiário’ e no Mais”. Porto Alegre, 29 de novembro de 1975. Pág. 3.
- “Contrabando e Colonização”. Porto Alegre, 06 de dezembro de 1975. Pág. 3.
- “A Morte de um Criador de Vidas”. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1975. Pág. 3.
- “Os Primeiros Passos do Romancista”. Porto Alegre, 20 de dezembro de 1975. Pág. 3.
- “O Romancista e a Incorporação do Terrunho”. Porto Alegre, 27 de dezembro de 1975. Pág. 3.
- “Do Condicionamento Épico ao Drama Social”. Porto Alegre, 03 de janeiro de 1976. Pág. 3.
- “Erico Veríssimo e a Historicidade”. Porto Alegre, 10 de janeiro de 1976. Pág. 3.
- “Érico Veríssimo e o Espelho Burguês”. Porto Alegre, 17 de janeiro de 1976. Pág. 3.
- “Confissão Translata e Confissão Direta”. Porto Alegre, 24 de janeiro de 1976. Pág. 3.
- “Osman Lins e a ‘Máquina de Enganar’”. Porto Alegre, 31 de janeiro de 1976. Pág. 3.
- “Descalabros do Ensino”. Porto Alegre, 07 de fevereiro de 1976. Pág. 3.
- “Sobrevivência da Universidade”. Porto Alegre, 14 de fevereiro de 1976. Pág. 3.
- “Qorpo-Santo no Arquivo Histórico”. Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1976. Pág. 3.
- “Qorpo-Santo em Outros Papeis do Arquivo”. Porto Alegre, 28 de fevereiro de 1976. Pág. 3.
- “1862, o Ano da Crise – ou – Loucura com uma Pitada de Gênio”. Porto Alegre, 06 de março de 1976. Pág. 3.
- “Solo um Pazzo”. Porto Alegre, 13 de março de 1976. Pág. 3.
- “Quilombo e a Sedição dos Escravos”. Porto Alegre, 20 de março de 1976. Pág. 3.
- “Escravos de Meia Sisa e de Sisa Inteira”. Porto Alegre, 27 de março de 1976. Pág. 3.
- “O Batuque Proibido”. Porto Alegre, 03 de abril de 1976. Pág. 3.
- “As Posturas e o Negro”. Porto Alegre, 10 de abril de 1976. Pág. 3.
- “O Negro e a Legislação do Império”. Porto Alegre, 24 de abril de 1976. Pág. 3.
- “Os Estudos Literários de Oliveira Lima”. Porto Alegre, 1º de maio de 1976. Pág. 3.
- “Escola de Democracia?”. Porto Alegre, 08 de maio de 1976. Pág. 3.
- “Fome de Terra (I)”. Porto Alegre, 15 de maio de 1976. Pág. 3.
- “Fome de Terra (II)”. Porto Alegre, 22 de maio de 1976. Pág. 3.
- “Fome de Terra (III)”. Porto Alegre, 29 de maio de 1976. Pág. 3.
- “De Nicolau Dreys ao ‘Antônio Chimango’”. Porto Alegre, 05 de junho de 1976. Pág. 3.
- “O ‘Mea-Culpa’ do Filósofo”. Porto Alegre, 12 de junho de 1976. Pág. 3.
- “Dois Quadros”. Porto Alegre, 19 de junho de 1976. Pág. 3.
- “Camões e a Realidade Vivida (I)”. Porto Alegre, 26 de junho de 1976. Pág. 3.
- “Camões e a Realidade Vivida (II)”. Porto Alegre, 03 de julho de 1976. Pág. 3.
- “Camões e a Realidade Vivida (III)”. Porto Alegre, 17 de julho de 1976. Pág. 3.
- “Camões e a Realidade Vivida (IV)”. Porto Alegre, 07 de agosto de 1976. Pág. 3.
- “Juca, o Letrado”. Porto Alegre, 14 de agosto de 1976. Pág. 3.
- “Tetralogia do Homem Nu”. Porto Alegre, 10 de julho de 1976. Pág. 3.
- “Carmen e Capitu”. Porto Alegre, 24 de julho de 1976. Pág. 3.
- “O Poeta e o Poema”. Porto Alegre, 31 de julho de 1976. Pág. 3.
- “As Cartas de Maneco”. Porto Alegre, 21 de agosto de 1976. Pág. 3.
- “Um Conceito de Literatura Nacional”. Porto Alegre, 04 de setembro de 1976. Pág. 3.
- “Peço aos Catarinenses...”. Porto Alegre, 11 de setembro de 1976. Pág. 3.
- “A Viagem a Massambu”. Porto Alegre, 18 de setembro de 1976. Pág. 3.

- “Sem Título”. Porto Alegre, 25 de setembro de 1976. Pág. 3.
- “Voltando a Massambu”. Porto Alegre, 02 de outubro de 1976. Pág. 3.
- “Poesia Negro-Africana”. Porto Alegre, 09 de outubro de 1976. Pág. 3.
- “Um Companheiro”. Porto Alegre, 16 de outubro de 1976. Pág. 3.
- “Construção do Canto”. Porto Alegre, 06 de novembro de 1976. Pág. 3.
- “Assis Brasil debaixo do Lápis”. Porto Alegre, 23 de outubro de 1976. Pág. 3.
- “Moog aos Setenta”. Porto Alegre, 30 de outubro de 1976. Pág. 3.
- “Contrabandistas e Flibusteiros”. Porto Alegre, 13 de novembro de 1976. Pág. 3.
- “Poetas do Senegal”. Porto Alegre, 20 de novembro de 1976. Pág. 3.
- “Entre o Monopólio Espanhol e o Imperialismo Inglês”. Porto Alegre, 27 de novembro de 1976. Pág. 3.
- “O Contrabando e o Estatuto Colonial”. Porto Alegre, 04 de dezembro de 1976. Pág. 3.
- “Contrabando e Nacionalidade”. Porto Alegre, 11 de dezembro de 1976. Pág. 3.
- “Ribeiro Couto em Portugal”. Porto Alegre, 18 de dezembro de 1976. Pág. 3.
- “Três Poemas”. Porto Alegre, 25 de dezembro de 1976. Pág. 3.
- “Dilema Farrapo: Contrabando ou Morte”. Porto Alegre, 1º de janeiro de 1977. Pág. 3.
- “O Contrabando e os Farrapos”. Porto Alegre, 08 de janeiro de 1977. Pág. 3.
- “O Incidente de São Frutuoso”. Porto Alegre, 15 de janeiro de 1977. Pág. 3.
- “O Contrabando em Fins do Século XIX”. Porto Alegre, 22 de janeiro de 1977. Pág. 3.
- “Os Gaúchos e a Crise Uruguaia de 1890”. Porto Alegre, 29 de janeiro de 1977. Pág. 3.
- “O Porto de Rio Grande e o Contrabando”. Porto Alegre, 05 de fevereiro de 1977. Pág. 3.
- “Pecuária e Contrabando”. Porto Alegre, 12 de fevereiro de 1977. Pág. 3.
- “O Contrabando dos Anos 30”. Porto Alegre, 19 de fevereiro de 1977. Pág. 3.
- “Um Plano de Cultura para a Capital”. Porto Alegre, 26 de fevereiro de 1977. Pág. 3.
- “O Sesquicentenário Farrapo”. Porto Alegre, 05 de março de 1977. Pág. 3.
- “O Arquivo do Conde”. Porto Alegre, 12 de março de 1977. Pág. 3.
- “Os Enjeitados”. Porto Alegre, 19 de março de 1977. Pág. 3.
- “Uma Edição Necessária”. Porto Alegre, 26 de março de 1977. Pág. 3.
- “Intemporal”. Porto Alegre, 02 de abril de 1977. Pág. 3.
- “Viajante Aprendiz”. Porto Alegre, 16 de abril de 1977. Pág. 3.
- “Literatura Viva em Portugal”. Porto Alegre, 23 de abril de 1977. Pág. 3.
- “Reparando Injustiças”. Porto Alegre, 30 de abril de 1977. Pág. 3.
- “É abril”. Porto Alegre, 07 de maio de 1977. Pág. 3.
- “O ‘Estrangeiro Mau’”. Porto Alegre, 14 de maio de 1977. Pág. 3.
- “Azorín à Janela”. Porto Alegre, 21 de maio de 1977. Pág. 3.
- “Ensaio Contra Babel”. Porto Alegre, 28 de maio de 1977. Pág. 3.
- “Socorro de Aflitos”. Porto Alegre, 04 de junho de 1977. Pág. 3.
- “Henrique, o Editor”. Porto Alegre, 11 de junho de 1977. Pág. 3.
- “Ao Calor da Ideia”. Porto Alegre, 18 de junho de 1977. Pág. 3.
- “Voltando à ‘Ideia Nova’”. Porto Alegre, 25 de junho de 1977. Pág. 3.
- “Da Ideia à Palavra”. Porto Alegre, 02 de julho de 1977. Pág. 3.
- “Álbum de Moça”. Porto Alegre, 09 de julho de 1977. Pág. 3.
- “‘Tu hoje és impossível’”. Porto Alegre, 23 de julho de 1977. Pág. 3.
- “O Tempo deu, o Tempo acaba”. Porto Alegre, 30 de julho de 1977. Pág. 3.
- “João de Deus e Augusto dos Anjos”. Porto Alegre, 06 de agosto de 1977. Pág. 3.
- “Graves e Fúteis”. Porto Alegre, 13 de agosto de 1977. Pág. 3.
- “Augusto dos Anjos e os Parnasianos”. Porto Alegre, 20 de agosto de 1977. Pág. 3.
- “Poesia Concreta”. Porto Alegre, 27 de agosto de 1977. Pág. 3.
- “Mitologia Política”. Porto Alegre, 03 de setembro de 1977. Pág. 3.

- “Do Fundo da Gripe”. Porto Alegre, 10 de setembro de 1977. Pág. 3.
- “O Latifundiário e o Patriciado Gaúcho”. Porto Alegre, 17 de setembro de 1977. Pág. 3.
- “Problemas Inculturais Brasileiros”. Porto Alegre, 24 de setembro de 1977. Pág. 3.
- “Os Farrapos e a Documentação Manuscrita”. Porto Alegre, 1º de outubro de 1977. Pág. 3.
- “Bestas, Aves e Peixes”. Porto Alegre, 08 de outubro de 1977. Pág. 3.
- “O último Nobel de Literatura”. Porto Alegre, 15 de outubro de 1977. Pág. 3.
- “Adolescentes em Pânico”. Porto Alegre, 22 de outubro de 1977. Pág. 3.
- “Uma Instituição Crítica”. Porto Alegre, 29 de outubro de 1977. Pág. 3.
- “A ‘Certidão de Idade’ do Rio Grande”. Porto Alegre, 05 de novembro de 1977. Pág. 3.
- “Os Primeiros Dias do ‘Presídio’”. Porto Alegre, 12 de novembro de 1977. Pág. 3.
- “O ‘Presídio’ e a Pecuária Aventurosa”. Porto Alegre, 19 de novembro de 1977. Pág. 3.
- “O Regimento da Courama”. Porto Alegre, 26 de novembro de 1977. Pág. 3.
- “Um Precursor de Lobato”. Porto Alegre, 03 de dezembro de 1977. Pág. 3.
- “Tapes e Minuanos no Rio Grande de São Pedro”. Porto Alegre, 10 de dezembro de 1977. Pág. 3.
- “Outras Pegadas do Índio”. Porto Alegre, 17 de dezembro de 1977. Pág. 3.
- “O Livreiro Paula Brito e seu Tipógrafo Glorioso”. Porto Alegre, 24 de dezembro de 1977. Pág. 3.
- “Democracia e Literatura”. Porto Alegre, 07 de janeiro de 1978. Pág. 3.
- “Tempo Livre para a Poesia”. Porto Alegre, 14 de janeiro de 1978. Pág. 3.
- “Fénelon em Porto Alegre”. Porto Alegre, 21 de janeiro de 1978. Pág. 3.
- “Silva Pais num Códice Coimbra”. Porto Alegre, 28 de janeiro de 1978. Pág. 3.
- “Silva Pais, Homem do Povo”. Porto Alegre, 04 de fevereiro de 1978. Pág. 3.
- “Carpeaux”. Porto Alegre, 11 de fevereiro de 1978. Pág. 3.
- “Metastásio em Dois Tempos”. Porto Alegre, 18 de fevereiro de 1978. Pág. 3.
- “Difusão de Metastásio”. Porto Alegre, 25 de fevereiro de 1978. Pág. 3.
- “Metastásio no Brasil”. Porto Alegre, 04 de março de 1978. Pág. 3.
- “Comédias Portuguesas no Rio Grande do São Pedro (1750)”. Porto Alegre, 11 de março de 1978. Pág. 3.
- “O Negro em Questão”. Porto Alegre, 18 de março de 1978. Pág. 3.
- “O ‘Vago’ em Debate”. Porto Alegre, 1º de abril de 1978. Pág. 3.
- “Poesia de Madagascar”. Porto Alegre, 08 de abril de 1978. Pág. 3.
- “Sonho de Borges”. Porto Alegre, 15 de abril de 1978. Pág. 3.
- “Surpresas do Cancioneiro”. Porto Alegre, 29 de abril de 1978. Pág. 3.
- “Ainda o Cancioneiro Gaúcho”. Porto Alegre, 06 de maio de 1978. Pág. 3.
- “O Cavalo no Cancioneiro Gaúcho”. Porto Alegre, 13 de maio de 1978. Pág. 3.
- “O Cavalo na Poesia Culta”. Porto Alegre, 20 de maio de 1978. Contracapa.
- “Cavalhada em Desfile”. Porto Alegre, 27 de maio de 1978. Pág. 3.
- “Último Pousa”. Porto Alegre, 03 de junho de 1978. Pág. 3.
- “De Camões a Mário Quintana”. Porto Alegre, 10 de junho de 1978. Pág. 3.
- “Como o Sol pela Vidraça”. Porto Alegre, 17 de junho de 1978. Pág. 3.
- “Pelo Ar”. Porto Alegre, 24 de junho de 1978. Pág. 3.
- “Uma Ideia Viva”. Porto Alegre, 1º de julho de 1978. Pág. 3.
- “História ou Antropologia Cultural”. Porto Alegre, 08 de julho de 1978. Pág. 3.
- “Elogio do Folhetim e da Telenovela”. Porto Alegre, 15 de julho de 1978. Pág. 3.
- “Medicina e Literatura”. Porto Alegre, 22 de julho de 1978. Pág. 3.
- “Em Louvor, Prosaico, da Poesia”. Porto Alegre, 29 de julho de 1978. Pág. 3.
- “Um Escritor”. Porto Alegre, 05 de agosto de 1978. Pág. 3.
- “Assunto Inesgotável”. Porto Alegre, 12 de agosto de 1978. Pág. 3.

- “Saudades do ‘Herói’”. Porto Alegre, 19 de agosto de 1978. Pág. 3.
- “José de Saldanha”. Porto Alegre, 26 de agosto de 1978. Pág. 3.
- “O Numeroso Pinto Bandeira”. Porto Alegre, 02 de setembro de 1978. Pág. 3.
- “Alphonsus de Guimaraens no Almanaque de Ferreira Rodrigues”. Porto Alegre, 09 de setembro de 1978. Pág. 3.
- “Outros Mineiros no Almanaque”. Porto Alegre, 16 de setembro de 1978. Pág. 3.
- “Alphonsus de Guimaraens no ‘Almanaque’”. Porto Alegre, 23 de setembro de 1978. Pág. 3.
- “O Obstinado Osman Lins”. Porto Alegre, 30 de setembro de 1978. Pág. 3.
- “Elesbão, os Candidatos e a Vida”. Porto Alegre, 07 de outubro de 1978. Pág. 3.
- “Posição de Alcides Maya”. Porto Alegre, 14 de outubro de 1978. Pág. 3.
- “A Palavra Farroupilha”. Porto Alegre, 21 de outubro de 1978. Pág. 3.
- “O MARGS em Nova Casa”. Porto Alegre, 28 de outubro de 1978. Pág. 3.
- “Nanetto Pipetta”. Porto Alegre, 04 de novembro de 1978. Pág. 3.
- “Filosofia e Compreensão Mútua”. Porto Alegre, 11 de novembro de 1978. Pág. 3.
- “Magra, mas não muito, as Pernas Sólidas, Morena”. Porto Alegre, 18 de novembro de 1978. Pág. 3.
- “França, ‘Garçon’, Ideal da Gente”. Porto Alegre, 25 de novembro de 1978. Pág. 3.
- “Para não Esquecer”. Porto Alegre, 02 de dezembro de 1978. Pág. 3.
- “Indefinição/Definição de Eduardo Guimaraens”. Porto Alegre, 16 de dezembro de 1978. Pág. 3.
- “Aditamento Indispensável”. Porto Alegre, 23 de dezembro de 1978. Pág. 3.
- “Caçada Nacional à ‘Divina Pastora’”. Porto Alegre, 30 de dezembro de 1978. Pág. 3.
- “Moysés Vellinho e o Nacionalismo Gaúcho”. Porto Alegre, 06 de janeiro de 1979. Pág. 3.
- “A Estética das Praias”. Porto Alegre, 13 de janeiro de 1979. Pág. 3.
- “Depoimento sobre o Ciclo de Cataguases”. Porto Alegre, 20 de janeiro de 1979. Pág. 3.
- “IEL – 25 anos”. Porto Alegre, 27 de janeiro de 1979. Pág. 3.
- “Os Curtas em Gramado”. Porto Alegre, 10 de fevereiro de 1979. Pág. 3.
- “O Dicionário de Ari Martins”. Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1979. Pág. 3.
- “Demétrio Ribeiro e a Primeira República (I)”. Porto Alegre, 03 de março de 1979. Pág. 3.
- “Demétrio Ribeiro e a Primeira República (II)”. Porto Alegre, 10 de março de 1979. Pág. 3.
- “Demétrio Ribeiro e a Primeira República (III)”. Porto Alegre, 17 de março de 1979. Pág. 3.
- “Demétrio e Miguel Lemos”. Porto Alegre, 24 de março de 1979. Pág. 3.
- “Araújo Ribeiro, Discípulo de Darwin”. Porto Alegre, 24 de março de 1979. Pág. 11.
- “Francisco Inácio Peixoto”. Porto Alegre, 31 de março de 1979. Pág. 3.
- “De ‘Faraute’ a ‘Frauteiro’”. Porto Alegre, 07 de abril de 1979. Pág. 3.
- “Por Fora e Por Dentro dos Autos”. Porto Alegre, 21 de abril de 1979. Pág. 3.
- “Crítica Literária e Ensino de Literatura”. Porto Alegre, 28 de abril de 1979. Pág. 3.
- “O Fatigado Metódico”. Porto Alegre, 05 de maio de 1979. Pág. 3.
- “Silva de Sílvia”. Porto Alegre, 12 de maio de 1979. Pág. 3.
- “A Reedição da ‘Verde’”. Porto Alegre, 19 de maio de 1979. Pág. 3.
- “Compreender o Irã?”. Porto Alegre, 26 de maio de 1979. Pág. 3.
- “Sinto a Falta, em Camões”. Porto Alegre, 09 de junho de 1979. Pág. 3.
- “Realidade e Transcendência”. Porto Alegre, 16 de junho de 1979. Pág. 3.
- “Paulo Correa Lopes e a Literatura Infantil”. Porto Alegre, 23 de junho de 1979. Pág. 3.
- “Fogo Cruzado”. Porto Alegre, 30 de junho de 1979. Pág. 3.

- “Nacionalismo e Regionalismo”. Porto Alegre, 07 de julho de 1979. Pág. 3.
- “Do Binóculo ao Umbu”. Porto Alegre, 14 de julho de 1979. Pág. 3.
- “Um Homem da Geração de ‘Clima’”. Porto Alegre, 21 de julho de 1979. Pág. 3.
- “Contraponto Social de Carlos Gomes”. Porto Alegre, 28 de julho de 1979. Pág. 3.
- “Estudinho Camiliano (I)”. Porto Alegre, 04 de agosto de 1979. Pág. 3.
- “Estudinho Camiliano (II)”. Porto Alegre, 11 de agosto de 1979. Pág. 3.
- “A Filha do Doutor Negro (I)”. Porto Alegre, 18 de agosto de 1979. Pág. 3.
- “A Filha do Doutor Negro (II)”. Porto Alegre, 25 de agosto de 1979. Pág. 3.
- “A Cronologia do Dr. Beltrão”. Porto Alegre, 1º de setembro de 1979. Pág. 3.
- “Fichas de Leitor Comum”. Porto Alegre, 15 de setembro de 1979. Pág. 3.
- “O Governo provincial de 1822”. Porto Alegre, 22 de setembro de 1979. Pág. 3.
- “Os Índios de Saint-Hilaire”. Porto Alegre, 29 de setembro de 1979. Pág. 3.
- “Saint Hilaire Entre os Índios”. Porto Alegre, 06 de outubro de 1979. Pág. 3.
- “Saint-Hilaire e a Sobrevivência do Índio”. Porto Alegre, 13 de outubro de 1979. Pág. 3.
- “A ‘Experiência do Recato’”. Porto Alegre, 20 de outubro de 1979. Pág. 3.
- “Política do Livro”. Porto Alegre, 27 de outubro de 1979. Pág. 3.
- “Demanda e Distribuição”. Porto Alegre, 10 de novembro de 1979. Pág. 3.
- “Fontes Primárias da História Gaúcha”. Porto Alegre, 17 de novembro de 1979. Pág. 3.
- “Verbete para um Dicionário”. Porto Alegre, 25 de novembro de 1979. Pág. 3.
- “Verbete para um Dicionário”. Porto Alegre, 1º de dezembro de 1979. Pág. 3.
- “Cartas de um Farrapo”. Porto Alegre, 08 de dezembro de 1979. Pág. 3.
- “Machado de Assis e a Filantropia”. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1979. Pág. 3.
- “Dois Lançamentos”. Porto Alegre, 22 de dezembro de 1979. Pág. 3.
- “Araújo Porto Alegre ou a Natureza Estilizada”. Porto Alegre, 29 de dezembro de 1979. Pág. 3.
- “Viramundo”. Porto Alegre, 05 de janeiro de 1980. Pág. 3.
- “Barco de Papel”. Porto Alegre, 12 de janeiro de 1980. Pág. 3.
- “Entre dois Fogos”. Porto Alegre, 19 de janeiro de 1980. Pág. 3.
- “Uma Trilogia”. Porto Alegre, 26 de janeiro de 1980. Pág. 3.
- “A Fotografia na Parede”. Porto Alegre, 02 de fevereiro de 1980. Pág. 3.
- “Antecedentes do Rio de São Pedro”. Porto Alegre, 09 de fevereiro de 1980. Pág. 3.
- “Antecedentes da Ocupação do Rio de São Pedro”. Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1980. Pág. 3.
- “Antecedentes da Ocupação do Rio de São Pedro”. Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1980. Pág. 3.
- “Flores da Cunha, Após o Exílio”. Porto Alegre, 1º de março de 1980. Pág. 3.
- “O Mundo Emocionante...”. Porto Alegre, 08 de março de 1980. Pág. 3.
- “Boa Sorte do Poeta”. Porto Alegre, 15 de março de 1980. Pág. 3.
- “O Perfume dos Negócios”. Porto Alegre, 22 de março de 1980. Pág. 3.
- “Raízes Coloniais do Capitalismo”. Porto Alegre, 29 de março de 1980. Pág. 3.
- “A Imigração e a Sociedade Auxiliadora”. Porto Alegre, 12 de abril de 1980. Pág. 3.
- “Mestre Alcides Cruz”. Porto Alegre, 19 de abril de 1980. Pág. 3.
- “Enfim, o ‘Popularium’”. Porto Alegre, 26 de abril de 1980. Pág. 3.
- “O Fecho de uma Biografia”. Porto Alegre, 03 de maio de 1980. Pág. 3.
- “A Novela do ‘Hino Rio-Grandense’”. Porto Alegre, 10 de maio de 1980. Pág. 3.
- “O Escambo no Litoral”. Porto Alegre, 17 de maio de 1980. Pág. 3.
- “Nota para o Estudo do Trabalho”. Porto Alegre, 24 de maio de 1980. Pág. 3.
- “Trabalho e Latifúndio”. Porto Alegre, 31 de maio de 1980. Pág. 3.
- “Fabuloso, Verdadeiro”. Porto Alegre, 07 de junho de 1980. Pág. 3.
- “O Trabalho na Depressão Central”. Porto Alegre, 14 de junho de 1980. Pág. 3.

- “Qorpo-Santo Balanceado”. Porto Alegre, 21 de junho de 1980. Pág. 3.
- “A Antologia de Cada Um”. Porto Alegre, 28 de junho de 1980. Pág. 3.
- “Memorialismo e Poesia”. Porto Alegre, 12 de julho de 1980. Pág. 3.
- “O Mais Mineiro dos Livros Mineiros e Notícias do Sucuriú”. Porto Alegre, 19 de julho de 1980. Pág. 3.
- “A Unidade Linguística do Brasil”. Porto Alegre, 26 de julho de 1980. Pág. 3.
- “Para ser Admirado”. Porto Alegre, 02 de agosto de 1980. Pág. 3.
- “Antes da Era Industrial”. Porto Alegre, 09 de agosto de 1980. Pág. 3.
- “Onde o Trabalho Ferve”. Porto Alegre, 16 de agosto de 1980. Pág. 3.
- “Objeto de Luxo”. Porto Alegre, 23 de agosto de 1980. Pág. 3.
- “Ainda o Livro”. Porto Alegre, 30 de agosto de 1980. Pág. 3.
- “Surpresas do Baú”. Porto Alegre, 06 de setembro de 1980. Pág. 3.
- “Entre o Rio e Leopoldina”. Porto Alegre, 13 de setembro de 1980 de 1980. Pág. 3.
- “Críticas da Razão Tupiniquim”. Porto Alegre, 20 de setembro de 1980. Pág. 3.
- “Diálogo – Tal e Qual – sobre o Teatro Brasileiro”. Porto Alegre, 27 de setembro de 1980. Pág. 3.
- “Os Desertos da Campanha”. Porto Alegre, 11 de outubro de 1980. Pág. 3.
- “Leitura de Prazer”. Porto Alegre, 25 de outubro de 1980. Pág. 3.
- “Diagnóstico e Remédio”. Porto Alegre, 1º de novembro de 1980. Pág. 3.
- “Três Viagens”. Porto Alegre, 08 de novembro de 1980. Pág. 3.
- “É Uma Pedra, Uma Pedra é Uma Pedra”. Porto Alegre, 15 de novembro de 1980. Pág. 3.
- “Octavio de Faria”. Porto Alegre, 22 de novembro de 1980. Pág. 3.
- “Literatura \$ Cifrão”. Porto Alegre, 29 de novembro de 1980. Pág. 3.
- “Últimos Estudos de Literatura Brasileira”. Porto Alegre, 06 de dezembro de 1980. Pág. 3.
- “Atualidade de Veríssimo”. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1980. Pág. 3.
- “Semana Cheia”. Porto Alegre, 20 de dezembro de 1980. Pág. 3.
- “O ‘Adelantado’ Cabeza de Vaca”. Porto Alegre, 27 de dezembro de 1980. Pág. 3.
- “Notas para Desenvolver”. Porto Alegre, 03 de janeiro de 1981. Pág. 5.
- “Quingumbo”. Porto Alegre, 10 de janeiro de 1981. Pág. 5.

6.1.2-Colaboração em outros periódicos

6.1.2.1- Província de São Pedro

"Época, merecimento e influência de 'Antônio Chimango'". Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1946. nº 6. Pág. 135-140.

Coluna "Livros e Idéias". Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1946. nº 6. Pág. 161-169.

Coluna "Livros e Idéias". Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1947. nº 10. Pág. 147-154.

6.1.2.2-Revista O GLOBO (Seção Guilhermino Cesar)

“Números e letras”. 10 de dezembro a 23 de dezembro de 1960. Nº 783. Pág. 17

- “O mamede”. 24 de dezembro a 6 de janeiro de 1961. Nº 784. Pág. 17
- “Teoria do encabeçamento”. 7 de janeiro a 20 de janeiro de 1961. Nº 785. Pág. 17
- “Convite ao esquecimento”. 21 de janeiro a 3 de fevereiro de 1961. Nº 786. Pág. 35
- “O Negus e o diamantinense”. 4 de fevereiro a 17 de fevereiro de 1961. Nº 787. Pág. 35
- “O condicionado”. 18 de fevereiro a 3 de março de 1961. Pág. 17
- “Anel no meio das cinzas”. 4 de março a 17 de março de 1961. Pág. 43
- “Um toque de clarim”. 18 de março a 31 de março de 1961. Nº 790. Pág. 65
- “Os pombinhos de Lajeado”. 1º de abril a 14 de abril de 1961. Nº 791. Pág. 71
- “E assim por diante”. 15 de abril a 28 de abril de 1961. Nº 792. Pág. 65
- “Diálogo na Praça da Matriz”. 29 de abril a 12 de maio de 1961. Nº 793. Pág. 16
- “A pretinha, o menino e a rosa”. 13 de maio a 26 de maio de 1961. Nº 794. Pág. 15
- “Teu nome é poesia”. 27 de maio a 9 de junho de 1961. Nº 795. Pág. 39
- “Em Viena, provavelmente”. 10 de junho a 23 de junho de 1961. Nº 796. Pág. 15
- “Rita e Maria”. 24 de junho a 7 de julho de 1961. Nº 797. Pág. 16
- “Turista de arrabalde”. 8 de julho a 21 de julho de 1961. Nº 798. Pág. 39
- “Levando (levado) pela corrente. 22 de julho a 4 de agosto de 1961. Nº 799. Pág. 15

6.1.3- Obra Poética

Verde - Revista de Arte e Cultura. Poemas publicados nos exemplares 1, 2, 3, 4, 5 e número de homenagem a Ascânio Lopes. Cataguases: 1927, 1928, 1929.

Meia-Pataca. Cataguases: “Verde” Editora, 1928. Escrito em parceria com Francisco Inácio Peixoto.

“Deslumbramento”. In *Revista de Antropofagia*, São Paulo, nº5, p. 2, setembro de 1928. Ano 1

Lira Coimbrã e Portulano de Lisboa. Coimbra: Livraria Almedina, 1965. 126 p.

Arte de Matar. Porto Alegre: Edições Galaad, 1969.

Sistema do Imperfeito & Outros Poemas. Porto Alegre: Globo, 1977. 184 p.

Cantos do Canto Chorado. Coordenação por Tânia Franco Carvalhal. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1990. Coletânea de obra editada e inédita. 227 p.

6.1.4- Outros textos (em ordem cronológica)¹³⁹

Sul (romance). Rio de Janeiro: José Olympio. 1939. 224 p.

Transformações sociais e econômicas do presente (separata - contribuição à 5ª Semana das Ações Sociais no Brasil). Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1944.

O criador do romance no Rio Grande do Sul, José Antonio do Caldre e Fião: A Divina Pastora e O corsário, qualidades de sua prosa. In: *Fundamentos da cultura sul-riograndense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1955. 215 p.

História da Literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1956 (2. ed. 1971)

Araújo Porto Alegre: dois estudos. Porto Alegre: Secretaria da Cultura, 1957. 59 p. Parceria com GUIDO, Ângelo.

Raízes históricas do Rio Grande do Sul. In: *Rio Grande do Sul, terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964. Pág. 13-24

O barroco e a crítica literária no Brasil. In: *Atas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Coimbra: Tempo Brasileiro, 1965. / Rio de Janeiro: Gráfica Editora Livro S. A. Ano II, nº 6, p. 140-152, dezembro de 1963.

Benedetto Croce. CESAR, Guilhermino et alli. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1966. 79 p.

Euclides da Cunha. CESAR, Guilhermino et alli. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1966. 106 p.

O Embuçado do Erval, mito e poesia de Pedro Canga. Porto Alegre: UFRGS, 1968. 117 p.

Bouterwek – os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit, estudo crítico (Tradução da *História da poesia e eloquência portuguesa* na parte referente ao Brasil por Walter Koch). Porto Alegre: Lima, 1968.

Simonde de Sismondi e a literatura brasileira. Tradução e Prefácio de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968.

Resumo da História Literária do Brasil de Ferdinand Denis. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968. 126 p.

¹³⁹ Não incluímos nestas referências textos de Guilhermino Cesar como apresentações e prefácios feitos para livros de outros autores. Para referências completas, ver aquelas apresentadas em *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*, que representam as pesquisas realizadas pela professora Maria do Carmo Campos e seus bolsistas.

Antecedentes da fundação do Rio Grande do Sul. Separata da *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1970. Tomo XIV, p. 319-330.

Qorpo Santo – As Relações Naturais e outras comédias. Fixação do texto, prefácio e notas por Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Movimento / IEL / UFRGS, 1969. (2 ed. 1976)

Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul (1605- 1801): estudos das fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1969. 231 p.

O “brasileiro” na ficção portuguesa: o direito e o avesso de uma personagem-tipo. Lisboa: Parceria A M. Pereira, 1969.

Crônicas semanais publicadas na página 3 dos *Cadernos de Sábado* do Jornal Correio do Povo. Porto Alegre: 1967 a 1982.

João Guimarães Rosa em Família. In: *João Guimarães Rosa*. CESAR et alii, Guilhermino. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia, 1969, p. 10-46.

História do Rio Grande do Sul: período colonial. Porto Alegre: Globo, 1970.

A vida literária. In: *Minas Gerais, terra e povo*. Organização e nota introdutória de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Globo, 1970.

O romance social de Erico Verissimo. In: *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Org. Flávio Loureiro Chaves. Participação de Antonio Candido, Jorge Amado, Donaldo Schüller, Mario Quintana, Jorge Andrade, Lygia Fagundes Telles, Walmir Ayala, Otto Maria Carpeax, Flávio Loureiro Chaves, Tristão de Athayde, Moysés Vellinho, Gilberto Mendonça Teles, Fabio Lucas, Regina Zilberman e Jean Roche. Porto Alegre: Globo, 1972.

José Bonifácio e a edição do morgado de Mateus. Boletim do Gabinete Português de leitura, Porto Alegre: 1972/73. nº 22. p. 129-135

Um depoimento necessário. In: *Simões Lopes Neto na intimidade*, de Simões Lopes B. Massot. Porto Alegre: BELS / IEL, 1974.

O teatro declamado no século XX. In: *O Theatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, DAC/ SEC, 1975, p. 47-150

Historiadores e críticos do Romantismo I: a contribuição européia - crítica e história literária (Seleção e apresentação de Guilhermino Cesar). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/ São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 193 p.

Os verdes da “Verde” (depoimento). In: *Verde*. Edição comemorativa aos 50 anos da Revista. São Paulo: Metal Leve, 1978.

O contrabando no sul do Brasil. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul./ Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço dos Brindes, 1978. 119 p.

Ocupação e diferenciação do espaço. In: *RS: Economia e Política*. Org. José Hildebrando Dacanal e Sergius Gonzaga. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 7-28.

Tempos de ‘Alguma Poesia’. In: *Seminário Carlos Drummond de Andrade: 50 anos de Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1980.

Notícia do Rio Grande: Literatura. Organização e introdução por Tânia Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL; Editora da UFRGS, 1995. Reunião de textos publicados no Correio do Povo – Cadernos de Sábado, 1971 a 1980. 226 p.

A poesia brasileira de 22 até hoje. In: *O livro do seminário: ensaios*. São Paulo: L. R. editores, 1982. 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Org. de Domício Proença Filho. P. 221-249.

Banhados do Rio Grande do Sul, Brasil / Marshes. Poesia de Guilhermino Cesar: 28 poemas sobre fotos de Luiz Claudio Marigo, texto do zoólogo Francisco Luiz Widholzer. Rio de Janeiro: AC & M, 1986. Patrocínio Riocell S. A.

Uma palestra cinematográfica. Canoas: Unilasalle: SMEC, 2001. Organização de Antonio Jesus Pfeil.

6.2-Sobre Guilhermino Cesar

ALBERTONI, Vivian. A poesia de Guilhermino Cesar e a presença do outro: questões surgidas na segunda metade do século XX. *Ao pé da letra: Revista dos alunos de Graduação em Letras*. Recife: UFPE. Volume 2 – dezembro de 2000. pág. 201 a 206

_____. O detalhe e o todo no ‘Sistema do Imperfeito & Outros Poemas’, de Guilhermino Cesar. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: Instituto de Letras. Nº 21/22 – dezembro de 1999. pág. 151 a 156

_____. O detalhe e o todo em ‘Sistema do Imperfeito & Outros Poemas’ de Guilhermino Cesar. Página do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes (promoção das Instituições Federais de Ensino Superior de Minas Gerais e sediado pela UFOP). O texto pode ser encontrado na página da Internet do V Congresso: www.ufop.br/vcongresso

_____. O ‘olhar comum’ versus o olhar do narrador: questões de tempo e simultaneidade no universo rosiano. *Livro de resumos do II Seminário Internacional Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: CESPUC-MG, 2001. Pág. 181.

_____. O poema ‘Animal do tarde’: um caleidoscópio guilherminiano. *Livro de resumos do Colóquio Brasileiro Cecília Meireles & Murilo Mendes (1901-2001)*. Porto Alegre: UFRGS/Instituto de Letras/Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino Cesar, 2001

_____. *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas de Guilhermino Cesar*: encontro e desencontro nas linhas “imperfeitas” da poesia. Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em Letras na UFRGS. Orientação de Maria do Carmo Alves de Campos. Porto Alegre, outubro de 2002. 78 p.

_____. A forma poética refletindo questões da modernidade: uma breve análise. *Anais do II Colóquio Sul de Literatura Comparada*: Encontro ABRALIC 2003. Em CD-ROM. Editora ABRALIC, 2004.

_____. Referência e alusão dentro do Sistema do Imperfeito & Outros Poemas, de Guilhermino Cesar: a riqueza lexical em análise. *Anais do XIV Salão de Iniciação Científica* (publicação de resumo de ensaio apresentado). Em CD-ROM. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. Guilhermino Cesar e o Caderno de Sábado do Correio do Povo. In: Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Pág. 297 a 306.

_____. Guilhermino Cesar e *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*: Sujeito e Linguagem Poética em Tempos de Caos e Massificação. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG- Letras da UFRGS. Orientação de Maria do Carmo Alves de Campos. Porto Alegre, agosto de 2005. 228 p.

ALMEIDA, Marlon de. *Itinerário poético de Guilhermino Cesar*. Tese de Doutorado. Orientação de Maria do Carmo Alves de Campos. UFRGS. Porto Alegre, 2008. 276 f.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Seqüestro de Guilhermino Cesar. In *Amar se aprende amando*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

BEHR, Maria Beatriz Weigert. *A poética do escuro: Uma leitura da poesia de Guilhermino César*. Dissertação de mestrado. Orientação de Tânia Franco Carvalhal. UFRGS. Porto Alegre, 1986. 184 f.

BORDINI, Maria da Glória. *A lira e o alto-falante. Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre: 20 de maio de 1978. P. 8

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMPOS, Maria do Carmo. Lirismo de cá e de lá: travessias poéticas em Guilhermino Cesar. In: *Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces*. Convergência Lusíada, n. 18. Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, 2001. V. 2.

_____. Dez anos sem Guilhermino Cesar. In: *Jornal da Universidade*. Porto Alegre, novembro/dezembro de 2003. p. 11

_____. Para lembrar Guilhermino. In *Caderno de Cultura do Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 06 de dezembro de 2003. p. 2.

_____. Coisas espantosas no tempo de Cataguases. In *Caderno de Cultura do Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 06 de dezembro de 2003. p. 2.

_____. *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte* (org). Porto Alegre: UFRGS, 2010. 392 p.

_____. *Cadernos de Sábado: Páginas Escolhidas – Guilhermino Cesar*. Caxias do Sul: EDUCS, 2008. 440 p.

_____. O poeta no jornal. Introdução ao livro *Guilhermino Cesar*. Caderno de Sábado: Páginas escolhidas. Caxias do Sul: EDUCS, 2008. 440 p.

_____. No rastro de um mestre. Introdução ao livro *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 392 p.

_____. Guilhermino Cesar, a experiência da poesia. In: *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 392 p.

CANDIDO, Antonio. Vário, múltiplo Guilhermino. *Cadernos de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de maio de 1978. P. 7b

CARVALHAL, Tania Franco. A consciência poética. *Cadernos de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de maio de 1978. P.10

_____. Guilhermino Cesar, do efêmero ao presente. In: *Notícia do Rio Grande*. Porto Alegre: IEL/ UFRGS, 1994.

CASTELLO, José Aderaldo. Um historiador da literatura do Rio Grande do Sul. *Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de maio de 1978.

CHAVES, Flávio Loureiro. Poesia da resistência. *Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de maio de 1978.

DACANAL, José Hildebrando. Do passado e do presente. *Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de maio de 1978.

Guilhermino Cesar. 2. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Editora da ULBRA, AGE. 1996. (Autores gaúchos; 13)

LISBOA, Henriqueta. Da lágrima ao sarcasmo. *Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de maio de 1978. P. 9

LUNARDELLI, Fatimarlei. *Quando éramos jovens: História do Clube de Cinema de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (Escritos de Cinema; 5).

TESCHE, Adayr. *A máscara de terra: uma compreensão hermenêutica de Sistema do Imperfeito & outros poemas de Guilhermino Cesar*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, CPG-Letras/ UFRGS, 1984.

TREVISAN, Armindo. Guilhermino Cesar, poeta. *Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de maio de 1978. P. 10

6.3- Referências gerais

- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. 216 p.
- _____. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1988. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Matos Britto de Almeida. 285 p. (Temas: Sociologia e crítica cultural; 64).
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- ASSIS, Machado de. *A Semana*. Porto Alegre/São Paulo/Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1937. 2 v. 445 p. no volume 1 e 447 p. no volume 2.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. Traduções de Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Prefácio de Theodor W. Adorno. 235 p.
- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: Ensaio de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988. 287 p. (Temas; 4).
- _____. *História concisa da Literatura Brasileira*. 32. ed. Revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1977. 220 p.
- _____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. 297 p.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Tradução de Ivo Barroso. 141 p.
- CAMPOS, Maria do Carmo. *A Matéria Prismada*. Porto Alegre: Mercado Aberto / São Paulo: EDUSP, 1999. 308 p.
- _____. Linguagem e silêncio: notas para uma leitura de poesia. In: INDURSKY, Freda & CAMPOS, Maria do Carmo (orgs). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999/2000. 612 p.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio da 1ª edição (1957). In: *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CARPENTER, Edmund e McLUHAN, Marshall (org.). *Revolução na comunicação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. (Vários colaboradores)
- CORUJA, Antônio Alvares Pereira. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1983. Introdução e notas de Sérgio da Costa Franco. 135 p.

- GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977. Colaboração de Pedro Moacyr Campos e Emília Viotti da Costa. 370 p. 2ª ed.
- GOTLIB, Nádia. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998. Tradução de Lawrence Flores Pereira. 319 p. (Coleção Teoria).
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. 2. ed. em português. São Paulo: Mestre Jou, 1972. Tomo II. 1193 p.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d. 598 p.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Tradução de Cid Knipel Moreira. 336 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. 456 p. (Coleção Biblioteca Tempo Universitário; 7).
- MASER, Siegfried. *Fundamentos da teoria geral da comunicação: uma introdução a seus métodos e conceitos, acompanhada de exercícios*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1975. Tradução de Leônidas Hegenberg. Com um comentário acerca da entropia da língua portuguesa e uma lista de obras, em português, da área de comunicação e afins, da autoria do Tradutor. 241 p.
- McLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem: understanding media*. São Paulo, Cultrix, 1971. 407 p.
- MERQUIOR, José Guilherme. *A astúcia da mimese (ensaios sobre lírica)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. 227 p.
- NORDIN, Nei Marcos Aibar. *‘Moço que tal faz, coração tem decerto para mais’: O ideal de cavalaria na obra de Fernão Lopes na construção do personagem Nuno Álvares Pereira*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. 2001.139 p.
- PAZ, Octavio. *El arco y la lira: el poema, la revelación poética, poesía e Historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. 6ª reimpressão da 3ª edição. 307 p.
- _____. *Cuadrivio: Darío, López Velarde, Pessoa, Cernuda*. 2. ed. México: Joaquín Mortiz, 1969. 203 p. (Del Volador).
- _____. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984. Tradução de Olga Savary.
- PIGNATARI, Decio. *Informação. Linguagem. Comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1969. 144 p. (Debates: Comunicação; 2).

ROSENTHAL, Raymond. *McLuhan: Pro & Contra: ensayos*. Caracas: Monte Avila, 1969. Versão para a Língua Catelhana por Mario Giacchino. 335 p. (Coleccion Prisma)

STEINER, George. *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.183 p.

_____. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 361 p.

ANEXO I: A TRAMA POSTA EM EVIDÊNCIA

A tarefa é gigantesca? Sim, mas por isso mesmo sedutora.

(O Direito do Leitor,
1972)

Quando começamos o trabalho com o conjunto de artigos escritos por Guilhermino Cesar para o Caderno de Sábado, logo se fez necessário construir uma base de referências que desse conta da totalidade dos textos. Fizemos, então, uma grande listagem que incluiu, com critérios estritamente cronológicos, cada texto, seu título, sua data e uma concisa descrição de seu conteúdo.

À medida em que o trabalho avançava e a utilidade dessa listagem era amplamente comprovada, surgiu o desejo de registrar nela as múltiplas correlações, tendências e eixos temáticos que se manifestavam durante o exercício da leitura. Pareceu-nos que a própria observação da listagem oferecia evidências de sua organicidade: os períodos em que determinadas temáticas se destacavam, a forma inovadora de alguns artigos, os anos em que certas características eram mais evidentes; tudo isso pedia registro e análise.

Por essa razão, acabamos construindo, em paralelo aos três eixos de análise já desenvolvidos nos capítulos anteriores, uma espécie de *capítulo-síntese*, cujo objetivo é colocar em evidência, de forma esquemática e sucinta, as tendências observadas nos capítulos precedentes (História gaúcha, Literatura e História do presente), a maneira como se desenvolvem, incluindo algumas relações com o restante da obra de Guilhermino Cesar, e alguns dos desenvolvimentos estilísticos e temáticos que vão aparecendo no decorrer dos dez anos de colaboração. Destacamos temáticas recorrentes entre os artigos, elementos que evidenciam laços com a obra poética e com outras vertentes dos escritos de Guilhermino, eventuais questões biográficas que mostrem relevância para a compreensão dos artigos, e comentários que julgamos esclarecedores.

A forma deste capítulo difere bastante dos demais, até por sua natureza mais interrelacional do que explanatória. Os artigos estão divididos em três grupos: o primeiro traz as publicações esparsas, realizadas antes da colaboração fixa. Os dois seguintes dividem a colaboração fixa semanal em um período anterior, de caráter bastante engajado e até agressivo, e um período posterior, de tom mais ameno. Cada divisão dessas três possui uma apresentação que a esclarece.

O período anterior à colaboração fixa apresenta os artigos agrupados por temáticas, enquanto a colaboração fixa é dividida em anos; cada ano tem seus artigos, em ordem de publicação, com data, título e geralmente dois parágrafos: o primeiro, sempre presente, descreve o artigo; o segundo, comenta-o e relaciona-o a outros artigos, obras ou temáticas de Guilhermino Cesar. Textos sem espaço entre si pertencem a uma mesma temática e/ou são sequências de estudos. Ao fim de cada ano, um quadro contém um comentário que resume as principais tendências observadas.

O leitor poderá percorrer essas páginas de acordo com a sua curiosidade e interesse pelos detalhamentos disponíveis. A intenção não é expor exhaustivamente esta produção de jornal – o que não seria cabível aqui – , mas disponibilizar, de forma ordenada, aquilo que observamos em nossa trajetória de trabalho: partindo de um plano descritivo, comentamos a forma como os padrões da trama aparecem a se estabelecem; como as linhas se combinam e recombinaem em diferentes formas. O olhar interpretativo permite que algumas tramas, veladas pela extensão do tempo e do espaço, possam emergir e evidenciar o brilho que o perfil singular de Guilhermino Cesar suporta – é sua face de intelectual múltiplo a garantia de um conjunto de trabalhos variados e qualificados.

Algumas das correlações apontadas neste capítulo retomarão pontos já discutidos no trabalho, outras serão mencionadas mas não levadas a toda a extensão que seria possível, ficando como indicação de possibilidades de pesquisa. Uma coisa que aprendemos com o professor Guilhermino é que sempre vale a pena apontar os caminhos, ainda mais se nós mesmos não pudermos trilhá-los no momento.

I.1-Antes de 1971

Entre 1967 e 1968, Guilhermino Cesar colaborou esporadicamente para o Caderno de Sábado. Pode-se considerar que essa contribuição é constituída por duas séries e um texto individual.

Blair e a Literatura Brasileira, a 18 de novembro de 1967, e *Blair, os mortos e os vivos* a 25 de novembro do mesmo ano. Ambos os textos tratam da importância do escritor inglês, nem sempre muito reconhecida por aqueles que fazem Historiografia da Literatura nacional.

Minha participação no 'caso' Qorpo-Santo. Trata-se de uma sequência de seis textos, publicados nas seguintes datas: 17, 24 e 31 de agosto, e 07, 14 e 21 de setembro de 1968. Os textos descrevem as ações de Guilhermino Cesar junto à obra do dramaturgo gaúcho,

sua revalorização, organização e publicação. O objetivo dos artigos é demonstrar a seriedade do trabalho desenvolvido, rebatendo algumas críticas surgidas na época, de que o professor teria se aproveitado de material de pesquisa de outrem.

O 'brasileiro' na ficção portuguesa, publicado a 19 de outubro de 1968, inaugura a exposição das pesquisas de Guilhermino Cesar a respeito desse tema, e que seriam desenvolvidas nos anos posteriores e devidamente difundidas através dos artigos no jornal e de sua publicação em livro.

I.2-1971 a 1977

Começa em 1971 a contribuição fixa semanal para o Caderno de Sábado¹⁴⁰. Consideramos esse primeiro período, que vai da estreia a 1977 – ano de publicação de *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas* – como pleno de engajamento na defesa dos ideais humanistas. Pode-se mesmo afirmar que o tom percebido no livro de poemas (acre e provocador) é o mesmo encontrado nos artigos. A impressão que temos é de que, sendo a poesia e os artigos moldados ao mesmo tempo, ambos teriam um diálogo, em termos formais e temáticos, bastante intenso.

Seguem os artigos divididos por ano, com a data de publicação e o título, um parágrafo descritivo identificado por um asterisco inicial e comentários nossos em parágrafo seguinte.

1971 – O ano de estreia

15 de maio: As Últimas Confissões de José Régio.

*Comentários a respeito do prefácio escrito por José Régio, pouco antes de morrer, para a reedição de 'Poemas de Deus e do Diabo'.

José Régio é um dos grandes expoentes da Literatura Portuguesa do século XX, na opinião de Guilhermino Cesar, e sempre que possível ele retoma a sua obra. Tornar-se-á evidente, no decorrer das publicações, o quanto lhe interessava resgatar o interesse dos brasileiros pela Literatura Portuguesa, desfazendo ideias errôneas como a de que a Literatura Lusa só contava com Camões e Fernando Pessoa, e nada de valor haveria nas últimas décadas.

22 de maio: Do 'Madamismo' ao Naturalismo.

*Comentários em torno da crítica literária e das escolas presentes no cenário intelectual brasileiro na segunda metade do século XIX.

É o começo de uma das grandes tendências nas colaborações de Guilhermino Cesar – o debate relacionado à crítica literária e à historiografia brasileira.

¹⁴⁰ Durante o período em que nosso grupo de pesquisadores teve acesso à correspondência do professor, que está guardada no Instituto Estadual do Livro, encontramos menções a um contrato entre Guilhermino e o *Correio do Povo*. O próprio Guilhermino Augusto, seu filho, explicou-nos que a confecção dos artigos semanais era regida por contrato.

Provavelmente, sua importância como professor e crítico de Literatura criavam uma certa expectativa de que o tema estaria presente em seus artigos para jornal. Até porque, não se pode esquecer, alguns de seus primeiros escritos no Caderno de Sábado se dera por ocasião de uma polêmica literária, o “Caso Qorpo-Santo”¹⁴¹.

29 de maio: Zola, Machado e Romero.

*Análise dos escritos de Silvio Romero.

Mais uma vez, a retomada de críticos brasileiros. Dessa vez, destaque para Sílvio Romero e sua grande influência durante o auge de Machado de Assis, e o conflito resultante de suas convicções deterministas, em contraste com a obra machadiana. Esse texto traz para o público-leitor um dos debates mais interessantes da Historiografia brasileira.

05 de junho: O Sempre Novo.

*Análise de livro publicado a respeito da obra de Eça de Queiroz e de sua relação com a obra de Machado de Assis.

Um artigo que se dedica à articulação das literaturas de Brasil e Portugal, missão para a qual era necessário vencer uma série de preconceitos de ordem nacionalista. Também se pode destacar a busca por novas relações entre obras já bastante conhecidas. O leitor de jornal passa a ser beneficiado pelo espírito de pesquisa do autor do artigo.

19 de junho: Conversa de Lobisomem.

*Análise do livro homônimo de José Cândido de Carvalho, por ocasião de sua admissão na Academia Brasileira de Letras.

26 de junho: Romance-Dilema, ou o Que Seja.

*Comentários sobre o então recém lançado romance *Cem Anos de Solidão*.

A análise de obras que, por alguma razão, estejam sendo comentadas na mídia, é sinal de que Guilhermino Cesar utilizava seu espaço para tratar de assuntos atuais, e não apenas de resgates históricos. E, normalmente, quando se dedicava a alguma obra, tratava-se de obra que seria adotada pela posteridade.

03 de junho: Castro Alves e os Gaúchos.

*Relações entre poemas de autores gaúchos e de Castro Alves.

Começa a divulgação de material relacionado à Literatura e à História gaúchas, mostrando a existência e a relevância de estudá-las.

10 de julho: Sobre o ‘Teatro da Atualidade’.

*O teatro com motivações de reforma social surgido no Brasil e em Portugal em meados do século XIX.

Novamente, a articulação artística dos dois países.

17 de julho: Em Presença de um Escritor.

*Comentários a respeito de livros de Eduardo Frieiro.

¹⁴¹ Cabe acrescentar que os primeiros escritos de Guilhermino Cesar para jornal, no Rio Grande do Sul, foram numa coluna chamada *Livros e Ideias*, da Revista Província de São Pedro. Ou seja, seus escritos tinham o perfil de um colunista especializado.

24 de julho: O cafon – da Música à Literatura.

*Análise de cunho historiográfico, temático e estilístico, a respeito do conceito de *cafon* e alguns exemplos célebres no Brasil.

Com um tema criativo, que reagrupa uma série de nomes conhecidos da tradição cultural brasileira, o artigo se propõe considerações estilísticas sobre o gosto brasileiro.

31 de julho: A História Possível.

*O trabalho do historiador e a necessidade de compor Historiografias da Literatura. Reflexão motivada pelo lançamento da *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi.

Ao invés de aprovar ou desaprovar o lançamento da então polêmica obra de Bosi, Guilhermino Cesar retoma as dificuldades que muitos grandes teóricos europeus encontraram, quando se tratou de estudar e organizar sistematicamente a Literatura de seus países. No caso brasileiro, a dificuldade é ainda mais intensa, devido à falta de uma tradição cultural que seja capaz de avaliar a produção nacional pelas realizações que já obteve.

07 de agosto: Aquilino e o Português do Brasil.

*As opiniões do escritor português a respeito das dificuldades de vender livros em Portugal, e do baixo padrão de linguagem representada pelo regionalismo, no Brasil.

Divulgação e análise do ponto de vista do escritor, que não vê o regionalismo brasileiro como uma possibilidade de linguagem escrita, mas como uma desvalorização da literatura, ao aceitar esse tipo de forma linguística.

14 de agosto: São Gabriel do Batovi.

*Elementos envolvendo a colonização da região dos Sete Povos, com comentários sobre o estabelecendo dos costumes sociais da região.

Estreia de uma dos eixos que teria mais destaque na colaboração de Guilhermino Cesar para os Cadernos: elementos da História gaúcha e divulgação de fontes primárias da mesma. Cada vez mais, essa divulgação ganharia formas de apelo ao interesse de pesquisadores, além do público em geral.

21 de agosto: Tribulações do 'Nouveau Roman'.

*Análise da Literatura Européia e das tendências contemporâneas.

28 de agosto: Variações sobre o Romance.

*Comentários sobre os caminhos da narrativa contemporânea, com um olhar especial para os escritores brasileiros.

Ambos os textos anteriores são estritamente literários, trabalhando com conceitos de teoria.

04 de setembro: Janelas de Coimbra.

*Texto retirado do livro *Encontro*, com contribuições de diversos escritores e intelectuais brasileiros e portugueses. O livro foi publicado por iniciativa de Sergio Telles, na época secretário da Embaixada do Brasil em Portugal.

O texto tem fortes laivos autobiográficos, descrevendo o envolvimento emocional de Guilhermino Cesar diante da paisagem portuguesa. Esse afeto já resultara na publicação de *Lira Coimbrã & Portulano de Lisboa*, em 1965. Guilhermino Cesar recebeu o título de *Doutor Honoris Causa*, pela Universidade de Coimbra, em 1967.

11 de setembro: Primeira Página do Ensino Superior.

*Comentários sobre os fatos que cercaram a fundação das primeiras universidades no Brasil.

A referência ao Ensino Superior começa aqui, mas logo ganharia outras faces, em colaborações futuras – faces mais relacionadas com *crise e decadência*.

18 de setembro: Na Estante e na Cabeça.

*Comentários a respeito das relações entre diversos livros, repensados a partir da necessidade de uma mudança.

Mais um texto com estrutura criativa, que estabelece relações entre escritores no momento em que os livros de Guilhermino Cesar são deslocados de uma estante a outra. Claramente, mais uma vez está sugerida a flexibilidade da análise literária, que permite a associação entre diferentes universos líricos e/ou ficcionais, a partir do conhecimento e da sensibilidade do leitor/analista.

25 de setembro: Glosas de Leitor Apressado.

*Considerações a respeito da beleza e suas diversas expressões estilísticas. Espaço para a relação conturbada entre produção de beleza artística e tempos de violência como o contemporâneo.

Primeira aparição do descontentamento com a sociedade contemporânea, sua adoração à tecnologia e seu desprezo pelas Humanidades.

02 de outubro: Gente do Rio Grande na Obra de Machado de Assis.

*Ênfase em crônicas machadianas nas quais personagens gaúchos tornam-se exemplares.

09 de outubro: Machado de Assis e a Consciência Moral.

*Comentários sobre a obra de Machado de Assis, em especial no que se refere à sua “fama” de pessimista.

Duas retomadas da obra machadiana: na primeira, a presença gaúcha, mais uma vez evidenciando que o estado não estava esquecido para o restante do Brasil no século XIX; na segunda, uma análise em detalhe de obras pouco comentadas.

16 de outubro: Glosas de Leitor em Pânico.

*Variedades: como lidar com as requisições das gincanas estudantis; uma frase famosa de Beethoven; o Positivismo, entre outros temas.

Artigo dividido em partes, cada uma delas dando conta de diferentes assuntos que mobilizavam a atenção do escritor. Esse formato lembra bastante a crônica moderna de jornal, na qual o escritor recorre a temas diversos da semana, costurando uma conversa com o leitor. De forma bastante interessante, o título coloca a figura do autor do texto como *leitor*, aproximando-o do leitor do artigo.

23 de outubro: Leitura como Desencontro.

*Crítica à escrita ‘empolada’, redundante, em qualquer setor. Exemplos de intelectuais e escritores que reagiram a esse tipo de escrita.

O tema da eloquência vazia e encantatória, que já surgira em *O Cafona*, é retomado, agora em relação não apenas à Arte, mas a outros campos do conhecimento.

30 de outubro: *Dostoiévski ou a Solidão do Homem.*

*Comentários sobre o caráter contrário às reduções classificatórias da Literatura Russa, em especial nas obras de Dostoiévski.

Sempre preocupado com a ampliação das perspectivas a respeito das obras, Guilhermino Cesar demonstra o empobrecimento que uma obra genial pode sofrer, quando se procura adaptá-la a um formato ditado pela taxonomia historiográfica.

06 de novembro: *A Esquizofrenia Cultural.*

*Reflexão a respeito da espécie de conflito estabelecido entre Humanismo e técnica, e os prejuízos desta oposição.

Texto exemplar no que diz respeito ao posicionamento crítico de Guilhermino Cesar diante do avanço da técnica em detrimento das Humanidades. Sem atacar o campo da ciência, ele parte de uma entrevista dada por Albert Sabin, em que o pesquisador aponta o absurdo de tratar ciências e humanidades como campos opostos, quando ambas são absolutamente necessárias para proporcionar uma vida saudável ao cidadão.

13 de novembro: *Ao Alcance da Mão.*

*Comentários a respeito da qualificação do texto de Rubem Braga.

20 de novembro: *Glosas da Era Atômica.*

*Texto dividido em duas partes: na primeira, comentários sobre os testes atômicos norte-americanos; na segunda, retomada de algumas questões sobre o *Nouveau Roman*.

Ambos os trechos tratam de questões relacionadas à forma contemporânea de lidar com as coisas, apenas em campos diversos – no caso, Literatura e Política. A crítica aos americanos e seus testes nucleares é contundente, e ecoa as críticas de *Arte de Matar*¹⁴².

27 de novembro: *Antepassados Portugueses de Alphonsus Guimaraens.*

*Elogio à pesquisa nas Universidades portuguesas, que permite a abertura de perspectivas de pesquisa que incluem as relações entre escritores brasileiros e portugueses.

04 de dezembro: *O Espelho de Antares.*

*Comentários a respeito do recém lançado *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo.

Em tempos de Ditadura, o comentário sobre a polêmica obra de Érico Veríssimo é corajoso, refletindo a respeito da falta de liberdade.

11 de dezembro: *A Ignorância Triunfante.*

*Análise de trechos escritos por alunos universitários, demonstrando o baixo nível dos estudantes da nova geração.

O primeiro texto em que a crítica à decadência do Ensino Superior é veemente e sem subterfúgios. Os exemplos transcritos e o tom levemente agressivo com que são comentados revelam a revolta do professor com os canais abertos pelas instituições responsáveis para que alunos sem preparo ingressem nas Universidades.

¹⁴² Livro de poemas inspirado pela Guerra do Vietnã, publicado em 1969.

18 de dezembro: Diálogo da Cultura.

*Conversa entre o narrador e Elesbão, personagem que apareceria com frequência nas colaborações do Caderno de Sábado. O assunto que debatem, andando pela Rua da Praia, são as convicções de diferentes autores sobre Educação.

Elesbão posiciona-se como o cidadão comum, impressionado pelas teorias novas, enquanto o narrador menciona T.S. Eliot e outros, a fim de elevar o debate para pensadores consagrados. Os amigos, ao final do texto, entram em um café, amistosamente, e o narrador reflete sobre o imenso valor que uma conversa na Rua da Praia tem, mesmo em tempos de computadores, para a construção de uma cultura.

Este primeiro ano tem por característica o lançamento de uma série de temáticas que seriam desenvolvidas, posteriormente, nas colaborações de Guilhermino Cesar para os Caderno de Sábado.

Destaque absoluto para os textos de cunho literário: preciosas observações a respeito de lançamentos que fariam história, como é o caso de Cem Anos de Solidão, Incidente em Antares e História Concisa da Literatura Brasileira. A oportunidade de emitir sua opinião em um periódico foi brilhantemente aproveitada por Guilhermino Cesar – sua crítica sabidamente abalizada já estabelecia rumos dentro da Academia, e através do jornal pode alcançar outro público.

As estratégias utilizadas para encontrar o equilíbrio entre o conhecimento acadêmico e a expressão adequada a um público mais amplo podem ser consideradas as tônicas do primeiro ano. Os conteúdos são tratados com simplicidade, mas nunca são reduzidos a simplificações. O debate se dá a partir de grandes autores, que são citados por Guilhermino Cesar – e muitas vezes, a bibliografia comentada é apresentada como referência, ao final do texto, o que dá a ideia de que o texto que acaba de ser lido se posiciona entre o ensaio (que requer referências bibliográficas) e a resenha (que prepara o leitor para a indicação de uma publicação).

Os textos de cunho histórico ainda estão em número relativamente reduzido, mas já apontam o interesse destacado pela História do Rio Grande do Sul, e o desejo de, através da descrição de descobertas curiosas em monografias e ensaios, despertar o interesse tanto do cidadão comum quanto de possíveis pesquisadores da Academia.

A crítica cultural começa a se manifestar já nesse primeiro ano de escritos, seja através das considerações sobre Educação, seja através da retomada do tom insatisfeito quanto à política bélica norte-americana¹.

O aparecimento de Elesbão é outro fato determinante, sob nosso ponto de vista, para a construção de uma determinada ligação com o leitor. Sua presença seria bastante forte durante o ano seguinte, dando cores diferenciadas aos textos mais contundentes de crítica.

1972: Elesbão, Educação e outros dilemas

08 de janeiro: *Naturalismo Versus Romantismo.*

*A chegada dos dois estilos no Rio Grande do Sul, e a falta de estudos adequados a respeito do assunto.

O ano inicia com a indicação de uma linha de pesquisa relacionada à literatura do Rio Grande do Sul.

22 de janeiro: *Blair e Outros 'Bolores'.*

*Comenta a obra crítica de Hugh Blair, e termina lembrando que a nova geração de críticos deveria ler mais os clássicos e dar menos importância à crítica e às teorias de última hora. Blair fora tema de Guilhermino Cesar em artigos esparsos publicados antes de 1971, no Caderno de Sábado.

Mais uma nota sempre presente nos escritos de Guilhermino Cesar para o Suplemento: o encantamento do brasileiro em geral com as novidades, e os péssimos resultados disso no campo intelectual, em que o desprezo aos pensadores e teóricos renomados provoca revoluções artificiais, sem base cultural adequada e que conduzem a caminhos teóricos infrutíferos.

29 de janeiro: *O Colecionador Satisfeito.*

*Uma conversa entre o narrador e Elesbão, que teria passado o verão colecionando perguntas. O narrador oferece-lhe mais algumas, para mostrar ao amigo que algumas questões são realmente muito sérias, como as que envolvem as diretrizes nacionais para a Educação.

Elesbão divertira-se nas férias, lendo algumas das questões que haviam aparecido no Vestibular Objetivo. Guilhermino Cesar, que já manifestara sua objeção ao processo seletivo que fora implantado (seria causador da avalanche de alunos despreparados da última geração de universitários), apoia-o e mostra que há muitas opiniões sensatas e, infelizmente, não ouvidas, a respeito do assunto.

12 de fevereiro: *O Simples e o Complexo.*

*O texto comenta sobre a complexidade, em todos os aspectos, de Portugal, e recomenda a leitura de *Portugal*, livro de Miguel Torga.

A página possui uma bela foto, de Miguel Torga e sua esposa, sorridentes, diante da casa em que o escritor nasceu. Dois cães participam da cena, reforçando o traço telúrico que está presente na obra do escritor português¹⁴³.

19 de fevereiro: *Do 'Erro' em Literatura.*

*O texto, a partir de um trecho de crítica literária que aponta o 'erro' da Geração de 45, começa a especular a respeito da propriedade de se falar em erro quando está em questão a Literatura, que é basicamente mistério.

Guilhermino Cesar dá a oportunidade ao leitor de participar de um debate de alto nível – sua resposta a um artigo de crítica.

26 de fevereiro: *Ativez de um Governador.*

*Descrição de algumas características marcantes de homens que governaram o Rio Grande do Sul no século XVIII. As pesquisas de Guilhermino Cesar foram

¹⁴³ Em texto posterior, aparece a informação de que Guilhermino Cesar teve oportunidade de encontrar-se com Miguel Torga em uma de suas viagens a Portugal, e guarda excelentes recordações pessoais do escritor. Isso explica a afetividade da foto que ilustra um texto que é uma análise elogiosa, mas rigorosa.

auxiliadas, segundo ele, por sua estada em Portugal, onde teve acesso a documentos e cartas da época.

Dessa vez a integração proposta não é apenas entre Brasil e Portugal, mas entre Rio Grande do Sul e Portugal. Guilhermino prossegue demonstrando o quão pouco se sabe a respeito da História gaúcha, e o quanto ainda se pode pesquisar, neste campo. A paixão do próprio Guilhermino pelo tema é evidente, uma vez que o estado precário das pesquisas possibilita o farto uso de fontes primárias, uma das práticas que se revelaria de seu grande gosto¹⁴⁴.

04 de março: *Glosas de Leitor Esdríxulo.*

*Trata-se de seis textos diferentes, cada um mencionando uma leitura diferente (Rousseau, poesia chinesa, Padre Antônio Vieira), as repercussões sobre o leitor e possíveis utilidades.

Pela variedade e forma de conversa variada, o artigo se torna leve e divertido, pulando de assunto em assunto que interessa ao escritor.

11 de março: *Fontes da Dialectologia Rio-Grandense.*

*Livros e autores que se dedicaram à recolha de palavras e expressões típicas do Rio Grande do Sul. Com exemplos de vocabulário típico.

Mais uma vez, a celebração das fontes primárias e daqueles que as utilizam bem.

18 de março: *Modernismo e Futurismo.*

*O texto aponta a relação entre esses dois estilos, no Brasil, como uma questão não resolvida. O texto possui um pré-título: ‘Semana de Arte Moderna’.

O Futurismo esteve relacionado ao Fascismo, e por isso é culturalmente mal visto. A retomada de Guilhermino Cesar é bastante corajosa, na semana em que se celebra o cinquentenário da semana de Arte Moderna. É importante lembrar que o texto é publicado nos primeiros meses de 1972, durante a Guerra Fria – decorrência direta das movimentações políticas da Segunda Guerra Mundial.

25 de março: *Delícias da Cidade.*

*Elesbão está no centro desse texto, ao reclamar da preferência da Literatura pelo campo, em detrimento da cidade.

O debate segue mencionando Eça de Queiroz e outros autores, num ambiente que provavelmente é o de uma ocasião social (Elesbão está tomando uísque, e há a participação, no começo do texto, de uma moça que é identificada como assistente social, e que ouve a conversa dos dois amigos e tece um comentário). Ao final do texto, Guilhermino Cesar evidencia seu descontentamento em ter de ir para casa cedo, pois sabe que terá de enfrentar uma série de problemas relacionados justamente ao conforto da cidade – elevador enguiçado, engarrafamento, ônibus lotado. Como a maior parte dos textos que envolvem Elesbão, este trata da vida moderna e de suas facetas mais desumanas.

08 de abril: *Uma Flor.*

*O filho de Elesbão, Banito, resolve fundar uma Universidade. O texto transcreve o diálogo entre Elesbão e Banito, debatendo as necessidades de um estabelecimento desse tipo.

¹⁴⁴ Referimo-nos à publicação de *Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul*, e do trabalho envolvido na publicação de *História da Literatura do Rio Grande do Sul*.

Trata-se de um dos pontos altos da crítica de Guilhermino Cesar ao modo de conduzir o Ensino Superior no Brasil. As facilidades de abrir um estabelecimento de ensino, os interesses nada pedagógicos que o cercam, a irresponsabilidade das autoridades de diversos níveis, tudo está exposto em uma conversa que tem momentos surreais¹⁴⁵.

15 de abril: *Um Polemista.*

*O texto possui um pré-título, “Glosas de Leitor Insone”. Trata dos escritos de Medeiros e Albuquerque.

29 de abril: *A Chave do Êxito.*

*Texto autobiográfico a respeito de alguns encontros de Guilhermino Cesar com Getúlio Vargas, e do sucesso dos editores da família Bertaso no Rio Grande do Sul.

São raras as ocasiões em que se permite publicar informações a respeito de seu passado político – a não ser quando se refere a iniciativas estritamente relacionadas a Educação e Cultura –, mas o presente artigo mostra um lado simpático de quem teve oportunidade de tratar pessoalmente com Getúlio Vargas. Além disso, há uma calorosa homenagem à família Bertaso, por sua contribuição para os autores gaúchos.

06 de maio: *De Elesbão ao Prefeito Thompson Flores.*

*Carta aberta de Elesbão ao prefeito de Porto Alegre, tocando em diversos assuntos relacionados à administração da cidade. Esse texto possui uma espécie de pré-título no alto da página, que diz: “Em busca do Ouvido Certo”.

Trata-se de mais um interessantíssimo artigo envolvendo a figura de Elesbão. Neste, ele mesmo se apresenta ao Prefeito, falando de suas atividades diárias e convicções, o que dá um colorido todo especial à carta.

13 de maio: *Floresta de Maus Exemplos.*

*O texto começa com a referência a um livro chamado ‘Floresta de Exemplos’, de João Ribeiro, em que faz uma recolha de ditos, anedotas e historietas medievais.

Partindo da idéia de construir um livro de exemplos, o narrador lança a perspectiva de fazer um livro de *maus exemplos*, que daria conta de uma série de situações envolvendo Educação e comportamento do mundo contemporâneo. Elesbão participa ativamente dessa conversa, revelando seu próprio interesse de escrever um livro nesses moldes, a respeito de iniciativas equivocadas em Educação.

20 de maio: *A Criação do Mundo.*

*Comentários a respeito do livro homônimo de Miguel Torga.

Os comentários em torno da obra de Miguel Torga são frequentes, e manifestam o desejo de Guilhermino Cesar de promover a Literatura Portuguesa no Brasil – em especial os autores contemporâneos.

27 de maio: *Pitanga Silvestre.*

*Reflexões a respeito da passagem do tempo e das reflexões a que leva. Especial atenção aos livros de Marisa Raja Gabaglia.

03 de junho: *Tudo são Metáforas.*

*Comentários a respeito da natureza da metáfora na poesia, ilustrados por trechos de Carlos Drummond de Andrade.

¹⁴⁵ Os textos que mencionam Elesbão serão analisados em detalhe no capítulo 3.

A admiração e o afeto dedicados ao amigo e poeta mineiro ficam evidentes em vários textos de Guilhermino Cesar. Drummond foi colaborador da Revista Verde de Cataguases, em 1928, o que dá testemunho de uma ligação intelectual bastante antiga. Apesar de distantes, os autores trocavam correspondências e remetiam-se livros.

10 de junho: O Poeta – Um Homem.

*Comentários sobre a repercussão da obra de Camões em sua época.

A divulgação da obra camoniana, através de textos analíticos, é frequente nos escritos de Guilhermino para o jornal.

17 de junho: Dois Sensitivos.

*Comentários sobre as obras de Azorín e Augusto Meyer.

Durante o contato com o acervo de Guilhermino Cesar, pudemos constatar sua predileção por esses dois escritores.

24 de junho: Estacionar, Verbo Intransitivo.

*O texto trata do crescimento do número de carros nas cidades, em especial o caso da Grande Porto Alegre.

Começa lembrando muito uma crônica de costumes, e passa a uma narrativa envolvendo o diálogo entre o narrador, Elesbão e Bob, apresentado como “cunhado de Elesbão”, a respeito da estrutura urbana de Porto Alegre e as dificuldades de estacionar no centro.

1º de julho: Com Perdão da Má Palavra.

*O texto trata da velocidade que domina a vida dos cidadãos modernos, e os efeitos sobre os estudantes.

08 de julho: E Deixa a Banda Passar.

*Os novos tempos e a repercussão da forma de se encarar a Educação sobre os jovens. O texto tem uma foto de um grande grupo de jovens e a legenda é uma das frases mais marcantes do próprio texto: “A juventude de hoje está se tornando mais esperta, mais bem aparelhada tecnicamente; mais sábia, não”.

Ambos os textos anteriores retomam a ideia de que o excesso de tecnologia, em detrimento da leitura, está formando uma geração desinformada e despreparada para o trabalho intelectual. Dão sequência, de certa forma, à linha de pensamento mostrada em *Estacionar, verbo Intransitivo*, mas centralizam o debate na figura do jovem que deveria estar abrilhantando o cenário universitário, e que no entanto chega sem a base necessária para tal.

15 de julho: O Patriarca e a Edição do Morgado de Mateus.

*A partir das comemorações daquele ano (400 anos da publicação de “Os Lusíadas” e 150 anos da Independência).

Guilhermino Cesar pede licença para falar de uma pessoa relacionada a Camões, e comenta a obra de José Bonifácio de Andrada e Silva.

22 de julho: Euclides e os Profissionais-Artistas.

*Comentários a respeito da obra de Euclides da Cunha, analisando as influências dos ideais da época sobre seus escritos, em especial “Os Sertões”.

Mais uma retomada de tema possivelmente polêmico, se considerarmos o contexto de Guerra Fria pós-Segunda Guerra: as teorias deterministas, que influenciaram mesmo os mais brilhantes escritores e intelectuais brasileiros no fim do século XIX. Além de Euclides, outros textos mencionariam a relação de Sílvio Romero com a obra de Machado de Assis.

29 de julho: *Colecionar Angústias.*

*Comentários a partir do livro de Fidelino de Figueiredo, “Um Colecionador de Angústias”.

05 de agosto: *Os Técnicos Festivos.*

*As mudanças no Ensino Superior brasileiro, em especial aquelas ocorridas na década de 1940, e sua relação com a mentalidade tecnicista.

Dessa vez, não aparece a figura de Elesbão, ou qualquer subterfúgio que dê leveza ao texto. A ideia é tratar da influência da mentalidade tecnológica sobre a estruturação das Universidades brasileiras.

12 de agosto: *Kafka, os Kafkianos e os Outros.*

*A partir de Murilo Rubião, chega-se ao comentário sobre Kafka e sua influência na Literatura.

Kafka é outro autor da predileção de Guilhermino Cesar, sempre tratado com cuidado e respeito nas publicações de jornal, uma vez que não se trata de escritor ‘fácil’. A ousadia em trazer o nome de Kafka a um meio de comunicação de massa não é acompanhada por simplificações, pois é evidente que Guilhermino Cesar não compartilha da ideia de que um meio de grande divulgação, como o jornal, deva investir em conteúdos e linguagem rasos. No entanto, o debate é conduzido com clareza – cabe ao leitor aprofundar-se ou não.

19 de agosto: *A Grande Loureira.*

*Comentários a respeito da tendência dos historiadores românticos de colocarem os heróis no centro de todos os acontecimentos.

O título faz referência a uma expressão cunhada por Machado de Assis, relacionada à celebração das individualidades. O texto menciona alguns historiadores caros a Guilhermino Cesar, como Sismonde de Sismondi¹⁴⁶.

02 de setembro: *Da Interpretação Histórica.*

*Trata da leitura atenta de *História da Grande Revolução*, de Alfredo Varela.

Sempre que possível, Guilhermino Cesar resgata grandes historiadores e divulga obras de interesse.

09 de setembro: *Casais Monteiro.*

*Texto de homenagem, por ocasião do falecimento de Adolfo Casais Monteiro.

O artigo mostra o respeito pelo perfil intelectual e o afeto pelo amigo.

16 de setembro: *Literatura de Cordel.*

*Comentários a respeito desse tipo de escrito, e uma série de importantes intelectuais que já chamaram a atenção para a sua importância.

¹⁴⁶ Guilhermino Cesar traduzira a obra de Sismondi em publicação de 1968 (ver Referências).

Guilhermino Cesar aproveitou o espaço no jornal e sua posição respeitada para divulgar formas literárias de menor prestígio na época, como o Cordel, a poesia infantil e a poesia africana.

23 de setembro: *Elesbão e a 'Droga'*.

*Elogios à obra de Georges Simenon, que deveria ser mais conhecida no Brasil. Elesbão compartilha desse gosto, e ambos chamam cada livro novo de Simenon de *nova dose*.

O texto passa em revista o gênero policial, que Guilhermino confessa não apreciar em especial. Cita grandes escritores (Edgar Allan Poe, Agatha Christie) e diz ser leitor 'viciado' apenas de Georges Simenon. Num artigo desses se percebe o interesse do escritor em compartilhar um gosto pessoal com seus leitores, estreitando os laços entre as duas instâncias textuais.

30 de setembro: *À Homenagem que Fica*.

*Comentários a respeito das festividades em torno do Sesquicentenário da Independência.

Referências à herança de Dom Pedro I e de José Bonifácio.

07 de outubro: *O Exagero e o Fantástico nos 'Casos do Romualdo'*.

*Publicação de entrevista concedida por Guilhermino Cesar, sobre João Simões Lopes Neto, a alguns jovens pesquisadores¹⁴⁷.

14 de outubro: *Quase Poema*.

*Conto de autoria de Guilhermino Cesar.

São raras, mas há semanas em que o espaço é dedicado a criações estritamente ficcionais/poéticas de Guilhermino Cesar.

21 de outubro: *Revisão do Integralismo*.

*Retomada dos movimentos integralista e outros relacionados historicamente.

Mais um texto que tematiza alguns intensos movimentos de massa do século XX.

28 de outubro: *Com Licença do Itabirano*.

*Texto de homenagem a Drummond, que faria 70 anos no dia 31 de outubro de 1972. Termina com um poema de Guilhermino Cesar.

04 de novembro: *O Direito do Leitor*.

*A Feira do Livro e o debate mundial em torno da necessidade de resgatar o momento de leitura.

11 de novembro: *Criação Literária em Crise*.

*Publicação do trecho inicial de conferência ministrada por Guilhermino Cesar, a 25 de setembro, no I Seminário de Literatura do Rio Grande do Sul.

18 de novembro: *Outros Aspectos da Crise Literária*.

*Comentários a partir do texto publicado na semana anterior.

¹⁴⁷ Os jovens pesquisadores, também mencionados no texto como alguns ex-alunos, são: Maria da Glória Bordini, Regina Zilberman, Maria Luisa de Carvalho Armando, Ana Maria Filipouski e Luiz Arthur Nunes.

25 de novembro: *A Idealização de um Tipo: o 'Brasileiro'*.

*Divulgação de um estudo de tipo que Guilhermino Cesar levaria adiante em outros ensaios e em livros: o 'brasileiro', nome popular dado pelos portugueses aos compatriotas que vinham para o Brasil em busca de uma vida melhor. O texto destaca a idealização da terra brasileira.

O texto retoma tema já tratado por Guilhermino em publicação portuguesa de 1968 (ver Referências) e em artigo no Caderno de Sábado, em colaboração anterior a 1971.

02 de dezembro: *O Homem – Legião*.

*Retomando o tema do 'brasileiro', Guilhermino Cesar mostra suas origens, na ficção romântica portuguesa.

16 de dezembro: *Um Homem, Um Livro*.

*Comentários a respeito de "Páginas da Vida", livro recém publicado por A. Saint Pastous.

23 de dezembro: *A Torta*. Conto de autoria de Guilhermino Cesar.

30 de dezembro: *O Berço Literário do 'Brasileiro'*. Retomando o tema do 'brasileiro', dessa vez com ênfase nas formas preconceituosas adotadas pelos portugueses para se referir aos compatriotas, quanto esses retornam à pátria – ainda que bem-sucedidos.

O ano de 1972 apresenta alguns textos bastante contundentes: cartas abertas ao Prefeito, críticas à administração municipal, aos caminhos tomados pelo Ensino Superior, à vida moderna e à presença fria e idolatrada da máquina.

Suas preferências literárias são expostas ao público e debatidas em detalhe, sempre que possível: Machado de Assis, Luís de Camões, Georges Simenon, Miguel Torga, entre outros.

A História gaúcha ganha vários artigos cujo mote é a valorização da pesquisa, em nome do preenchimento de lacunas nos estudos existentes. O entusiasmo de Guilhermino Cesar por esse campo de estudos é bastante evidente.

Elesbão brilha em diversos textos, a maioria relacionados à forma de conduzir a educação, adotada no Brasil. Como já pontuamos, esses textos, ao apresentarem um personagem-narrador que interage com Elesbão e outras figuras, e que pode ser tranquilamente identificado com Guilhermino Cesar, transporta os artigos para o universo ficcional da crônica.

1973: Construindo sequências de estudos

06 de janeiro: *O 'Brasileiro' e o Sarcasmo de Camilo*.

*Retomada do tema do Brasileiro na ficção romântica portuguesa, destacando a presença do tipo na obra de Camilo Castelo Branco.

O ano começa com a retomada de um tema que agrada muito a Guilhermino, pois é inserido em sua buca pela integração entre Brasil e Portugal, através da Literatura.

13 de janeiro: Para o Estudo do Conto Gauchesco I: Raízes da Tradição Gauchesca.

20 de janeiro: Para o Estudo do Conto Gauchesco II: O Espaço Físico da Gauchesca; a Mitização do Gaúcho.

27 de janeiro: Para o Estudo do Conto Gauchesco III: Traslção da Gauchesca a Outras Áreas.

10 de fevereiro: Para o Estudo do Conto Gauchesco IV: A Gauchesca nos Dois Primeiros Decênios do Século XIX.

17 de fevereiro: Para o Estudo do Conto Gauchesco V: A Gauchesca Rio-Grandense e a Platina; Repulsão e Aproximação.

24 de fevereiro: Para o Estudo do Conto Gauchesco VI: O Conto Gauchesco, de Simões Lopes Neto aos Autores de Hoje.

Sequência de alentados artigos que divulgam os estudos de Guilhermino Cesar a respeito da Literatura Gaúcha, com foco no gênero conto. Os estudos contextualizam a produção literária do Rio Grande do Sul não apenas com outras regiões brasileiras, mas principalmente com a de seus vizinhos platinos, demonstrando as diferentes influências sobre nossos autores e as condições peculiares que constituem a formação da nossa herança cultural.

03 de março: Que Semana!

*A partir de comentários sobre a volta de Elesbão da praia, e suas reflexões sobre a decadência da Humanidade, o texto trata da decisão anunciada por Brigitte Bardot – abrir mão de sua carreira e dedicar-se a uma vida pacata, preferencialmente em uma fazenda.

O texto trata de diversos temas relacionados à vida contemporânea e seus pontos mais questionáveis, retomando a crítica cultural, após semanas de artigos dedicados aos estudos de Literatura Gaúcha.

10 de março: João Camilo e a Montanha.

*Homenagem por ocasião da morte de João Camilo de Oliveira Torres, historiador mineiro.

17 de março: O Fim de um Estilo.

*Homenagem ao romancista Leo Vaz, também falecido há poucos dias. Comentários sobre Elesbão realizar devotas leituras desse autor.

São frequentes as homenagens póstumas, pois Guilhermino Cesar possuía muitos conhecidos e amigos no meio intelectual, e aproveitava o espaço no jornal não apenas para homenageá-los com depoimentos pessoais, mas também com a divulgação de suas obras.

24 de março: Mulheres, o Assunto.

*Características das mulheres gaúchas nos tempos da colonização, em especial as que viviam no campo. As escritoras e ativistas intelectuais que daí surgiram.

O texto trata do perfil da mulher gaúcha que acompanhava o tão divulgado gaúcho das estâncias. A partir desse perfil, comentam-se as obras de escritoras que floresceram naquele meio. Mais uma das cruzadas de Guilhermino em favor da divulgação de obras de valor, mas pouco (re)conhecidas. Nesse caso, a pouco comentada existência de escritoras em tempos da colonização do Rio Grande do Sul. O artigo revela que o interesse de Guilhermino por esses escritos combina seu fascínio pelas características culturais únicas do território gaúcho (bastante diverso do restante

do Brasil), e a influência que estas podem ter exercido sobre as mulheres que se dedicaram à escrita.

31 de março: *Elesbão na Universidade.*

*O texto narra os desdobramentos da nova ideia de Elesbão – fazer um curso universitário. O diálogo entre Elesbão e o narrador tornam claras as motivações e convicções envolvidas.

Um texto na mesma linha daqueles que brilharam em 1972, utilizando a fuga de Elesbão para mostrar o funcionamento equivocado do sistema universitário brasileiro.

07 de abril: *Presença de Bernanos.*

*A narrativa da ocasião em que Guilhermino Cesar encontrou pessoalmente o escritor Georges Bernanos.

14 de abril: *O Caso Baring.*

*A obra do escritor inglês Maurice Baring.

28 de abril: *Depois das Trevas.*

*A necessidade de, principalmente em tempos de adoração da tecnologia, resgatar valores humanistas.

Texto que retoma as convicções de Guilhermino Cesar a respeito do tema.

12 de maio: *Guerra à Erudição.*

*Comentários a partir de entrevista de delegado do MEC, que aposta em uma educação voltada à Técnica e ao conhecimento prático, em detrimento da Erudição em si mesma, que não estaria em acordo com as exigências da vida contemporânea.

Pode-se imaginar a indignação de Guilhermino Cesar diante de um pronunciamento oficial que mostra o quanto o governo, além de consciente dos rumos que toma a Educação brasileira, ainda se mostra aprovando esses rumos, ressaltando a importância de aderir às tendências que incluem o advento do pragmatismo e o desprezo pelo conhecimento ‘gratuito’.

19 de maio: *A Ferro e Fogo.*

*Elogios ao primeiro romance de Josué Guimarães.

26 de maio: *Poesia sem Data.*

*Elogio a Mario Quintana, a partir de poema publicado na página oposta à sua, na semana anterior – o Soneto XXXVII. Quintana possuía espaço fixo nos Caderno de Sábado, como Guilhermino Cesar¹⁴⁸.

02 de junho: *A Guerra no Bom Fim e um Pós-Escrito.*

*Comentários elogiosos ao livro de Moacyr Scliar.

09 de junho: *Mergulho no Grotesco.*

*Elogios ao romance ‘Cogumelos de Outono’, de Gladstone Osório Mársico.

Resenhas a respeito de um romance recém lançado, e que marcaria época na Historiografia da Literatura gaúcha, a um dos poemas mais belos de Mário Quintana e a outros dois romances importantes de autores contemporâneos. Essa série de artigos

¹⁴⁸ Trata-se do famoso poema que começa com os seguintes versos: “Este quarto de enfermo, tão deserto / de tudo, pois nem livros eu já leio / e a própria vida eu a deixei no meio / como um romance que ficasse aberto...”

mostra a interação de Guilhermino Cesar com os lançamentos literários, e sua capacidade de distinguir as obras de merecimento.

16 de junho: *Teatro de Praga*.

*Cena passada em praga, 1973, da autoria de Guilhermino Cesar, e tendo como personagens Kafka, sua irmã Ottie, o Secretário do PC Tcheco e um “Grande Inquisidor da URSS”.

Trata-se de obra ficcional, partindo da fascinante figura humana de Kafka, num cenário de Guerra Fria.

23 de junho: *Ficção Latino-Americana*.

*Comentários a respeito de “Ficção Latino-Americana”, livro de Flávio Loureiro Chaves, destacando a publicação por sua qualidade, e retomando um dos capítulos para reflexão mais alongada.

30 de junho: *Um Mestre*.

*Homenagem ao professor português Álvaro Júlio da Costa Pimpão, com comentários sobre sua produção acadêmica e bibliográfica.

Dois artigos seguidos que divulgam obras merecedoras de tal espaço no jornal.

07 de julho: *O Cheiro*.

*Cena entre a Roseira e o Craveiro, de autoria de Guilhermino Cesar. O centro do diálogo é o cheiro vindo da Borregaard.

Esse tema se tornaria frequente nos textos de jornal de Guilhermino Cesar, pois a instalação da indústria e o conseqüente odor que espalhava pela cidade ofendiam o afeto que os porto-alegrenses tinham por sua capital. O próprio Guilhermino adotara a cidade, e não se conformava com as mudanças que prejudicavam sua aparência ou urbanidade.

14 de julho: *Pedagogia ‘à gogo’*.

*Na voz de Elesbão, críticas à postura contemporânea diante da educação, em especial a forma como os jovens e crianças acabam se comportando, e as teorias pedagógicas que corroboram essa postura inadequada.

Curiosamente, o narrador apenas faz breves comentários – toda a carga de erudição e de revolta diante dos acontecimentos está com Elesbão. Trata-se de uma mudança no perfil do personagem, que especificamente, neste texto, toma para si a responsabilidade por todas as declarações.

28 de julho: *O ‘Romântico Arrepêndido’*.

*Biografia e obra do Visconde da Araguaia.

04 de agosto: *Espelho de Duas Faces*.

*Elogio ao livro homônimo de Rodrigo Octavio Filho.

11 de agosto: *Ilusão / Realidade*.

*Comentários sobre o trabalho crítico de Ernesto Guerra De Cal a respeito de Eça de Queiroz.

18 de agosto: Peditório.

*Escritores de Literatura Popular no Brasil e, em especial, no Rio Grande do Sul. Destaque para o trabalho de Carlos von Koseritz na coleta de trabalhos desse tipo no Rio Grande do Sul.

Combinação de várias paixões de Guilhermino Cesar: as peculiaridades da produção de Literatura no Rio Grande do Sul; fontes primárias e bons pesquisadores; a literatura popular.

1º de setembro: Poder das Palavras.

*Comentários a respeito da obra de Bioy Casares, em especial no que se refere ao uso de palavras como ‘pampa’, comuns à cultura dos gaúchos deste e do outro lado da fronteira. O texto segue tratando da importância de outros vocábulos na nossa escrita regional.

15 de setembro: Poesia / Luís de Miranda. A Roupa da Palavra.

*Essa edição do Caderno de Sábado foi dedicada à divulgação de autores gaúchos, e o texto de Guilhermino Cesar foi deslocado para a página 5 (uma das centrais). Trata do poeta Luiz de Miranda, em especial de seu livro “Memorial”.

22 de setembro: A Amizade, uma Tópica em Marques Rebelo.

*Homenagem ao recém falecido escritor, considerado um grande amigo e autor de obra valiosa.

29 de setembro: A França, o Óbvio e o Chiclete.

A edição de Caderno de Sábado seria dedicada à França. O texto começa com esse anúncio, e passa a comentar as diversas formas através das quais a Língua e a tradição cultural francesas foram importantes para a intelectualidade latino-americana.

Nesse artigo e no 15 de setembro aparece o engajamento de Guilhermino Cesar com as edições especiais do Caderno de Sábado, colaborando com as iniciativas dos editores de fazer edições com conteúdo específico.

06 de outubro: O Grande Jogo.

*Comentários a respeito do recém publicado ‘O Grande Jogo e Outros Invariantes’, de Alfredo Jacques.

13 de outubro: O Português da Ficção Brasileira.

*Inversão da perspectiva até então adotada pelos textos de Guilhermino, que destacava a figura do ‘brasileiro’ na ficção portuguesa. Destaque para João Romão, de ‘O Cortiço’, e os efeitos que o Naturalismo coloca no tipo.

20 de outubro: Barthes e o Prazer do Texto.

*Comentários a respeito do último livro de Barthes, “O prazer do texto”, evidenciando uma certa falta de “calor humano” em sua visão de leitor.

27 de outubro: Civilization.

*O título está sinalizado com um asterisco que indica uma nota de pé de página: “Para ser lido ao som de um tango (o último) argentino”. Possível referência a “Último tango em Paris”, filme polêmico que teve sérias questões com a censura brasileira. O texto comenta a forma de comunicação simplificada, impessoal e massificada, cujo símbolo é o cumprimento generalizado “Oi”.

Uma vez que nas entrelinhas está a questão da censura, e o tema geral é a sociedade que aceita a simplificação e a padronização da linguagem, percebe-se que esse texto carrega um grande descontentamento com os paradigmas e estruturas que ditam a vida moderna no Brasil.

10 de novembro: *Um Homem Só.*

*Comentários a respeito de ‘O Exército de um Homem Só’, recém publicado por Moacyr Scliar.

17 de novembro: *Prado Coelho no Brasil.*

*A visita de Jacinto do Prado Coelho ao Rio de Janeiro, para uma série de conferências. Valorização da produção intelectual do português.

24 de novembro: *Qorpo-Santo e a Fonética Portuguesa.*

*Notícias a respeito das pesquisas de Guilhermino Cesar a respeito do dramaturgo gaúcho, seus planos de publicação e a especificidade da ortografia utilizada pelo autor.

1º de dezembro: *De Gregório a Dámaso Alonso (I).*

*Proposição de estudo que dê conta do período barroco nas línguas latinas. Atenção especial à crítica em torno de Gregório de Matos Guerra.

15 de dezembro: *De Gregório a Dámaso Alonso (II).*

*Continuação do estudo anterior, com o foco na retomada crítica das obras barrocas em línguas neo-latinas.

22 de dezembro: *Do Asséptico.*

*Oposição entre escritores “sujos” e “assépticos” – os primeiros são os que se deixam contaminar, sempre permitindo que se perceba em sua obra uma influência, notadamente mais qualificada; os outros, são os que alcançam um nível de originalidade superior. O texto chega ao lançamento do livro “O Popular – Crônicas ou Coisa Parecida”, de Luis Fernando Veríssimo, bastante elogiado por Guilhermino Cesar, e colocado na categoria dos “assépticos”.

O ano de 1973 foi bastante variado: apesar de menos frequente, ainda se tem a presença marcante de Elesbão; muitos autores recebem destaque, merecendo artigos inteiros de análise de suas obras; alguns grandes lançamentos literários foram divulgados e devidamente analisados.

A literatura do Rio Grande do Sul foi privilegiada, merecendo uma série de qualificados estudos, além de outros textos esparsos em que se procurou dar conta das especificidades e traços marcantes que a constituem.

O ano merece destaque pela grande quantidade de artigos em série, que comprovam o interesse em compartilhar com o leitor o desenvolvimento de pesquisas e estudos.

Percebe-se a tendência a dar continuidade a diversas linhas: a valorização das pesquisas a respeito da História Gaúcha; o aprofundamento de estudos a respeito da Literatura Gaúcha; o engajamento nas edições especiais dos Caderno de Sábado – nesse ano, houve edições tratando de autores gaúchos e da contribuição cultural da França.

1974: Em torno do Rio Grande

05 de janeiro: *Para Concluir.*

*Retomada da questão do Barroco, iniciada em dois artigos no ano anterior.

O Barroco é um tema de especial predileção de Guilhermino Cesar. Em 1963, um ensaio seu a respeito do tema fora publicado em Portugal (ver Referências).

12 de janeiro: *Juventude e Literatura.*

*Reflexão da importância sempre desempenhada pelos jovens nos grandes movimentos contestatórios da literatura (como no Romantismo e na Semana de Arte Moderna), e a falta de um movimento articulado no presente momento.

Guilhermino Cesar aponta o egocentrismo típico da época como causador dessa falta de um movimento capaz de arregimentar os jovens escritores.

19 de janeiro: *Problemas da Gauchesca.*

*Proposta de debate com o leitor – interação entre a Literatura gaúcha e as produções dos países fronteiriços com o Rio Grande do Sul.

Mais um texto que trata da situação *sui generis* do território gaúcho e das decorrências disso no campo cultural/literário.

26 de janeiro: *Voltemos ao Sargento.*

*Introdução ao tema da poesia que refere Pinto Bandeira e seus soldados negros.

09 de fevereiro: *Do Sargento ao Coronel.*

*Transcrições comentadas de trechos do poema sobre Pinto Bandeira que vem sendo comentado nos artigos anteriores.

Pinto Bandeira é umas figuras históricas do estado que mais interessam Guilhermino Cesar. A presença do negro na região platina também se inscreve nessa área de estudos.

16 de fevereiro: *A Poesia e a Continência.*

*Comentários a respeito de diversos autores ligados à gauchesca, no Rio Grande do Sul e nos países platinos, e análise sobre semelhanças e diferenças entre eles, procurando estabelecer até que ponto essas manifestações são ou não tardias na cultura da região.

23 de fevereiro: *'Maridaje Gaúcho-Lusitano'.*

*Texto de conteúdo histórico, que aborda as relações comerciais extra-oficiais do Rio Grande do Sul com países vizinhos, no que se refere à compra de gado. O texto parte de um livro chamado 'El Gaucho', recém publicado em 1969 pelo argentino Emílio Coni.

Esse tema tem laços com a questão do contrabando, que logo entraria na pauta de estudos de Guilhermino Cesar.

02 de março: *Inimigos de Martin Fierro.*

*Comentários sobre como a crítica argentina era desfavorável a 'Martin Fierro' e outros textos da 'gauchesca' argentina.

09 de março: Memórias do Romancista.

*Comentários a respeito de ‘Solo de Clarineta’, de Érico Veríssimo.

16 e 23 de março: Os Soldados Negros de Pinto Bandeira.

*Texto de cunho histórico, valorizando a presença do negro na colonização do Rio Grande do Sul, em especial nas batalhas pelo estabelecimento das fronteiras.

O texto foi publicado originalmente dia 16, mas foi publicado novamente dia 23 com uma nota: “Republicamos este artigo por ter saído truncado em nossa edição anterior”. Essa preocupação com a justeza na forma dos artigos é uma constante no Caderno de Sábado. Infelizmente, esse cuidado não impediu que o próprio Guilhermino Cesar emitisse notas, ao fim de alguns textos, queixando-se de problemas na publicação da semana anterior.

30 de março: Pinga-Fogo. Dez pequenos textos sobre assuntos diferentes, envolvendo aspirantes a escritores, baixa qualidade da TV, a absurda desinformação de um Dicionário de Literatura publicado na França, no que diz respeito a escritores brasileiros.

06 de abril: O Ausente.

*Descrição da festa de inauguração ao Monumento aos Açorianos, em Porto Alegre, e comentários sobre Vitorino Nemésio, poeta açoriano que, na opinião de Guilhermino Cesar, combinaria muito bem com aquele monumento e o que ele significa. Transcrição de poema de Vitorino Nemésio ao fim do texto.

20 de abril: O ‘Campo Avançado’ da Colônia de Sacramento.

*Texto de cunho histórico, a respeito da importância da Colônia de Sacramento para o estabelecimento do território gaúcho.

27 de abril: Em Torno de um Presente.

*Continuação dos estudos iniciados no texto anterior, por ocasião do recebimento de novos materiais de pesquisa, provindos de Montevideu.

04 de maio: Mais Carne.

*Continuação do estudo anterior, agora amplificado para as repercussões políticas e sociais da organização gaúcha naquele momento.

11 de maio: Antologia do Cheiro.

*Paródias de trechos famosos da Literatura Brasileira e Universal, e textos de autoria própria, todos ironizando o mau cheiro lançado pela indústria Borregaard.

18 de maio: Memórias de um ‘Coronel’.

*Texto trata da injustamente pouco divulgada obra de Aureliano de Figueiredo Pinto. Transcrição de trecho de um de seus romances, com breve análise.

25 de maio: Nossos Velhos Conhecidos.

*Reflexão sobre a facilidade em apontar o absurdo dos conflitos do Oriente Médio, quando não se consegue sequer solidificar interesses comuns entre Arena e MDB.

Texto de interessante análise social, refletindo a respeito das críticas massivas a respeito dos conflitos no Oriente Médio, e observando que não se está levando em conta

as diferenças culturais que nos separam. Além disso, obviamente, com as questões políticas presentes no Brasil, não seríamos exatamente um exemplo de conciliação de interesses. É um dos textos que melhor representa a busca por uma *História do Presente* nos artigos de Guilhermino Cesar, incluindo comentários que trabalham a questão da universalidade e do próprio fazer do historiador, indiretamente.

1º de junho: *Como Íamos Dizendo.*

*Continuação de comentário a respeito do romance de Aureliano de Figueiredo Pinto, ‘Memórias do Coronel Falcão’.

08 de junho: *Borges, a Metáfora, o Mundo.*

*O texto trata da poesia de Borges e de suas concepções em torno da natureza da metáfora. Ainda que se referindo a Borges como o “autor de El Aleph”, Guilhermino o considera um autor de tendências mais poéticas do que prosaicas.

15 de junho: *Os Bons Negócios do Capitão João Simões.*

*A história de João Simões Lopes Neto como espresário, dono de alambique no interior do estado.

22 de junho: *Carta ao Cheiro.*

*Carta de Elesbão ao ‘Cheiro’, que personifica o odor desagradável da Borregaard.

29 de junho: *Dos Preciosos Ridículos.*

*A nova forma de escrever, sem respeito pelas normas gramaticais (ou desconhecimento delas), e os resultados deselegantes e de baixa qualificação e inteligibilidade.

O autor aponta para o elogio dos ‘técnicos’ e da nova geração de professores universitários a esse tipo de escrita. Guilhermino Cesar menciona traduções mal feitas de Walter Benjamin, que resultam ilegíveis pelo mau uso da língua portuguesa.

06 de julho: *Inéditos de Cruz e Souza.*

*Poemas que Cruz e Souza publicou quando de sua vinda ao Rio Grande do Sul, acompanhando uma Companhia Teatral gaúcha.

13 de julho: *Variantes de Cruz e Souza.*

*Transcrição e comentários sobre dois poemas de Cruz e Souza.

20 de julho: *Jean Roche e a Colonização Alemã.*

*A visita de Jean Roche a Porto Alegre e a retomada da importância de seu trabalho de pesquisador sobre a História do Rio Grande do Sul, em especial a imigração alemã.

27 de julho: *A Província de São Pedro e o Fundo do Real Erário.*

*Estudos a respeito dos registros da Economia Gaúcha do período colonial em documentos portugueses, e a aceitação tácita das formas econômicas locais inerentes ao tipo de organização da terra – em especial, o contrabando.

Esse assunto interessava muito a Guilhermino Cesar, que em diversos textos aborda o olhar diferenciado da Coroa Portuguesa às formas da Economia Gaúcha.

03 de agosto: *Contracultura e Vida.*

*Comentários a respeito do conceito de contracultura e suas repercussões na sociedade contemporânea. Olhar especial para o movimento *hippie* e seu descontentamento – nada prático, mas de significado importante – com a massificação da sociedade técnica.

10 de agosto: *Rio Abaixo.*

*Trechos de assuntos diferentes. Elementos de crítica literária e de humor, combinados de forma soberba:

Uma vez, na minha adolescência, abri uma lata de sardinhas com um poema de Rilke. Não ensino ao leitor como foi – em sinal de respeito aos poderes mágicos do poeta alemão.

Esse texto explora a veia mais divertida dos escritos de Guilhermino Cesar.

17 de agosto: *Polivalente.*

*Uma série de pequenos textos a respeito de assuntos diferentes. Todos com um forte viés crítico – traduções mal feitas do Espanhol, má utilização do significado simbólico do número 666, entre outros temas.

24 de agosto: *Helena Antipoff.*

*Homenagem à recém falecida professora que chegou ao Brasil para um projeto revolucionário de educação, iniciado em Minas Gerais, com Escolas de Aperfeiçoamento, e dedicou sua vida à Educação de excepcionais, através do Instituto Pestalozzi.

Durante a narrativa, Guilhermino Cesar evidencia o respeito e a admiração pela professora, com a qual teve o privilégio de conviver na Diretoria do Instituto Pestalozzi, em Belo Horizonte.

07 de setembro: *Nova Antologia do Cheiro.*

*O texto é encimado por uma grande foto em que aparece uma indústria, emitindo imensas nuvens escuras na atmosfera. A seguir, paródias de textos clássicos, todas apresentando o cheiro desagradável como tema principal.

14 de setembro: *Um Bom Livro.*

*Elogios ao livro de Flávio Loureiro Chaves, ‘O Mundo Social do Quincas Borba’.

21 de setembro: *A Colonização Europeia em Síntese Apressada (I).*

*Começo da publicação de uma série de estudos. Guilhermino Cesar reforça que se trata de um resumo da situação, uma vez que a solicitação chegou-lhe às mãos em um momento repleto de outros trabalhos em curso.

28 de setembro: *A Colonização Europeia em Síntese Apressada (II).*

*Continuação do estudo anterior.

05 de outubro: Humanização do Cimento.

*Elogio às cidades que fazem de suas construções urbanas paisagens agradáveis à vista, e àquelas que preservam os prédios e monumentos históricos. Ironia ao prefeito de Porto Alegre, Thompson Flores, que estaria transformando a cidade em um espaço feio e voltado à modernização.

12 de outubro: A Colonização Europeia em Síntese Apressada.

*O texto começa com o anúncio de que, apesar de a intenção inicial ser dedicar o presente texto a outras etnias, ainda é preciso tratar nele da necessidade de encontrar e estudar documentação a respeito das migrações europeias no Rio Grande do Sul.

19 de outubro: O Episódio Saldanha.

*Descrição de episódios acontecidos no Rio Grande do Sul logo após a Independência do Brasil, em especial o clima de desconfiança quanto a elementos pertencentes ao antigo regime e que mantinham suas funções, como o Governador, Duque de Saldanha.

26 de outubro: Livro da Vida Inteira.

*Elogio ao valor do trabalho de uma vida de Abeillard Barreto, que resultou na publicação de 'Bibliografia Sul-Rio-Grandense (A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul)'.

02 de novembro: Os Bibliógrafos, Nossos Amigos.

*Elogio à importância dos catálogos e dicionários, e o desprezo com que essas publicações seriam tratadas, injustamente, no Brasil.

09 de novembro: Cornélio, o de Itabira.

*Narração biográfica das lembranças de Guilhermino a respeito de sua convivência com Cornélio Pena.

23 de novembro: O Elogio do Amigo.

*Transcrição de texto de homenagem a Laudelino Teixeira de Medeiros, quando de sua posse como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Guilhermino Cesar foi sócio e fez parte da Diretoria dessa Instituição.

30 de novembro: Viver Poesia.

*Trechos comentados do livro de poemas 'A hora evarista', de Heitor Saldanha.

07 de dezembro: Bloy.

*Relato de Léon Bloy como um dos escritores de preferência pessoal de Guilhermino Cesar. Trechos comentados de sua obra. "Lê-lo é uma forma de dançar sobre os Abismos" – Guilhermino Cesar encerra, com brilhantismo, o primeiro parágrafo do texto.

14 de dezembro: Araújo Porto-Alegre e o Nacionalismo Literário.

*Vida e obra de Araújo Porto Alegre.

21 de dezembro: O 'Romântico Indeciso'.

*Continuação de estudo sobre Manuel de Araújo Porto Alegre.

28 de dezembro: Quem tem Medo do Petróleo?

*Texto de pesada ironia diante da desvalorização da Gramática e do conhecimento em geral, culminando com o sonho de terras onde se possa ter não um poço de petróleo, mas um de poemas.

O ano de 1974, além das sempre competentes resenhas e resgates de autores e obras, apresenta, no primeiro semestre, muitas publicações a respeito da História do Rio Grande do Sul e da Literatura Platina. Imenso destaque para pesquisas que retomam as relações entre Rio Grande do Sul e os países com quem tem divisa, em especial com a Argentina. Começa nesse ano o tratamento ao tema do contrabando, ainda sem a utilização desse termo como palavra-chave (coisa que viria a acontecer depois).

O segundo semestre volta à crítica cultural, com os ataques à Borregaard e às formas de estruturação das cidades mais modernas – pelo menos, daquelas, que consideram modernidade em oposição a preservação.

Pode-se dizer que boa parte dos artigos desse ano estiveram relacionados, de alguma forma, ao Rio Grande do Sul, sua cultura, sua História e sua gente, incluindo o nome de Silva Pais e as referências à continência – relação entre o Rio Grande e seu espaço geográfico.

1975: De pessoas e variedades

04 de janeiro: O Fundamento da Linguagem Humana.

*A partir de sentimentos de ‘culpa’ diante de mensagens de Natal, bilhetes e consultas não respondidos, Guilhermino oferece a transcrição de trecho de poema guarani sobre a comunicação, retirado do livro ‘La Literatura de Los Guaranies’, de León Cadogan e López Austin.

11 de janeiro: Da Ilha Para o Mundo.

*Este texto foi publicado na contracapa do Caderno de Sábado. Homenagem ao Dr. Albert Schweitzer, Prêmio Nobel da Paz.

18 de janeiro: Canto Ritual do Avô Grande.

*Curiosamente, o artigo começa com a referência a uma tradução do Guarani feita por Elesbão (e que teria recebido elogios do público), para a seguir mencionar o livro referido na semana anterior, e transcrever mais um trecho de poesia Guarani, que ocupará o espaço, após breve explicação retirada do livro referido no artigo do dia 04 de janeiro.

25 de janeiro: Hernâni Cidade.

*Homenagem ao recém falecido Hernâni Cidade.

1º de fevereiro: Babel e o Economês.

*Comparação da incompreensível linguagem utilizada pelos economistas nos meios de comunicação – chamada por Guilhermino Cesar de ‘economês’ – com o evento bíblico da Torre de Babel, que está na origem da confusão das línguas.

O tecnicismo fechado da linguagem dos Economistas está na mira, como representante desse tempo de adoração da técnica.

08 de fevereiro: *Ler e Transpirar.*

*Descrição de alguns fenômenos porto-alegrenses que incomodam o narrador: o calor na cidade, para quem não pode ir ao litoral, e a falta do Parque da Redenção para um passeio (está em obras da prefeitura); os resultados do Vestibular objetivo, cujas dissertações – avaliadas com generosidade – permitem que candidatos sem a mínima qualificação ingressem na Universidade. Um trecho de dissertação é transcrito como exemplo.

15 de fevereiro: *O Vitorioso.*

*Transcrição da carta de Banito para a avó, contando como passara no Vestibular. Transcrição de questões objetivas absurdas e os erros de Gramática do remetente deixam claras as características da nova geração, representadas pela figura do filho de Elesbão.

22 de fevereiro: *Burocratização da Alegria.*

*Trechos de sambas-enredo e crítica à baixa qualidade dos mesmos. Da mesma forma, analisa-se o Carnaval, em todas as partes do país, mais como um espetáculo armado do que uma representação espontânea da cultura popular.

1º de março: *Que Dificuldade Enorme!*

*Homenagem a Mário de Andrade, que completava 30 anos de falecimento a 25 de fevereiro. Poema em prosa.

08 de março: *Flanando.*

*Cinco pequenos textos sobre diferentes assuntos: a saída do Prefeito Thompson Flores da administração de Porto Alegre em breve; os problemas de Elesbão como fiscal de praças e jardins; a sugestão de Banito de fazer um monumento à última árvore de Porto Alegre (uma vez que o prefeito pretendia as derrubar todas).

15 de março: *Reforma e Falsa Ciência.*

*Crise no ensino, necessidade e repercussão de reformas na educação.

22 de março: *Heróis Truculentos.*

Os tipos pacatos da Literatura Brasileira, em contraste com os heróis argentinos.

05 de abril: *Do Cavalão.*

*Da importância desse animal na poesia de diversos lugares, e em especial na vida do gaúcho.

O texto inclui a transcrição de um texto publicado numa revista de Pelotas, a 24 de maio de 1875, e que descreve os 23 objetos necessários para montar a cavalo (que justificariam a demora na montaria dos gaúchos).

12 de abril: *Roman Rjesh.*

*Texto de homenagem ao ator alemão, que fez história atuando durante muitos anos em Porto Alegre, e faleceu em 1972, em Santa Cruz.

19 de abril: *Dos Aperos ao Exorcismo.*

*A partir de conversa com uma leitora, Guilhermino Cesar reflete a respeito da platinização da literatura rio-grandense, retomando a listagem de objetos necessários à montaria, publicada a 05 de abril. O texto termina com transcrição de poema 'Exorcismo', de Drummond.

26 de abril: *Athos Damasceno.*

*Texto de homenagem ao amigo.

03 de maio: *Schmidt.*

*Homenagem ao poeta Augusto Frederico Schmidt.

10 de maio: *Para emagrecer.*

*Homenagem a Azorín, a partir da ideia de que não é possível melhorar de um resfriado sem a ajuda de um excelente livro.

17 de maio: *Miscelânea de Azorín.*

*Transcrição de trechos selecionados de Azorín, a pedido de leitora.

24 de maio: *Manuel.*

*Poema de Guilhermino Cesar.

31 de maio: *Mansueto, o 'Crepuscolare'?*

*Comentários a respeito da obra de escritores imigrantes de origem italiana, publicados no Rio Grande do Sul.

Destaque para Mansueto, propondo que sua obra seja reestudada, uma vez que estava merecendo homenagem do Caderno de Sábado naquela edição.

21 de junho: *Rosa e a Enumeração.*

*Estudo a respeito da enumeração como processo estilístico, em especial as enumerações em Guimarães Rosa.

A enumeração está presente em diversos poemas de *Sistema do Imperfeito*, e esse artigo mostra o interesse de Guilhermino pelo método e seus efeitos literários. Em 1969, Guilhermino Cesar publicara um ensaio sobre Guimarães Rosa que trata, em um de seus trechos, exatamente da enumeração¹⁴⁹.

28 de junho: *A Concomitância Estilística.*

*Estudo sobre as formas de interação entre diferentes formas de Arte (Literatura, Música, Pintura, etc).

05 de julho: *Em Louvor de 'Italianos e Gaúchos'.*

*Transcrição do prefácio de Guilhermino Cesar ao livro 'Italianos e Gaúchos', de Thales de Azevedo, vencedor de concurso de monografias a respeito da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

¹⁴⁹ O ensaio de Guilhermino Cesar cita um trecho de 'O Burrinho Pedrês', no qual é feita a enumeração das pelagens dos bois que passam, destacando o ritmo obtido pelo escritor. Utilizamos este apontamento de Guilhermino Cesar em alguns de nossos trabalhos a respeito de sua poesia, que também lida talentosamente com esse recurso.

12 de julho: Estação na Bruma.

*Após comentar que realizou uma maratona escrevendo (e anunciar uma publicação breve), Guilhermino Cesar conta que saiu para assistir a uma representação de Shakespeare. Insatisfeito com a peça, foi para casa reler Maeterlinck¹⁵⁰.

19 de julho: Melancolias Cariocas de Alfonso Reyes.

*Comentários sobre a vida do escritor Alfonso Reyes, a partir da leitura de seu 'Diário'.

26 de julho: A Caminho do Cinquentenário.

*Comentários a respeito de 'Cobra Norato', obra de Raul Bopp que estava completando 44 anos de publicação em 1975.

02 de agosto: Muitos de Meus Colegas Também Choraram.

*A morte do neto e biógrafo do General Câmara, Rinaldo Câmara, faz com que a biografia que estava escrevendo não possa ser concluída, e Guilhermino Cesar lamenta, uma vez que há muita pesquisa a ser feita sobre a História do Rio Grande do Sul. Há destaque para a desejável construção de um 'Epistolário Farroupilha', e a transcrição de algumas cartas.

09 de agosto: Fontes da Dialectologia Gaúcha.

*Transcrição de cartas e listagens de termos regionais originários das pesquisas de Francisco Ferreira de Souza.

16 de agosto: Almeida, o Liberal.

*Estudo da correspondência de Domingos José de Almeida.

23 de agosto: Clamence.

*Estudo do personagem Jean-Baptiste Clamence, do romance 'La Chute', de Albert Camus.

06 de setembro: Sobre 'Os Homens Precários'.

*Transcrição do prefácio escrito por Guilhermino Cesar ao livro de Flávio Aguiar.

13 de setembro: Um Velho Poeta.

*Estudo da obra do poeta Manuel José Gonçalves Júnior, português, que viveu no Rio de Janeiro e radicou-se em Porto Alegre.

20 de setembro: A Polêmica sobre 'Talita'.

*O texto inicia explicando que é tradicional, entre os formandos da Universidade de Coimbra, montarem uma peça de teatro de autoria de um dos alunos, e interpretada por outros alunos (chama-se a isso 'Récita de despedida'); o gaúcho Artur Pinto da Rocha foi o autor da peça de seu ano de formatura, mas essa peça – 'A Padeira de Ajubarrota' – não representou polêmica como sua peça mais conhecida – 'Talita'.

27 de setembro: Ernâni Chagas.

*A partir de comentário de T.S.Eliot sobre o gosto em Literatura, Guilhermino Cesar comenta a obra de Ernâni Chagas.

¹⁵⁰ O próprio Guilhermino Cesar é responsável pela tradução de 'A Intrusa', peça de Maeterlinck.

04 de outubro: *A de Antigamente (Para Maiores de Quarenta Anos)*.

*Homenagem à Porto Alegre dos prédios antigos, e lamentação pela mudança drástica na fisionomia da cidade.

O texto é um dos maiores exemplares do quanto Guilhermino Cesar tratava a capital gaúcha como *sua* terra.

11 de outubro: *Carlos Dante de Moraes: o Crítico e o Memorialista*.

Análise da obra de Carlos Dante de Moraes, em especial sua recente publicação ‘Alguns Estudos e um Fragmento de Autobiografia’.

18 de outubro: *A Máquina*.

*O narrador descreve o encontro com um amigo que inventou uma máquina fantástica, que resume qualquer livro automaticamente.

O diálogo e os comentários do narrador demonstram, mais uma vez, as questões que envolvem o império da técnica sobre o Humanismo. Apesar do texto ser talhado para o aparecimento de Elesbão, o mesmo não se dá. O abandono do personagem, a essa altura, parece bastante provável.

25 de outubro: *Sobre a Guarda Velha de Viamão*.

*A partir da Feira do Livro, Guilhermino Cesar divulga uma série de publicações que revelam interessantes pesquisas.

1º de novembro: *O Crítico à Sombra da Estante*.

*Elogios à Dissertação de Mestrado de Tânia Franco Carvalho, ‘O Crítico à Sombra da Estante (Levantamento e Análise da Obra de Augusto Meyer)’.

08 de novembro: *Os Deuses de Raquel*.

*Comentários ao livro homônimo de Moacyr Scliar.

15 de novembro: *Bibliografia sobre a Colonização Italiana*.

*Destaque à necessidade de, dentro do biênio comemorativo da colonização, disponibilizar todo material de pesquisa possível.

22 de novembro: *Bibliografia e Bibliógrafos*.

*Continuação do tema anterior, com a inclusão de livros de consulta a respeito da História do Rio Grande do Sul.

29 de novembro: *Pessoa, no ‘Opiário’ e no Mais*.

*Biografia e obra de Fernando Pessoa.

06 de dezembro: *Contrabando e Colonização*.

*Retomada de um tema caro a Guilhermino Cesar: o contrabando como elemento importantíssimo para a economia gaúcha do período colonial, e as vistas grossas (e até apoio extra-oficial) por parte da Coroa Portuguesa. A partir desse ponto, o termo *contrabando* se faz presente.

13 de dezembro: *A Morte de um Criador de Vidas.*

*Texto de homenagem a Érico Veríssimo, falecido há duas semanas.

20 de dezembro: *Os Primeiros Passos do Romancista.*

*Texto publicado à página 5 do Caderno de Sábado, em suplemento especial dedicado a Érico Veríssimo. O texto de Guilhermino Cesar analisa as primeiras publicações de Érico, e sua significação no contexto do Romance de 30.

27 de dezembro: *O Romancista e a Incorporação do Terrunho.*

*Análise dos elementos regionais na obra de Érico Veríssimo, em especial as representações urbanas que povoam sua ficção.

O ano de 1975 é dedicado a muitos assuntos, mas a frequência permanece com temas gaúchos – História e Literatura, em especial. A Colonização italiana tem bastante espaço, decorrente de estudos do próprio Guilhermino e comentários seus a algumas publicações importantes. As pesquisas de fontes desempenham importantíssimo papel em um campo pouco explorado como a História do Rio Grande do Sul, e há vários textos investindo na pesquisa epistolar.

Percebe-se a dedicação de muitos artigos a obras que considera qualificadas; quando se trata de amigos ou conhecidos, nota-se uma leve distinção pessoal, mas sempre inserida em uma análise correta da obra em questão.

A morte de Érico Veríssimo teve muito impacto sobre todo o estado, e Guilhermino Cesar, que provavelmente o conhecia a partir da Editora Globo, parece ter decidido que uma série de estudos críticos seria a melhor forma de homenageá-lo.

1976: O ano dos estudos em série

03 de janeiro: *Do Condicionamento Épico ao Drama Social.*

*A obra de Érico Veríssimo nos decênios de 1940 e 1950.

10 de janeiro: *Érico Veríssimo e a Historicidade.*

*Outro artigo analisando a obra de Érico Veríssimo, dessa vez enfatizando a presença da História em seus romances.

17 de janeiro: *Érico Veríssimo e o Espelho Burguês.*

*A obra de Érico Veríssimo, em especial a faceta que lida com a burguesia e as famílias tradicionais.

24 de janeiro: *Confissão Translata e Confissão Direta.*

*Análise da obra de Érico Veríssimo a partir de conceitos sugeridos em ensaio de Osman Lins.

Fim de série a respeito do recém falecido Érico Veríssimo.

31 de janeiro: *Osman Lins e a 'Máquina de Enganar'.*

*Comentário a partir de texto publicado por Osman Lins no Jornal do Brasil, procurando demonstrar a falta de qualificação da geração de alunos para quem dá aula, numa Universidade do interior de São Paulo.

Guilhermino Cesar transcreve as perguntas do questionário montado por Osman Lins para os alunos de Letras, e algumas das respostas mais absurdas. A queixa geral do texto é referente ao novo critério de seleção para o Ensino Superior adotado no Brasil, o Vestibular com questões objetivas.

07 de fevereiro: Descalabros do Ensino.

*A partir de comentário de Lévi-Strauss a respeito do perfil dos estudantes universitários que encontrou em sua visita ao Brasil, Guilhermino Cesar manifesta sua concordância com o pensador francês, no que se refere ao apego do brasileiro às teorias mais recentes, em detrimento de ideias antigas e solidificadas – sem o apelo da ‘novidade’. Osman Lins aparece novamente como voz em sintonia com a de Guilhermino.

14 de fevereiro: Sobrevivência da Universidade.

*Retomada da crise do ensino brasileiro. Queixas a respeito de pouco se saber da Gramática, e referência a um plano de reforma do Ensino com ênfase na Gramática proposto ainda em 1948. menção da imprensa e da Técnica como fatores a se considerar para a decadência das Letras no século XX.

Série de textos que tratam especificamente do baixo nível dos estudantes, resultante das modificações realizadas na educação, em diversos níveis, no Brasil, influenciadas pelo paradigma da objetividade.

21 de fevereiro: Qorpo-Santo no Arquivo Histórico.

*A partir de uma apresentação bastante tocante, mencionando a loucura de Qorpo-Santo como um passo além do que ‘nós outros, mediocrementemente’ poderíamos fazer, Guilhermino Cesar comenta que uma forma de obter ‘alívio das penas’ é pesquisar no Arquivo Histórico, e começa a transcrever cartas que permitem vislumbrar um pouco mais a respeito de Qorpo-Santo.

28 de fevereiro: Qorpo-Santo em Outros Papeis do Arquivo.

*Continuação do artigo anterior.

06 de março: 1862, o Ano da Crise – ou – Loucura com uma Pitada de Gênio.

*Trechos de escritos de Qorpo-Santo e de documentos que o mencionam, mostrando a acuidade com que descreveu, cronologicamente, fatos importantes de sua vida.

13 de março: Solo um Pazzo.

*Comentários a respeito da obra de Qorpo-Santo. O título retoma a característica que marcou negativamente a biografia de Qorpo-Santo – a loucura de que se viu vítima. O texto procura trabalhar o conceito, transcrevendo um trecho de crítica em italiano, a partir do qual se retira o título.

Textos em série a respeito de suas mais recentes reflexões e pesquisas sobre o dramaturgo gaúcho.

20 de março: Quilombo e a Sedição dos Escravos.

*Análise da presença do negro escravo no Rio Grande do Sul. O texto começa dando especial atenção às características dos estudos realizados até então, sobre o assunto (escassez e não baseados em documentação), e parte para alguns exemplos de fontes primárias relevantes.

27 de março: Escravos de Meia Sisa e de Sisa Inteira.

*Referências a sua pesquisa a respeito da legislação gaúcha sobre o negro e o trabalho escravo.

03 de abril: O Batuque Proibido.

*Texto de cunho histórico que divulga documentos nos quais se pode ver como as leis lidavam com os costumes dos negros no Rio Grande do Sul do século XIX.

10 de abril: As Posturas e o Negro.

*Continuação do tema do negro. Dessa vez, o interesse maior é colocar em evidência as diferentes posturas adotadas quanto aos negros, no Nordeste e no Sul do Brasil, e as decorrências dessas diferenças.

24 de abril: O Negro e a Legislação do Império.

*Continuação dos artigos anteriores.

Mais uma série de artigos, dessa vez, centrados na presença do negro nas estâncias.

1º de maio: Os Estudos Literários de Oliveira Lima.

*Homenagem ao historiador Manuel de Oliveira Lima, com divulgação de obra do próprio e outra que analisa sua obra, publicada por Barbosa Lima Sobrinho.

08 de maio: Escola de Democracia?

*Pesquisas em torno da organização interna das estâncias, e a possibilidade de que essa organização favorecesse formas democráticas de tomar decisões.

15 de maio: Fome de Terra (I).

*Continuação do artigo anterior, com ênfase na importância das propriedades rurais enquanto posse de terra.

22 de maio: Fome de Terra (II).

*Continuação do artigo anterior. O texto termina com uma nota de Guilhermino Cesar reclamando de erros tipográficos na semana anterior.

29 de maio: Fome de Terra (III).

*Continuação do artigo anterior.

05 de junho: De Nicolau Dreys ao 'Antônio Chimango'.

*Comentários a respeito do perfil de 'gaúcho' traçado por Dreys e pela obra de Ramiro Barcelos. Machado de Assis é citado por seu 'Instinto de Nacionalidade', que ajuda para determinar a qualificação da definição de gaúcho que transparece em 'Antônio Chimango'.

Perto do fim do texto, Guilhermino Cesar adjetiva seu texto daquele sábado de 'artigo-conversa-crônica-de-gripado-beija-flor'. Guilhermino despede-se do público com um 'Até sábado', dando um tom coloquial ao texto.

12 de junho: O 'Mea-Culpa' do Filósofo.

*Comentários auto-biográficos e reflexões sobre os dois intelectuais que haviam falecido naquela semana: o escritor Hermilo Borba Filho e o filósofo Heidegger.

19 de junho: Dois Quadros.

*A página possui dois textos: o primeiro, intitulado 'No Banhado', descreve liricamente uma incursão uma paisagem natural; o segundo, é um conto que se desenrola sem narrador, apenas no diálogo entre dois meninos – um deles capturou um pássaro, e o outro se utiliza de diversos métodos para tentar obtê-lo do amigo.

O primeiro 'quadro' remete curiosamente ao livro que seria lançado em 1982, *Banhados*, para o qual Guilhermino Cesar escreve poemas a partir de fotos do banhado do Taim¹⁵¹. O segundo quadro lembra bastante um texto (considerado crônica) de Rubem Braga, chamado 'Negócios de Menino'.

26 de junho: Camões e a Realidade Viva (I).

*Análise de trechos de Camões, retomando os traços biográficos de sua obra.

03 de julho: Camões e a Realidade Viva (II).

*Continuação do artigo anterior.

17 de julho: Camões e a Realidade Viva (III).

*Continuação do artigo de 03 de julho.

07 de agosto: Camões e a Realidade Viva (IV).

*Continuação do artigo de 17 de julho.

14 de agosto: Juca, o Letrado.

*A reedição da obra de Zeferino Brazil, por iniciativa do Dr. Saul Totta, na Fundação de Educação e Cultura do Sport Clube Internacional. Menção ao último livro reeditado, o romance 'Juca, o Letrado'.

10 de julho: Tetralogia do Homem Nu.

*Homenagem a Hermilo Borba Filho, a partir de comentários a respeito de sua autobiografia, 'Margem das Lembranças'.

24 de julho: Carmen e Capitu.

*Relações entre a ficção de Mallarmé e a de Machado de Assis, em especial no que diz respeito à análise de caracteres e suas paixões.

31 de julho: O Poeta e o Poema.

*Debate a respeito da "proclamada" melancolia e do sentimentalismo do povo brasileiro. Reavaliação desses conceitos em alguns poetas brasileiros. O texto termina com a transcrição de 'O poema' de Quintana. A página está ilustrada com uma foto histórica de cinco poetas sentados lado a lado: Drummond, Vinicius, Bandeira, Quintana e Paulo Mendes Campos.

21 de agosto: As Cartas de Maneco.

*Comentários a respeito de edição das cartas de Álvares de Azevedo.

¹⁵¹ Trata-se de uma belíssima edição bilingue patrocinada pela Riocell. Talvez o projeto já estivesse se desenvolvendo durante esse ano.

04 de setembro: *Um Conceito de Literatura Nacional.*

*Análise da obra do intelectual e crítico Vicente de Azevedo, em especial de sua tese de que é a língua o que determina a característica ‘nacional’ de um autor e de sua obra.

11 de setembro: *Peço aos Catarinenses...*

*Guilhermino Cesar busca o escritor catarinense que adotou o pseudônimo de ‘Insulano’, e publicou uma narrativa-romance de viagens chamada ‘A Massambu’. O texto apresenta trechos da obra, transcritos.

18 de setembro: *A Viagem a Massambu.*

*Continuação do artigo anterior, com mais trechos transcritos e comentados.

25 de setembro: *Sem Título.*

*A partir de uma crônica publicada no Rio Grande do Sul em 1861, a respeito de ‘Desencantos’, obra de Machado de Assis, Guilhermino Cesar analisa a obra do jovem Machado.

02 de outubro: *Voltando a Massambu.*

*Guilhermino agradece aos amigos estudiosos e bibliógrafos, que prontamente o ajudaram na identificação do Insulano: trata-se de Duarte Paranhos Schutel. O texto segue com alguns interessantes dados biográficos do autor em questão.

09 de outubro: *Poesia Negro-Africana.*

*Comentários a respeito da poesia de negros africanos. Transcrição de poema de escritor do Madagascar, Jacques Rabemananjara.

16 de outubro: *Um Companheiro.*

*Texto de homenagem ao amigo, o intelectual alemão (radicado em Porto Alegre) Herbert Caro. Narração de diversos episódios envolvendo sua figura, e alguns trabalhos conjuntos. Texto de intenso veio biográfico.

06 de novembro: *Construção do Canto.*

Conto da autoria de Guilhermino Cesar.

23 de outubro: *Assis Brasil debaixo do Lápis.*

*A obra de Assis Brasil, ‘Democracia Representativa’, analisada por Guilhermino Cesar, mostrando a importância de tal livro para a consolidação das ideias republicanas no Brasil.

30 de outubro: *Moog aos Setenta.*

*Homenagem a Vianna Moog e sua obra, por ocasião dos setenta anos do escritor. Relatos auto-biográficos de sua convivência com Moog, e trechos de relatos de Érico Veríssimo a respeito do mesmo. O texto conta com uma foto cuja legenda é: ‘Amigos e agora setentões: Quintana e Vianna Moog’.

13 de novembro: *Contrabandistas e Flibusteiros.*

*A partir de escritos de homens que andaram pela campanha gaúcha no século XVIII (Nicolau Dreys, John Mawe, entre outros), Guilhermino retoma a importância do contrabando no sistema econômico gaúcho.

Novamente os livros que dão conta das fontes primárias.

20 de novembro: Poetas do Senegal.

*Análise de alguns fatores históricos que compõe o molde da cultura africana. Transcrição de dois poemas de escritores senegaleses.

27 de novembro: Entre o Monopólio Espanhol e o Imperialismo Inglês.

*Novamente o contrabando em solo gaúcho. Dessa vez, ampliando o foco para as nações envolvidas na questão (Portugal, Espanha e Inglaterra) e as diferentes formas de encarar a mesma questão.

04 de dezembro: O Contrabando e o Estatuto Colonial.

*Retomada do contrabando como fenômeno importante para a Economia do Rio Grande do Sul colonial. Ênfase na aceitação extra-oficial do contrabando, por parte da Coroa Portuguesa, e do combate desempenhado pela Coroa Espanhola, que não teria compreendido os laços comerciais específicos que tornavam o contrabando inerente à fronteira platina.

11 de dezembro: Contrabando e Nacionalidade. A posição específica do Uruguai nas questões envolvendo as fronteiras e o contrabando na região platina.

Série de textos tratando em detalhe a questão do contrabando.

18 de dezembro: Ribeiro Couto em Portugal.

*Retomada da obra do modernista Ribeiro Couto.

25 de dezembro: Três Poemas.

*Três poemas da autoria de Guilhermino Cesar – ‘Nicolau Laluna’, ‘Trégua de Natal’ e ‘O Trigo’.

O ano de 1976 é voltado, além das costumeiras e sempre esclarecedoras análises e resenhas literárias, para a Economia gaúcha, em especial a questão do contrabando, que fascinava Guilhermino Cesar.

Uma característica bastante peculiar das publicações deste ano é a retomada da presença de artigos em série: em especial, pode-se destacar uma série sobre os escravos, uma sobre a educação superior e outra sobre Qorpo-Santo. Esse procedimento dá um senso de continuidade às pesquisas, estudos e reflexões publicados – a impressão que se tem é que, mais do que compartilhar de seu trabalho, o leitor pode acompanhar as descobertas e conclusões a que o trabalho intelectual de Guilhermino Cesar conduz.

1977: Encerrando uma fase combativa**1º de janeiro: Dilema Farrapo: Contrabando ou Morte.**

*O tema do contrabando, e a existência de documentos que demonstram como era encarado pelas autoridades locais.

08 de janeiro: O Contrabando e os Farrapos.

*Retomada do tema do contrabando, e sua importância durante o que Guilhermino Cesar chama de ‘guerra civil’ – a Revolução Farroupilha.

15 de janeiro: O Incidente de São Frutuoso.

*Retomada da importância do contrabando, dessa vez com a transcrição de documentos uruguaios relacionados a um caso específico. O texto ocupa uma página e meia.

22 de janeiro: O Contrabando em Fins do Século XIX.

*Retomada do assunto dos artigos anteriores.

29 de janeiro: Os Gaúchos e a Crise Uruguia de 1890.

*Elogios à atividade de Ramiro Barcelos, enquanto médico, poeta, cronista, político e, finalmente, administrador – foi governador do Rio Grande do Sul no período da crise econômica que atingiu o Uruguai.

05 de fevereiro: O Porto de Rio Grande e o Contrabando.

*A questão do contrabando, dessa vez focalizada no porto.

12 de fevereiro: Pecuária e Contrabando.

*Retomada do tema do contrabando, com fontes primárias e contextualização com a Economia da época – no caso, o começo do século XX.

19 de fevereiro: O Contrabando dos Anos 30.

*A postura do governo Vargas a respeito do contrabando.

Os primeiros dois meses do ano são dedicados a estudos de Economia e História do Rio Grande do Sul.

26 de fevereiro: Um Plano de Cultura para a Capital.

*Texto com fortes traços autobiográficos, no qual Guilhermino Cesar comenta o convite recebido de Gabriel Pedro Moacir, então Prefeito de Porto Alegre, para compor a comissão que estudaria a organização da Diretoria de Cultura do Departamento de Cultura, Assistência Social e Saúde. O texto segue explicando quais as ideias que o grupo alimentou, quais suas motivações e quais se tornaram felizes realidades, 30 anos depois.

05 de março: O Sesquicentenário Farrapo.

*Retomada da Revolução Farroupilha, que comemoraria 150 anos em 1985.

12 de março: O Arquivo do Conde.

*Relato de pesquisa de campo realizada por Guilhermino Cesar na Biblioteca Pública da cidade de Rio Grande, na qual encontrou, muito bem preservados, os arquivos do Conde de Piratini. O texto prossegue com informações sobre a vida e as atividades do Conde.

Ao final, estão transcritos três poemas de Lara de Lemos, do ‘Pequeno Dicionário Particular’: ‘Além’, ‘Homem’ e ‘Estatística’. Percebe-se mais uma vez a proximidade do tom e temática da poeta e do próprio Guilhermino em ‘Sistema do Imperfeito’.

19 de março: Os Enjeitados.

*A partir da retomada do termo ‘enjeitado’ e seu significado, mencionando inclusive a *roda dos enjeitados* e apontando brevemente algumas de suas causas sociais (preconceito sofrido pelas mães solteiras, abuso dos donos de escravos sobre as mulheres negras), Guilhermino Cesar passa a refletir a respeito do abandono de muitas bibliotecas, no Brasil, e da situação de ‘enjeitados’ a que os livros são submetidos.

O artigo termina com a transcrição de um poema de Lara de Lemos, ‘Ex-Homem (ou a maioria silenciosa)’, cuja temática social remete a alguns escritos que Guilhermino Cesar apresentaria em ‘Sistema do Imperfeito’.

26 de março: *Uma Edição Necessária.*

*Da importância de pesquisas que deem conta da organização e da edição de livros a respeito das fontes primárias da História do Rio Grande do Sul.

02 de abril: *Intemporal.*

*A respeito da obra poética e das traduções de Cristiano Martins. Guilhermino Cesar conta como o escritor lançara seu primeiro livro pedindo a um colega de repartição que assumisse a autoria, publicamente, por ele. Houve elogios de Mário de Andrade e de outros críticos ao poeta, e todos se esforçaram até descobrir o verdadeiro autor dos versos. Guilhermino Cesar explica que está sendo lançada uma nova edição de clássicos da Literatura Universal, e o primeiro volume é justamente a tradução feita pelo tímido mineiro Cristiano Martins para a ‘Divina Comédia’.

16 de abril: *Viajante Aprendiz.*

*Comentários a respeito das diferentes formas de encarar uma viagem: a contemplação, a descoberta da beleza, mesmo em lugares próximos, e a compra de passagens caríssimas para lugares distantes e/ou exóticos.

23 de abril: *Literatura Viva em Portugal.*

*A Literatura Portuguesa surgida em torno da Revista Presença, em especial os nomes de José Régio e Miguel Torga. O texto enfatiza o fato de que Literatura Portuguesa existe depois de Pessoa, e que tem muita qualidade.

30 de abril: *Reparando Injustiças.*

*Comentários a respeito dos meios de transporte, incluindo alguns que aparecem na ficção. O texto está repleto de referências a personagens em princípio ficcionais, juntamente com possíveis leitores, estudiosos e intelectuais referidos.

Elesbão volta a aparecer, juntamente com a esposa Margarida (Elesbão vai comprar roupas na fronteira, pois ‘os netinhos já tremem de frio’). Há menção a uma leitora de Anta Gorda, que escreve defendendo os ônibus intermunicipais. Essa leitora é provavelmente ficcional, pois conhecemos o gosto de Guilhermino pela utilização ficcional do nome desta cidade gaúcha.

07 de maio: *É abril.*

*Reflexões a respeito da beleza da primavera em Paris (para onde o amigo P.F. Gastal fora viajar) e do outono em Porto Alegre. A natureza e o clima da capital gaúcha remetiam-no a Minas Gerais e aos poetas arcades. O texto menciona ainda os candidatos a poeta que enviam seus escritos para serem apreciados pelo professor Guilhermino, e aparece transcrita o que seria uma carta-resposta a um desses aspirantes a escritor.

14 de maio: *O ‘Estrangeiro Mau’.*

*Texto a respeito dos estudos do austríaco Ferdinand Wolf a respeito da Literatura Brasileira. Ênfase nas características do Romantismo na prosa brasileira.

Guilhermino Cesar constroi alguns parágrafos deliciosos, comparando os escritos daqui com os europeus da mesma época.

21 de maio: *Azorín à Janela.*

*O texto descreve a aventura literária que pode ser desencadeada pela simples ação de mexer em uma estante de livros para mudá-la de lugar por causa do sol.

Fazendo isso, Guilhermino Cesar reencontra uma série de textos e autores de seu gosto, em obras esquecidas. Atenção especial a uma crônica de Azorín, na qual descreve o efeito simbólico diante da comunidade, decorrente de ser chamado por um ‘poderoso’ para ter uma conversa particular à janela. Imediatamente a pessoa chamada era alavada à categoria de ‘poderoso’, também. O fim do texto mostra um certo tom melancólico, ao observar o poder e suas formas de expressão hoje em dia – criando um paralelo entre o discreto chamar à janela e a propaganda que se anuncia aos gritos nos jornais.

28 de maio: *Ensaio Contra Babel.*

*Guilhermino compara a confusão das línguas, representada na Bíblia pela Torre de Babel, com a influência dos linguistas no ensino da língua nas escolas. O resultado desastroso dessa intervenção seria a desvalorização da Gramática.

O texto menciona com grande respeito e afeto o professor Gladstone Chaves de Melo, que escreve sobre a língua brasileira observando o estrago que o ensino ligado exclusivamente às novas tendências linguísticas pode fazer.

04 de junho: *Socorro de Afritos.*

*Elogio aos bibliotecários e bibliógrafos, pelo apoio que dão aos estudiosos, num país em que não se estimula a leitura, nem a preservação de livros, e no qual ‘as comunicações, mormente as espirituais, continuam precárias’. Ou seja, há uma distinção entre *comunicação latu sensu* e *comunicação strictu sensu*.

11 de junho: *Henrique, o Editor.*

*Texto de memórias, em homenagem a Henrique Bertaso. Retomada da chegada de Guilhermino a Porto Alegre, em setembro de 1943, os acontecimentos marcantes do momento na capital gaúcha, a vida intelectual e a importância da família Bertaso.

18 de junho: *Ao Calor da Ideia.*

*Comentários a respeito da repercussão que as ideias científicas de fins do século XIX tiveram sobre os poetas. Trechos comentados de poesia.

25 de junho: *Voltando à ‘Ideia Nova’.*

*Continuação do estudo do artigo anterior, com mais trechos comentados.

02 de julho: *Da Ideia à Palavra.*

*Continuação do artigo anterior, com ênfase em Augusto dos Anjos.

09 de julho: *Álbum de Moça.*

*Chega às mãos de Guilhermino Cesar um álbum que foi utilizado por várias moças de uma família tradicional gaúcha, e ele passa a observar suas características e os nomes históricos que por ali passam, de uma forma ou de outra.

O texto começa com a explicação da origem romana da palavra ‘album’, sua evolução em Português, incluindo definições de dicionaristas – e uma referência extremamente respeitosa a Celso Pedro Luft, colega na UFRGS.

23 de julho: 'Tu hoje és impossível'.

*Distinção entre o caráter 'lamentoso' de muitos textos de poetas românticos brasileiros e sua produção crítica (no caso de Álvares de Azevedo). Também aparece com força a diretriz poética – cara ao Romantismo – de que o poeta está em desacordo com o mundo que o rodeia.

Parece que essa ideia de que o poeta é a voz discordante numa sociedade satisfeita consigo mesma é forte para Guilhermino – isso transparece em seus textos do *Sistema do Imperfeito* – e a frase final do texto é muito característica dessa convicção: *A vida literária ou é destino, ou não é nada.*

30 de julho: O Tempo deu, o Tempo acaba.

*Retomada da obra de Laurindo Rabelo, a partir da discussão dos artigos anteriores a respeito dos poetas românticos, considerados por análises superficiais de 'chorões'.

06 de agosto: João de Deus e Augusto dos Anjos.

*Relação entre as obras dos dois poetas. Trechos transcritos de poemas.

13 de agosto: Graves e Fúteis.

*Análise da visão de amor presente na poesia Pré-Modernista, em oposição à celebração erótica dos parnasianos.

20 de agosto: Augusto dos Anjos e os Parnasianos.

*Da crítica feita por Augusto dos Anjos aos 'amores fúteis' celebrados pelos poetas parnasianos. O texto dá continuidade ao artigo da semana anterior.

27 de agosto: Poesia Concreta.

*Análise da poesia concreta, o que ela possui de próprio e alguns mal-entendidos em torno dela. Destaque para o papel de Oswald de Andrade para a sua divulgação.

03 de setembro: Mitologia Política.

*Visão que a população em geral possuía dos políticos antes de 1930 – sem a divulgação radiofônica e com aparições apenas nas Câmaras Centrais. O povo do interior, então, cedia à imaginação, o que permitiu o aparecimento de uma série de mitologias, de dealizações e lendas em torno de nomes como Borges de Medeiros.

10 de setembro: Do Fundo da Gripe.

*Mais uma vez mencionando uma gripe, Guilhermino Cesar avisa que vai publicar algumas traduções suas, naquela semana. Seguem cinco poemas e comentários.

17 de setembro: O Latifundiário e o Patriado Gaúcho.

*Comentários a respeito da divisão de terras no interior do Rio Grande do Sul nos tempos de Dom Pedro I.

24 de setembro: Problemas Inculturais Brasileiros.

*Retomada da luta de Osman Lins por uma educação mais adequada no Brasil, em especial ao ensino de Literatura. Comentários a respeito das publicações didáticas que apresentam poquíssimos trechos de Machado de Assis, mas incluem muitos textos de humoristas (como Millôr e Stanislaw Ponte Preta) e de pessoas famosas (como Pelé).

1º de outubro: Os Farrapos e a Documentação Manuscrita.

*A importância das cartas da época para a pesquisa sobre a Revolução Farroupilha.

08 de outubro: Bestas, Aves e Peixes.

*Texto que descreve os experimentos sobre o comportamento realizados pelo pesquisador Konrad Lorenz, Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1973. Trechos transcritos da obra traduzida de Lorenz, inclusive aquele em que ele explica alguns de seus experimentos mais importantes com uma família de patos.

15 de outubro: O último Nobel de Literatura.

*O texto manifesta a alegria de Guilhermino Cesar pela premiação do poeta andaluz Vicente Aleixandre com o Nobel de Literatura de 1977. Transcrição de poema do premiado.

22 de outubro: Adolescentes em Pânico.

*Críticas aos professores de nível médio que obrigam os alunos a lerem, sem qualquer orientação, autores complexos como Kafka. Guilhermino Cesar menciona receber muitos pedidos de ajuda de rapazes e moças que se veem desorientados diante de pedidos de seus professores, e teme pelas repercussões que essas práticas possam ter sobre o gosto dos jovens pela Literatura.

29 de outubro: Uma Instituição Crítica.

*Análise da obra de Afrânio Coutinho, 'Universidade, uma Instituição Crítica'. A partir dessa obra e de alguns trechos de artigo publicado no Jornal do Brasil por Euryalo Cannabrava (ambos referidos em pé de página), Guilhermino Cesar retoma a ideia de que a popularização do Ensino Superior – ou seja, o acesso à Universidade para qualquer cidadão, sem considerar a excelência intelectual – não é um avanço, mas um retrocesso.

05 de novembro: A 'Certidão de Idade' do Rio Grande.

*A respeito da lei estadual que determinou a criação dos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Guilhermino Cesar fez parte do Instituto Histórico e Geográfico do estado, o que dá testemunho mais uma vez de seu envolvimento pessoal com a pesquisa organizada sobre o Rio Grande do Sul.

12 de novembro: Os Primeiros Dias do 'Presídio'.

*Guilhermino Cesar, depois de explicar que 'presídio' era o nome dado ao forte Jesus-Maria-José, em Rio Grande, passa a relatar o que descobriu em alguns documentos oficiais do século XVIII. Mais uma vez, mostra a importância das fontes primárias.

19 de novembro: O 'Presídio' e a Pecuária Aventurosa.

*Retomada das atividades que cercam o forte Jesus-Maria-José.

26 de novembro: O Regimento da Courama.

*Mais informações sobre as formas de organização do interior gaúcho no século XVIII. Valorização do tipo de informação presente nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

03 de dezembro: Um Precursor de Lobato.

*A partir de comentários a respeito da importância da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato para a educação e a cultura das crianças brasileiras, Guilhermino Cesar passa a tratar de Carlos Jansen, alemão que viveu muito tempo no Rio Grande do Sul, traduziu e ajudou a divulgar uma série de textos também relacionados à Literatura Infanto-Juvenil. A página está ilustrada com um fac-símile da capa de ‘As Viagens de Gulliver’, traduzidas por Jansen. Jansen era amigo de Koseritz, um dos autores favoritos de Guilhermino Cesar, e isso é mencionado por Guilhermino Cesar, em louvor à cultura de Jansen, talvez ‘mais sólida’ que a de Koseritz.

10 de dezembro: Tapas e Minuanos no Rio Grande de São Pedro.

*A importância dos índios para a colonização do território gaúcho. Mais uma vez, as informações são em grande parte retiradas de edição dos Anais do Arquivo Histórico.

17 de dezembro: Outras Pegadas do Índio.

*Continuação do estudo a respeito da presença do índio e de sua influência na sociedade gaúcha durante o período colonial.

24 de dezembro: O Livreiro Paula Brito e seu Tipógrafo Glorioso.

*A história da Academia Brasileira de Letras, alguns de seus equívocos históricos (a não admissão de Cecília Meireles, pois o estatuto, não questionado até Raquel de Queiroz, não admitia mulheres), e outras questões envolvendo Paula Brito e Machado de Assis – que é o tipógrafo mencionado no título, pois começou sua carreira com essa função, na livraria de Paula Brito, sendo promovido a revisor de provas e depois, a cronista.

A tônica de 1977 parece ser a variedade, mas com destaque sempre para os temas que são agradáveis a Guilhermino Cesar: suas leituras de cabeceira, suas descobertas sobre a História Gaúcha e seus estudos de Literatura Brasileira.

O ano de 1977, em que aparece Sistema do Imperfeito & Outros Poemas, é o último em que as publicações de Guilhermino Cesar ficam quase que exclusivamente dedicadas aos Caderno de Sábado. A partir do ano seguinte, ele retoma as publicações de ensaios e estudos em meios acadêmicos, e de alguns livros.

Apesar da idade avançada, continuou engajado em projetos novos – fosse escrevendo para o jornal, ou produzindo os belíssimos poemas breves que comporiam a publicação de 1982 a respeito do Banhado do Taim¹.

I.3-DE 1978 A 1981

Começa em 1978 o que seria o período pós-*Sistema do Imperfeito*. A publicação do livro pode ser considerada uma espécie de catarse, que teria tornado os artigos mais amenos, e fazendo com que eles deixassem de ser o foco principal da atenção de Guilhermino Cesar. Ainda que os temas do livro continuem aparecendo, não se nota mais uma *cobrança* quanto à postura que o leitor/cidadão venha a tomar; o que se percebe é a busca por uma *parceria* – alguém disposto a ouvir seus argumentos e a compartilhar de seus interesses.

1978: Diálogo com o leitor e retorno às publicações “externas”¹⁵²

07 de janeiro: *Democracia e Literatura*.

*Recomendação de leitura: a obra de Robert Penn Warren, em especial ‘Democracia & Literatura’. O livro debate o valor da popularização da Arte por exemplo, o que a torna objeto de entretenimento ou apenas ritual. Confunde-se ‘democrático’ com ‘vendável’, na sociedade tecnológica, e isso preocupa o teórico e Guilhermino Cesar.

Este é um dos artigos em que, com a mesma acidez presente em *Sistema do Imperfeito*, Guilhermino Cesar mostra uma percepção bastante clara dos movimentos sociais e ideológicos decorrentes de uma sociedade que valoriza a máquina e seus predicados, acima das Artes e Humanidades.

14 de janeiro: *Tempo Livre para a Poesia*.

*Continuando o debate em torno do interessante livro de Penn Warren, Guilhermino Cesar transcreve algumas passagens memoráveis, nas quais o autor mostra que, persistindo o estado de coisas atual, o futuro se conformaria numa meritocracia na qual a maioria viveria para o prazer e a ociosidade vazios, e uma minoria privilegiada (inclusive intelectualmente) teria o direito de trabalhar.

Esse futuro imaginário está presente na poesia de *Sistema do Imperfeito*. A impressão que se tem é de que os temas do livro de poemas estavam ainda exercendo grande poder de atração sobre o escritor, que aproveitava o espaço do jornal para continuar debatendo-os. Caso o leitor tivesse feito a leitura de sua poesia, Guilhermino teria certeza de um interlocutor já avisado de seu posicionamento; caso não tivesse lido o livro, mas acompanhasse com assiduidade os artigos, também saberia de que forma Guilhermino pensa as questões concernentes à Era da Informação.

21 de janeiro: *Fénelon em Porto Alegre*.

*Guilhermino explica estar escrevendo um estudo a respeito dos começos da tipografia no Rio Grande do Sul, e destaca algumas obras, em especial – aquela que dá título ao texto, e ‘A Filósofa por Amor’, da gaúcha Ana Eurídice Eufrosina de Barandas.

¹⁵² O ano de 1978 traz três publicações de Guilhermino Cesar: *Historiadores e críticos do Romantismo*: a contribuição européia (Rio de Janeiro), *Os verdes da “Verde”*, depoimento publicado na edição comemorativa aos 50 anos da Revista (São Paulo) e *O contrabando no sul do Brasil* (Caxias do Sul). Para detalhamento, ver as Referências deste trabalho.

28 de janeiro: *Silva Pais num Códice Coimbra*.

*Poetas portugueses que valorizaram a figura injustamente esquecida do fundador do Rio Grande do Sul, José da Silva Pais.

04 de fevereiro: *Silva Pais, Homem do Povo*.

*A vida de Silva Pais, com destaque para as informações que se pode conseguir sobre ele consultando a 'Gazeta de Lisboa', publicada entre 1715 e 1835.

11 de fevereiro: *Carpeaux*.

*Texto de homenagem por ocasião do falecimento de Otto Maria Carpeaux. Narra o único encontro dos dois e descreve um pouco de sua vida e obra, destacando sua importância para a cultura brasileira.

18 de fevereiro: *Metastásio em Dois Tempos*.

*Estudo da influência da Literatura Italiana sobre a Brasileira, a partir da análise da poesia de Metastásio.

25 de fevereiro: *Difusão de Metastásio*.

*A poesia dramática no Brasil, incluindo a obra de Cláudio Manuel da Costa e relatos de divulgação e avaliação de tais obras no interior do Rio Grande do Sul, ainda no século XVII (transcrição de 1794).

04 de março: *Metastásio no Brasil*.

*Continuação da pesquisa a respeito da influência do poeta italiano no Brasil.

11 de março: *Comédias Portuguesas no Rio Grande do São Pedro (1750)*.

*Retomando sua satisfação com a publicação dos Anais do Arquivo Histórico, Guilhermino Cesar elogia as vantagens oferecidas para a pesquisa na organização desse tipo de material. São relatadas as montagens de peças na cidade.

O texto é ilustrado pela foto de uma cena de teatro de fantoches, o que intensifica o teor afetivo da revelação de que havia teatro organizado no interior do Rio Grande do Sul no século XVIII.

18 de março: *O Negro em Questão*.

*Análise de fontes primárias que dão conta da organização social de Pelotas na década de 1830, em especial a população negra e as normas que regiam seu trato.

O texto refere o desejo de Guilhermino Cesar de publicar 'O Conde de Piratini e a Estância da Música' – não realizado pela falta de editor.

1º de abril: *O 'Vago' em Debate*.

*Retomada do termo 'vago' utilizado pelo intelectual e político argentino Sarmiento para diferenciar estancieiros e pequenos proprietários daqueles que não possuíam terras. Espaço para o papel do índio como 'vago' e dos planos de educação desenvolvidos por Sarmiento para tentar dar conta dessa classe de pessoas.

08 de abril: *Poesia de Madagascar*.

*Elogio à poesia africana, em especial a de língua francesa, e transcrição de poema 'Epitalâmio', de Flavien Ranaivo.

15 de abril: *Sonho de Borges.*

*Comentários a respeito de ‘El Libro de Sueños’, de Jorge Luis Borges. Além de trechos de poesia do argentino, o artigo ainda descreve a fascinação que Borges exercia sobre os então rapazes envolvidos na Revista Verde de Cataguases.

Como se vê, a Verde voltara à lembrança de Guilhermino Cesar, no ano de publicação da homenagem à revista homônima.

29 de abril: *Surpresas do Cancioneiro.*

*Nomes de pesquisadores e escritores envolvidos com a produção de cancioneros, com destaque para aqueles que se debruçaram sobre o Cancioneiro gaúcho.

06 de maio: *Ainda o Cancioneiro Gaúcho.*

*As temáticas pouco variadas do cancionero gaúcho, em especial o desapego quanto à mulher e à vida familiar.

13 de maio: *O Cavalo no Cancioneiro Gaúcho.*

*Transcrições e comentários a respeito da figura do cavalo na poesia gaúcha (incluindo a platina).

20 de maio: *O Cavalo na Poesia Culta.*

*A figura do cavalo na poesia culta – uma vez que na poesia popular se sabe de sua grande importância.

O texto retoma o tema do cavalo, iniciado na semana anterior, e já abordado em 05 de abril de 1975.

O texto dessa semana foi publicado na contracapa do Caderno de Sábado, e é seguido, em letras grandes, da seguinte nota:

N. da R. : A surpresa que os leitores deste Caderno têm hoje, ao vê-lo inteiramente dedicado a Guilhermino Cesar, é por certo a mesma do homenageado, porque esta edição foi feita totalmente à sua revelia. Mas ao mesmo tempo em que homenageamos o mineiro-gaúcho, não poderíamos deixar de homenagear também o seu leitor: por isso mesmo, embora deslocada, aqui está a crônica semanal que Guilhermino Cesar escreve para este suplemento, e que hoje, como em todos os sábados, é leitura obrigatória.

Tratava-se do aniversário de setenta anos de Guilhermino Cesar, e diversos estudos sobre sua obra e homenagens à sua figura ocuparam as páginas do Caderno de Sábado. Alguns dos autores desses textos: Tânia Carvalho, Flávio Loureiro Chaves, Antonio Candido, entre outros.

27 de maio: *Cavaliada em Desfile.*

*Continuação do estudo sobre a figura do cavalo, com outros trechos, com ênfase na importância do animal para a vida do homem comum do interior.

03 de junho: *Último Pousa.*

*Artigo dividido em quatro textos, tendo como eixo comum diferentes imagens do cavalo: numa crônica de Clarice Lispector, numa sextilha nordestina popular, na poesia do Moçambique, em José de Alencar.

10 de junho: *De Camões a Mário Quintana.*

*A questão da luz e de sua simbologia na poesia. Trecho de Camões e outro de Quintana, ilustrando esse elemento do imaginário. Destaque para a imagem da luz que passa sem contaminação pela vidraça.

17 de junho: *Como o Sol pela Vidraça.*

*A partir do artigo da semana anterior, Guilhermino Cesar conta ter recebido uma série de colaborações a respeito da imagem da luz que passa pela vidraça. Transcreve alguns dos poemas indicados e os comenta.

24 de junho: *Pelo Ar.*

Uma certa revolta quanto à forma superficial com que determinados assuntos são tratados pelo cidadão comum. Guilhermino Cesar aponta como as pessoas são tomadas de intensa ansiedade e concentram sua atenção na peste suína, como se tivessem deixado de existir o cheiro da Borregaard, os preços altos e muitas outras coisas. Menção a Elesbão com certo tom dúbio: ‘Um assunto desentoca outro, como gosta de dizer, com profundidade oceânica, o meu esquecido e filosófico Elesbão’¹⁵³.

1º de julho: *Uma Ideia Viva.*

*Debate a partir da ideia de Franklin Távora, de que o Norte do Brasil possuía mais elementos do que o Sul para propiciar o surgimento de uma Literatura ‘propriamente brasileira’. Guilhermino Cesar chama ao debate os românticos (Madame de Staël), Lukács e Taine, entre outros, discutindo a questão da autenticidade em Literatura.

08 de julho: *História ou Antropologia Cultural.*

*Debates em torno da posição desempenhada pela Igreja Católica no Brasil: logo após a queda da Monarquia, e por ocasião das duas grandes guerras do século XX; algumas figuras importantes, inclusive de pensadores católicos; por fim, Guilhermino Cesar discorda da última iniciativa de intelectuais católicos, de mapear a presença do catolicismo entre o povo, a partir de elementos como o Cordel.

Guilhermino Cesar possui um respeito imenso pela Igreja, e uma absoluta crença no poder do Cristianismo enquanto fonte de valores para o Ocidente. No entanto, parece-lhe desagradar profundamente que obras de arte sejam sujeitas a uma análise estritamente religiosa.

15 de julho: *Elogio do Folhetim e da Telenovela.*

*Um texto em que fica evidente o elogio à novela como elemento lúdico no Brasil, assim como já haviam sido o folhetim romântico (no Brasil e na Europa) e a novela de rádio.

Transparece um certo tom de crítica não à capacidade de mobilização da novela, mas à falta de capacidade de mobilização de uma série de órgãos, em princípio, muito mais importantes. Os dois primeiros e o último parágrafo mencionam uma série de elementos que remetem à vida do cidadão comum (a Copa do Mundo, a peste suína, os

¹⁵³ O adjetivo *esquecido* aponta para o abandono da figura de Elesbão, naturalmente percebida pelo leitor assíduo, uma vez que sua presença marcara muitos textos brilhantes do início da década de 1970. Parece-nos que Guilhermino Cesar optou por deixar de lado o tom de humor e partir para o debate apaixonado, mas absolutamente sério, das questões que lhe interessavam. A figura de Elesbão tem um quê de folclore, e a proposta não parece mais ser essa.

preços que se elevam, as visitas de netos barulhentos), mostrando a importância do elemento lúdico para a sobrevivência do brasileiro.

22 de julho: Medicina e Literatura.

*Por ocasião dos oitenta anos da Faculdade de Medicina da UFRGS, Guilhermino Cesar dedica seu artigo a comentar a obra literária de médicos formados naquela Faculdade.

Bem ao estilo de Guilhermino Cesar, a homenagem não se limita a mencionar os médicos que também foram escritores. Inicialmente, analisa-se a prevenção dos escritores quanto aos médicos, em exemplos retirados de Voltaire e Victor Hugo. A seguir, explica-se que em tempos em que ainda não havia Faculdades de Letras no Brasil, os escritores iam cursar Medicina, o que justifica tantas obras entre os médicos. O texto ainda inclui alguns comentários a respeito da diferença cultural entre estudantes universitários de outros tempos e os de hoje.

29 de julho: Em Louvor, Prosaico, da Poesia.

*Texto de homenagem a Raul Bopp, pela passagem de seus oitenta anos.

05 de agosto: Um Escritor.

*Um ensaio a respeito das diferentes conformações do romance como denúncia de uma situação social no Brasil. Ênfase na geração de 1930, mas olhar especial para a forma como os gaúchos trataram o tema. O título se refere a Cyro Martins, pois a figura do 'gaúcho a pé' é de grande interesse para Guilhermino Cesar.

12 de agosto: Assunto Inesgotável.

*Retomada da obra de Cyro Martins, a fim de mostrar as produções anteriores no Rio Grande do Sul, em termos de romance, e explicar algumas das razões por que se deveria retomar os estudos sobre essas obras. Menção a 'O Corsário' e 'A Divina Pastora', de Caldre Fião, além de outros escritos.

19 de agosto: Saudades do 'Herói'.

*A partir da ideia de que a figura do escritor está cada vez mais desvalorizada, Guilhermino Cesar estabelece uma distinção entre o escritor de cunho literário tradicional (poeta, dramaturgo, romancista) e aquele que escreve livros sobre qualquer coisa (menciona os livros de Estatística, as publicações de Pelé, entre outros casos). A venda desse tipo de livro é tão grande quanto a popularidade de filmes futuristas que pregam a violência e a brutalidade. É retomada a figura de Jules Verne que, ao lançar suas obras de ficção científica, roubava o público aos românticos de capa e espada, mas oferecia-lhe outra espécie de encanto, ao contrário dos escritores técnicos seus contemporâneos, que oferecem simplificações e brutalidades ao público.

Novamente, a crítica ao comportamento da sociedade tecnológica é mais nostálgica do que ácida.

26 de agosto: José de Saldanha.

*Transcrição de algumas fontes primárias (documentos) que dão informações a respeito da vida de José de Saldanha, que teria sido um dos primeiros escritores gaúchos.

02 de setembro: O Numeroso Pinto Bandeira.

*Guilhermino Cesar começa o texto explicando que já falou de Francisco Pinto Bandeira, o pai, nas páginas do Caderno de Sábado, mas que são dois grandes Pinto Bandeira, pois Francisco é ‘o pai do arrebatado Rafael, guerreiro quase miraculoso’. A partir daí, o texto dá conta da vida e das façanhas de Rafael Pinto Bandeira, importante figura na história do Rio Grande do Sul, a partir de diversas transcrições de fontes primárias (documentos).

09 de setembro: Alphonsus de Guimaraens no Almanaque de Ferreira Rodrigues.

*O texto mostra o grande valor dos Almanques para fazer pesquisas a respeito da Literatura gaúcha de séculos anteriores – tempos em que eles vicejavam, e as revistas literárias morriam cedo.

16 de setembro: Outros Mineiros no Almanaque.

*Transcrições e comentários a respeito de escritores mineiros que publicaram seus textos em almanques gaúchos.

Cada texto analisado recebe a devida contextualização histórica – como no caso de Horácio Guimarães, cujo texto transcrito ironiza a monarquia recém-derrubada, e teve o pai, Bernardo Guimarães, honrado com a visita de Dom Pedro II à sua casa em Ouro Preto.

23 de setembro: Alphonsus de Guimaraens no ‘Almanaque’.

*Referência ao mineiro Severino de Resende, mas transcrição e análise de dois poemas de Alphonsus de Guimaraens em páginas gaúchas. Uma foto dos dois poetas ilustra a página.

30 de setembro: O Obstinado Osman Lins.

*Texto elogioso para os romances de Osman Lins, e encantado com seus livros que tratam dos ‘problemas brasileiros’ – a questão da Educação e de sua decadência por opções institucionais inadequadas. Inclui vários episódios em que ambos se encontraram, pessoalmente ou em trabalhos paralelos – Osman Lins escrevendo sobre Pernambuco, e Guilhermino sobre o Rio Grande do Sul, em O Estado de São Paulo, por exemplo.

Os leitores já conheciam a figura de Osman Lins e o que ela representava para Guilhermino Cesar, em termos ideológicos. O texto citado dá conta da dimensão humana e literária.

07 de outubro: Elesbão, os Candidatos e a Vida.

*Texto extremamente irônico, com diversas frases de efeito creditadas a Elesbão, a respeito da política nacional e da vida em geral. Críticas à política brasileira, à Educação, dentro da perspectiva de mais uma eleição que se aproxima.

14 de outubro: Posição de Alcides Maya.

*Análise da obra e da vida de Alcides Maya, com especial atenção para as circunstâncias históricas que o fizeram ser esquecido em seu tempo – especialmente sua oposição aberta ao separatismo no Rio Grande, numa época em que Júlio de Castilhos era o ‘homem do dia’.

21 de outubro: *A Palavra Farroupilha.*

*O texto trata do verdadeiro sentido da palavra ‘farroupilha’, pois sua entrevista à Radio Guaíba, por ocasião do 20 de setembro, causou grande polêmica. Segundo Guilhermino Cesar, ninguém queria acreditar no que ele dissera: *Gremistas e colorados, todos se mostraram incrédulos.*

28 de outubro: *O MARGS em Nova Casa.*

*Celebração da ideia de centralizar uma série de prédios culturais, em Porto Alegre, criando uma zona de cultura dentro da cidade. Felicitações à Diretoria do MARGS, por ter recebido o antigo prédio da Delegacia Fiscal, em lugar de ficar com seu acervo em uma pequena sala num edifício na Salgado Filho. Referência a algumas obras que finalmente teriam os cuidados e a divulgação que merecem.

04 de novembro: *Nanetto Pipetta.*

*Comentários sobre as origens da obra, que relata a vida de uma família de imigrantes italianos na região de Caxias. Uma vez que é escrito no dialeto vênето, foi o livro utilizado para que os filhos de imigrantes aprendessem a ler, durante muitos anos; como tem um estilo bastante simples, era livro para leitura familiar, nos serões. Segundo Guilhermino Cesar, o livro é um precioso testemunho da língua e dos costumes dos imigrantes da região da Serra Gaúcha.

11 de novembro: *Filosofia e Compreensão Mútua.*

*O texto lamenta profundamente a decadência do Ensino Médio, fazendo o histórico de algumas iniciativas equivocadas e suas repercussões na Educação. Destaque para a eliminação do ensino de Filosofia, amostra do imediatismo que toma conta de quem lida com educação.

18 de novembro: *Magra, mas não muito, as Pernas Sólidas, Morena.*

*Análise e elogios à novela homônima de Antônio Carlos Resende.

25 de novembro: *França, ‘Garçon’, Ideal da Gente.*

*A expressão do título é de Mário de Andrade, e está relacionada com o lugar de honra da França nos estudos humanísticos, e sua influência na intelectualidade mundial. No entanto, em tempos de mecanização, Guilhermino Cesar se pergunta sobre a possibilidade de vitória desse humanismo claro e elegante sobre a máquina.

02 de dezembro: *Para não Esquecer.*

*O título se refere ao nome dado à publicação póstuma, em livro, das crônicas de Clarice Lispector. Guilhermino Cesar faz seu elogio às crônicas de Clarice que eram publicadas no próprio Caderno de Sábado.

16 de dezembro: *Indefinição/Definição de Eduardo Guimaraens.*

*Retomada da obra do poeta simbolista gaúcho.

23 de dezembro: *Aditamento Indispensável.*

*Retomada do tema do artigo anterior, que Guilhermino Cesar julgou ‘escrito às pressas’.

30 de dezembro: *Caçada Nacional à ‘Divina Pastora’.*

*Guilhermino relata seus esforços para encontrar o romance de Caldre Fião, explica que muitas pessoas já juntaram seus esforços aos dele, e acrescenta que o Ministério da Educação também o fez, utilizando inclusive transmissões de rádio, anunciando a procura pelo livro.

O ano de 1978 começa com artigos que estendem o debate dos temas do livro de poesia. No entanto, o tom é perceptivelmente mais ameno, e logo Guilhermino Cesar retoma alguns dos temas específicos de sua produção para o jornal, dentro dessa nova atitude: resenhas literárias, elementos da História gaúcha, crítica cultural e, até mesmo, a figura de Elesbão¹.

Na Literatura, tem-se séries sobre Carpeaux, Metastásio e Camões. Alguns textos voltados a acontecimentos da sociedade e da cultura locais, como a mudança do prédio do MARGS e a presença de autores em O Almanaque marcam a valorização do cenário gaúcho.

1979: Teatro de Variedades

06 de janeiro: Moysés Vellinho e o Nacionalismo Gaúcho.

*Transcrição do prefácio escrito por Guilhermino Cesar para o livro de Moysés Vellinho recém publicado, 'Fronteira'.

13 de janeiro: A Estética das Praias.

*Retomada da parte da obra de Gonzaga Duque que lida com o que acontece nas praias brasileiras, no que diz respeito às roupas e posturas presentes.

20 de janeiro: Depoimento sobre o Ciclo de Cataguases.

*Transcrição de conferência dada por Guilhermino Cesar, no Festival de Cinema de Gramado, a respeito da produção cinematográfica realizada em Cataguases nas décadas de 1920 e 30.

A referência a Cataguases num Festival de Cinema se deve à obra de Humberto Mauro, desenvolvida lá nas décadas de 1920 e 30.

27 de janeiro: IEL – 25 anos.

*Retomada histórica da fundação do Instituto Estadual do Livro, sua importância e acontecimentos relevantes.

10 de fevereiro: Os Curtas em Gramado.

*Comentários elogiosos aos curtas apresentados no VII Festival de Cinema de Gramado.

17 de fevereiro: O Dicionário de Ari Martins.

*Celebração do lançamento póstumo de 'Escritores do Rio Grande do Sul'.

03 de março: Demétrio Ribeiro e a Primeira República (I).

*As ações do único gaúcho convidado a compor o governo do Marechal Deodoro da Fonseca.

10 de março: Demétrio Ribeiro e a Primeira República (II).

*Continuação do artigo anterior.

17 de março: Demétrio Ribeiro e a Primeira República (III).

*Continuação do artigo anterior.

24 de março: Demétrio e Miguel Lemos.

*O episódio que levou Miguel Lemos a escrever uma carta forte a Demétrio Ribeiro – as críticas de Ribeiro à Constituição Positivista escrita por Júlio de Castilhos, por conta da antiga disputa pessoal entre Ribeiro e Castilhos, pela liderança regional entre os positivistas gaúchos.

24 de março: Araújo Ribeiro, Discípulo de Darwin.

*Comentários a respeito da influência de Darwin no Brasil (Sílvio Romero afirma que antes de 1874 ninguém o conhecia, no Rio de Janeiro). Guilhermino Cesar aponta pelo menos um gaúcho que já conhecia tal obra – o Visconde de Rio Grande, que publicou um livro comentando-a em 1875.

Esse texto foi publicado na página 11. Não sabemos a razão dessa alteração isolada, mas a interpretamos como um sinal de atrito entre o colaborador e o jornal: o espaço reservado ao colaborador fixo é uma das constantes que o leitor espera, ainda mais em uma relação a longo prazo, como a que existia com Guilhermino e o leitor do Caderno de Sábado. A quebra dessa constante, a menos que tivesse relevantes explicações (que não encontramos na edição imediatamente posterior do suplemento), pode ser considerada um desrespeito um tanto involuntário à relação entre escritor-leitor.

31 de março: Francisco Inácio Peixoto.

*Texto de homenagem ao grande amigo, pela passagem de seus 70 anos, a 4 de abril.

A amizade dos dois vem desde a participação de ambos na Revista Verde de Cataguases, no final da década de 1920. Escreveram a quatro mãos o livro de poemas *Meia-Pataca*, publicado em 1929, e trocaram correspondência por toda a vida¹⁵⁴.

07 de abril: De 'Faraute' a 'Frauteiro'.

*O texto menciona diversos aspectos relevantes e interessantes da paleografia, e sua importância para os estudos a respeito do vocabulário gaúcho.

21 de abril: Por Fora e Por Dentro dos Autos.

*Debate a respeito da importância da Inconfidência Mineira na História do Brasil. Guilhermino Cesar parte da recusa de valorizá-la, por parte de Capistrano de Abreu, e debate os acontecimentos sob outras luzes, que demonstram a relevância do movimento ideológico que ela representa.

28 de abril: Crítica Literária e Ensino de Literatura.

*O texto retoma umas das grandes preocupações de Guilhermino Cesar com o Ensino Superior em Letras (especificamente no estudo de Literatura): a facilidade com que teorias 'modernas' ganham adeptos e desbancam estudos consagrados.

¹⁵⁴ A professora Lina Tâmega trata da amizade dos dois em artigo de *Guilhermino Cesar: Memória e Horizonte*.

05 de maio: O *Fatigado Metódico*.

*Comentários a respeito da obra do escritor Adelino Magalhães. A nota final do texto disponibiliza a bibliografia das obras completas do escritor, lançadas em 1963.

12 de maio: *Silva de Sílvio*.

*Comentários de Guilhermino Cesar a respeito da obra de Sílvio Romero, com trechos transcritos e comentados.

19 de maio: *A Reedição da 'Verde'*.

*Comentários a respeito da história que envolve a fundação e o lançamento da revista, e a honra de vê-la incluída na reedição de revistas importantes do Movimento Modernista brasileiro. Guilhermino Cesar fala de sua participação com bastante parcimônia, e um toque indisfarçável de emoção¹⁵⁵.

26 de maio: *Compreender o Irã?*

*Texto que analisa as diferenças ideológicas entre Ocidentais e Orientais, abordando a política e a sociedade iranianas, que vinham chocando e surpreendendo o Ocidente.

Acabara de acontecer a revolução iraniana, que derrubou um Xá que estava ocidentalizando os costumes e colocou em seu lugar o conservador Ayatolá Khomeiny. Trata-se de um texto de argumentação complexa, que mais uma vez mostra a inclinação de Guilhermino, nesse momento, de escrever de forma intelectualmente refletida.

09 de junho: *Sinto a Falta, em Camões*.

*Comentários que dão conta da forma como a obra de Camões já foi estudada em diferentes momentos históricos – o biografismo, o fascínio pela epopeia lusa, a retomada da lírica. A partir daí, começa a análise dos momentos em que poderia haver mais destaque à descrição da paisagem, em ‘Os Lusíadas’. Transcrições comentadas.

16 de junho: *Realidade e Transcendência*.

*Comentários a respeito da obra poética (com trechos comentados) do gaúcho Paulo Correa Lopes, em especial a divulgação de sua obra na Itália.

23 de junho: *Paulo Correa Lopes e a Literatura Infantil*.

*Análise da obra do autor na Literatura infantil, contextualizando-a no período histórico, no espectro (estrito) da produção gaúcha e com autores bem sucedidos no gênero, em plano internacional. Na página constam duas capas de obras infantis de Paulo Correa Lopes.

30 de junho: *Fogo Cruzado*.

*Texto dividido em quatro partes, com assuntos diferentes. Todos eles, no entanto, tratam da sensibilidade ferida diante do mundo: a obra de Mário de Sá-Carneiro, a releitura de livros antigos, a atenção de muitos gaúchos quanto a um possível aparecimento de OVNI sobre o Guaíba, ao invés de preocuparem-se com outros acontecimentos terrenos mais importantes.

¹⁵⁵ Guilhermino faz referência, neste texto, a alguns “pecados literários” da época, dos quais ainda se “envergonharia”. Alguns deles estão reproduzidos em anexo posterior. A página reproduz a capa de uma das revistas Verde.

07 de julho: Nacionalismo e Regionalismo.

*Retomada de alguns aspectos da obra de Mário de Andrade, em especial sua convicção de que o Rio Grande do Sul possuía potencial para produzir literatura brasileira, ao contrário do que muitos críticos apontavam. Guilhermino transcreve um trecho de Mário de Andrade ('inolvidável amigo') que utilizou como epígrafe em 1956, na sua 'História da Literatura do Rio Grande do Sul'.¹⁵⁶

14 de julho: Do Binóculo ao Umbu.

*Texto com forte traço cronístico, inicialmente, na descrição dos prazeres de se utilizar um binóculo, e na presença curiosa de Elesbão e de alguns elementos bastante porto-alegrenses. A seguir, passa-se a estudar os escritos em torno de um dos elementos mencionados de passagem, na paisagem da capital: o umbu.

A presença de Elesbão parece 'decorativa', como um elemento a mais para posicionar o autor em uma Porto Alegre coloquial e familiar.

21 de julho: Um Homem da Geração de 'Clima'.

*Transcrição de artigo publicado em livro de homenagem a Antonio Cândido. Dá ênfase à aproximação que sua geração fez com Mario de Andrade, possibilitando a continuidade e a articulação da intelectualidade brasileira. O texto, além da página 3, ocupa uma pequena parte da 2.

28 de julho: Contraponto Social de Carlos Gomes.

*O texto é iniciado por uma reflexão que envolve Educação e lágrimas – a modernidade opta por um ensino sem qualquer tipo de esforço ou violência, o que combina com a sociedade tecnológica, mas não com a natureza do ser humano. Prossegue com o relato da posição dos negros e índios na colonização portuguesa – em muitos grupos sociais, incluindo os padres, a escravidão era aceitável. Por fim, o texto chega ao que seu título indicara: Carlos Gomes teria composto duas obras que dariam conta muito bem da posição do índio na colonização, a partir de duas figuras que mostram, sem serem protagonistas, toda a necessidade de acomodação dos escravos – o Peri de O Guarani, e Iberê, de O Escravo. Essa última estaria sendo apresentada pela OSPA. Guilhermino Cesar providencia, em nota, um resumo do enredo de O Escravo.

04 de agosto: Estudinho Camiliano (I).

*Estudo da obra romanesca do português Camilo Castelo Branco.

11 de agosto: Estudinho Camiliano (II).

*Continuação do artigo anterior.

18 de agosto: A Filha do Doutor Negro (I).

*Continuação do estudo anterior, com foco na obra 'A Filha do Doutor Negro'.

25 de agosto: A Filha do Doutor Negro (II).

*Continuação do estudo anterior.

1º de setembro: A Cronologia do Dr. Beltrão.

*Elogios aos que se dedicam a pesquisas sérias, organização e publicação dos dados históricos das cidades do interior gaúcho. Especial referência ao livro de Romeu

¹⁵⁶ Conta que teria sido Mário de Andrade o maior instigador de Guilhermino Cesar, quando este veio residir no Rio Grande do Sul, quanto às imensas possibilidades de pesquisa presentes no estado.

Beltrão, 'Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho (1787-1930)'.¹⁵⁷

15 de setembro: Fichas de Leitor Comum.

*Brincando com a idéia de 'fichas de leitura', como as utilizadas nas escolas, Guilhermino Cesar oferece ao leitor sua análise de duas novelas que lera recentemente: 1-Notícia do rapaz que suava só do lado direito e 2-Novela mutante. A primeira trata de 'O Rapaz que Suava só do Lado Direito', novela de Antônio Carlos Resende cuja leitura vinha sendo anunciada há semanas; a segunda trata de 'Phutatorius', novela de Jaime Rodrigues que ganhara o Prêmio Érico Veríssimo de Romance naquele ano.

22 de setembro: O Governo provincial de 1822.

*Análise dos elementos de poder e ideológicos presentes no Rio Grande do Sul durante o conturbado período da Independência. Explica-se o tipo de militar mais comum que havia no estado, suas origens e posturas políticas, os partidos que haviam se organizado, 'extra-oficialmente', após o dia do 'Fico', e alguns nomes marcantes do período, como o Capitão-General João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, e o Marechal João de Deus Menna Barreto.

29 de setembro: Os Índios de Saint-Hilaire.

*Comentários a respeito de 'Viagem ao Rio Grande do Sul', de Augusto de Saint-Hilaire. Este último é nomeado por Guilhermino Cesar como um dos *três pioneiros que deixaram obra valiosa* a respeito do estado. Há alguns trechos dos escritos de Saint-Hilaire, destacados por descreverem os indígenas como eram vistos.

06 de outubro: Saint Hilaire Entre os Índios.

*Continuação do artigo anterior, enfatizando mais trechos em que Saint-Hilaire comenta a presença dos índios em solo gaúcho.

13 de outubro: Saint-Hilaire e a Sobrevivência do Índio.

*Continuação de análise da obra de Saint-Hilaire e da situação do indígena nas Missões.

20 de outubro: A 'Experiência do Recato'.

*Homenagem à poeta mineira Henriqueta Lisboa, que recebera uma homenagem em Belo Horizonte, a qual, segundo Guilhermino Cesar, dava-lhe pesar não poder ter comparecido.

27 de outubro: Política do Livro.

*A partir da celebração de mais uma Feira do Livro, Guilhermino Cesar faz a defesa de uma política cultural que possibilite ao estudante e ao público em geral acesso amplo aos livros. Aproveita para anunciar o lançamento das *Poesias Reunidas* de Athos Damasceno Ferreira.

¹⁵⁷ Guilhermino possui manifesto e declarado interesse pela História do Rio Grande do Sul, e muitas pesquisas fez a respeito de questões políticas e econômicas. A cada publicação que possa enriquecer essa área, ele faz uma merecida celebração, como é o caso neste artigo.

Tivemos oportunidade de visitar o acervo pessoal de Guilhermino Cesar, sob os cuidados da Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre, e tivemos em mãos muitos exemplares dedicados à História do estado. Pode-se dizer que foi de sua responsabilidade o grande impulso recebido, no século XX, no interesse do público pelos aspectos bastante incomuns que cercam a cronologia do Rio Grande do Sul.

10 de novembro: Demanda e Distribuição.

*Retomada do tema do artigo anterior, com ênfase aos elementos de mercado que encarecem e/ou escondem os livros. A frase final é *A fome cria a comida*, resumindo a ideia de que o estímulo à leitura seria de grande utilidade para a movimentação do mercado.

17 de novembro: Fontes Primárias da História Gaúcha.

*Elogio às poucas revistas, boletins e almanaques que se dedicaram à *divulgação de documentos arquivais*. Referência elogiosa especial à Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

25 de novembro: Verbetes para um Dicionário.

*Guilhermino Cesar publica, em partes, o verbete que está escrevendo para o *Dicionário de Literatura Portuguesa*, a respeito do Barroco.

1º de dezembro: Verbetes para um Dicionário.

*Conclusão do verbete iniciado no artigo anterior.

08 de dezembro: Cartas de um Farrapo.

*Cartas de Domingos José de Almeida, com trechos transcritos e analisados. Os trechos foram extraídos dos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, volumes I e II, e Guilhermino ressalta a emoção verdadeiramente romanesca que toma conta de quem lê sobre aquelas vidas ali referidas.

A aproximação das missivas com os capítulos de um romance é mais uma estratégia utilizada por Guilhermino Cesar para dar conta de sua fascinação pela História gaúcha, em especial aos personagens que a compõe. Ele mostra seu grande prazer de entrar em contato com as fontes primárias, analisá-las e construir uma visão um pouco mais clara dos acontecimentos passados.

15 de dezembro: Machado de Assis e a Filantropia.

*Análise de elementos culturais e literários dos séculos XVIII e XIX que indicam a relação entre Filantropia e ganho financeiro, insinuada diversas vezes na obra machadiana.

22 de dezembro: Dois Lançamentos.

*O texto trata de dois acontecimentos literários importantes: a presença de Fernando Sabino em Porto Alegre para o lançamento de seu segundo romance, 'O Grande Mentecapto', e a reedição de 'O Corsário', de Caldre e Fião.

Guilhermino aproveita o tema para, além de comentar o lançamento do romance de Sabino, retomar os dados que cercam a importância de Caldre e Fião, o sumiço de 'A Divina Pastora' e o valor literário de 'O Corsário'.

29 de dezembro: Araújo Porto Alegre ou a Natureza Estilizada.

*Guilhermino Cesar retoma os três autores que teriam dado início à poesia sul-riograndense:

(...)a poetisa cega (*Delfina Benigna da Cunha*), o repentista da Revolução Farroupilha (*Pedro Muniz Fagundes*, vulgo *Pedro*

Canga) e um artista plástico (Manoel de Araújo porto Alegre, Barão de Santo Ângelo).

O ano de 1979 é marcado por artigos a respeito de História – em especial alguns episódios pouco comentados, como os que tratam da presença do índio em solo gaúcho. Além disso, há alguns resgates mineiros importantes, como a publicação do texto redigido por Guilhermino para a edição de homenagem da revista Verde, e o artigo que trata de seu amigo Francisco Inácio Peixoto.

A principal tônica do ano, no entanto, são as críticas, análises e recomendações relacionadas à Literatura. Isso confirma nossa ideia de que essa fase é uma busca de parcerias: o leitor é convidado a ler sobre determinadas publicações e autores, e exercer sua própria experiência de leitura.

1980: O último ano completo

05 de janeiro: Viramundo.

*Artigo elogioso ao já comentado lançamento de Fernando Sabino, ‘O Grande Mentecapto’. Consideração de que o protagonista da obra, Viramundo, retoma o idealismo e a falta de senso prático de um Dom Quixote.

12 de janeiro: Barco de Papel.

*Elogios à figura e à obra do gaúcho Carlos Reverbel, comemorando o lançamento de seu primeiro livro.

O texto debate os traços que caracterizam a escrita de um bom cronista, enfatizando a presença de todos eles em Reverbel.

19 de janeiro: Entre dois Fogos.

*A figura histórica do português José da Gama e Castro, um conservador absolutista que viveu no período da Independência do Brasil.

26 de janeiro: Uma Trilogia.

*Comentários sobre a obra de Antônio Carlos Resende, a partir de uma afirmação de Graciliano Ramos, de que a trama romanesca não pode ficar submetida ao panfleto político. As novelas de Resende – que acabara de lançar ‘O Louva-a-deus’ resgatam a literatura, ao comporem uma trilogia liberta de política e ideologismos exacerbados.

02 de fevereiro: A Fotografia na Parede.

*Guilhermino Cesar relata ter recebido um álbum de fotografias de Itabira, publicado por iniciativa da Prefeitura local, e enviado pelo prefeito. Guilhermino chama o prefeito de ‘perigo público’, pois Guilhermino não consegue mais largar o livro, mergulhado em recordações.

O texto é bastante nostálgico, mas não propriamente de visitas a Itabira – pois elas só ocorreram através da poesia de Drummond. O tipo de recordação do professor está ligada à Zona da Mata mineira, suas ladeiras e construções e, claro, à poesia de Drummond que ilustra essa região.

09 de fevereiro: Antecedentes do Rio de São Pedro.

*Começo da publicação de um longo estudo que pretende homenagear a data de fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento, a 20 de janeiro de 1680, e que pode ser considerada a data de fundação do Rio Grande do Sul.

16 de fevereiro: Antecedentes da Ocupação do Rio de São Pedro. Parte II.

23 de fevereiro: Antecedentes da Ocupação do Rio de São Pedro. Parte III.

1º de março: Flores da Cunha, Após o Exílio.

*Personalidade e acontecimentos marcantes na trajetória de Flores da Cunha.

08 de março: O Mundo Emocionante...

*Apesar de não ter preferência pela Literatura policial (ainda que reconhecendo o mérito de Agatha Christie e outros), Guilhermino Cesar não pode deixar de confessar que se rende à obra de Georges Simenon. Paulo de Medeiros e Albuquerque lançara, em 1970, ‘O Mundo Emocionante do Romance Policial’, e Guilhermino reconhece o valor desse tipo de publicação que valoriza o gênero.

Simenon já fora assunto no texto “Elesbão e a Droga”, e volta aqui como parte de uma recomendação de leitura mais ampla.

15 de março: Boa Sorte do Poeta.

*Comentários elogiosos às traduções de Rilke para o Português. Referência à última tradução, de Lya Luft, e algumas referências críticas importantes a respeito de Rilke, em língua portuguesa. Para terminar, um longo trecho transcrito, apresentado como um convite ao leitor.

22 de março: O Perfume dos Negócios.

*Relato de pesquisa em cartas dos fundadores do Rio Grande de São Pedro, analisando as informações expostas, com trechos transcritos e explicações.

29 de março: Raízes Coloniais do Capitalismo.

*Abordagem da situação econômica argentina durante o período colonial, uma vez que a postura de Espanha diante questões como o contrabando era bem mais rígida que a de Portugal.

12 de abril: A Imigração e a Sociedade Auxiliadora.

*A História da instituição fundada por Pedro I, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da economia brasileira, lidando com questões que incluem as atividades e conhecimentos dos imigrantes, entre outras. O objetivo do Imperador era ‘homogeneizar’ o Brasil, no sentido de diminuição das diferenças econômicas.

19 de abril: Mestre Alcides Cruz.

*Retomada da figura e da obra do advogado, tradutor e pesquisador Alcides Cruz.

26 de abril: *Enfim, o 'Popularium'*.

*Elogios à publicação, pela Editora da UFRGS, de 'Popularium', conjunto de estudos, escritos por Apollinário Porto Alegre e reorganizados por seu filho, Álvaro Porto Alegre, a respeito de todo tipo de elemento relacionado à cultura gaúcha.

03 de maio: *O Fecho de uma Biografia*.

*Retomada da importância histórica do General Câmara.

10 de maio: *A Novela do 'Hino Rio-Grandense'*.

*Guilhermino Cesar destaca que não possui ouvido musical, mas que tratar da interessantíssima história do hino do estado não é uma questão apenas musical, *mas sobretudo histórico, ou antes, ético – e o leitor verá em seguida o que ocorre.*

17 de maio: *O Escambo no Litoral*.

*Comentários sobre a obra 'Tratado Descritivo do Brasil' (1587) de Gabriel Soares de Sousa. Trata-se de texto cronístico que descreve as relações entre brancos e indígenas no litoral e parte do interior da região de São Vicente até o Rio da Prata.

24 de maio: *Nota para o Estudo do Trabalho*.

*A forma como era encarado o trabalho no Brasil dos séculos XVI e XVII. A repercussão que a falta de braços qualificados teve sobre a produção e o crescimento das regiões brasileiras, em especial o caso gaúcho – e o olhar de desprezo votado aos platinos que, mesmo com origem nobre, se dispunham a exercer *quaisquer ofícios mecânicos*.

31 de maio: *Trabalho e Latifúndio*.

*Continuação do estudo anterior, ampliando as considerações para os escravos negros (o artigo anterior detinha-se aos indígenas).

07 de junho: *Fabuloso, Verdadeiro*.

*Análise da poesia de Camões, despertada pela publicação de livro 'Luís de Camões – Fabuloso, Verdadeiro', de Aquilino Ribeiro. Defesa da força da mensagem da poesia, em detrimento de estudos biografizantes.

14 de junho: *O Trabalho na Depressão Central*.

*Comentários a respeito das diferenças culturais entre a postura resistente diante do trabalho explicada em artigos anteriores e a região de colonização açoriana.

21 de junho: *Qorpo-Santo Balanceado*.

*Guilhermino Cesar explica que, em uma edição do Caderno de Sábado dedicada à Literatura Gaúcha do século XIX, nada mais justo do que avaliar, ou seja, 'balancear' a divulgação e a legitimidade alcançadas pela obra de Qorpo-Santo em Porto Alegre desde a remontagem de uma de suas peças por Antonio Carlos de Sena, em 1966.

28 de junho: *A Antologia de Cada Um*.

A importância de antologias de qualidade para que os alunos possam ter acesso aos melhores textos da Literatura nacional.

O relato impressionante da conversa com Miguel Torga, e como o escritor português guardava na lembrança a leitura que realizou de uma antologia de Literatura Brasileira por ocasião de seus estudos em Leopoldina – Zona da Mata mineira.

12 de julho: Memorialismo e Poesia.

*Análise de escritores memorialistas e o lirismo que eleva algumas dessas obras. Atenção especial a Augusto Meyer.

19 de julho: O Mais Mineiro dos Livros Mineiros e Notícias do Sucuriú.

*Retomada de ‘Vila Rica’, de Cláudio Manuel da Costa, seu contexto e importância.

26 de julho: A Unidade Linguística do Brasil.

*Relatos de diversos momentos históricos em que foi abordada a questão das diferenças linguísticas entre diferentes regiões brasileiras. Recomendação de livro (de onde surge o título do artigo), de Sílvio Elia.

02 de agosto: Para ser Admirado.

*Elogios à mais recente novela de Lya Luft, ‘As Parceiras’.

09 de agosto: Antes da Era Industrial.

*Retomada do tema do trabalho, dessa vez com foco nos artesãos – onde se localizavam, quais os ofícios que desempenhavam.

16 de agosto: Onde o Trabalho Ferve.

*A retomada de uma série de obras de pensadores católicos, e a importância dos valores que seu trabalho intelectual resgata, em tempos como os que transcorriam.

23 de agosto: Objeto de Luxo.

*Debate a respeito das formas como se trata o livro, no Brasil, e em especial da falta de políticas públicas que permitam o acesso facilitado à leitura de textos qualificados.

30 de agosto: Ainda o Livro.

*Continuação de comentários a respeito da mesa-redonda promovida por *O Estado de São Paulo*, com transcrições de algumas declarações importantes. O foco é a falta de acesso do público ao livro, no Brasil.

06 de setembro: Surpresas do Baú.

*Transcrição do prefácio urdido por Guilhermino para ‘História do Erval’, de Manoel da Costa Medeiros.

13 de setembro de 1980: Entre o Rio e Leopoldina.

*Reflexões a respeito das injustiças cometidas pela crítica a grandes poetas, em suas épocas. O caso específico de Augusto dos Anjos, abafado pela presença parnasiana na poesia nacional.

20 de setembro: Críticas da Razão Tupiniquim.

*Comentários a respeito do livro homônimo de Roberto Gomes. Retoma-se o tema da educação voltada à tecnologia em detrimento de disciplinas humanísticas, tais como a Filosofia.

27 de setembro: Diálogo – Tal e Qual – sobre o Teatro Brasileiro.

*Transcrição de diálogo entre

dois amigos que há muito não se viam: Mr Burbage, velho ator inglês, e Elesbão Lopes Duro, fino conhecedor do teatro elisabetano e autor da obra ‘The Five River’s Theatre’, adotado como texto obrigatório em vários cursos de Letras desta florescente república.

11 de outubro: Os Desertos da Campanha.

*Guilhermino Cesar dá conta da onda de denúncias e preocupações relacionadas à ecologia, e toma o caso da desertificação de algumas regiões da campanha gaúcha para desenvolver. Demonstra que a preocupação com o mau uso do solo tem registros desde 1791, pelo menos.

25 de outubro: Leitura de Prazer.

*Trechos transcritos e analisados da segunda coletânea de crônicas de Carlos Reverbel, ‘Saudações aftosas’. Novamente, elogio ao senso cronístico do escritor gaúcho.

1º de novembro: Diagnóstico e Remédio.

*A partir de retomada de texto anterior, em que divulga reportagem de jovens jornalistas, que fizeram uma viagem pela campanha para conhecer lugares em que a vida estava preservada como mandam os costumes do gaúcho do interior, Guilhermino expressa sua empatia e até *inveja*. A seguir, no entanto, pontua a presença da TV na vida dessas pessoas do interior, e questiona a falta de uso de um meio de comunicação tão poderoso como via educativa.

08 de novembro: Três Viagens.

*Inicialmente, a careza dos livros sob o ponto de vista de Elesbão e de sua esposa, Dona Mariquinhas. A seguir, três recomendações, uma vez que se está na época da Feira: ‘Marinheiro de Primeira Viagem’, de Osman Lins; ‘Esse instante do eterno’, coletânea de poemas que estiveram envolvidos em uma dramatização; ‘Esconderijos do tempo’, de Mário Quintana.

15 de novembro: É Uma Pedra, Uma Pedra é Uma Pedra.

*Celebração do pioneirismo da obra e da figura de Rachel de Queiroz.

22 de novembro: Octavio de Faria.

*Homenagem à obra de Octavio de Faria, por ocasião de seu falecimento a 17 de outubro.

29 de novembro: Literatura \$ Cifrão.

*A partir de comentários a respeito de premiações literárias, em especial a oferecida recentemente pelo Governo de Santa Catarina, com o nome de seu poeta Cruz e Sousa, Guilhermino Cesar reflete sobre toda a dificuldade enfrentada pelo poeta simbolista catarinense em sua época, sendo negro, vivendo fora do eixo cultural do país e optando pelo Simbolismo, em tempo de sucesso parnasiano.

Além disso, transcreve-se uma carta do poeta a um amigo, e comenta-se o valor da análise da correspondência de escritores para a compreensão de sua época e sua obra. Destaque para trecho de Mário de Sá-Carneiro em que explica ao amigo Fernando pessoa o quanto a falta de dinheiro lhe perturbava.

06 de dezembro: Últimos Estudos de Literatura Brasileira.

*Trechos transcritos e comentados da obra homônima recém lançada, e que dá conta de escritos de José Veríssimo ignorados por uma edição anterior. Elogios à iniciativa de incluir importantes escritos esparsos e inéditos.

13 de dezembro: Atualidade de Veríssimo.

*As questões retomadas e vistas sob novos olhares, por ocasião do cinquentenário da Revolução de 30. Guilhermino Cesar analisa trechos de José Veríssimo a respeito do tema.

20 de dezembro: Semana Cheia.

*Antes de mais nada, a explicação necessária: as semanas cheias são aquelas em que os compromissos externos não existem – na qual se pode estar à vontade para escolher suas leituras, sejam retomadas ou surpresas.

A partir daí, passa-se a tratar da mais grata surpresa dos últimos tempos, que seriam os escritos de Maria Julieta Drummond de Andrade. Guilhermino Cesar lembra sua primeira publicação, ‘A Busca’ (resenhada, segundo Guilhermino, por ele mesmo na ocasião do lançamento, na *Província de São Pedro*), e passa a celebrar o livro mais recente, ‘Um Buquê de Alcachofras’.

27 de dezembro: O ‘Adelantado’ Cabeza de Vaca.

*Elementos da vida e das aventuras de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, que viajou pela América do Sul em busca do Eldorado.

O ano de 1980 é o último em que se tem uma colaboração integral. Mais uma vez, nota-se a divisão entre os temas históricos e literários, sempre com debates relevantes e aspectos inovadores das obras analisadas. Não se nota qualquer queda de qualidade ou sinais de desinteresse nos artigos desse ano, o que confirma o empenho de Guilhermino em produzir textos fieis ao seu perfil, ainda que provavelmente já pudesse prever o fim da colaboração com o jornal.

Textos marcantes são os diversos artigos sobre o trabalho, os comentários a respeito do livro como objeto de consumo, a denúncia da desertificação de vastas regiões do interior gaúcho, e o elogio a iniciativas culturais, como reedições de obras.

1981: Uma despedida breve

03 de janeiro: Notas para Desenvolver.

*São duas partes: na primeira, comenta-se o excesso de exposição do corpo, característico da sociedade, e que chegou à Literatura; na segunda, comenta-se o primeiro livro de João Gilberto Noll, ‘O Cego e a Dançarina’.

10 de janeiro: Quingumbo.

*O livro homônimo, cujo subtítulo é ‘Nova Poesia Norte Americana’, é uma coletânea bilingue, da qual participam importantes nomes nacionais como tradutores. O exemplo transcrito na página é de um poema de Robert Bringham, ‘Essay on Adam’, traduzido por João Cabral de Melo Neto.

A frase final talvez soe como uma despedida, pois retoma uma ideia bastante cara ao humanista Guilhermino Cesar:

O que – em suma – remete o problema ao início deste artigo: o importante, para a poesia, como de resto para o ser humano, é que não se canse jamais de procurar o Caminho.

O último ano tem apenas dois textos: no primeiro, o título parece sugerir uma série de estudos a serem continuados. Um autor gaúcho estreado merece um comentário, assim como a tendência pornográfica que se nota nos meios de comunicação, no século XX, e sua influência sobre a produção literária. O segundo artigo, que seria o último, é um comentário elogioso sobre uma publicação que reúne bons escritores norte-americanos e competentes e talentosos tradutores brasileiros. O andamento sugere um texto que abre possibilidades, e que termina com um tom de esperança condizente ao modus dos últimos anos, e constatável no trecho que transcrevemos.

ANEXO II: Trechos selecionados da obra de Guilhermino Cesar

II.1-Sistema do Imperfeito & Outros Poemas (1977)

I

*Animal do tarde,
veio depois das estrelas mais novas
depois da baleia e do orvalho.
Animal, sabe
que o não saber é o seu álib/informe
o seu capote contra a chuva
o seu grito de alarma.
Não podia vir antes das vacas
antes dos hipopótamos e dos ofídios.
Precisava mostrar aos bichos
o seu vaidoso umbigo.
Não é planta, não é diorito,
nem ave; é
um animal do tarde.*

*Alojou-se, para ocultar os mamilos,
num fraque. Bicho encruado,
se me permitem,
depois de ter sido feito – o tronco, a cabeça,
a fome de mulher, o furor homicida, o ganho oblíquo –
depois de pronto,
é isto.*

(p. 3)

Este é o poema de abertura de *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, que é composto por uma série de nove textos, todos construindo relações entre elementos do mundo contemporâneo e a forma como a ser humano (e, em especial, o *homem*) se posiciona, através do tempo e em diferentes circunstâncias históricas.

Alguns elementos que são comuns aos artigos de jornal: as referências (no trecho acima pode-se apontar a Bíblia, quando é referido o momento da Criação que seria mais adequado ao aparecimento do homem); a utilização das barras para a composição de ideias (*álib/informe*); a construção esmerada que utiliza sabiamente a eliminação (*Não é planta, não é diorito, nem ave*), o clássico *enjambement* criando ambiguidades (*nem ave; é*), as composições felizes (*furor homicida, ganho oblíquo*) e o pronome encerrando o texto e trazendo a referência para muito próximo do leitor (*é isto*).

Viver no ácido

*Viver no ácido é o meu sistema.
 Não que o tenha construído
 eu.
 Recebi de presente, não sei como.*

É um modo de morrer se esfarelado.

(p. 15)

O poema acima abre a segunda parte do livro (homônima ao poema), dando o tom de incômodo que a perpassará. Esse incômodo não está relacionado apenas à dificuldade em aceitar o ambiente em que se está, mas também em perceber a decadência e a desintegração a que sua aceitação conduz.

A leitura da segunda parte do livro aponta com muita força para o mundo contemporâneo e a explosão de informações, propaganda e imagens de todo tipo com a qual o cidadão comum do século XX precisa lidar. O conjunto reforça a ideia do ser humano envolto por um ambiente que parece natural e apoia sua impressão de comodidade no costume. Ou seja: é possível viver no ácido, ainda que para a sensibilidade do poeta, essa vivência seja degeneradora.

A decadência referenciada confirma a sensação de que a sociedade contemporânea já não percebe o desgaste provocado pelo ambiente, por viver inserido nele.

O fato de o ambiente estar destruindo o homem não significa, obviamente, que o homem não tem responsabilidade sobre isso. Pelo contrário: *Viver no ácido* acaba retomando versos de *Animal do Tarde*, parte 6:

*Enigma? Só se for o enigma do rato
 dentro do queijo.*

(p. 8)

Ou seja, a relação do homem com o ambiente é destrutiva por sua própria fome de poder e domínio.

O enterro

*A cidade esticada no agora-mesmo
(cinco milhões de ventres com fome)
a cidade pingando sangue
(a bomba no hospício, o fóssil na Academia,
os livros numa estrebaria),
e esse rapaz de piolho na barba.*

Tudo seria diferente no estrito amanhecer de Cambuquira
– o azul no ar obsoleto de Minas.

*Pedaços de fígado
desfazem-se em chuva
sobre a multidão em fuga.
A música da guitarra elétrica mata de amor
as donzelas de um país baldio.
A febre do gás néon ativa a seiva
na copa dos jacarandás alinhados como bois.
No pão, no cartaz, nas sotéias fechadas
suportamos o ódio, o golpe, o escuro
do sexo inventivo, as verdades em balanço,
os mitos em caruncho no chapéu do mágico.*

*A bile coletiva ensopa os cartazes,
mancha os cabelos elíseos das mulheres.
É duro viver no meio de bestas,
mas vivo. E procrio, e fundo
a cidade geminada
rancho-de-palha / suspiro de Sísifo.*

*É longo o trajeto do sangue no lixo.
Não vejo, caminho. Mas logo me assalta
a certeza. Desvio. O monótono desvio
do asfalto. Caminho. Talvez
não vá muito longe meu ofegante poder.*

*Refaço os pés no chão, a fazenda de Minas,
goiabas, pitangas,
mas uma coisa e outra se perdem
no zumbido do elevador que me suspende
ao 507, onde enterro o que fui.*

(p. 18)

O texto acima, pleno de referências e enumerações que apontam para o caos urbano, estabelece um forte contraste com o passado que ainda permanece em nevas de lembranças (como se vê no trecho em itálico). Trata-se de um dos poemas em que transparece com mais intensidade a dificuldade do eu-lírico em lidar com um ambiente que não favorece o cultivo da memória, isolando ainda mais o sujeito ciente da variedade disponível.

Elegia de hospital

*Os ossos sob o lençol,
digo,
as lâminas da morte
cortam as últimas amarras.
Mas o navio não larga
resiste o navio
o navio quer ficar no cais
o navio que não partiu na quinzena primeira
o navio que deixou paradas as hélices na última hipótese.*

*Já não há mais sangue
não exige o que antes
a carne movia.*

*Debaixo do gesso,
rainha (pálida) de outra aurora,
Maria resiste à carícia
da morte.*

(p. 30)

O poema acima traz a tematização da morte, retomando, de certa forma, o soneto de Quintana elogiado por Guilhermino Cesar em artigo que comentamos no Capítulo 2.

O soneto em questão coloca o eu-lírico tratando do momento de sua própria morte, enquanto o poema acima coloca em primeiro plano a visão de quem observa a morte de outro.

A imagem do cais encontra eco em *Pedaço de Mim*, de Chico Buarque. A canção está publicada na *Opera do Malandro*, cuja primeira edição é justamente de 1977 – mesmo ano de *Sistema do Imperfeito*. A Ditadura Militar estava em pleno andamento, e o clima de opressão é encontrado em diversas expressões poéticas, assim como em artigos como *É abril, Adolescentes em pânico*, entre outros, desse mesmo ano.

Soledade

*Cem parejas de bois; cem mercadores núbios;
cem prostitutas do Mangue, há muito enterradas
na areia de Copacabana; cem lagartos de língua
pensa; donzelas (cem) com os seus véus e a sua
gula de mais vida; cem velhas de Erexim nas pi-
râmides do Egito; cem loucos furiosos e cento e
dez besouros num só quarto. Cem magnólias ao luar
de algum lugar; um sapo, um sapo, um sapo.*

E o homem?

(p. 31)

Um dos poemas mais interessantes, do ponto da vista da integração entre forma e conteúdo, *Soledade* traz mais uma vez a questão da posição a ser ocupada pelo homem em um ambiente cheio de informações. O formato claustrofóbico sugerido pela organização visual das palavras no poema é reforçado pelas referências geográficas díspares e pela enumeração que reforça o número cem, passa pela repetição do elemento unitário (*sapo*) e chega à figura isolada do homem.

Diversos artigos do Caderno de Sábado tratam da posição do sujeito diante da mecanização e da disponibilidade de informação na mídia, o que acaba gerando vulgaridade e má utilização do potencial tecnológico alcançado pela humanidade.

Ode à comunicação

*Tu, João, e tu ainda sem nome
no ventre da peixeira de Olinda,
e eu próprio, com a minha incômoda
certidão de idade,
estamos condenados ao resto.*

*Secaram-se os jardins; em compensação,
temos a sombra da flor, o que baste
para a ilusão;
e a roupa, no varal, faz a ginástica
do corpo morto;
e o ser inquietante da letra de câmbio
nos trai em mil portos
(arame farpado).*

*Buscamos a carne,
eis o esqueleto.*

*Não, João, homem pequeno,
homem ninguém da silva,
não adianta fugir, se nos prendem
laços de infâmia em fórmulas de plástico,
o invisível no centro desse jardim
onde não cabe a inocência da árvore.*

*Querem que façamos, abaixo dos sapos,
o discurso sem solda, sem ímpeto, sem lume,
querem que sejamos o computador da neutralidade,
túmulo de sons inarticulados que ninguém penetre
completamente; que ninguém possa entender,
aquele entender solidário com o mito,
a única, talvez,
paixão limpa do homem.*

*Foges? Eu fico.
Não desistirei da tua, da minha explicação,
agora e no fim do entrudo,
enquanto houver a fonte, o fogo, a sorte,
enquanto o último homem
tiver aberta a sua chaga.*

(p. 45)

O título já traz consigo duas referências: *Ódio ao Burguês*, de Mário de Andrade (uma declaração forte de discordância quanto ao *status quo*), e *Ao Deus Kom-Unik-Assão*, poema de Carlos Drummond de Andrade (inserido em *As Impurezas do Branco*, livro cujo exemplar de Guilhermino Cesar, com dedicatória de Drummond, tivemos em mãos em 1999).

Fases de abril

*Estou em abril. Nas minhas fases
de abril. E os críticos
dirão: “Em setembro...” Ora,
opiniões não importam nada. Eu sei
por Jove e Lancelote, por Maria Barkstsef
e João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett,
senhor de Vênus e Patagônia, Reino de Aracati
e domínios da Farsália;
sei pelos anjos moídos na Guerra do Vietnã
pelas janelas fechadas de Miraflores
sei que abril chegou (nesse ar, nesse cheiro, nesses
cabelos outrora na praça, a um suspiro da boca
fechada).*

*Explicarei ao menino suicida
ao galo firme no poleiro
aos faraós de Covent Garden
ao cachorro estirado na mesa 32 do Laboratório Minerva,
ao último Senador, ao primeiro Arcade e seu apelido latino
– a todos direi: Estou em abril,
perdidamente nos arrepios de abril.*

*O boi de março e sua baba
o girassol de maio e sua estrada,
o cacto – bem, este me segue de janeiro a dezembro.
Mas estou em abril, não confio nas coisas
de agosto, nem de janeiro, o incerto
pendente da sétima corda (a última) do sol.*

*Estou nas incertezas de abril, envolto no tênue.
Matemático do antialgarismo,
subtraio agosto e maio de uma janela,
dois sorrisos infantes,
a moça no trapézio, o tigre de bengala.*

*Se fosse em outubro eu nada faria
mas estou em abril, tempo haja
para se construir.
Construo pontes de prata no Mar de Espanha
refaço o largo das acácias em Tebas (de Leopoldina)
projeto um fauno chinês na pia da igreja de Santa Maria Maior
construo a desgovernada
metáfora que não me exponha.*

*Mas então, se estou em abril é mesmo para valer,
não acham? É a estação em que desfalecem
as petúncias, não as vergonhas
da Rainha; os Rajás vão à caça
nos cafundós de Goiás; o Senhor Bispo
pede uma Ave-Maria e cimento Purus
para o seu jazigo.*

*Estou em abril. Nas minhas fases
de abril. Não sei o que faça,
eu sozinho, na semente da árvore em que me enforco
por bastante procuração de Rimbaud e Villon.
Em abril tenho a coragem, que lhes faltou,
de morrer para sempre.*

(p. 67)

Características reconhecíveis na escrita de Guilhermino Cesar: o humor ácido; a desilusão com a frieza com que os seres são tratados, na velocidade e na multiplicidade da civilização contemporânea; a linguagem coloquial; as referências eruditas. O que faz esse poema tão especial é a amálgama que representa, entre coloquial e erudito, muito próxima do tom adotado nos artigos. Há, inclusive um artigo chamado *É abril*, de 1977, que traz a mesma queixa dolorosa do poema.

I**Lirismeu**

*O dia, lirismaninho,
nenhum verso me quer dar.
Onde está o lirisminho
do velho lirismar?*

*Lirismelzinho recusa
o fel da vida de breu.
Onde ponho o lirisminho,
ó lirismeu?*

*O mar, tão lirismaninho,
o mar, vaidoso, o escondeu.
Vou cantar lirismiudinho,
à falta de um lirismeu.*

(p. 98)

III**Amorema**

*O amorema é a tua arma
na arena do amor ermo.*

(p. 100)

V**Minuano**

*Sensação de fino
frião de fio
afiadíssimo.
O gelo passa
o passo trapaça.
Esfiro-me no espaço.*

(p. 102)

VII**Camilo**

*Ontem fera
era ontem
luz na fonte
anteontem
choro infante
doido amante
no romance.
Trás-os-Montes.*

(p. 104)

II**Mãos sujas**

*Mia, obra,
mana, obra,
do Absoluto.*

*Não me abra,
minhobra.
Quero o escuro
impoluto.*

(p. 99)

IV**Oração**

*Jesus além
de
Jerusalém.
Amém.*

(p. 101)

VI**O Biafra**

*Biofalando abiafrei
a banana e o frango.
Do Biafra orfêico
orangotango
argentino de Manuel
Bandeira.*

(p. 103)

VIII**Diálogo**

*Não te falo, e tu me matas,
não me falas, e eu te mato.
chegaremos juntos, depressa!
à humanidade abstrata.*

(p. 105)

Essa sequência mostra um dos momentos mais lúdicos do livro *Sistema do Imperfeito*, com jogos de palavras e recursos sonoros colocados em destaque.

Súplica

*não-senso da palavra
dou-te a palavra e o senso dá-se
à palavra doce com o agro
que nos damos*

*foi-se o equilíbrio
na cibernética impassível
estamos
acorrentados ao possível
oh moscas de Sartre*

*que arte
em Paris ou confins
da Escandinávia
nos faria iberos – quero dizer
nos faria fidalgos no império onde nascemos
de tanga?*

*traga, Chomsky,
a Praga – Roman Jakobson
no ápice da palavra.*

(p. 111)

Outro poema marcante, *Súplica* traz uma forma inusitada, que remete tanto à inconstância quanto a um rasgo irregular, em que as dúvidas de ordem identitária percorrem a contemporaneidade da Linguística e as raízes da civilização brasileira, com a presença do colonizador ibérico. A presença de Sartre, marcante também nos artigos, retoma a ideia de culpa e responsabilidade do sujeito, centrais do debate em sua peça *As moscas*.

Esse poema foi publicado por Guilhermino Cesar no artigo *Quem tem medo do petróleo*, de 28 de dezembro de 1974¹⁵⁸.

¹⁵⁸ O artigo completo pode ser encontrado em *Guilhermino Cesar: Páginas Escolhidas*, p. 130-133.

O sangue no plástico

*Ora bem, o plástico
tem o império da geometria,
tem sua própria ciência do raro.
Quer um tempo, outro,
no impassível do espaço.
quieto, sem nervos, sem cheiro, domado.*

*Não adianta pedir-lhe
a seiva, o aroma;
despreza o pão,
não se entenece nunca,
repele aqueles lábios.*

*Não adianta injetar-lhe
o sangue do homem.*

(p. 117)

Em belíssima imagem, o poema pode remeter a uma bolsa plástica com sangue, utilizada em hospitais, e chegar à sugestão de qualquer objeto artificial a que se pretenda dar vida e pensamento. Com o advento da Cibernética, na década de 1960, acreditava-se que a união de diferentes especialistas tornaria possível a criação de robôs capazes de falar e interagir conscientemente com seres humanos. Eles compreenderiam textos, fariam traduções e poderiam fazer quaisquer trabalhos humanos, com maior rapidez e precisão. Guilhermino mostra que não basta *injetar* algo humano no plástico – ele continuará sendo plástico.

II.2-João Guimarães Rosa em *Família* (1969)

Guilhermino Cesar, ao referir-se à maneira como Guimarães Rosa descreve o sertão, fala em *empastamento* do quadro, como resultado da imensa quantidade de informação dada pelo narrador:

O sentido do narrador está (...) sempre alerta, não deixa passar um só ruído, uma só massa, uma só gama sem fixá-los. (...) Certos aspectos do mundo exterior - por exemplo, os da fauna sertaneja - são algumas vezes apresentados com um luxo descritivo de naturalista, ou através de uma enumeração exaustiva, que vem a dar, afinal, no empastamento do quadro.

(p. 37)

O exemplo que ilustra essa afirmação é retirado de *Burrinho Pedrês*, conto que abre *Sagarana*:

Alta, sôbre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebéias dos campos-gerais, do Urucuia, dos Tombadores do Rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. [*Veja-se o belo decassílabo com que termina o período*].

(p. 37)

O comentário colocado entre colchetes faz o leitor retomar o trecho – que lhe parecera belo, e que agora possui ainda a informação de natureza técnica que contribui para sua eficiência estética.

II.3-Benedetto Croce (1966)

Mostrando o interesse de Guilhermino Cesar pela Literatura Italiana, temos o seguinte trecho:

Ora, o século XX tem dado ao estudo da expressão um desenvolvimento inesperado. Por exemplo: as diversas doutrinas, escolas e tendências, de Bopp à glossemática de Hjelmslev, não fazem mais do que atualizar e valorizar a unidade da fala, como signo do juízo intuitivo-lógico. A literatura, igualmente, ganhou novas possibilidades, alargou perspectivas. O mecanismo da expressão literária vai deixando de ser considerado nos seus valores melódicos para dar preeminência ao conceito. Como estamos longe, por exemplo, da sonoridade bem manipulada de um D'Annunzio; e como estamos cada vez mais perto do coloquialismo crispado, que é vida, de Luigi Pirandello.

(p. 53)

A avaliação parte de critérios absolutamente eruditos, como se pode notar pelas citações de teóricos, sempre traçando a competente síntese-panorama que estamos acostumados a observar em seus artigos de jornal. A oração intercalada *que é vida* desfaz qualquer impressão de que o tom é desaprovador, pois mostra a admiração pelo autor contemporâneo capaz de surpreender as tendências e expressá-las em sua obra.

II.4-O Barroco e a crítica literária no Brasil (1963-Brasil / 1965-Portugal)

Abaixo, transcrevemos alguns parágrafos de *O Barroco e a crítica literária no Brasil*, um dos textos mais importantes de Guilhermino Cesar. Escolhemos o trecho que abre a segunda parte, posterior à retomada cuidadosa de autores que já haviam tratado do mesmo tema.

Como quer que seja, ante o fato histórico da contemporaneidade do barroco com os primeiros dias de nacionalidade, incumbe-nos estudá-lo sob todos os ângulos.

Não se deve, porém, pretender abarcá-lo como se sua floração houvesse sido contínua e uniforme, de Norte a Sul do território. Tal conceito exige retificação.

Considerada apenas a sua ocorrência na literatura e nas artes plásticas, temos diferenciações como estas: o barroco pernambucano, o mineiro, o baiano, o “missioneiro”, originários de regiões bem individualizadas, distantes umas das outras, tão dessemelhantes que se poderia mesmo falar em áreas contrapostas. E resta considerar a distância cronológica e até psicológica que os separa.

O fundo social em que se produziram – considerado grosso modo – foi também dessemelhante. A economia canavieira da mesopotâmia pernambucana não se repete com as mesmas características no recôncavo baiano. E a economia do ouro, nas montanhas de Minas, muito menos se identifica com aquelas culturas agro-pastoris ou com o sistema comunitário das Missões.

(p. 15)

Note-se, no trecho acima, a profícua relação entre História e Literatura, e a observação atenta dos fenômenos que cercam as produções artísticas e os fatos sociais.

Também vale a pena ressaltar a felicidade das expressões, como *mesopotâmia pernambucana*, que valoriza ainda mais o ensaio.

II.5-Euclides da Cunha (1966)

A seguir, o trecho de abertura do ensaio:

Presença do Sertão

Quase todos os primeiros críticos de Euclides, surpreendidos com o seu estilo, com a novidade de sua composição artística, não lhe negaram simpatia, mas confundiram duas cousas diversas – o homem e o escritor.

Enquanto o primeiro, temperamento difícil, carregou consigo um drama, indecifrável pelos processos comuns da abordagem literária, o segundo foi um escritor cuja obra refletiu perfeitamente, muito mais do que se cria – o espírito de uma geração e, mais do que isso, condensou numa obra-prima, Os Sertões, as correntes mais diversas do pensamento e da sensibilidade, tal como as vinha elaborando o brasileiro culto, ao findar o século XIX. Donde poder-se dizer que Os Sertões é um livro-estuário. Para ele derivaram todas aquelas correntes.

Além da já reconhecida elegância das afirmações, percebe-se mais uma vez a beleza das imagens envolvidas, como a do *livro-estuário*.

II.6-O direito do leitor (1972)

Trechos de Trata-se de discurso proferido a 27 de outubro de 1972, por ocasião da abertura da XVIII Feira do Livro de Porto Alegre:

A repetição anual deste espetáculo – o livro exposto em praça pública – tem já uma tradição na crônica de Porto Alegre. Há dezessete anos, com efeito, neste mesmo lugar, no meio das árvores, a Câmara Rio-Grandense do Livro convoca o dinamismo, o espírito de cooperação, a curiosidade intelectual dos porto-alegrenses para um encontro festivo com o leitor comum. Os lucros materiais, no caso, importam menos que a oportunidade da convivência entre leitores e livreiros, editores e autores, na boa camaradagem a que preside mais uma vez a finura de espírito de Maurício Rosenblatt. Quer dizer: esta feira, em termos de cultura, significa todos os anos, no centro da cidade, um grandioso esforço a bem da educação.

(...)

A tarefa é gigantesca? Sim, mas por isso mesmo sedutora. Voltamos a repetir: a geração mais nova, a que começa a vitalizar a escola com a sua curiosidade ardente, precisa de mais livros.

(...)

Na maré alta, ou nos instantes de tranquilidade, como nos mais ásperos desconchavos do destino, deverá sempre haver lugar, na preocupação do homem, para a leitura e a meditação consequente. O artigo X da “Carta do Livro” aí está para nos lembrar: “Os livros servem a causa da compreensão internacional e da cooperação pacífica”. Possam eles também aqui, à sombra destas árvores, germinar em ideias, fecundar inteligências, consolidar a harmonia social, edificar a paz dos jardins na agitada sociedade dos homens.

Selecionamos o trecho inicial, um ao meio e o final do discurso, mostrando a forma como Guilhermino Cesar considerava, com afeto, respeito e esperança, as movimentações culturais que levavam o conhecimento dos livros ao cidadão comum.

ANEXO III-Visual de alguns artigos

Que Dificuldade Enorme!

DIGITADA!

Guilhermino Cesar

Mário de Andrade morreu a 25 de fevereiro de 1945.

Há trinta anos, por conseguinte — leio nos jornais.

Mas, ao rever esse tempo transcorrido (muitos dias para pouca vida), não saio do poema "Acalanto do Seringueiro".

Mário estará dormindo? Como poderá dormir aquele que não conheceu vazios no ato de pensar?

Como poderá dormir o homem de pé na sua lavra? O cantor da Aurora?

Como dormirá o múltiplo indormido?

*Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso.*

Percorro na memória os versos do "Acalanto":

*Seringueiro brasileiro,
Na escurza da floresta
Seringueiro, dorme.
Pontuando o amor eu forcejo*

*Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso.*

*Quero sentir e não sinto
A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme...*

O verso pula no ar, "escutando o murmurejo do Uraricoera", quer entrar (não deixam) no "Coral das Famintas", cai no ouvido do poeta parnasiano, reflui, insiste: *Que dificuldade enorme!*

Nós que o conhecemos falando, andando, bebendo cerveja, xingando, abraçando, com dor de cabeça, distraído, trabalhando, rindo o riso enorme, nós não nos satisfazemos com o mito literário em que se transformou. Nada substitui a sua falta. Enorme.

Um filho mais novo da Eternidade;
falando pelos gregos, malgaxes e puris,
pela garoa e pela bomba;
cantando o parto da índia tamãhumas
e os casos impuros de Macunaíma,

herói de nossa gente;
Mário! tão múltiplo na generosidade quanto perfeito na arte de se doar sem se consumir,
um homem assim era de todos

e de ninguém.
Tão capaz de se confessar em prantos como de se coser por dentro — os segredos invioláveis que o poeta ocultava sob o véu das alegorias,

sempiternamente as mesmices convencionais,

e o prosador desfolhava pelos contos, romances, novelas, cartas, artigos, crônicas do *Estadão* e do *Diário Nacional*, crítica de livros no *Diário de Notícias*, notas de arte, biografias dos jesuítas de qualquer monte em alguma igreja barroca se estarinhando na universal falta de gosto. E então:

*Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto
Varre Minas Gerais por toda a parte...*

Um silêncio repleto de silêncio

Nas invernadas nos araxás

No marasma das cidades paradas...

Passado a fuxicar nas almas,

Fantasma de altares, de naves douradas

E dos palácios de Mariana e Vila Rica...

Isto é: Ouro Preto.

O corpo de Mário de Andrade desapareceu. Sumiu na garoa o vulto enorme, o riso enorme, o queixo enorme.

Não desapareceu o provocador

o experimentador o doador:

Mário de Andrade doa sangue

aos poetinhas anêmicos do Acre;

manda balaio de rima rica

ao bardo fluvial de Niterói;

e aos fardões da Academia

oferece cópia autêntica da "Carta pràs Icamímbas".

A quantos, amigos e inimigos,

carentes se mostrem; aponta, benévolo, o caminho que vai aos sumos da vida.

E escreve cartas.

Cartas ao Brasil tupi-luso - caboclo - ítalo - nipo - germano - qualquer - coisa

- mais;

PARA TODOS...



MÁRIO
DE
ANDRADE
por
DI
Cavalcanti

e são palavras turtuejadas algumas vezes na pressa de consolar, emburrar, ensinar;

e, após o rabisco da assinatura, o pós-escrito maior que a epístola, se faz favor. Que dificuldade enorme, falar de quem vive incrustado em nossa intimidade, não porque nos vissemos todos os dias, ou

morássemos na mesma rua. Toda intimidade se dissolve naturalmente em poeira de palavras. E tudo que vinha dele, para as amizades distantes, eram palavras deitadas a jato no sofrido espanto.

O verbo de Mário Raul de Moraes Andrade nascido na *Paulicéia Desvairada* e presente em toda a parte.



Foi por volta de 1933. Achava-me em Belo Horizonte, à mesa da redação, e o contínuo veio entregar-me uma encomenda postal, enviada já não sei por quem. A tarde era doce, o trabalho estava no fim, eu me preparava para ir jantar. Deixei o pacote sobre a mesa, por um momento, e só ao sair resolvi abri-lo. Dele saltou um exemplar de *Os Heróis da Decadência*, de Vianna Moog, numa feia apresentação da Editora Guanabara. A edição, com efeito, não convidava à leitura. Nem o nome do autor, para mim totalmente desconhecido. Mas o título interessou-me. Heróis da decadência... Quais? E onde? Numa leitura vertical, apreendi de relance que ali dentro havia coisas; nomes conhecidos pulavam, brilhavam no papel — Machado de Assis, Cervantes, Petrólio.

Eu andava então na minha segunda denteção machadiana, vivia a fazer descobrimentos da pólvora nos olhos de Capitu, enquanto Mário Cassasanta, com a voz sincopada, me soprava outros achados seus na toca do solitário de Cosme Velho. Quanto a Cervantes, era paixão mais antiga, revigorada pelo grande livro de Unamuno, *Vida de Don Quixote y Sancho*, vindo até mim na mal impressa 2.ª edição da editora Renacimiento, de Madrid.

E foi assim, ainda no bonde, que comecei a ler as páginas de estréia com as quais Vianna Moog se tornou conhecido no País como um de seus mais claros ensaístas. Vieram depois outros livros seus — *O Cíelo do Ouro Negro*, lançado pela Globo em 1936, e, logo após, no ano imediato, as *Novas Cartas Persas*. Não me interessaram tanto, porém, quanto o primeiro. Mas no ano de 1938, trocando Borges de Medeiros e Getúlio pela Geração de 70 em Portugal, Moog fixou seu interesse no "pobre homem da Póvoa de Varzim" e revelou aos leitores brasileiros e portugueses este magnífico *Eça de Queirós e o Século XIX*. Em boa hora o fez, pois o prodigioso autor de *Os Maias* já não era tão lido entre nós, sobretudo pelos mais jovens. A crítica de ambos os países recebeu-o com os maiores louvores, e na sua estêira outras interpretações surgiram, cá e lá, de modo que ele teve o mérito de renovar os estudos ecianos, da mesma forma como o livro de Augusto Meyer o havia feito, com relação a Machado de Assis, um pouco antes.

Moog, sem perder de vista o essencial, descobriu muitos enigmas na obra de Eça e de seus companheiros da Questão Coimbrã. Mas, ao refletir sobre a importância daqueles vultos que transformaram mentalmente uma nação, varrendo da torre de Santa Ireneia o ranço medieval, o espírito do escritor gaúcho como que se encontrou (milagre das afinidades) na mesma postura intelectual definidora do que chamamos o — "ecismo". Deu-se entre o biógrafo e o biografado uma tão profunda troca de idéias que a gente pode hoje perceber, nas atitudes mentais de Moog, uma forte impregnação da rica mentalidade do autor português. Além das épocas e das modas, ambos se reconheciam no mesmo riso irônico. Quanto a mim, que só muito depois de 1943 vim a conhecer e estimar esse escritor rio-grandense, não consigo vê-lo fora da atmosfera em que se criaram e apareceram ao mundo da literatura os bravos ra-

Moog Aos Setenta

Guilhermino Cesar



Amigos e agora setentões: Mario Quintana e Vianna Moog

pazes do grupo dos "Vencidos da Vida".

O certo é que, ao lado de Moog, ninguém se sente constrangido. Ele tem a arte de ser jovial, espirituoso e bom, paciente e cordato. É um perfeito "procurador de amigos", como diria o amanuense Belmiro, de *Ciro dos Anjos*. Por onde passa, deixa um rastro de benevolência risonha, que agrêmia e consola as criações.

Outra não foi a impressão que dele colheram, muito cedo, seus companheiros. Erico Veríssimo, nos dias em que ambos, escritores em germe, começavam a conversar com o grande público em letra de forma, recorda com enorme ternura o primeiro encontro que tiveram. Conta o romancista de *O Tempo e o Vento*:

"Um dia estava eu na redação do quinzenário da Globo colando numa folha de cartolina fotografias dum réveillon de 31 de dezembro, em Santiago do Boqueirão, quando me entrou gabinete a dentro um belo exemplar humano, assim com o ar de Viking que desce de seu barco e pisa terra firme e ignota com um ar de conquistador. Reconheci nele Vianna Moog, que havia poucos anos me tinha sido apresentado rapidamente na Rua da Praia por Danton Coelho, amigo comum.

Apartamo-nos as mãos e convidei Vianna Moog a sentar-se. Cabelos alourados, olhos azuis, feições nítidas e agradavelmente desenhadas, aquele fiscal do imposto de consumo me contou que voltava do Amazonas, para onde fora removido, como castigo por ter acompanhado Borges de Medeiros na sua revolução (1932) contra o governo de Getúlio Vargas. Aproveitara o "exílio" para ler muito e escrever. Deu-me um exemplar de seu livro *Heróis da Decadência*, para o qual lancei um olhar morno. Vianna Moog voltava agora a servir em Porto Alegre, tinha originais na gaveta e oferecia-os à Globo. Henrique entrou no meu gabinete e cumprimentou o visitante cerimoniosamente. Conversamos os três por alguns instantes, ao cabo dos quais o Vianna Moog se retirou.

No dia seguinte perguntei ao Henrique:

— Que te pareceu o homem?
— Muito boa pintura!
— Pois é, tinha todo o direito de ser burro, mas não é. Li o livro a noite passada duma assentada. É ótimo. Podemos pegar o próximo, de olhos fechados.

Foi assim que Moog se tornou um autor da Globo. Mais importante ainda: foi assim que começou a

nossa amizade — conclui Erico Veríssimo o seu depoimento, que aparece em *Um Certo Henrique Renato*.

Nas minhas continuadas aflições de professor de Letras, tenho vivido muito pela alma dos outros, a começar pelos adolescentes, com os quais convivo todos os dias. E autêntica da categoria de Moog é que me fornecem matéria para o diálogo que venho mantendo, anos seguidos, com esse público ardente e bulhento. Combato massivamente os livros que ele escrevem, mas o seu estudo sobre Eça, e em especial o pequeno ensaio — *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*, editado em 1942, já foram uma centena de vezes utilizados por mim como "elementos provocadores". Explícito-me.

Quando sinto, ou melhor, surpreendo um aluno na atitude do "fazendeiro do ar", perdido, sem interesse pelos temas do dia, mando-o logo, com palavras amigas, para um desses estudos. Principalmente o último, que tem bastante matéria polêmica, bastante explosivo para servir a um hábil manipulador de idéias. É tiro e queda. Obtenho, assim, em poucos dias, o que outras leituras, também excitantes, às vezes não conseguem; introduzir o discente em certas peculiaridades da cultura e das letras do Brasil.

A obra de Moog é hoje consumida por uma larga faixa de leitores, velhos e novos. Sua consagração, como ensaísta, veio de baixo para cima, pois foi justamente o leitor médio que primeiro o descobriu. Vivendo longe do Rio, onde se fazia todo renome literário, Moog consolidou inicialmente a sua fama de bom escritor a partir da província. E esta província rio-grandense, onde ele nasceu e se formou, aparece, aliás, em sua obra através de um romance que à época (1939) provocou muita discussão, dentro e fora do Estado. Refiro-me a *Um Rio Imita o Reno*, que pertence à primeira linha da ficção rio-grandense. Esse livro traduz uma consciência, documenta uma das fases complicadas de nossa vida coletiva, lembra aos homens distraídos que houve, já, no mundo, um magalômano que por pouco não o incendiava por completo: Adolfo Hitler. Conforme assinala, com a costumada lucidez, o nosso Moysés Vellinho, existe nessa história imaginária um conteúdo político e social que lhe dá força e perenidade.

Todos os numerosos trabalhos de Moog, a começar pelos da juventude, refletem uma personalidade vincada. Esse "gringo" de São Leopoldo possui, como poucos, o seu estilo, que um coração generoso põe a serviço de uma fraternidade exemplar. Estudando a vida de Eça ou a de Lincoln, ou ainda a imbricada odisseia de bandeirantes e pioneiros, ele jamais deixa de fazê-lo com humanidade e ternura. Põe aqui e ali uma ponta de humor, e isto é bom; casa-se perfeitamente ao seu semblante descontraído, que despertou em Erico Veríssimo a imagem de um viking adolescente.

Malgrado os setenta anos que agora lhe pintam de braço os cabelos, Clodomir Vianna Moog conserva o calor mental, a vivacidade da juventude. E, à semelhança do padre Soeiro, a inesquecível personalidade de A Ilustre Casa de Ramires, estará pedindo agora, ao entardecer, a caminho da Vila Clara, a paz de Deus para si e para todos os homens.

Fome de Terra (I) 9

Guilhermino Cesar

N o artigo anterior, vimos que se tem exagerado muito, e com frequência, o papel da estância como "escola de democracia". Mas, enquanto expressão territorial, não faltam intérpretes que a estigmatizam, responsabilizando-a por imensos desajustes sociais. Tudo tem origem no caótico sistema de distribuição de terras aqui adotado, no período colonial, à semelhança de outros países igualmente descobertos e colonizados pelo europeu nesta parte da América.

Não é preciso acrescentar que o peso da terra, da propriedade fundiária, no equilíbrio econômico dos povos, sempre foi decisivo, desde que o homem apareceu na face deste planeta, disposto a conquistá-lo e transformá-lo. No caso gaúcho, a estância, por sua constituição física, em termos de exploração extensiva, tem representado um excesso, um desperdício. Para que tanta terra, desaproveitada, ou semi-aproveitada, nas mãos de um só homem? — pergunta o senso comum. Na origem de tudo está a sesmaria, a medida colonial que o governo régio adotou na hora de distribuir os grandes espaços vazios que aqui encontrou, apenas vagamente palmilhados pela indiana nômade.

E que era, afinal, uma sesmaria? Bem, uma sesmaria era uma terroela de nada, naqueles tempos: segundo a Lei, devia medir uma légua de testada por três de fundo, o equivalente, como dizemos hoje, de 13.068 hectares. Ora, no outro prato da balança paternalista, com a qual o Rei pesava o merecimento de seus súditos, ficam encolhidos e modestos os cháos, as datas, as posses — ou que outro nome tenham, reservados a uma agriculturazinha de subsistência. Um exemplo: a primitiva data em que se fixaram os açorianos, quando de sua chegada a Rio Grande e Porto Alegre, abrangia cerca de 272 hectares cada uma. Isso, comparado com o futuro lote colonial de 1824 e 1875, ou comparado, hoje, com os terrenos em que se encontram as casotas da Vila Restinga, era quase um mundo.

Entretanto, em face da situação econômica de então, o que agora nos parece um excesso, mal dava para o gasto. Não só a pecuária daqueles dias pioneiros, processando-se um pouco à aventura, mormente na caça ao gado bravo ou alçado, justificava a concessão de largas faixas de campo a um só homem. É preciso considerar ainda que todos quantos vieram morar voluntariamente no Continente, o fizeram com a esperança de que lhes adjudicariam um espaço físico em cima do qual se pudessem sentir, efetivamente, como senhores em seus domínios. A primeira honraria com que sonhava o povoador era esta: a de ser o centro de um pequeno universo no qual fizesse as vezes dos barões da Idade antiga. Nesse sentido, a primeira divisão administrativa do Brasil, por meio das Capitâncias Hereditárias, foi o reconhecimento de que os ganhos territoriais dos Descobrimientos deviam ser repartidos com súditos fiéis, senão para

colonizar novos mundos, quando nada para fortalecer o prestígio da própria realeza. Dai por diante, como lei inexorável, o grande todo brasileiro foi sendo fracionado sucessivamente, cada dia em pedaços menores. Comparada, enquanto área global, com a sesmaria clássica, as capitâncias dos donatários quinhentistas são, em realidade, um despropósito. Mas de redução em redução, o fato é que o espaço consentido à livre iniciativa do homem se vai tornando cada vez mais reduzido. Hoje, na cidade, a custo percebemos a terra debaixo dos pés. Moramos acima dela. Sentimo-nos todos, no máximo, quando a imaginação nos inflama, "fazendeiros do ar", como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade. Posição que seria cômoda, se não houvessem outros flagelos a perseguir-nos, a partir da insanável condição humana.

Mas, como já vimos dizendo, espíritos simplórios condenam a sesmaria em bloco, fugindo desta forma a reconhecer a evidência de um processo cultural que teve nela o seu embrião. Foi no espaço das primeiras sesmarias que o colonizador plantou a sede de sua casa, ali formando a estância, um organismo *sui generis*, como veremos. Pois, ao surgir, esse estabelecimento pecuário, na sua expressão mais simples, visava especialmente a desentranhar dos campos indivisos a sua melhor matéria-prima: o boi.

Não se desconhece, contudo, que a sesmaria, por sua grandeza material, tenha sido sempre um estímulo ao surgimento indiscriminado de tensões sociais. O peão, o agregado, o escravo — o servidor do sesmeiro, qualquer que fosse sua posição na hierarquia do trabalho, muito humanamente invejava o feliz possuidor de tanta terra. Se foi, portanto, um veículo de civilização, a estância também gerou inúmeros conflitos, abertos ou não; deu nascimento a clãs familiares imperiosos e absorventes, dividiu os homens, politizou-os, enobreceu-os ou degradou-os, como é próprio da mecânica social.

Entre os historiadores, ou analistas do processo histórico rio-grandense, não têm faltado opiniões corretas acerca do papel que a grande propriedade desempenhou em nosso meio. Diz, por exemplo, Moysés Vellinho:

"Aqui se há de reconhecer a função civilizadora da estância dentro das vicissitudes do tempo e do meio. A divisão em sesmarias das áreas conquistadas impôs-se então como uma providência imperiosa. Sua adoção descobre mesmo o senso realístico da política colonial portuguesa. Que outro regime se poderia conciliar com a extensão do território, a escassez de povoadores, a dispersão dos rebanhos, as necessidades da defesa? Que destino teve, na emergência, o ensaio açoriano da pequena agricultura? Seus filhos, ou eles mesmos, não se deixaram confinar nas suas chácaras: vencidos pela sedução econômica do campo, também eles acompanharam a nossa grande marcha para o Oeste e Sudeste, sempre em busca de mais terras e de mais gado.

Do ponto de vista social, econômico, político e militar, a propriedade latifundiária preencheu um capítulo decisivo da nossa formação. Se hoje se apresenta como um fator de deterioração social, isto não é motivo para desconhecermos o importante papel histórico que desempenhou no povoamento e consolidação da conquista (1)."

Já Lindolfo Collor, num dos ensaios históricos mais notáveis já escritos no Brasil, discerne no microcosmo social da estância o espírito de interdependência que a caracterizou, em contraste com a lavoura (seria melhor dizer a "quinta") de molde açoriano plantada na costa e na Depressão Central desde meados do século XVIII (2).

Collor apreendeu também sob um ângulo realista a função da estância, ao dizer: "A formação política do Rio Grande em face do Prata fez-se na atitude de defesa, não de agressão. Pouco importaria, no caso, remontar aos direitos que a coroa lusitana tivesse ou não tivesse sobre a margem setentrional do rio de Solis. A questão é de fato. Fundada a Colônia do Sacramento, demonstravam os portugueses que consideravam suas as terras compreendidas entre São Vicente e o Prata. Dentro desse critério, que é sociologicamente o exato, os povoadores do Rio Grande, no acidentado *processus* da fixação dos limites, não se sentiam impelidos, como os conquistadores espanhóis, mesmo com os bandeirantes, pelo desejo incontrolável de novas terras, de fabulosas riquezas, de aventuras e mais aventuras."

E agora vem uma nota que é preciso reiterar: "O falado nomadismo dos gaúchos brasileiros tem, assim, um sentido muito relativo. Eles são nômades em relação aos habitantes dos núcleos urbanos, dos burgos agrícolas; mas representam na gênese das populações meridionais o primeiro e decisivo elemento de fixação social, de civilização no deserto." E mais: "Surgindo e desenvolvendo-se as estâncias numa continuada véspera de campanhas militares, impregnou-se-lhes a substância nuclear de um vivo sentido de interdependência social, que haveria de corrigir, em alto grau, os excessos da individualismo, herdados dos açorianos e acentuados na solidão do deserto (3)."

Voltemos, porém, a atenção, por um momento, às fontes documentais.

- 1) Moysés Vellinho, *A Formação Histórica do Gaúcho*, in *Rio Grande do Sul — Terra e Povo*. P.A., Globo, 1965, p. 57. a. ed
- 2) Os "cháos" concedidos aos primeiros povoadores ocupavam pequenas áreas; destinavam-se sobretudo à agricultura de subsistência.
- 3) Lindolfo Collor, *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1938, p. 178.

